Memorias

II

1902-1908

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE

. «Todo aquele que teve algum poder social, ou interveiu na vida da sociedade ou simplesmente assistiu, como obscuro espectador, ao espectáculo das suas lutas, deixa dito o que fez, o que viu, o que ouviu. Daí o rico manancial histórico das memórias.»

João Chagas: Cartas Políticas
vol. III, pag. 222

I

«Se inda agora errado vou,
tarde é já para emendar-me.»
D. Franc.º Manuel de Melo: Ecloga: "Lá junto ás aguas de Ovar..."

O dia 11 de Novembro de 1902 amanheceu em Lisboa de máu cariz.

Ao comboio, não me lembro já de que horas depois do almoço, concorreu grande parte dos 74 rapazes que constituiam o curso que ia para Mafra fazer o Tirocinio de aspirante a oficial.

Ao chegar á estação da vila, num descampado, os que não conheciam a região ficáram a olhar para aqueles cabeços negros, alguns com os altos encobertos por nuvens pesadas e para as encostas sem arvoredo de onde parecia que escorria, lentamente, uma humidade viscosa.

Verdadeira desolação... O caleche alu-
guado pelo Raul Loureiro que es-
perava o grupo de quatro a que eu pertencia,
largou estrada fóra, vagaroso, porque logo de
entrada havia uns 3 Kilometros de subida; nós,
enterrulhados nos capotões novos iamos calados
como quem segue para um desterro.

Por toda aquela extensão de terra magra
havia tambem silencio impressionante que
acabrunhava. Uns muinhos de vento tinham
as velas recolhidas e não largavam o ron-
ron do costume; as proprias aguas aqui e ali
que se viam nas encostas em pequenos regue-
ros, parece que não faziam barulho, seguiam
discretamente para os vales. Era uma tris-
tera avassaladora.

Depois a estrada entrou em curvas, ora
subindo ora descendo até que, transposto largo
portão vermelho entramos na Tapada Real e
rodámos por estrada arborizada com plataneos
enormes desfolhados que pingavam humida-
de mais densa ainda.

A certa altura, por entre as arvores,
avistámos umas torres negras; a seguir um
cirado ~~[illegible]~~ comprido de pedra escura. O pro-
prio companheiro Raul Loureiro que habi-

finalmente ia á Ericeira e, por consequência conhecia Mafra, disse-nos tranquilamente, como coisa natural:

— Aí teem vocês o convento...

Outro portão largo se abriu e eis-nos em frente dum colosso de pedra enegrecida que nós contornámos e de que vimos a esquerda fronteira mais escura ainda, a escorrer a mesma humidade viscosa. O alto das torres estava encoberto pela névoa e eu sentia o frio invadir-me o corpo e a chuva a cair e a molhar completamente.

Passando á face sul, com a mesma aparencia triste e soturna, parámos é porta ria do mosteiro que era a entrada nobre da Escola Pratica de Infantaria.

Senti em mim qualquer coisa de estranho que me dava certo pavor. Era ali, dentro daquela immensa mole de pedra que eu teria de viver por alguns mêses!

No atrio, com lagêdo molhado e paredes humidas esperára-nos o 2º comandante da Escola, o Tenente-coronel Alfredo Augusto de Barros encabeçado no capote regulamentar e com capa redonda por cima; de aspecto correcto de bom methodo queria ser uma

vel e atencioso, mas não deixava de ter o seu ar um tanto ou quanto fradesco. Deu-nos as boas-vindas, indicou-nos os nossos quartos e nós começámos a dispersar, subindo uma magnifica escadaria de marmore e internando-nos em corredores escuros — tudo molhado e tristonho.

Procurei o meu quarto no 2º. pavim.to ou seja no 1º. andar, com janela para o grande pátio central chamado «jardim de luxo» onde no momento o corneteiro tocava qualquer chamada regulamentar.

Os meus companheiros escolhidos previamente eram o António Lopes Rebelo de Andrade e o António Pinto Cardoso Salgado; fomos á janela, olhámos para o cenário baço, vimos as nuvens baixas, em novelões, taparem o quadrado formado pelos eirados, e a correrem, a passarem do sul com velocidade — e trocámos quaisquer frases de desalento. O que iria ser aquele tirocinio, em convento tão pesado e triste, em que o proprio 2º. comand.te aparecia abafado com capa sobre o capote e parecia querer pedir desculpa da má impressão que era visivel em todos nós?

O Andrade, mais optimista, ainda quiz mostrar certo bom humôr; mas o Salgado e eu, tivémos uma reacção que se traduziu em frases agressivas e um tanto ou quanto malcreadas...

Tinhamos sido promovidos a aspirantes com a data de 1 de Novembro, na Ordem do Ex.to saída em 3 (1); e, enfim, estavamos na Escola Pratica de Infantaria onde se preparávam os cadetes saídos da Escola da Bemposta para a vida pratica dos regimentos.

Era comandante o coronel Antonio Caetano Ribeiro Viana, homem distinto, de estatura mediana a que uma longa pêra ainda quasi preta dava certa imponencia e gravidade; maneiras brandas e delicadas, habitos de sociedade, tendencia para amenidade de trato e bondade de temperamento.

O 2º comandante, o ten. cor.l Alfredo Augusto de Barros, homem intelligente, espirito irónico e sagaz, contrastava com o comandante. Algum cepticismo e talvez um pouco de «não te rales!» que lhe viria da pouca saude de que gosava, davam-nos a im-

---

(1) Ordem do Ex.to nº. 25, 2ª. serie.

pressão de não ser capaz de sinceridade nas relações com o curso e que se daria mais à prática de paliativos do que de resoluções sérias e definitivas.

Assim, respeitavamos o coronel e não tomávamos ~~[illegible]~~ muito a sério o tenente-coronel seu, aliás, o achavamos antipático.

Gostava, o Ten.te coronel Barros, de contar as suas anedotas; e quando uma nem por outra dava qualquer prelecção ou «teoria» aos rapazes, entremeava a monotonia do assunto com uma ou outra historieta, ás vezes até um pouco ou quanto brejeira. Nessas prelecções costumava entreter-se com um cordel que enrolhava e desenrolhava, que enrolava nos dêdos e estendia na mêsa enquanto falava — cordel que o espiritoso e culto candidato Manuel Antonio de Almeida chamava «o fio do discurso...»

Como estava no meio do curso, fiquei pertencendo, com o nº 400, á 2ª Companhia, a «Companhia normal» ou «de Tactica» comandada pelo capitão José Joaquim Peixoto, militar da velha escola, disciplinador, grande instructor de tactica alestrada e que era superior na preparação dos aspirantes

para se apresentarem deante dos recrutas e de tropas formadas.

Pertenci á turma que ele instruia e devo confessar que recebi dele impressões que nunca mais esqueceram e que me valeram durante a minha vida de subalterno. Os rapazes, em regra, não gostavam dele, achávam-no hirto, duro, pouco acessivel; mas eu tive-o gostando do homem porque essa dureza e rigidez eram em pouco aparente, eram uma necessidade do instrutor — pois vi sempre nele um homem inteligente, sabedôr e que instruia dentro das regras militares mas também dentro de certa bonomia e sempre com correcção de maneiras. A nossa inexperiencia e alguma rebeldia natural nos vinte anos, faziam ver nele apenas o <u>prussiano</u> nada acessivel quando, afinal, não era assim.

O seu <u>prussianismo</u> era apenas na instrução e perante os recrutas. O velho coronel Gonçalo Pimenta de Castro fala dele nas suas <u>Memorias</u> com muita consideração; era «apenas um soldado muito cumpridor, sabedor e muito digno e leal.» [1] E era-o realmente.

---

[1] <u>As minhas memorias</u>, vol. 3º, pag. 177.

Segundo me contaram depois, veiu, coitado, a morrer cêgo e num asilo do Porto, por não ter ninguem de familia.

Esteve comnosco pouco tempo; ainda dentro do ano foi promovido e deixou a Escola. Foi substituído pelo capitão Feliciano do Nascimento Pinto, homem bondoso, inteligente, com conhecimentos, mas sem o valor de instrutor militar do outro.

Teve a má sorte de inaugurar as suas prelecções ou «teorias» com a nomenclatura do equipamento do soldado; e como começasse pela patrona e nomeasse logo de entrada a fijola com botões que era uma das partes principais, sôou estranhamente aos nossos ouvidos por desconhecida, de certo, de 98% dos rapazes, a palavra fijola. O resultado foi que, á saída da sala, o pobre do capitão Feliciano Pinto já tinha a alcunha que lhe ficou de — «fijóla com botões.»

A companhia tinha por subalternos os tenentes Francisco Bernardo do Canto e Casimiro de Sousa Teles que morreram generais; o tenente Aristides Rafael da Cunha, pobre diabo sem valor, conhecido até pelo «Cunha da asneira» e o já nosso conhecido da Esco-

la do Exercito, Alberto Salgado, o Malaka que a certa altura veiu substituir o Cunha promovido a capitão.

A instrução era um brocado inteira, desde as 7 horas e meia da manhã até as 4 h. da tarde, dividida em 4 tempos; pela minha parte não tenho que dizer mal dos instrutores mas... o ambiente vinha m.to ainda da Escola do Exercito embora mais atenuado.

Aqui, a escola já estava formada, não havia que lutar para subir mais e passar á frente dos outros; havia contudo a emulação, a terrivel emulação que levava a muitos dos rapazes quererem aparecer aos instrutores como os melhores, a fazerem todos os esforços para serem notados. E como se isto não bastasse, a superchiória, a terrivel superchiória, também não ficou esquecida e muitos já vinham recomendados como bons quer para a instrução em geral como para poderem ficar no ano seguinte no chamado «aperfeiçoamento de esgrima.»

Eu notava isso e deixava correr. Cheguei a Mafra com a minha bagagem somente e sem me preocupar com o que se poderia passar, indiferente a honrarias e a desfa-

rioridades de bom instrutor de tactica ou de engrimista.

Sabia que fôra colocado na 1ª Companhia do 3º Batalhão do Reg.to de Infanteria nº. 23 com os nºs 8/222 e que tinha por capitão o Domingos António dos Santos e Freitas, patricio que apenas conhecia de nome e devia ser dizia rural. E assim estes dez meses que ia passar dentro do severo convento joanino seria uma pausa ou intervalo entre o feriado escolar e a vida regimental.

E como em pouco tempo comecei a entender que só se chamariam certos rapazes para trabalhos de mais responsabilidade e de mais efeito espectacular, e me pareceu que essa chamada já estava organizada previamente, e sem obedecer de modo rigoroso ás qualidades militares dos escolhidos, eu pensei (aliás dentro do meu modo de ser) que o melhor era deixar andar e observar o que aparecia á vista sem outros intuitos que não fossem alem de simples observação curiosa.

Depois, a vida era comum dentro da Escola, sem distracções exteriores, era um pouco pesada. Durante o inverno o frio, a chuva e o vento característico da região faziam

com que ficaremos recolhidos depois das instruções. Valiam-nos os extensos corredores para passear, onde muitas vezes o vento zunia desagradavelmente e fazia côro com o bater cáro de alguma porta mal fechada, bater que reboava soturnamente aos nossos ouvidos.

Ás noites, havia como variante a sala de oficiais onde se jogava o bilhar, o gamão, as damas e cartas. Conversáva-se uma vêz por outra com os oficiais da Escola que viviam dentro do edificio, bebiam-se cervejas ou copitos de qualquer licôr que se vendiam num cantineiro instalado num vão de escada — e assim se passáram os meêses até á Páscoa, alegrados por instruções nos corredores quando chovia ou na parada grande do nascente do quartél ou no largo do lado norte.

Vinguei-me, então, na leitura. Li muito Camilo, Eça de Queiroz, Junqueiro, Balzac, Zola, alem de romances tipicos para passar o tempo; e como o ambiente não era favorável, a minha tendencia para escrevinhar teve um periodo de calma, isto é, deixou de produzir — e ainda bem.

Nas ferias grandes anteriores, ainda parece que passei num conto não sei bem a

que proposito, cujo plano expuz em carta que deixei no muito cit.º volume dos Pecados Velhos; conto romantico sem nada de interesse, com assunto banal para não dizer muito mais que banal — mas, enfim, era mais uma tentativa em novo genero literario que até então não tinha experimentado. Não tenho ideia, porem, de o escrever; quero crer que ficou apenas no plano e... na boa intenção.[1]

E foi tudo.

Até ao fim do tirocinio em Mafra, as minhas Musas quedáram-se, sossegadas, a verem-me tirocinar para oficial do «nobre "exercito portuguès.» E eu, verdade, verdade, alem das leituras referidas, tive o passatempo por influencia dos tenentes Francisco Bernardo do Canto e José de Oliveira Gomes (da Escola Central de Sargentos) dumas recitas inofensivas organizadas com os aspirantes e nas quais eu tive o alto papel, como 1.º violino, de chefe dum sestêto musical que abria os espectaculos e preenchia os intervalos.

Era um derivativo para a monotonia da vida normal, especialmente durante o in-

---

[1] Ver no 1.º vol.º, pag. 384-385. Este conto

verno quando o vento uivava por aqueles interminaveis corredores e fazia bater uma ou outra porta mal fechada com som lugubre que ecôava como tiro de artelharia ao longe.

E como no sexteto fazia falta um contrabaixo, ensinei ao tenente Canto a escala do instrumento, fi-lo praticar na arcada e, ao fim de certo tempo, entrava no conjunto com certa gallardia e segurança. Muitas vezes, já velho e general reformado, se referia a isso com o chiste natural de que usava quando recordava essa quadra amêna.

Assim se passou o tempo.

Não sei porquê, os instrutores nunca me ligáram grande importancia militar, possivelmente devido ao meu feitio nada metediço, ou porque me não encontrassem qualidades militares (o que não seria grande erro); a verdade é que raras vezes fui chamado a exercer comandos de pelotão e nem uma unica vez o de companhia.

Depois da Páscoa, com o tempo bom, os exercicios de tactica aplicada e abstrata faziam-se na Tapada; estes ultimos na esplanada lar-

---

seria pois uma atrevida reincidencia.

ga ao fronte da mata dos eucaliptos a que a soldadesca chamava «o finhal dos eucaliptos.» Os outros, conforme o tema de manobra faziam-se mais para deante e algumas vezes na chamada Tapada de Fóra onde havia encostas muito asperas com mato alto e agressivo onde cresciam á solta coelhos e javalis bravos fora regalo cinegético dos reis.

Lembro-me de que, durante uma série de exercicios reais ou menos na área da barreira de Tiro, para os quais eu não fui escalado, acompanhava o agrupamento de oficiais e aspirantes até certa altura e quando começava a dispersão deles e de outros para melhor se observarem os movimentos, eu e o António Pires Pereira J.or que estava nas mesmas condições, iamos refugiar o nosso incorformismo para um pequeno bosque de carvalheiras á direita da estrada central, junto ao lés das lagoas, recentemente plantado mas que já dava muita sombra e seguro e amavel esconderijo; ali, deitados no chão sobre o folhedo sêco, ficávamos a ler pacientemente até que, ao ouvir os tiros de alto ao exercicio e de reunião, nos levantávamos, fechávamos os livros que ocultávamos cuidadosamente

nos bolsos da fardeta e iamos procurar os varios grupos no local de reunião.

Recordo-me de que num desses periodos li La peau de chagrin de Balzac e, em tradução francesa, o romance de Walter Scott Le chateau perilleux ao passo que o Pires Pereira mais dado a assuntos filosoficos se embrenhava, salvo erro, nas profunderas das paginas da Ideia de Deus do Sampaio Bruno recentemente publicada.

Uma vêz, porem, tinha chegado de Coimbra pela meia-noite e mal me acomodára na cama, a dormir, quando ás 4 horas e meia da manhã o meu companh.º de quarto Rebelo de Andrade me acordou.

Havia exercicio muito cêdo! E desse exercicio deixei nota escrita mais tarde, ao recordar a madrugada; essa nota não ficará mal aqui, já agora, para lembrar o que foi o meu alheamento — possivelmente ajudado pela indiferença dos instrutores.

Aqui vai a nota:

«Ás 4 e meia da manhã, acordei: o Andrade berrava-me que tinha exercicio... Creio que descompuz o comandante do Esco

la e o director da instrução. Mas, enfim, lá me levantei e lá fui para a parada tomar parte no exercicio.

«O tenente Canto chamou-me: ia comandar o inimigo para o alto do Baracío. Lá fui! A manhã ennevoada, estava explendida; havia quase frio e para o mar estava tudo cerrado.

«Pela Papada dentro conversei com o Canto sobre o que tinha feito em Coimbra, ia pisando as folhas secas humedecidas pelo orvalho da manhã e vendo o arvorêdo na grande imobilidade das manhãs serenas de verão.

«Lá fomos, avenida fóra, até á Ravina; e ali, estabelecendo as vedetas, começámos a subir pelos caminhos estreitos que vão ao alto do Baracío; a nevoa começava a dessiparse e aqui e alem no vale entrava o sol a incidir fazendo brilhar a herva humida.

«Olhei para traz e parei; uma nesga de sol, rompendo o nevoeiro, incidia sobre a vila de Sintra; e esta, ligeiramente encoberta ainda pela neblina transparente, encostada á serra alcantilada, deixava luzir um ou outro telhado de vidro como um diamante. O monte do Funchal estava escon

dido ainda; mas o vale, brilhante aqui e alem, ia terminar nesse belo quadro de Sintra, recostada nos alcantis, aparecendo com pequenos pontos brilhantes, numa confusão de névoa e de luz.

« Achei o quadro bonito. Chamei a atenção do Canto; mas este, ao ver um inimigo ao longe, não me ouvia; e eu, que não me importava com o inimigo nem com o amigo, deixei-me estar a ver o amanhecer explendido até que ele me chamou para me esconder numa trincheira que ha no alto do monte.

« Depois observei o que se ia passando. A pouco e pouco começou a aparecer tudo distintamente, as casas, os chalets, os alcantis agrestes da serra, e por fim o castelo real, com os seus recortes caracteristicos. A nevoa ia fugindo em grandes flocos brancos como algodão e gradualmente o mar, na sua grande faixa escura apareceu sereno, magestoso, com a gravidade propria do seu grande papel.

« Alem, um navio passava para o sul; acolá um vapor corria para o norte; e as encostas até ao mar desenhávam-se claramente. Ao pé de mim começaram a dar tiros; eu

importava-me lá com os tiros!... O Ramos Lé Couto dizia-me correctamente:

«— Vai correndo bem o combate...

«E eu respondia-lhe:

«— Olhe que bonito!

«E apontava para Sintra... A tal respeito nunca nos entendêmos.»[1]

Prosa pretenciosa, alguem dirá talvez enfadada, mas com a preocupação do descritivo e de vaga ironia; mas é, na verdade, uma amostra do que se passava no meu espirito talvez a querer libertar-se do prosaismo do exercicio

Assim seria.

E aqui veem talvez a ocasião de comentar, creio que com alguma razão, o abandono a que se votava grande numero de aspirantes.

A Escola deveria ser, creio eu, o lugar de aperfeiçoamento de todos e parece-me que aqueles se estavam menos habituados ou, por qualquer motivo, menos aptos para a vida militar, deveriam ser os que mais veres foss sem chamados á pratica e sobre esses deveria cair maior vigilancia.

---

(1) Nota escrita em 21 de Junho de 1904.

Mas não. Havia um escol de «tacticos» e de «instrutores» e de recomendados q. andávam sempre metidos em tudo; o resto ficáva de lado, esperando a sua vêz na escala que de raro em raro chegava.

Fui sempre muito bem tratado, é certo; mas o que lá me deu superioridade foi o violino e o ser director do sexteto...

O tenente Canto tratava-me, familiarmente, por Pimentinha; o Oliveira Gomes dava-me honras de camarada devido ás suas ideias republicanas; o comandante, o cor.l Ribeiro Viana, casado com uma senhora muito simpatica e respeitavel, pianista distinta, abordáva-me muitas veres, com afabilidade por conta da esposa que, segundo me dizia, gostava de me ouvir tocar; etc. etc.

De modo que, ao sair da Escola Pratica de Infantaria trazia as honras de 1.º violino como se saisse do Conservatório Nacional... Que informação confidencial levei para o regimento, não sei; o que sei é que, quando eu e mais oito aspirantes fomos colocados no regimento de Infantaria 23, e o tenente-coronel chamou os capitães para fazer a distribuição conforme a simpatia ou preferencias, eu

fiquei sem pretendente, e fui colocado na 1ª Compª do 3º Batalhão porque o capitão Domingos de Freitas ao ver que cada colega escolhia o seu e me deixávam sem «comprador» disse no fim de tudo:

— Então fico eu com esse que ninguem quer...

E assim foi — no que, aliás, me dei muito bem.

Ora que informação teria eu levado? De bom rabequista de certo que não foi...

Repito: não levo a mal, hoje, que estou velho, que a minha informação fosse fraca; o que levo a mal é que se, na verdade, eu não mostrei logo grande aptidão, a Escola tinha a natural obrigação de me não largar, de me ensinar e de me estimular. Não fez isso, deixou ao abandono quase tres quartos do curso e fez finca-pé em um grupo escolhido como se o curso de aspirantes fosse uma companhia de teatro que seria necessario pôr em boa ordem para o espectaculo final na presença do ministro que, é claro, não faltou no ultimo dia.

Desse grupo escolhido, sem contar com o nº 1, o Manuel Maria Tavares de Magalhães,

que era dos meus favoritos do curso e que foi escolhido, certamente, por ser o primeiro da classificação com que saímos da Escola do Exército, lembro-me do meu patrício Luís José da Mota, estruturalmente caseiro; o meu companh.º de quarto Rebelo de Andrade que ficou como instrutor de esgrima no ano seguinte; o Valdar Ribeiro, espírito muito vivo e desembaraçado mas que me pareceu sem as qualidades essenciais de instrutor; o António Ribeiro Monteiro, nº. 2 do curso; o Alípio Valdez de Passos e Sousa, e não me lembro mais quem.

Enfim, não valerá falar mais no assunto. Mas o abandono a que me votaram deu ensejo a que me lançasse à leitura e, nos meses de verão, munido pelos bosques da Papoda déme largas à imaginação e à fantasia. Não escrevi prosa, não fiz versos, mas passei uns meses passados, sem nada de violento que me excitasse.

Uma ou outra epístola a pronto. As Musas deixáram-me tranquilo e inocente.

Só meses, por excepção, como já disse, acompanhava os exercícios; e lembro-me de que no primeiro em que se fez fogo sim-

lado, estava eu junto do pelotão comandado, salvo erro, pelo Alfredo de Melo Azerêdo (ou pelo Tristão Freire de Andrade?) na encosta poente do alto do Juncal; quando rompeu o fogo e me pareci envolvido no fumo e no cheiro da pólvora pêca, senti sensação nova, estimulante, que, sem querer, me levou a exclamações para o condiscípulo um tanto belicosas de que logo me pareci envergonhado...

Que diabo terão de estimulante o cheiro da pólvora e o fumo que logo nos rodeou, envolvendo como nuvem, a ponto de sentir certa exaltação aguerrida? Lembro-me bem de gritei qualquer coisa para o Azerêdo (ou para o Tristão?) e de que estê afesar de temperamento muito mais positivo e já experimentado na vida, sentia qualquer influência e ainda o estou a ver a incitar os soldados como se, na sua frente, houvesse um autêntico inimigo.

Fenómeno curioso de que me lembrei pela vida fóra e que tristemente comentei em 1919 com os meus oficiais durante a luta contra os monárquicos, apesar de que, com a pólvora sem fumo aperfeiçoada, os tiros não deixávam sinal na fisionomia.

Os sabios que explicaram o valor desse primeiro contacto com o simulacro da realidade e a reacção do cheiro da polvora negra nas compleições pacatas e pacifistas como a minha era e foi.

Nas provas finais, em Agosto, actos que se podem classificar de grande espectaculo, fui apenas mero comparsa — não fosse eu estragar o conjuncto que o illustre e galante Pimentel Pinto veio observar. Entrei simplesmente nas provas de ginastica e de esgrima de baioneta, salvo erro, provas em que entraram todos depois de bem ensaiados.

Nas de tactica abstracta e aplicada, nas nas só entraram os escolhidos e protejidos — o que, para o meu «deixa correr» foi com favor apreciavel. Não nos incomodaram e não nos incomodámos; só fizemos de espectadores e, mesmo assim, nem todos se prestaram ao reduzido papel.

Assim acabaram os onze meses de Pirocinio. No dia 22 de Agosto o ministro Pimentel Pinto distribuiu os prémios e houve festança; em 23 deu-se por findo o Pirocinio com cinco dias de licença para todos poderem gosa-la em suas casas, findos os

quais nos deviamos apresentar no Porto, no Quartel-general da 3ª Divisão onde nos seria dado destino para as unidades do Minho que entrariam nas proximas manobras do Outono. E acabou-se...

Ao largar Mafra, num comboio da noite, fiz naturalmente um ligeiro balanço do periodo que ali passei. Recordo-me de que não tomei parte na lufa-lufa do exodo dos companheiros; fiquei sossegadamente para o dia seguinte.

Fiz as despedidas pacatamente é á noite segui no comboio, só; nesse tempo, o comboio, aí pela meia-noite, ficava na Caldas da Rainha parado umas duas horas, o que dava tempo a ceia na casa de pasto da estação e a um passeio pela vila — e assim pelo caminho, resumindo mentalmente o tirocinio teria chegado á conclusão de que, tirante as primeiras semanas com o capitão Peixoto a que já me referi, eu não adquiri muitos conhecimentos que me impusessem na carreira que ia seguir e de que cheguei ao final com a convicção de que até para se ser bom oficial do exercito seria necessario haver recomendações e certos actos propiciatorios.

O que iria ser a minha vida futura?

Sentia que, do mesmo modo, eu continuava á tona da corrente, incapaz de qualquer esforço para concretizar bem o que iria fazer; ao mesmo tempo que inconscientemente, tal como quando larguei a Escola do Exercito, em mim também a sensação de certa conformidade, levado pelo ambiente que, por muito contrario que fosse, sempre influenciaria o meu espirito em regra pronto para receber impressões novas e ás vezes facil em não descortinar logo o que estava por detraz das aparencias.

Hoje, passado mais de meio seculo, é que vivo, tanto quanto a memoria proporciona, as impressões do momento.

Em 24 de Agosto, dia em que parece que o Diabo anda ás soltas, eu saí de Mafra pronto, oficialmente, para começar a vida pratica. E que levava eu na bagagem para enfrentar essa vida pratica certamente positiva e rude? Levava simplesmente umas vagas teorias ouvidas nas instruções, o abandono dado pelo corpo docente á minha inexperiencia e a fama de violinista romantico...

Era pouco. E agora iamos para manobras, iamos tomar parte em simulacro de

de guerra e, alheios aos problemas complexos de combate de divisões, comandar pelotões regulamentares de 80 homens, impulsionar reservistas deshabituados ao serviço e entrar, sem transição, da pacatez dos exercicios da Papada, á barafunda de milhares de soldados de todas as armas em movimentos de certa amplitude.

A novidade, todavia, atraía-me um pouco e compensava o temor das responsabilidades que iamos tomar. E ao amanhecer, quando os campos do Mondego apareceram exuberantes de milho alto, os vinhedos dos quintalejos que então bordavam a linha férrea, o pitoresco das fiadas de choupos e dos cinceirais, a minha imaginação acalmou um bocado e cheguei a Coimbra se não conformado de todo, pelo menos com a curiosidade algum tanto aguçada.

x

x x

O certo é que em 29 de Agosto, de madrugada, eu e os meus condiscipulos de Coimbra metemos-nos no comboio e chegámos ao Porto a boas horas de almoço e com apetite declarado.

O António Pires Pereira J.or, portuense da gêma, esperávamos em S. Bento, como se havia combinado, e levou-nos a uma casa de pasto onde mandára cozinhar almoço verdadeiram.te á portuense com caldo verde, a genuína dourada e vinho verde espumante. Foi almoço alegre em que se conversou cordialmente e se dissipáram tristezas.

Fomos, depois, ao Quartel-General, saber qual o destino que nos estava reservado. Eu fui mandado para o regimento de Infantaria nº.8, em Braga para onde, daí a pouco, tomei o comboio; encontrei na estação, com o mesmo destino, muitos outros e logo se formou um grupo de três conimbricenses: o Luís de Castro e Almeida, o Raul Silvão Loureiro e eu a que se juntou o bom António Augusto de Morais Machado, de Aveiro, e continuámos ir para o mesmo hotel.

O caminho interessou-me. Nunca passára além do Porto e toda aquela exuberancia minhota, o colorido intenso, a variedade de planos a que alguma neblina tenue dava certas perspectivas, pode bem dizer-se que me cativáram. O Minho apresentava-se com alegria quase excessiva para olhos

habituados á suavidade da paisagem de Coimbra. Ás vezes o comboio saía duma trincheira e logo se deparávam veigas amoenas que se estendiam até encostas ao longe, com pinheirais e com uma crista de rochedos.

Depois, vinham os rios. E que frescura saltava daquelas margens das correntes abafadas por palgueirais! E o Ave tão pitoresco guiado por filas de choupos finos! Eu ia olhando, posso ainda hoje dizer, encantado com a revelação de tais cenarios que, apesar do mês nem tem constante de verdura, não se monotonizam e antes me apareceram variados, com alegria saudavel.

Estas foram as primeiras impressões directas que completaram outras vindas da literatura; o Minho sempre seduziu homens de letras e através destes eu visionava regiões paradisiacas e pensava em percorrer esta região bracarense com minucia, á procura dos lugares tradicionais e de recantos cheios de pitoresco onde a imaginação désse largas á Fantasia — com maiuscula.

A vida absorvente do quartel, porem, limitou-me as aspirações; do Hotel (era o Francfueira, na Praça central em frente do

jardim gradeado e ao lado do velho teatro) eu via todas as manhãs o Sameiro e o Bom-Jesus; das janelas da casaria da minha companhia, via o vasto e empolgante tapete de verdura que de m.to longe, dos lados das terras de Bouro desce para o amplo vale do Cávado; e nas marchas para exercício nos arredores eu ia notando com atenção as estradas e atalhos por onde seguíamos, as quintas com seus muros cobertos de trepadeiras e varandas emgrinaldadas a pedir pincel para quadrosinho romantico.

E com o vicio inveterado do escrevinhador, quer durante as marchas quer nos momentos em que das janelas contemplava as paisagens, eu procurava fixar bem tudo, reparava em certos pormenores com a intenção sempre de fazer prosa literaria. com descrição do que ia vendo, prosa bem cortada, viva, que impressionasse pela clareza e pelo realismo.

Como me lembro bem do meu estado de espirito naquela altura da vida quando a vida, na realidade, começava, e eu sentia com força certa ancia de trabalhar nas letras, de escrever, de publicar coisas!

A continuidade literária a que a vida da Escola Prática me obrigou parece que dava agora lugar exactamente a novo desabrochar das minhas antigas tendencias. Via, á minha frente, o caminho livre a convidar a imaginação e a fantasia a darem largas ás ilusões. Ao marchar na primeira fila do meu pelotão por aqueles atalhos floridos, muitas vezes ensombrados pelas arvores onde a vide se enroscava para cair depois em cachos «de enforcado», eu queria absorver todo o ambiente, toda aquela alegre atmosfera, desde as curvas caprichosas dos montes até ás particularidades do terreno, aos recantos romanticos em que um palmilhar mais de agua dava frescura — para depois, ao recolher a casa, descrever tudo em boa prosa sonora, realista, cheia de vida, que podesse lembrar os quadros notaveis de Fialho de Almeida sobre a vida alentejana...

Nem mais nem menos.

Lembro-me de que uma vez que fomos fazer um exercicio ao alto de S. Gregorio, coisa duns 3 quilometros por lindo caminho arborizado, eu fiquei-me quase extatico, no cimo do monte, a ver a cidade ainda envol

vida pela mesma da madrugada entre verdu-
ra exuberante e quiz fixar o quadro fantas-
ioso para o transmitir no papel em prosa
segura, capaz de aguentar o desbaste dos ran-
gos... Mas, felizmente, não houve ~~[illegible]~~ ou-
gar para tão ardua e gloriosa tarefa...

A propria cidade (onde ainda estive
uns vinte e tantos dias) que eu queria descrever
de forma impressiva, ficou apenas apontada
numa carta, em traços fugidios de que aqui
só deixo um exemplo:

«É boa terra; é mesmo cidade bonita.
Mas não se passa por uma rua em que se
não tope com uma igreja; não se dobra uma
esquina que se não veja uma capela; não ha
largo que não tenha um convento ou trave-
sa onde não existam umas almninhas!...»

E depois de notar que os sinos tocavam
todo o dia por uma coisa ou por outra, termi-
nava assim a descrição:

«Esta gente de Braga, certamente, quan-
do morrer, deve ir directamente p.ª o Céu...»[1]

E pouco mais do que isto

---

(1) A pag. 93 do vol. I dos Passeios e viagens.
Notas ligeiras.

O certo é que estava em Braga, adido ao regimento de Infantaria nº. 8, na 3ª Companhia do 2º. Batalhão, comandada por um capitão de nome Queiroga, creatura tiliosa, pouco trabalhador e pouco educada, mais habituada a tidar com os paisanos e soldadesca do que com gente de mais linha.

Subalternos companheiros da referida companhia eram os alferes Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha, hoje general reformado e o condiscípulo António Soriano Mendes Lage F. depois se formou em mathematica, foi astronomo no Observatório da Tapada da Ajuda, já falecido ha muitos anos.

Com estes dois companheiros fiz as manobras chamadas «do Minho» nos dias 16 a 18 de Fevereiro, numa serra ao norte de Barcelos de cujo nome me não lembro.

Partimos de Braga á tarde; amanhecera cêdo; havia luar explendido; e foi á luz de uma romantica lua que eu vi, pela primeira vez, Barcelos. A minha companhia parou, por qualquer motivo regulamentar, na ponte sobre o Cávado — e eu ainda tenho nos olhos a extraordinaria belleza daquele cenário, do conjuncto do casario a que as

ruínas dos paços dos duques de Bragança dava certa imponencia e do bucolismo do Cávado, em baixo entre penedias e chorões compactos a reflectir a lua se me não engano na sua maxima fase.

Amanheceu já na serra, no local onde se ia levantar o bivaque; e eu então vi o largo panorama para sudeste, tanto quanto a neblina deixava, de grande suavidade; para sul, verdejante com exuberancia e para oeste, limitado pelo mar até á nodoa branca do aglomerado de Viana do Castelo. Pode dizer-se, sem receio, uma belera.

Das manobras, propriamente, já nada sei dizer. Lembro-me de que, alem dos 90 quilometros que tivémos que percorrer a pé em pouco mais de tres dias, não deram grande trabalho. Se me não engano o nosso batalhão constituiu reserva e, por consequencia, poucos movimentos tivemos.

Aquilo foi mais ficção do que outra coisa, possivelmente para efeitos politicos em que era habil o galante Luis Augusto Pimentel Pinto então ministro da Guerra.

A missão da m.ª companhia não saiu muito fóra da encosta e cumeada da

serra onde bivacámos; e depois da parada final a que presidiu já me não lembro quem, fizemos a marcha de regresso para Braga e voltei a ver Barcelos iluminada então por um rico sol quente e claro.

Desse ultimo dia de manobras deixei umas impressões em carta que posso transcrever para regalo de futuros possiveis leitores destas memorias. Já não sou capaz, a esta distancia de mais de meio seculo de dar pormenores; as impressões q. aí ficam, porem, foram escritas um mês depois e por consequencia dão certa confiança

Aí ficam, pois:

« Faz hoje um mês que eu, com o regimento de Infantaria nº 8, atravessava a pé, envolvido por nuvem branca de poeira, uma das mais belas partes do Minho por um dia claro e quente como o de hoje.

« Tocou a alvorada ás 4 h. e meia da manhã; o ceu ainda estava estrelado, muito brilhante, e no alto da serra escondia-se a lua ainda redonda. A estrela de alva, a linda estrela dos pastores, lá estava para o outro lado, muito viva, a lutar com os primeiros

clarões do sol que não tardaria a aparecer. As fogueiras do bivaque ainda estavam a arder; a tenda estalejava, um pouco humida pelo orvalho da noite. As sentinelas, sonolentas, encostávam-se as espingardas; e eu, ao acordar, senti no rosto uma aragem fria e cortante que me arrifiou.

«Havia um silencio enorme em todo o acampamento; se alguma coisa se ouvia era, de certo, o estalejar da tenda nas fogueiras das cosinhas e o respirar de 1:800 homens que ali dormiam estendidos sobre o mato e o lojo — que foi, nessa noite, a nossa cama.

«O toque de alvorada cortára só esse silencio, fazendo despertar os ecos da grande serra onde estávamos; um ou outro cavalo rinchou de impaciencia. E mais nada.

«Eu senti, sinceramente, que havia naquilo tudo certa grandeza. Não o saberia explicar, mas sei que dentro em mim, inesperadamente, houve uma funda admiração pelo espectaculo que tinha deante da vista e que pela primeira vez me impressionava.

«Depois, a pouco e pouco, começou a sentir-se movimento; vozes dum lado, vozes do outro; á luz das fogueiras viam-se

passar vultos, por entre as tendas, embuçados por causa do frio. Começáram a ser arreados os cavalos e as muares das viaturas; e a estrela d'alva ia perdendo o brilho a pouco e pouco. O frio apertava; uma aragem do mar parecia que cortava a pele e eu, embrulhado no capote e com o pequeno barrete de serviço pela cabeça abaixo, tal como tinha dormido sobre o tojo e a carqueija, comecei a vaguear, com curiosid.e, pelo acampamento.

«Em pouco tempo tudo se poz a pé; começou, então, o movimento a valer e os soldados, bocejando e ainda tontos de sôno, aproximávam-se das fogueiras das cosinhas onde estava, desde a meia-noite, o café já feito em grandes panelas, para não arrefecer.

«O sol já ia então dando luz bastante; o alto da serra começáva a branquejar e as estrelas iam sucessivam.te desaparecendo. Nos vales havia nevoeiro denso; por sobre o Cávado, ao sul, pairava a neblina intensa, quase como nuvens que caíssem do céu para ali se condensárem; e lá ao longe, muito ao longe, avistava-se Braga sobresaindo da verdura dos arredores. Era para ali que nós iamos, acabadas as manobras, feito o

o nosso triste dever. Restava-nos voltar, cançados e sonolentos, pelo mesmo caminho. E era isso o que iamos fazer.

« Realmente o dia aclarava muito; distribuído o café, levantáram-se as tendas e formou-se o regimento.

« Eu, enquanto vagueáva pelo bivaque vi um regato de agua limpa que nascia perto; uns soldados lavávam-se com delicia e eu não resisti á tentação. Tirei o capote, despi a farda, a camisa e a camisola; e enquanto sentia o frio arripiar-me a pele, ia-me lavando com sensação agradavel de quem ha dois dias quase o não fazia! A agua que nascia entre rochas, vinha frigidissima; mas ali, naquela situação, depois de dois dias de trabalhos continuos, teve o efeito dum belo jantar depois de um dia de fome.

« Acabava os meus arranjos quando tocou a reunião; larguei o capote que ia dentro da mala, no carro das bagagens, troquei o pequeno barrete pelo Képi; puz a tiracolo a bolsa regulamentar, o cantil, e afivelei por cima o cinto com o revolvér. Calcei luvas sujas e rotas e tomei, com toda a consciencia, o comando do meu pelotão.

«O sol já tinha aparecido e formava estão quente; a encosta da serra brilhava com as gotas de orvalho caídas no mato. No local do acampamento apenas se via a cinza das fogueiras apagadas e um ou outro montículo de palha perdida pelo chão.

«Alguns curiosos apareciam, madrugadores; e a névoa ia a pouco e pouco desfazendo-se nos vales, desaparecendo pelo ar em pequenos flocos transparentes.

«Eram 6 horas e meia quando o comandante mandou tocar a avançar.

«O regimento começou a marcha; a banda fez ouvir um ordinário alegre e os três batalhões seguiram pelos atalhos para a estrada que nos ia levar a Barcelos por entre pinheiros bombrios, deixando ver, para sul, algumas veigas fertilíssimas que denunciávam a aproximação do Cávado.

«A marcha foi penosa, como, no fim de contas, é sempre penosa uma marcha de sete leguas por estrada cheia de poeira e debaixo de sol quente, quase de verão.

«Ás dez horas chegámos a Barcelos e atravessámos a grande ponte de alvenaria sobre o rio Cávado, pitoresco na verdade. De-

Mais atravessámos Barcelinhos na margem esquerda e daí vimos a vila de Barcelos, bonita e alegre, edificada sobre rochas, estendendo o casario pela margem fóra, a montanhê da gente. Começáva, então, uma ladeira e eu sentia que ainda nada tinha comido depois do pucaro de café ás 5 da madrugada. Comecei a sentir a fome...

«Andado cerca dum quilometro entrámos num pinhal; e ali, ensarilhadas as armas, deu-se uma hora de descanço a toda a gente. Tirei então da bolsa a unica coisa que consegui arranjar: um bife dentro de um pequeno pão. E comi com gula este insignificante farnel como se fosse um bom jantar. E tinha que ser o unico alimento até Braga onde chegámos ás 4 horas e meia da tarde.

«Para que descrever a marcha de Barcelos a Braga? Marcha fastidiosa, dentro de uma nuvem de poeira, debaixo de grande calor e com sêde devoradora. Os soldados lançávam-se aos regatos que encontrávam como uns doidos; muitos, estenuados, ficávam desmaiados nas valetas, á espera das ambulancias. O soldado do Minho é fraco; mas tam-

bem é verdade que Braga não aparecia por mais que todos nós caminhassemos pa-
ra lá...

«Cheguei, finalmente, a Braga ás 4 ho-
ras e meia da tarde, todo branco de poeira,
com a cara negra ou quase negra e queima-
do pelo sol, cheio de sêde e de fome... e bas-
tante ruoído. Suportei sem dificuldade tu-
do mas confesso que o que mais custou foi
o não comer...

«E aqui está o que por lá passei, ha
cem mês, dia por dia. E hoje, então, passe-
gadamente na minha terra, escrevo isto no
meu quarto, rodeado das minhas estantes de
livros, ouvindo minha Irmã, lá em baixo,
tocar uns noturnos de Chopin.»

Coimbra: 18 de Outubro de 1903.

E assim fui iniciado no simulacro
da guerra, com a compensação de que tudo
foi rodeado de belas paisagens, de ruinas
pitorescas, de estradas e atalhos cheios de bu-
colismo, a pedir tranquilidade e alegria.

Por toda a parte a aparencia de fartu-
ra, a belera romantica de recantos em que
uns regatos cantavam por debaixo de folha-

geru cofada. Apesar do frieira e do natural cansaço, cheguei a Braga cheio daquela alacridade de que está empregnado o ambiente. É possível que fosse a novidade dos cenários minhotos que me impressionasse mais; no entretanto, figurei sempre com o encanto do Minho bem seguro na minha memória.

É assim, no dia 20, recebemos guia de marcha para as respectivas unidades; e ao passar pelo Porto o Raul Loureiro congeminou do chefe do Estado-maior da Divisão cinco dias de demora.

Só fui eu 28 de Fevereiro, quatro anos passados, dia por dia, do meu assentamento de praça em Viseu, fiz a apresentação em Coimbra, no regimento de Infantaria 23, como alferes da 1ª Comp.ª do 2º Batalhão comandada pelo capitão Domingos António dos Santos e Freitas, de quem todos em quem todos diziam mal.

Contou-me este capitão, depois, que quando a Ordem do Exército que colocou os aspirantes no regimento chegou à secretaria, o tenente-cor.el chamou os capitães para a distribuição daqueles pelas companhias

conforme a vontade ou má vontade dum e doutros. Os aspirantes eram nove, tantos como as companhias; e como já havia pedidos e recomendações supondo parece, em da qual indicou o pai e no fim verificou-se que o meu nome não entrou nos favorecidos; o Freitas, então, disse para o tenente coronel ironicamente:

— Então fico eu com esse que ninguém quer...

E assim fiquei na 1ª de 3ª por nenhum dos outros capitães me desejar — como o que, valha a verdade, nada perdi.

Este Domingos de Freitas era bom oficial, inteligente, paladar, com certa cultura geral; a sua companhia distinguia-se pelo arranjo da caserna e parte dos soldados; mas, com todas estas qualidades, tinha vários calcanhares principalmente na sua vida particular que não era modelo. Em várias comissões de serviço quer militares quer civis foi sempre correcto, com bom senso e justo e desembaraçado; tinha boa orientação no trato com os seus subalternos; mas... a vida particular é que era muito mal orientada, não sabia (ou não poderia) manter

o equilibrio das receitas com as despesas e daí uma situação difícil em que ficara para viver.

Era viuvo ha muito e tinha dois filhos do matrimonio; mas vivia com uma amante, mulher casada, de quem tinha duas filhas e um filho; e além disso, apesar de não ser novo, tinha o vicio da «conquista» no que gastava muito dinheiro.

Ás vezes apareciam no quartel, a procura-lo, umas mulheres já velhas que depois vim a saber que eram alcoviteiras e dalguma aventura chegou mais tarde a ter conhecimento. Neste sector era incorrigivel o que o levava a contrair dividas que dificilmente pagava, quando pagava.

Porem, como disse, orientava bem os subalternos que vinham soffre a ficar pelo amigos. Eu fiquei-lhe devendo certos ensinamentos que me serviram para toda a vida; e a verdade é que, com o tempo, soube que os oficiais do regimento me consideraram e modificáram a impressão que não sei por que vias os levou a regeitarem-me por unanimidade quando o Tenente-coronel deu a escolher os aspirantes.

Nunca vim a saber, nem me preocu
pei com isso, qual a informação que vinha
da Escola Prática de Mafra que, possivel-
mente influenciaria os capitães. Ou então
terei de admitir que a fama de inconformis
mo, de republicano ou quem sabe, até, se de
anarquista (como mais tarde veio a afir
mar-se) não andaria atrás e adiante de
mim e atemorizasse os ilustres defensores da
Pátria, da Monarquia e da Sociedade tal co-
mo estava constituída.

É possivel que houvesse de tudo um
pouco; e não levantarei falsos testemunhos
se disser que dos proprios condiscipulos po-
deria derivar por maneira vaga, subtilmen
te, alguma parcela da sua fama.

Tudo é possivel neste Mundo...

A atmosfera da Escola do Exercito e de
pois a de Mafra, deixou no espirito de mui
tos um sulco dificil de desaparecer ou nive
lar; e por muito que os filosofos humanitá-
rios digam e afirmem que o homem é, por
natureza, bom, eu não sei se deva acreditar,
pelo menos sem outra reserva, essa afirmação
que corre mundo. Hoje, com todas as desi-
lusões da vida e o conhecimento das coisas

que a idade em regra confére, ponho, francamente, certas duvidas.

Mas vamos lá adeante.

Estava, pois, no regimento de Infantaria nº 23 e ia começar a vida regimental que para mim se revestia de certo misterio e me aguçava vaga curiosidade.

O que iria ser essa vida regimental?

Como quando saia da Escola do Exercito o meu espirito tão cheio de contradições continuava na mesma.

Escreveu Renan que « presque tous "nous sommes doubles »" e com efeito o sangue complicado que me gira nas veias dificultava-me, bastante, a existencia. Vejo agora, com pesar mas tambem com indulgencia, o meu estado de espirito nesse tempo: havia um tanto ou quanto de indiferentismo que me fazia andar na vida sem uma decisão consciente ao mesmo tempo que certa curiosidade e facilidade que sempre tive de adaptação me levávam a esperar possibilid. de conformismo.

Hoje, admiro-me de como foi possi-

vel essa esperança; a verdade, porem, é que entrei no regimento em 28 de Novembº de 1803, a seguir ao almoço, seriam 11 horas da manhã, sem convicção de qualquer especie, levado na onda que arrastava já ha algum tempo e que me continuaria a arrastar e que ainda, ao fim de quase 36 annos de travessuras, me havia de submergir definitivamente.

Lisboa e Coimbra:
24 de Novembº de 1956
a 7 de Abril de 1957.

II

«... Dis, qu'as tu fait, toi que voilà,
De ta jeunesse?»

Paul Verlaine: Sagesse

Com a apresentação no regimento no dia festivo dos anos dos reis portugueses, entrava definitivamente na vida militar.

Já me não lembro se, ao subir os primeiros degraus da portaria do quartel (entrão ainda no colegio da Graça, na rua da Sofia) eu hesitei, cautelosamente, o pé direito. É possivel... Levado ainda por certas superstições ou calistapeus trazidas da Escola do Exercito, é possivel q.e o fizesse. Não me recordo já.

O certo é que entrei e fiz as apresentações da ordenança findas as quais subi da parte do capitão Domingos de Freitas, ao ins-

truções necessarias para bom governo no serviço de subalterno. Levou-me á caserna, ás arrecadações, mandou formar a companhia para os soldados me conhecerem e assim me investiu nas respectivas funções. E tudo com muita ordem, com metodo, falando com bons modos embôra um tanto sêcos como era aliás natural nestes primeiros contactos em q. me não conhecia e naturalmente desconfiá-va, dado o repudio do meu nome quando os capitães fizeram a escolha.

A verdade, porem, é que fiquei com boa impressão e isso, até certo ponto, compensou-me do receio de ir encontrar creatura incorrecta e biliosa como em Braga e ainda da incerteza que se me apresentava no futuro.

Com o tempo vim a verificar que este Domingos de Freitas tinha certo prestigio no regimento, mas prestigio que o tornava antipatico á maior parte dos oficiais. Notei tambem que estes lhe tinham respeito porque a sua conduta na unidade era insuspeita, sempre dentro dos cânones, sem ligar grande importancia aos outros.

Assim, a minha presença entre os oficiais, de começo, era rodeada de certa es

pectativa curiosa; como fazia parte de companhia mal vista, era natural que me envolvessem, mesmo sem provas, nessa desagradavel antipatia e desconfiança — que, afinal, depois se modificou.

O ambiente regimental, verdade verdade, não me deu muita satisfação, em parte pelas razões que aí ficam, em parte por notar logo nivel intelectual bastante inferior.

Como era dos mais modernos, creio até que o mais moderno na escala, fui logo nomeado para os serviços normais do quartel como prevenção, ronda, etc. — serviços que ficaram devidamente mencionados no volume do meu curriculum vitae militar. Comecei então a travar relações com os oficiais, quase todos gente anonima que ia arrastando a vida conforme podia.

No meu entender, sobresaiam naquele conjunto, alem do meu comand.te de companhia, o capitão José Ferreira Martins, antigo ajudante do regimento, recentemente promovido e comand.te salvo erro, da 1.a companhia do 2.o Batalhão; e o celebre Homem Cristo que comandava a 2.a do 3.o e era, por assim dizer, o gato bravo naquela capoeira.

O Ferreira Martins era homem sério, estruturalmente regulamentar, disciplinador, correcto no trato, pouco dado a conversas; com o tempo, veio a dar-se comigo e não direi amigo, mas a ter por mim certa estima. Era doente e morreu tuberculoso já depois de reformado; os cuidados que tinha com a saúde tornaram-no, por vezes, um pouco azêdo; mas noutras ocasiões era afável e mostrava certo espírito irónico.

Quanto ao outro, ao Mariano Cristo, é creatura muito conhecida e, já nesse tempo, tinha a fama de jornalista vigoroso, polemista, e muito culto. Na verdade, no regimento, aparecia pouco na sala dos oficiais e recolhia-se, normalmente, no seu quarto de comando, no 3º pavimento, e por consequencia afastado do bulicio, a ler ou a escrever. Era o director das escolas regimentais e da biblioteca e como tal fez aquisições de livros excelentes, modernos, sobre historia militar, especialmente do periodo da Revolução Francesa, e alguns de historia diplomatica do seculo XIX que lhe serviam para os artigos n'O Povo de Aveiro, com bastante ofensivo e defensivo.

Lidei com ele pouco porque era pouco accessível; mas muitas vezes coincidiu o meu serviço de subalterno quando ele entrava de inspecção e ás tardes, depois do jantar sempre concedia um pouco de palestra para fazer a digestão.

Dormia muito pouco; dizia que lhe bastavam três a quatro horas de sôno e isso dava-lhe superioridade sobre muitos outros pois o tempo disponivel para trabalho era muito maior do que para aqueles que necessitavam de dormir oito a dez horas.

Quando entrava de serviço com ele, pedia-me para ficar alerta de noite, durante as três a quatro horas em que dormia; depois, dispensava-me de tudo até de manhã e ele ficava a ler e a escrever descansadamente.

Fiquei-lhe devendo o conhecimento de varios livros que me modificaram a maneira de encarar a historia militar. Como notou em mim vontade de saber, um dia disse-me, na sua linguagem rude, ao referir-se aos nossos historiadores militares:

— São umas bestas!... Não percebem nada!... Você, se quer escrever alguma coisa leia primeiro uns livros que tenho lá em ci-

ma na biblioteca. Isso é que são livros! Não se guie pelos nossos historiadores, etc. etc.

Era assim a sua linguagem.

De facto, fui a biblioteca regimental e requisitei uns livros que ele indicou, o primeiro dos quais foi L'education militaire de Napoleon por J. Colin. Li com certa avidez este e outros trabalhos como os de Chuquet e Garnon e ainda hoje conservo a impressão recebida que foi grande, impressão de mundo novo ou de claridade que entrasse em quarto escuro.

É certo que essa bafarada varredoira não destruiu por completo a influencia ominosa que me deixou o Dr. António de Vasconcelos; no entretanto a compreensão dos graves problemas e da evolução dos conhecimentos militares, tornou-se mais nítida e com o tempo se foi aperfeiçoando tanto quanto foi possível e deixando para trás o Vitoriano José Cesar ou o Alfredo Pereira Taveira, considerados, então, os mestres.

Comecei lentamente e vagamente a preocupar-me com o problema das ideias que só mais tarde se concretizaram com alguma nitidez — o que levou o velho Gonçalo

Pereira Pimenta de Castro, um dia qualquer do ano de 1936, quando eu estava em Alerantes, a dizer para o então major Herculano do Amaral, do regim.to de Infantaria 2, que encontrou casualmente em Lisboa:

— Vocês teem lá agora na guarnição o Pimenta das ideias...

O major reproduziu-me a frase e, com a sua ingénua incultura, perguntou-me o que é que aquilo queria dizer... E eu, com paciente boa vontade, expliquei.[1]

Mas a verdade é que devo ao Homem Cristo, em grande parte, pela revelação daqueles e outros livros, a evolução da minha maneira de escrever história. É possível que eu, notando na biblioteca do regimento aquelas obras ás lêsse um dia por minha iniciativa; mas o que me não custa dizer é que o impulso foi dado pelo violento jornalista que, apesar disto tudo, aí por 1933 me veiu a chamar patetóide no Povo de Aveiro — patetóide, nem mais nem menos![2]

---

[1] Este major Herculano do Amaral, passados anos foi promovido a brigadeiro...

[2] Ver no Diario, pag. 30 do vol. de 1933 a 1937, anotação circunstanciado do caso.

É possível que este epíteto fosse a paga duma crítica que fiz ao seu livro Pro Patria, em 1905.

O caso foi o seguinte:

Quando entrei no regimento estava em perfeito andamento o ensino das primeiras letras pelo método de João de Deus aos soldados recrutas analfabetos, ensino preconizado pelo Homem Cristo em grandes artigos de O Povo de Aveiro como panaceia para curar os males do País.

O meu capitão Domingos de Freitas aceitou a ideia e organizou o ensino quase sempre á noite, ministrado pelo 1º sargento Beja da Silva que aprendêra, com outros sargentos, numas lições dadas pelo proprio Homem Cristo que, na verdª, conhecia bem o método.

Eu entrei, tambem, na tarefa e dirigia as lições dos soldados que já sabiam ler e escrever alguma coisa.

De facto, o trabalho dava resultado e era meritório; mas tomava muito tempo não só aos instrutores como aos proprios soldados que ficávam assim privados quase das tardes para o descanço das instruções do dia. Mas não se desanimava e durante dois anos

seguidos na minha companhia ensinou-se com vontade e com certa eficiencia.

Porem o Flaviano Cristo quiz sempre fazer valer, com exagero, a sua iniciativa e, a meu ver, foi nisso um tanto ou quanto charlatão; o reclamo que fazia era ao seu proprio esforço e alterava bastante a verdade para se elevar e insinuar a má vontade dos outros que o contrariávam.

É certo que, no regimento, alguns oficiais não davam instrucção das primeiras letras aos recrutas porque, diziam, não eram professores primarios — eufemismo que encobria o comodismo e alguma animosidade ao colega que ainda cheirava á revolta de 31 de Janeiro. Mas tambem é certo que este, com a basófia de inovador e de educador tornava-se antipatico pela sua jactancia de salvador do analfabetismo e irritante elevação da sua personalidade. Etc. etc.

A certa altura, aí por 1905, surgiu o livro Pro Patria que fez certo barulho na imprensa e ~~alguns~~ causou certos reparos no regimento onde foi lido e comentado desfavoravelmente. Na realidade o Flaviano Cristo fazia alarde de muita coisa que nós todos pa-

tinamos ser falsa; de modo que o que havia de simpatico e meritorio no enthusiasmo de ensinar os recrutas, era um pouco empanado por isso; e se o livro merecera a muitos entusiasticos louvores, para os da esquerda, só merecera commentarios adversos.

Emfim, um dia, depois de ler o livro q. ainda conservo com interesse, e conversando acerca dele com o meu capitão Domingos de Freitas, disse-me este com certo ar velhaco:

— Oh meu alferes: e se nós déssemos uma tareia no Homem Christo?

Ele, Freitas, era então um dos directores da Folha de Coimbra, orgam local do partido do João Franco; e isto foi aí por Maio ou Junho do dito anno de 1905. Eu olhei para ele, um pouco surprezo, e perguntei:

— Tareia, como, meu capitão?

Ele apontou para um exemplar da Folha que tinha sobre a mesa e respondeu simplesmente:

— Está á sua disposição...

Eu fiquei-me a pensar. Na realidade, ao terminar a leitura do livro, tinera impetos de escrever qualquer coisa; mas como o homem era capitão não me quiz meter no as-

sunto sem mais nem menos e deixei passar a comichão de polemista.

Agora, porem, com a oferta, o caso mudava de figura. De novo me seduziu a polémica e respondi:

— Está bem... Vou pensar nisso...

E não demorei muito em fazer o plano. A 28 de Junho saía o primeiro artigo intitulado O livro Pro Patria do sr. capitão Homem Cristo. Seguiram-se outros, ao todo dez, o ultimo dos quais saiu a 9 de Agosto.

Foram, na realidade, contundentes e depois soubémos que o visado se incomodou bastante com eles e atribuiu-os ao Domingos de Freitas, o que era verosimil por este ser um dos directores do jornal. Hoje, relendo-os, quero crer que haveria em muitos passos alguma injustiça, fruto de certo entusiasmo da idade e que haveria tambem algum exagero consequencia do mesmo estado de espirito. Fundamentalmente, a critica estava mais ou menos certa e os factos apontados eram verdadeiros; mas hoje concordo que poderia ser mais moderado e... vamos lá! um pouco menos ingrato para quem me abriu os olhos a respeito da historia militar.

Verdeiras dos vinte e tal anos.

E' claro que o Homem Cristo se não calou e no nº 1113 de 13 de Agosto de O Povo de Aveiro, na 2ª. pagina, em quatro colunas de prosa carrada, deu uma tunda em forma no «trapalhão» que escreveu os artigos — mas tunda em que se pentê gosou á vontade. Bravejou com a linguagem descomposta de que usava e defendeu-se mal.

Tempos depois o Homem Cristo veiu a saber que o autor dos artigos era eu. Um filho do capitão Domingos de Freitas, também chamado Domingos, um garotão levado dos diabos, surpreendeu no escritório do Pai uns linguados com a minha letra e para se vingar de qualquer repreensão paterna foi mostra-los ao Homem Cristo. Este deixou de me falar mas viu a saber que os artigos o magoáram muito.

E' daqui que deverá vir o tal epitéto de patetóide com que me mimoseou.

Mas revertendo...

O resto da oficialidade do regimento era mais ou menos gente anónima.

O coronel Guilherme Augusto Vilário de Freitas era homem distinto, um tanto ou

grande jarrão e, quero crer, que pouca grande bagagem de cultura geral; era boa pessoa e de grande correcção de maneiras. Com quem de 1904 passou á reforma.

O meu commandante de batalhão era o major António Fernando do Rego Chagas, algarvio, creatura cheia de atenções para com todos, boa pessoa, muito cumpridôr se bem que ás vezes muído de mais. Dizia-se á boca pequena que era republicano; e de facto, depois de proclamada a Republica foi considerado homem de confiança. Foi meu amigo, mais tarde, e fiquei-lhe devendo atenções.

Havia o bondoso e intelligente major Joaquim Maria Ferreira, meu primeiro commandante de companhia quando soldado; o empertigado e calvo capitão Julio Pereira Girão, o Pereira de Lemos que fôra commissario de policia em Coimbra, o realheco Boaventura de Moronha cheio de basofias tôlas, etc. etc. gente que não vale a pena estar aqui a mencionar mesmo interessará o leitor.

Por Decreto de 15 de Novembro de 1903 fui promovido a alferes. Continuei na mesma companhia onde fiquei com o n.º 8 de matricula e prestei com os outros alferes promo-

vidos o devido juramento solêne, em 29 do mesmo mês, perante toda a oficialidade, fardada de grande uniforme — para maior imponencia. Estava, pois, definitivamente, oficial do exercito português que a retorica nacional classificava, e ainda hoje classifica, de glorioso. Assim será.

Ora no dia 4 de Dezembro de 1903, como era o mais moderno dos alferes, fui nomeado para uma delegencia a Arganil, para acudir a umas eleições da Misericordia local, muito renhidas, manobradas pelo então provedor da mesma, Francisco Inacio Dias Nogueira, de Gois, politico regenerador em evidencia, homem muito inteligente, industrial de papel da fabrica da Ponte do Sotam, creatura de grande actividade e empreendimento muito acima das suas possibilidades e do acanhado ambiente em que se movia.

Foi a uma sexta-feira (mais outro dia aziago na minha vida!) que amanheceu fria e chuvosa. Segundo o costume e a obrigação, fui depois do almoço para o quartel, sossegadamente, embrulhado na capa por causa da chuva e do frio.

Seria uma hora e meia da tarde, estava eu na instrução duma escola de recrutas quando me foram chamar para ir á secretaria. Fui: o major com amabilid.e e cara triste disse-me que viera ordem para marchar imediatamente uma força para Arganil. Olhei para a janela: a chuva caía serenamente mas com ~~[illegible]~~ abundancia; e pensei que Arganil ficava a uns 60 quilometros de distancia pouco mais ou menos...

— Có os diabos! murmurei. Que haverá em Arganil de sério para ir uma força a correr, por aí fóra, debaixo desta chuva toda?

O que sei dizer é que (lembro-me bem de tudo!) aí pelas 3 horas e meia para as 4 da tarde já eu estava de volta ao quartel, em ordem de marcha, depois de ter ido a casa e arranjado á pressa uma pequena mala para seguir pela deligencia e depois de ter passado pelo Quartel-general para receber a guia de marcha que o meu impedido, para adeantar serviço, lá fôra levar.

Ás quatro horas, a força já estava formada; eu recebi as instruções necessarias, o dinheiro suficiente; e talvez inconsciente-

mente, senti vaga satisfação por me acontecer (aquela) aventura — satisfação, de certo, filha da curiosidade natural dos vinte anos... Era, de facto, uma novidade na minha vida! Ia para o desconhecido em tarde agreste, debaixo de chuva copiosa! Uma autêntica aventura digna, depois, de ser contada em boa prosa...

A minha guia de marcha dizia que a diligencia tinha por fim «auxiliar a autoridade "administrativa na manutenção da ordem pu-"blica nos dias 6 e seguintes, devendo ali estar "(em Arganil) na tarde de 5 do corrente...» o que equivalia a dizer que deveria chegar no dia seguinte, isto é, quase uma marcha forçada.

Levava comigo desoito soldados, dois cabos, um corneteiro e um sargento: ao todo 23 homens. Passei rapida revista á força, despedi-me do oficial de dia e... ála!

A chuva amainára um pouco; havia um ou outro rasgão nas nuvens. E lá vou eu rua da Sofia fóra, Visconde da Luz e Calçada, chapinhando na agua, até entrar na Estrada da Beira onde passámos a pisar lama. Ás portas dos estabelecimentos vinha gente como quem interrogava: o que haverá? pois áquela hora e com tão máu tempo

alguma coisa havia para uma força ou or-
dem de marcha seguir estrada fóra. Na Es-
trada da Beira, lembro-me bem, a Preiden-
cia Tavares da Costa, depois casada com o Dr.
Barras e Silva e mais tarde uma das inspi-
radoras dos movimentos reaccionarios e «pe-
gunda metade», como ela dizia, do Salazar, ia
para casa, bem agasalhada e com chapeu de
chuva aberto; ao ver-me, diz-me com ar es-
pantado e inquisitivo como era seu feitio:

— Para onde vai você com este tem-
po assim?

Disse-lhe, brevemente, o destino; ela
respondeu qualquer coisa que já não ouvi
bem mas que pelo gesto que acompanhou a
frase devia ser de protesto. E tinha razão: pa-
ra satisfazer a vaidade de um politico de vila
sertaneja e protejer qualquer falcatrua eleito-
ral, iam ali sete e tres homens que não ti-
nham culpas, á chuva e ao vento, com itine-
rario marcado na guia de marcha para estar
no dia seguinte em Arganil ao anoitecer,
depois de percorrer 60 quilometros a pé —
ou sejam 2 quilometros e meia á hora

Eu era então novo e, poderei dizer,
saudavel; e se bem que sentia o pêso do ser

viço que ia fazer, o inédito da situação e a má
tural curiosidade compensavam o desagra-
dável da marcha naquelas condições.

Deveríamos, nessa noite, ficar em Poi-
ares, a 26 quilometros de Coimbra; atraves-
ámos a fronte da Portela já de noite; o céu,
de novo, toldou-se e continuou a chuvis-
car; mas como estavamos quasi na lua
cheia, havia bastante claridade.

A marcha fez-se, de cansaço, com des-
canços até S. Frutuoso, a 12 quilometros; já
iamos molhados e os rapazes precisávamos
um pouco de repouso; entrámos numa ta-
berna do lugar onde mandei dar aguarden-
te e passados uns vinte minutos a mar-
cha continuou, debaixo de chuva outra vez
fustigada pelo vento que vinha encanado pelo
vale do Vouga. E para o quadro ser comple-
to, o rio lá em baixo rouquejava nos açu-
des altos.

A lua, de vez em quando, dava certo
brilho á estrada enlameada e eu via os ho-
mens outra vez adeante de mim como a es-
preitarem sobre um espelho. O corneteí-
ro que era rapaz alegre, uma vez por outra
para animar a marcha, tocava uns com-

passos de qualquer das suas "arias" que iam ecoar pelas encostas; algum dos soldados de animo mais vivo, cantava ou cantarolava de vez em quando, para entreter o tempo como eles diziam; um, que era de Lorvão, contava historietas das freiras do convento; outro que era de Midões, lembráva as aventuras do João Brandão.

E assim a marcha foi seguindo; quando passávamos na velha estalagem das Ribas, estava parado um trem, com uma familia que seguia para o alto-distrito. Ouvi, nitidamente, lá de dentro, vozes que nos lastimavam: «coitadinhos! coitadinhos!» E a seguir veiu a ladeira, em curvas, até Segáde; o Ceira, branco de espuma, transpunha os açudes com fragôr e o vento justigava-nos cada vêz mais. Não havia onde descançar e, como iamos molhados, todos concordávam que era melhor seguir assim até final.

Ás 9 h. e pouco chegávamos á aldeóla da Ponte Velha; havia uma loja aberta felizmente; entrámos e descançou-se cerca de meia-hora; distribuí agua-ardente aos que quizeram aquecer; outros comeram

qualquer coisa — e depois lá seguimos, estrada fóra, debaixo da chuva que nos não largáva. Iamos, já, todos encharcados e em todos os rapazes, no começo tão animosos, entrava o natural cançasso.

Felizmente, daí a pouco, uns quilometros andados estavamos no chamado Entroncamento, onde a Estrada da Beira cruza com a que do Lourêdo segue para Goís. Seriam 11 horas aproximadamente.

Dum carro que ali estava parado saiu o velho amigo Francisco Correia da Costa, da Ferreira, que me esperava com um empregado da Administração do Concelho. Este estava para me indicar que o boleto da força era em S. Miguel de Poiares, em casa do velho fidalgo Godinho ao tempo administrador do concelho; aquele para me levar para sua casa e agazalhar-me hospitaleiramente.

No solar do velho Godinho, os soldados encontraram numa vasta adega umas fogueiras crepitantes p.ª se aquecerem, uns grandes caldeirões suspensos das traves onde fumegava uma excelente sôpa e m.tos molhos de palha, abundantemente espalhados, para poderem dormir com relativa

comodidade. Foi uma consolação para todos, ao fim de 27 quilometros de caminhada com chuva constante no lombo.

Belo tipo de fidalgo rural antigo, este Godinho de S. Miguel de Poiares! Ainda o estou a ver, desenfreiado, com a sua barba branca aparada com cuidado, maneiras dis tintas, a providenciar para que nada faltasse á soldadesca. Pela primeira vez encontrava uma figura viva que até então só conhecia dos romances.

Depois de ver os homens satisfeitos e resolvidos ao conchego das camas enfarinhadas, aceitei a oferta do velho Correia de Costa e segui no carro com ele para a Ferreira — onde me esperava a conhecida casa hospitaleira.

Depois de cumprimentos á familia, comi uma saborosa canja que me soube divinamente acompanhada da respectiva galinha; e a seguir a tipeira conversa que tivemos acerca da marcha penosa que fizémos, deitei-me numa cama antiga de varandas, em que mal concilieí o sôno ao saber que o tempo piorára e que não era só a chuva serena que caía, mas que co-

meçava a desencadear-se vendaval bem forte que fazia bater as vidraças.

O meu hospedeiro, o velho Francisco Correia da Costa era um antigo amigo de meu avô Manuel Caetano da Silva que apesar dos seus oitenta e tres anos se mostrava activo, vivo e desembaraçado. Homem alto, fronte ampla que denotava franqueza e sinceridade, cabelos brancos e uma bela barba toda branca, muito fina, á moda antiga. Ainda naquela altura, quando apanhava o tempo de feição, ia a pé até Coimbra como se os anos lhe não pesassem.

Fôra patuleia, comandára guardas nacionais que cairam em Coimbra quando a revolução alastrou; fez marchas e contramarchas e desse tempo conservou o espirito liberal que ainda lhe conheci e manteve certa importancia politica no concelho até muito tarde. Depois, com a velhice deixára a vida activa para se entregar ao amanho da sua casa, vigiando as fazendas, ouvindo os caseiros e conversando de vez em quando na séde do concelho (S.to André) com os amigos e ouvindo as novidades da politica.

Tinha então dois filhos no Brasil e ricos e um outro, pároco em Com Soldos, na região de Tomar; envelhecia feliz na sua casa que era um bom prédio antigo. Lembro-me de que do lado nascente tinha uma grande varanda, larga, com gradeamento de madeira onde havia grande profusão de abóboras, de espigas de milho e pevides de melancia. E lembro-me de que o bom Ferreira da Costa mostrava sempre com certo orgulho, do outro lado da rua, uma casa rustica, de pedra negra, sem cal, onde nascera o Dr. Daniel Ferreira de Matos, seu sobrinho, notavel professôr de Medicina na Universidade

Recebia sempre com alegria e grande franqueza qualquer pessoa das suas relações; mas quando eram amigos os que lhe batiam á porta, a alegria era maior e não sabia como provar a franqueza de q. era dotado junta á bondade natural que a propria fisionomia denunciava logo.

De madrugada, os vidros das janelas eram açoitados por chuva grossa batida pelo vento; eu olhava a serra da Mucela e pensava como é que poderia levar os homens por ali fóra, por mais outros 25 quilometros pu-

xados, transpôr aquele dorso onde via as arvores quase vergadas e seguir por estrada exposta á tempestade, simplesmente para que o celebrado Chico Inacio tivesse a protecção da força publica durante qualquer ardil eleitoral? O meu bom hospedeiro apesar dos seus oitenta e tal anos, veiu ao quarto oferecer a refeição da manhã e lastimar o tempo. Era, realmente, para arreliar! E sentenciava complacentemente que «el-rei mandava marchar e não mandava chover...»

Eu dizia-lhe que sim, mas acrescentava que el-rei, a essa hora, estava bem aconchegado no seu quarto do palacio das Necessidades e não sabia que estava ali um alferes e vinte e tal homens para salvarem um capricho politico e que para isso se iam expôr a um temporal daqueles por serranias sem abrigo.

O velho patuleia que comandou milicias populares em 1847 contra Costa-Cabral, cofiava lentamente as barbas brancas e ria-se com ar bondoso.

— Tem razão, meu amigo, tem muita razão...

Mas, perante aquele vendaval q. açoi-

tava os campos e as serras, tomei uma reso-
lução heroica que iria contrariar os regula-
mentos e, até, as boas tradições... Perguntei
se não havia em Poiares carros grandes que
nos levassem todos a Arganil; ia incorrer
evidentemente nos "sagrados" cânones, mas
não tinha a coragem de impôr aos homens
tal sacrificio.

O bom Correia da Costa mandou chamar
um alquiladôr; não regateei preços e daí a
pouco tinha á porta o que então havia em
Poiares capaz de transportar gente: um velho
char-à-bancs fechado e a flagueta em que
na vespera o meu hospedeiro me foi espe-
rar, ambos puxados a tres cavalos.

Despedi-me do bom amigo e larguei
para S. Miguel com as tranquitanas. Os sol-
dados estavam a comer nova refeição que o fi-
dalgo Godinho mandára fazer á larga; e as-
sim, depois do sôno reparadôr e da refeição
reconfortante, lá seguiu a expedição estrada
fóra, fustigada pela chuva impiedosa.

As mochilas dos soldados iam nos teja-
dilhos cobertas com oleados; dentro de cada
carro iam sete homens apertados, é certo; o
resto ia fóra e revesáva-se de tempos a

tempos com os de dentro e como havia oleádos os de fóra iam protejidos tanto quanto era possivel.

A caminhada foi monotona e aborrecida; as cortinas dos carros iam corridas e se se deitava a cabeça de fóra só se viam as serras escuras onde a chuva caía impiedosamente. Contudo, sempre a caminhada foi melhor do que faze-la a pé, patinhando sobre o lamaçal e a sentir a agua a cair no lombo.

Nao me recordo já se foi na Moité, no sopé da serra do mesmo nome, que se fez alto para descanço do gado e para nova refeição aos homens. Descançou-se, um pouco; comeu-se e bebeu-se qualquer coisa, aqueceram-se os pés; e quando se entrou, de novo, nas carripanas, iamos, ao menos, enxutos.

Ao passar nas alturas das Secarias o tempo deu mostras de amainar; e ao aproximar de Arganil, já de noite, a chuva parou e uma ou outra estrela começou a luzir no ceu.

Um quilometro antes mandei parar; seriam umas 6 h. e meia. Formei os homens que, [redacted] mais ou menos, tiritavam com frio; verifiquei o arranjo dos equi

fiamentos e disse aos cocheiros que não entrassem na vila ao mesmo tempo — por descortesia...

Ao avistar as primeiras casas mandei o corneteiro tocar a marcha normal; os soldados, como chapéus descansados e enxutos, marcharam com certo garbo. Abriam-se janelas; duma varanda rústica, coberta, apareceram umas mulheres com uma candeia como quem queria iluminar a estrada; ouviam-se frases de lastima para o nosso infortúnio:

— Coitadinhos! Como eles hão-de vir! Foi para isto que uma mãe criou um filho!...

E outras semelhantes. Os soldados riam e murmejavam em voz baixa.

E assim entrei em Arganil e através dei a vila com ruidos de triunfador guiado pelo administrador do concelho, o Sr. Augusto Coimbra, abrupado, que ao ouvir o toque de corneta, acorreu amavelmente.

O quartel ficava um pouco fóra da vila, na estrada de Gois; os soldados beberam aguardente e deitaram-se — única coisa que vinham para fazer. Mandei procurar lenha para se aquecerem e depois de feito um or-

deu, desci á vila ainda com o administrador que me guiou á hospedaria.

Deram-me um quarto onde já estava a mala q.' chegára pela deligencia; e depois de mudar de roupa e me arranjar convenientemente, fui regaladamente jantar e receber a visita do celebrado Francisco Inácio Dias Nogueira.

Paguei aos cocheiros a quantia de nove mil reis (9$000) que, com mais dez tostões de gorgeta, deu a quantia de dez mil reis, saídos do meu «bolsinho particular.» E depois dum pouco de conversa com o Dr. Coimbra e com o terrivel Chico Inácio, conversa amistosa e quase diplomatica, deitei-me e dormi pesadamente a noite toda.[1]

E no dia seguinte é que vi, com dia fôsco, que estava numa grande bacia, rodeada de montes, em que a velha vila de Arganil se aconchega pobremente a extensa

---

[1] Para alguem possivel leitor que se admire de tantos pormenores e particularidades dados aqui depois de 50 e tantos anos passados, lembro que pouco depois do serviço escrevi certos passos da aventura em cartas que vim a guardar. Com esses passos entremeei a descrição-evocativa que aí fica — e que é verdadeira.

varzea, na ocasião ensopada em agua. Para poente, a cordilheira negra tapava o horizonte e só para norte se abrem um pouco as encostas que novamente se encadeiam pelo vale do Alva até á margem esquerda do Mondego. Chuviscava ainda e o aspecto geral, se bem que de certa grandeza, era tristonho.

E assim foi o meu primeiro serviço, como oficial, de deligencia com comando — serviço que, por um acaso curioso está ligado com o meu primeiro artigo impresso a que já fiz referencia comemorativa ~~[illegible]~~ ha anos em outro lugar como é facil verificar.[1]

E assim comecei a vida com uma especie de aventura em que os proprios elementos se reuniram para provarem a minha má sorte e convencerem-me do erro tremendo que cometi.

Hoje, a cinquenta e tal anos de distan-

---

[1] Cfr. Cinquenta anos depois, Coimbª, 953.

cia, ainda por vêzes medito nisto tudo e me comôvo. Mas já sem remedio.

E assim continuei, hoje um serviço, amanhã outro, esterilmente, sem nada de elevado e muito menos de estimulante.

Nos dias de serviço de prevenção ao quartel lembro-me do aborrecimento que me invadia; as tardes eram passadas ou isolado se o oficial de inspecção não era pessoa sociavel ou, no caso contrario em conversa sem interesse de qualquer especie. Banalidades a seguir a banalidades.

A' falta de melhor, olhava-se para o movimento da rua da Sofia nesse tempo moderado; e lembro-me de que me impressionava a passagem das mulheres e raparigas que trabalhávam nas fabricas quando recolhiam ás casas em regra com despreocupada inconsciencia do seu papel. E eu, sempre eivado das antigas preocupações de caracter social, considerava quanto essas operarias eram vitimas ou instrumentos da injustiça da Sociedade tão mal organizada — considerações que mal tentava expôr aos outros que as não compreenderiam e me

poderiam acarretar má reputação da que, segundo creio, já tinha.

Insubordinados, ou serviços de certa categoria ou mais cómodos, nunca me deram; fui sempre um componente que se nomeava por escala quando ela me calhia e isso, certamente, porque não podia deixar de ser. Parece que no comando o meu rosto era desconhecido; o ajudante do regim.to é que, de ver um oficial, o encontrava no livro das escalas e... pronto.

Fazia-se a alteração.

E não exagero nem o azedume da ideia de que faz ser injusto. Creio que só o meu comand.te de companhia, o Domingos de Freitas me conheceu; deste não tenho que dizer senão bem, como orientador, espírito compreensivo e justo.

No mais eu notava até que era observado com curiosidade se, casualmente, nas salas onde se reuniam oficiais, eu levava a conversa para assunto fora do meu hábito regulamentar.

Eu era já suspeito claramente de republicano e as minhas discussões acerca de Anarquismo nos tempos de estudante

deveriam vir á baila, uma vez por outra, quando não estava presente. Sem querer, com a boa-fé da idade e o impulso natural de quem no espírito não tinha grandes peias, eu revelaria os meus pontos de vista políticos e sociais — logo apanhados pela observação arguciosa e em regra velhaca dos zelosos camaradas.

E os profrios condiscípulos, os que iéram comigo da Escola do Exército eram os primeiros, entraram com aparencia de amizade, a tomarem certo ar de pouca concordancia e de subtil zombaria.

Ele. ele.

Não falarei mais no caso.

Foi então que me lancei nas primeiras tentativas de artigos históricos inaugurados por aquele de que celebrei o 50º anniversario com opusculo sumptibus autóris acima citado.(1)

Lia muito, principalmente Camilo e Garrett; e pessoalmente tá in para Torres Novas um artigo celebrando qualquer da

---

(1) Cinquenta anos depois cit.

ta que sobressaisse das muitas datas acumuladas nos meus cadernos; e o jornaleco publicava tudo que eu mandava.

A breve trecho até ia intermediando os assuntos históricos com artigos políticos, com crónicas facetas cuja relação cronológica fica num volume adicional ao Dicionário Bibliográfico do Inocencio, para não deixar os créditos por mãos alheias, assim como estados num volume de recortes todos esses artigos de caracter mais ou menos político, as crónicas, etc.

Foi uma grande modificação na minha actividade intelectual; passaram-me os gritos de gosto que só se manifestavam por uma palhada satírica; o meu afan de escrevinhador voltou-se para a História embora por contagôtas — afan que em breve se estendeu além do Jornal Torrejano até ao Jornal da Lousã a pedido do seu director, o José Maria Dias Ferrão já aqui muitas vezes falado.

Ao mesmo tempo... vá lá mais esta confissão dum atentado: um romance de aventuras!

Nos fins de 1903, quando combinava com o Mario Soares Duque a minha colaboração no Jornal Torrejano com artigos históricos, como

ficou dito no citado opusculo comemorativo, deixámos assente tambem que faríamos um romance para o folhetim do jornal, no genero de O Mistério da Estrada de Sintra que recentemente lêramos e nos deu no gôto.

O titulo foi logo achado: Amôr e Odio e não se discutiu o enrêdo; este iria correndo ao sabôr dos capitulos que nós alternadamente escreveríamos.

E assim foi.

O Mario escreveu o primeiro capitulo que intitulou O Naufragio; eu segui com o segundo que tomou o titulo A jangada; e assim foi seguindo aos encontrões porque o Mario era perguiçoso.

Era um grande romance de sensação. Combinou-se que teria duas partes e, no caso de ser necessario, teria tres, cada imaginativa complicada á maneira de Ponson du Terrail. Tudo dependia do interesse que nós teriamos de o prolongar ou de o encurtar...

As personagens seriam figuras dignas de Vilar Flupo — exoticas e extraordinarias ou romanticas e sentimentalistas. Uma complicação dos diabos que a certa altura deveria dar agua pela barba aos autores.

Mas, enfim, um dia, como o Mario Duque não escreveu o capitulo que devia seguir, o romance ficou suspenso e ... até hoje. Os leitores ficáram sem saber o final da historia e os autores tambem.

Ha pouco, relendo os capitulos que escrevi achei-lhes graça e verifiquei que tinha certa queda para historietas naquele genero. É possivel; mas não irei tentar nova aventura semelhante.

Guardei mal os numeros do jornal em que os fothetius saíram; e como perdi ou se perderam uns numeros, creio que não serei capaz de reconstituir a parte que falta — no que as Letras patrias nada perderão.

E assim foi correndo o tempo, monotonamente.

Em Junho de 1904 voltei a Arganil ainda por causa da terrivel eleição da Misericordia que ~~[illegible]~~ ligava com as eleições gerais de Deputados. Estive, por isso, duas semanas inteiras na vila o que me deu ensêjo a crear boas relações com as principais pessoas da ~~[illegible]~~ terra a que fiquei sempre mais ou menos afeiçoado.

Predominava então, na sociedade argamilense, embora já velho, o Dr. José da Costa de Vasconcelos Delgado, chefe politico progressista, homem muito distinto que me recebeu com a maior afabilidade. Encontrei antigos condiscipulos do liceu como o Abel Perdigão e o irmão cujo nome me não ocorre já, formado em direito; e conheci o escrivão de direito e notavel guitarrista Antero da Veiga, ainda hoje ouvido atravez de variados discos que as grafonolas e os aparelhos de radio nos transmitem muitas vezes; e o P.e Adelino Dias Nogueira, rapaz novo, capelão em Celavisa que emparceirava alegremente nas patuscadas que se improvisavam.

Fiquei, quer duma quer doutra vez, com as melhores recordações da terra e todo o ambiente me provocou a ideia dum romance realista de que adeante falarei com vagar.

Desta vez a marcha foi agradavel, feita durante a noite de 23 para 24 de Junho, com um excelente luar até Poiares, com um descanço nas Ribas, debaixo dum telheiro que deitava para o Ceira; e na noite de 24 para 25, por atalhos desde o Alveite ao Olho Marinho e daqui por S.to Guiteria, Sarnadela e Ribei-

ra da Areia até Argamil onde chegámos pe-
las 7 h. e meia da manhã. As duas noites de
S. João foram assim passadas em marchas
nocturnas.

E com estas diligencias, com os outros
exercicios e a monotonia do serviço interno
o tempo foi passando até que chegáram os
reconhecidos do Bruçaco de 3 a 7 de Setembro,
desse ano de 1804.

Comandava então o regimento o coro-
nel Pedro Celestino da Costa, homem distinto,
correcto, de formação militar um pouco á an-
tiga mas de espirito compreensivo justo e
bom. Impunha-se pelo aprumo e seriedade;
afavel no trato mas sem deixar de observar
as distancias. Deixou-me as melhores im-
pressões e lastimei a saída do comando nos
fins do mesmo mês de Setembro por ter sido
colocado em Lisboa no regimento de Infan-
taria nº. 16 — onde veio a morrer, ingloria-
mente mas no seu posto, no madrugada de
4 de Outubro de 1810.

Do tempo da minha vida militar raros
foram os homens que se aproximaram des-
te pelo conjunto de qualidades de comando

e ainda, e principalmente, pela muito rara boa educação civil.

As manobras foram movimentadas e, pode dizer-se, de grande espectáculo

A minha companhia teve como subalterno adido para efeito dos exercícios o aspirante saído da Escola Prática de Mafra Raul da Silva Tavares, portuense; e o capitão Domingos de Freitas levou sempre a tarefa com certa filosofia e o maior numero possivel de comodidades principalmente no capitulo de refeidas.

Como tinha muitas relações na região, muitas delas politicas, recebiamos excelentes iguarias que juntas ás rações de campanha davam refeições abundantes e boas. Ele, ás vezes, depois da movimentação dos exercicios e depois de armado o bivaque, sentava-se perto das cozinhas e era vê-lo, satisfeito, a regalar com os cozinheiros o jantar, como entendedor de cutinaria, ante-gosando o prazer da abundancia e da qualidade em que era exigente.

No batalhão, as refeições da 1ª companhia ficáram celebres. Lembro-me de que no bivaque das proximidades de Montagua,

como passasse á vista, na estrada, o advogado e professor do Liceu, Dr. Francisco Fernandes Costa que viera da sua quinta de Vale de Remigio (salvo erro) de onde a esposa era natural, o capitão mandou-o chamar e convidou-o para o jantar que estava pronto. Não me recordo já se jantou ou se simplesmente assistiu; do que me recordo é da bela palestra que se estabeleceu entre o Freitas, franquista, e o Fernandes Costa chefe republicano e tambem me recordo de certo escandalo que isto causou entre a oficialidade de curta vista.

Eu gostava deste serviço movimentado, das marchas, dos bivaques, das noites passadas nas tendas, de todo aquele aspecto pitoresco da vida de campanha, ao ar livre, com panoramas variados e certa liberd.e de acção. Foi para mim, sempre, durante o meu tempo de serviço, a parte que me agradava; as proprias diligencias para eleições ou romarias eram verdadeiro escape á monotonia do quartel e um pretexto para tomar ar e ver, por montes e vales, a Natureza.

Estas manobras do Buçaco, então, foram admiraveis; fizeram-se marchas grandes é certo; eu tive até uma acção no vale do

Milijoso bastante penosa; suportámos a missa campal na lomba da serra, ao sol e, a seguir, a parada espectaculosa para gaudio de Suas Magestades e da gente palaciana. Mas depois, terminada a tarefa diaria, o previdente capitão tinha sempre no bivaque o jantar em termos de aperfeiçoamento e o repouso era merecido e as camas de palha davam rasoavel confôrto...

Confôrto?...

Sim, conforto. Quem nunca passou por tais trabalhos não sabe o que é uma cama de palha a seguir a umas leguas de marcha carregado com o equipamento, a corridas por montes e vales sem grandes descanços e sempre com o espirito alerta para que o espectaculo sáia em ordem

Sim, repito, conforto — embora, é claro, conforto relativo.

Ora destas manobras no Buçaco fiz, logo a seguir, larga e alegre descrição em cartas a minha Mulher (então ainda solteira). Tenho-as presentes e não resisto a transcrevê-las. Foram escritas entre 12 de Setembro e 14 de Novembro, com a memoria bem

fresca, foi consequencia; e aí ficou como elementos simples para no futuro se ajuizar o que eram manobras durante o consulado ministerial do galante Luis Augusto Pimen. Vel Pinto.

«12 de Fevereiro.

«A manhã do dia 3 apareceu esplendida; um leve nevoeiro desfazia-se em flocos brancos para o lado do rio quando o sol surgiu por detraz do grande edificio da Penitenciaria. Quando saí de casa ainda as ruas estavam desertas, ainda os varredores andavam no seu trabalho; mas no quartel ia já grande animação, um burburinho anormal que indicava qualquer coisa de anormal.

«Vamos, enfim, para as manobras! Faziam-se os ultimos preparativos, davam-se os ultimos toques e as ultimas ordens. Andava tudo correndo dum lado para o outro.

«Por fim, tocou a formar e o regimento começou a entrar na fórma, na sua, porque não cabia na parada. Juntara-se muita gente para ver e daí a pouco, seriam 8 horas, o regimento partiu para a estação quando o sol começava a aquecer a paisagem verde-tris-

te do Mondego onde os choupos esguios, muito direitos, deixavam ver atraver do seu rendilhado fino, as ultimas sementeiras da encosta d'alem. Havia grande serenid.e na atomosfera; tudo calmo e triste como que a dizer um adeus.

«Ao Louxe, para sul, a serra da Lousã e em frente os campos sem fim cobertos de milharais e de vinhedos.

«Na estação estava imensa gente para ver o embarque; do alto da estrada do Porto que passa sobranceira á estação do caminho de ferro, o povo dizia adeus, como se fossemos para a guerra... Senhoras madrugadoras foram dizer tambem adeus aos páis, irmãos, noivos ou conhecidos; e a partida do regimento, num grande comboio negro, mais me pareceu um arraial do que a marcha para manobras.

«Até houve lagrimas!

«Visto passa um comboio, grande, comprido, negro! Era o regimento de Infantaria n.º 7 que seguia; e ainda vi, de relance, a dizer adeus da portinhola da carruagem, o Almeida, o Manuel de Almeida, do meu curso, com quem muito andava em Mafra, sempre com o ar acanhado, a dizer um adeus quase a medo, por detraz duns outros.

«O comboio por fim partiu e lá foi atravez dos campos até se meter pelas colinas arenosas dos contrafortes da serra da Agrela; começou a ver-se ao longe, no meio de ligeira neblina, a serra do Buçaco com o grande dorso estendido para nascente, arido, escalvado; e até lá, a grande extensão de pinheirais escuros e olivêdos.

«O capitão Homem Cristo que ia no meu compartimento, berráva contra as manobras, contra o ministro, contra tudo, falando persuasivamente e com entusiasmo, até que quando o comboio entrou na Pampilhosa, a conversa terminou porque necessitavamos de ir almoçar. E o almoço, assim, acabou uma diatribe republicana.

«Tivémos duas horas de espéra. O regimento de Infantaria nº 15 passou adeante; o batalhão de Caçadores nº 6 e o de Caçadores nº 1 e a Engenharia passáram tambem á frente e dirigiram-se logo para os bivaques. Nestas passagens dos comboios, embora muito á pressa, pude contudo dar um abraço ao João Bemfeito, ao Rebelo de Andrade, ao Carrão de Oliveira, ao Barreto de Oliveira que por momentos se apeáram.

«Seria uma hora da tarde quando, enfim, partimos para Luso, pela linha ladeada de pinheirais que descem dos socalcos da serra, atravér de veigas pitorescas e barrocais fundos. Passámos o logar de Carpinteiros, o dos Moinhos; e quando numa dobra do terrêno se avista a serra toda, coberta do arvorêdo, vê-se tambem em baixo, numa dobra, o Luso com o casario de varias cores e os chalets pitorescos do Navarro, do Matoso dos Santos, do Barbosa Coleu e do Aires de Campos mais lá em cima.

«Por um atalho marchava um regim.to levantando poeira; e junto mesmo da linha, quase ao pé da estação, vimos um grande bivaque de Cavalaria. Havia, na verdade, grande cheiro de manobras pelo ar...

«Lá em cima, no meio da verdura da mata, avistava-se o torreão enorme do grande hotel e nele flutuando ao vento o pavilhão real; e mais acima, quase afogado pelas arvores, saía a parte superior duma cruz branca: era a muito falada Cruz Alta.

«E assim o comboio chegou e desembarcámos; o regimento formou na ~~[illegible]~~ estrada e quando a banda rompeu com uma

marcha alegre, seguimos estrada acima, para o Luso; á esquerda via-se o grande viaduto da linha da Beira Alta que atravessa o fundo vale da Varzea; e a estrada para a região da Anadia, lá em baixo, como uma grande fita branca, desaparecia ao longe, no meio de uns pinhais.

«Subindo sempre, em curvas, no meio de muita poeira barrenta, chegámos ao Luso que atravessámos triunfalmente por meio de muita gente que se ia divertir com as manobras. Passámos á pitoresca fonte de velhas tradições chamada de S. João e seguimos pela estrada que contorna a serra pelo sul e vai ter a Penacova e liga assim esta vila com a estrada de Vizeu.

«Ás voltas, juntos sempre ao muro inferior da mata, lá fomos para o local do bivaque, ainda uns dois a tres quilometros do Luso, vendo sempre á direita os terrenos mais ou menos planos que vão até ao mar cujas areias brancas o sol fazia aparecer como estreita faixa clara. O mato ensaia de um e de outro lado, agreste; os pinhais vão cedendo-se escuros e só depois de uns 40 minutos de marcha é que, contando á direita,

pela encosta, chegámos ao local escolhido para o nosso tiroteio. Tinhamos passado pelo dos batalhões de Caçadores nº. 1 e nº. 6 e pelo de Cavalaria nº. 8. Junto do nosso ficava o tiroteio de Infantaria nº. 24, de Aveiro.

«Arrumáram-se as tendas, fizeram-se as camas com palha fresca e começou-se a tratar do rancho; as cosinhas já fumegávam e as panelas estávam temperadas. Iam sendo horas.

«E comecei então a ver o aspecto de tudo aquilo depois de me ter desagrupado e bebido agua com aguardente e açúcar; percorri o pinhal com a curiosidade de quem se encontrava satisfeito, para ver o que havia e o que se fazia.

«Na estrada havia enorme movimento de carros de bagagens, de carros de munições, carros da Manutenção com o pão, carros das companhias de subsistencias com palha, carros distó, carros daquilo; agora era o esquadrão de Cavalaria 8 que passava para a linha de agua, depois passávam as muares da Artelharia; e neste movimento enorme havia uma poeira terrivel no ar e algum periclo de atropelamentos.

«O jinhal onde estava o nosso bivaque era bastante cofado; havia sombra amena, agradavel e convidativa. Uns grupos de soldados curiosos passaram para observar o espectaculo inédito. E assim chegou a hora do rancho e depois dele a do nosso jantar.

«As mulas tiveram de ração e de cabeçadas e começámos por uma sopa que o nosso soldado cosinheiro arranjou com certo sabôr a rancho mas que soube admiravelmente; comeram-se bifes, postas folhados e abriram-se latas de conservas que tinhamos levado com abundancia. Foi um excelente jantar a que não faltou o vinho verde do Monções e vinho do Porto propriamente dito. No final da refeição apareceram varios oficiais das outras companhias e trocáram-se saudes; e á luz das fogueiras que se acenderam logo que anoiteceu, o jinhal apresentava um espectaculo curioso que não é facil de descrever nem de desenhar.

«O Manuel de Almeida apareceu-me então com a sua verve fina que concorreu para a alegria de todos; e assim se passou o primeiro dia de manobras, com boa disposição, no sopé dessa serra de grandes tradi-

ções para o nosso exercito onde ha pouco nos deu peculo as nossas armas foram de bem mais valor do que agora.

«A neblina do mar começou a apparecer e a subir as encostas e a noite appareceu. Vou-me-nos humida e fresca; mas eu e o capitão Domingos de Freitas fômos ainda até á estrada para ver o conjuncto dos acampamentos mais ou menos illuminados.

«Na estrada, um carro de bagagens de infantaria nº 24 passava p.º o Luso; o capitão desafiou-me e lá vamos nós, aos solavancos, estrada fóra. Em Luso havia grande animação; muita gente a passear e dansas na Assembleia. Nós, porem, empoeirados e sujos, não nos aproximámos; e depois de duas voltas, saltámos para outro carro de bagagens que passava e regressámos, outra vez aos solavancos, á luz dum archote que um soldado levava.

«No bivaque tudo dormia. As fogueiras apagavam-se e a pouco e pouco tudo caía no silencio e no socego a que dava direito o dia passado com algum trabalho. O capitão recolheu-se á sua tenda; e eu com o aspirante Raul Tavares (que ficára de

serviço como mais moderno) deitámos-nos na mossa, sobre a palha fresca, e dormimos melhor ou frió até á alvorada.»

«17 de Setembro.

«Dormia serenamente sobre as palhas da minha tenda quando despertei, ao de leve, pelo vague de alvorada, triste, arrastado, no visinho bivaque de Cavalaria. O éco da serra dava um som mais triste ás notas do clarim; e deitando a cabeça de fóra vi logo em cima a lua no quarto crescente a illuminar o alto do Buçaco e nos acampamentos as fogueiras esmorecendo, quase a apagárem-se.

«Estava frio, havia no ar bastante humidade e as sentinellas passeávam embrulhadas e ainda sonolentas. Puxei do relógio: ainda não eram 3 horas da manhã e senti uma preguiça forte que me fazia olhar como amor para a palha da tenda como para cama comoda. Tudo dormia ainda; só os soldados rancheiros ao pé das cosinhas preparávam o café da manhã.

«Julguei convenientemente dormir mais uma hora... Puxei para as pernas a manta, ajustei melhor a gola do capote e dormi no-

vamente um grande bocado. Depois, acordei com o barulho que já ia no bivaque; os soldados levantavam-se, conversávam, compunham as mochilas; e pelo ar, através dos pinheiros esparsos, via-se a serenidade duma manhã calma e fria.

«A montanha elevava-se quase abrupta na nossa frente, agreste, penhascosa; e os últimos raios da lua mostravam lá em cima a brancura dos rochedos de mistura com o negro dos pinhais. — Coisa linda! Quem nunca viu uma alvorada num bivaque não imagina como é curioso o espectaculo.

«Começou a amanhecer; havia, na atmosfera uma brancura especial; começou a divisar-se mais nitidamente tudo e pouco a pouco a neve encobria ainda a terra até ao mar.

«A minha companhia reuniu-se para tomar o café com aguardente; e eu com o aspirante Tavares levámos uma toalha e um sabonete e fômos á fonte proxima cumprir o dever de hipiéne — isto é, fomos lavar a cara. A agua afigurava-se fresca, limpida; e de repente senti o trote dum cavalo: olhei e, limpando-me á toalha, vi o Rebelo de cima

de, a cavalo, que ia receber ordens ao Quartel-General como ajudante de batalhão. Gritei, chamei-o:

«— Oh Andrade!

«Ele olhou e não me conheceu logo, com farda, com a touca pela cara. Mas parou e veio depois à fonte, falar-me. Ao longe começaram a aparecer bocados tristes da flauta, ainda afogada em neve branca; e tudo começava a tornar-se, aos meus olhos, belo e simples.

«Voltamos para o binague, a conversar com o Andrade; e quando foram horas o regimento entrou em forma, preparando-se para a subida até ao planalto onde haveria a missa campal do programa.

«Tomei, é claro, o meu café com pão, equipei-me, pus o binóculo a tiracolo e fui para a frente como usa o Rei... e assim esperámos a hora da partida. O sol tinha nascido e a manhã estava formosíssima; em cima, saindo fóra do arvoredo, viam-se os braços brancos da Cruz Alta; e por toda a serra, pelos valeiros, a paz, a serena tranquilidade da Natureza. Ao longe, ouvia-se um fogo muscial dalgum regimento que passava

a caminho do planalto; e daí a pouco a banda de musica do nosso tocou festivamente um ordinario e nós marchámos, bem dispostos, para a serra.

«Pela estrada, muita gente e um grande ar de festa; ao longe ouviam-se outros toques e outras marchas e tudo nos dava a impressão duma enorme festa, duma festa rija e grandiosa. Entrámos na mata pela porta das Ameias e começámos a subir os zig-zagues das avenidas bem ensombradas. Havia fresco agradavel, ao longo daquelas longas avenidas cobertas de arvorêdo.

«Havia ranchos que se viam por entre as arvores seculares a almoçar sossegadamente; e nós subiamos, subiamos, sempre num ambiente de festa que a nossa banda e os sons afastados de outras e a sonoridade de ternos de clarins impunham alegremente a toda a mata. Gente corria pelos caminhos para ver marchar os regimentos; e ao passarmos pelo grande hotel e pelo palacio real vimos então o belo espectaculo da grande quantidade e variedade de fardas, de grande numero de senhoras, de imenso povo que se acumulava no terreiro para ver passar as

tropas e para ver sair a família real — com a natural curiosidade de selvagens.

«E nós continuámos a subir pela avenida que vai ás portas de Sula e daí pelo caminho da Cruz-Alta. E depois de tanta subida até ao mais alto da serra, saímos pela pequena porta do Telegrafo e entrámos na enorme explanada que se abre no dôrso da serra.

«Não posso dar ideia do que aquilo é; só vendo é que se acredita como é explendido o panorama que dali se disfruta. A serra corre no sentido norueste-sudeste e vai morrer no Mondego, junto da vila de Penacova onde é cortada pelo Mondego no pitoresco sitio de Entre-Penedos; não é muito alta, terá uns quinhentos e tantos metros de altitude, mas pela sua posição tem vistas muito largas e no seu dorso uma enorme explanada, lisa, coberta de urze baixa onde se anda muito bem — e onde se ia ouvir a missa.

«Para os lados do mar vê-se a região da Bairrada e os campos de Coimbra de onde poderem, como em contra-fortes, as serras do Açaveiro e de Brasfemes; longe, numa grande faixa branca, as areias de Quiaios, de Mira e de Aveiro; o cabo Mondego quase

em frente, um pouco sobre a esquerda, desaparece pelo mar e, indistintamente, para os lados do norte, as serras do Douro, em volta do Porto onde, em dias claros, se avista pelo binoculo o porto de Leixões.

«Mas, mais magestoso sem duvida é o panorama da outra vertente. Em frente, destaca-se sobranceira a serra do Caramulo com os seus pincaros agrestes e recortados que fazem lembrar, embora em ponto maior, os recortes da serra de Sintra. Entre o Caramulo e o Buçaco ha uma serie de grandes elevações e depressões rapidas, fundos barrocais, montes escalvados, num conjunto um tanto ou quanto selvagem mas imponente. Para a direita, no sentido do sol, vê-se mais ou menos enevoada, a serra de Estrela, enorme, como colosso deitado e adormecido.

«É na verdade uma vasta e soberba paisagem!... mas, ao entrarmos na explanada vi logo em frente, severamente, a extensão de tropas já formadas para a missa. Para o norte estava já levantado o altar e nele estava já o bispo-conde, de mitra e báculo, soléne na sua elevada estatura; e na

frente, os milhares de cabeças de soldados que se estendiam até ao marco geodesico.

«Entrámos na formatura; o nosso lugar; á frente, na esquerda, já um pouco sobre o pendôr do poente, não era bom. Contava-se bem a enorme concorrencia que havia na serra, concorrencia certamente aproximada das vinte-mil pessoas, conforme as avaliações que ouvi.

«Eu, apesar de estar na fórma, voltava-me muitas vezes para traz para ver o efeito das forças; na nossa rectaguarda estava a Engenharia, a Cavalaria, a Artelharia e Administração militar; e para traz a serra, descendo, aos poucos, até desaparecer em baixo coberta de pinheiraes.

«Tocou a <u>parada</u>. Tudo ajoelhou e o efeito, então, foi espectacular: todos os clarins e cornetas tocaram a marcha de continencia e ao longe, por detraz de nós, a Artelharia salvou e lançou o eco dos tiros pelas serras fóra.

«Ao acabar a missa passou-se á revista. As tropas tomáram os logares que lhes foi marcado e vi então, pois estava na extrema-esquerda, a grande extensão, seguramente de dois e mais quilometros que ocupava a li-

nha de unidades em formatura. O Rei passou a cavalo pela nossa frente, a galope, com o seu estado maior atraz, ordenanças, escolta, etc. Depois voltou e foi postar-se no ponto de continencia.

«Começou então o desfile: generais, os quarteis-generais, o inimigo (os batalhões de Caçadores n.os 1 e 6 e Cavalaria) e depois toda a 5.a Divisão, morosamente — o que nos fez estar hora e meia á espera, com fome e sêde, sobre terreno que o sol fazia escaldante. Foi um bocado penoso. Entrámos na explanada ás 9 horas e só depois do meio-dia é que rompemos a marcha em continencia. Tres horas a pé firme, sem beber, sem comer, com calor terrivel e com terra quentissima que escaldava os pés!

«Por fim, la fômos. O regimento marchou bem, com os pelotões em linha, ao som do Hino da Carta que a banda tocava em frente dos Reis. D. Carlos, volumoso e impassivel, montado em belo cavalo forte, correspondia ás continencias; a Rainha, num lindo cavalo preto, vestida de amazona, passeava dum para outro lado, obrigando o cavalo a saltar, acompanhada pelo Principe

Real, como se estivesse na sua tapada do palacio das Necessidades.

«Quando acabou a marcha da revista formámos em coluna e seguimos novam.te pela mata até ás portas de Sula, passámos ao lado do monumento e metêmos á estrada para Mortagua — á margem da qual, e perto da vila, iriamos bivacar.

«A estrada via-se, coleando, por sobre a cumeada; ia ser uma terrivel marcha e quase em jejum.»

«9 de Outubro.

«Continuêmos com a cronica das manobras. Ia a historia quando em Sula o regimento descia para a estrada com sêde e com calor.

«Pela estrada não havia sombra; e nós olhando p.a a frente, viamos uma longa fita branca, serpeando pela cumeada, atravessando alguns pinhais, passando por uma ou outra trincheira. A marcha ia ser má; no alto da serra, em cima, via-se um perfeito formigueiro de gente, pelos rochedos, pelas encostas, pelos muros, a merendar, a dormir, a andar dum lado para o outro, numa

animação espantosa e engraçada á vista. Para a esquerda, uns vales fundissimos, cortados aqui e ali por barrocais; e para a direita, a serra ruía, escarpada, eriçada de rochedos esterangueiçados.

«O regimento seguia sempre, com a banda a tocar; pela estrada, carros com gente que ia da festa para suas casas; camponeses visinhos á estrada, de boca aberta, com ar selvagem, ver passar tanta tropa; e sempre acompanhando a maior ou menor distancia a minha companhia notei um velho e uma velhita que eram pais dum soldado que lá ia encorporado. E isto durante muito tempo, sem desfalecimento.

«Mas a sêde começou a fazer-se sentir. Na passagem pela povoação de Moura, ia havendo certa desorganização porque alguns soldados começáram a entrar nas casas, a pedir agua. A minha companhia era a ultima da coluna de modo que tivemos que levar aquela gente a pôco e á espada e faze-los entrar na fileira, para podermos seguir com ~~[illegible]~~ regularidade. Devido ao capitão Domingos de Freitas que pôde manter as rédeas do governo, a nossa companhia pas-

sou intacta por aquela prova de meus comandados e seguiu unida.

«O capelão P.e Joaquim de Figueiredo e o medico, o Dr. Flaminio Teixeira de Azevedo que seguiam atraz da coluna iam mortos de sêde e de cançasso. O capelão comprou uvas a uma mulher e comi-as como doido porque ainda estava em jejum e já passava de uma hora da tarde; e o medico para não ir contra as regras da hipiéne, descascava peração cuidadosamente e ia comendo-as tambem com certa gâna.

«Teriamos andado uma légua, já se começávam a ver para a direita e para a esquerda, os enormes cortes de terreno, vales fundos e escuros, cobertos com pinheirais pelo vapeur — quando o commandante, mudando o regimento num pinhal, á direita, fez um alto. Foram desarmadas as armas, permitiu-nos tranquilamente á sombra e ali ficámos á espera de novo toque de marcha.

«Os soldados correram para um e outro lado em busca de agua; e eu, resolvido a não comer peixão no bivaque, deitei-me no chão, e por este momento em q. escrevo me não esparo, ia adormecendo...

«Passada uma meia-hora, tocou a unir, formou o regimento e seguimos pela estrada, de vagar, porque os nossos soldados são, em regra, fracalhões embora para aí apregoêm aos quatro ventos que é duma enorme resistência e disciplina. Homens no vigôr da vida, levando ás costas as mochilas vasias, não aguentam uma marcha de poucas leguas desde que haja calor. Tenho visto isto, vi no Minho, no ano passado e vejo agora outra vêr.»

«10 de Outubro.

«A marcha foi, na verdade, fastidiosa e maçadora. A Engenharia passou-nos á frente; a Artelharia tambem e confesso que a certa altura já ia sentindo o vazio natural de quem, ha mais de doze horas, andava em bolandas sem comer. O sol começou a descer e, por consequencia, a ensombrar a estrada. Havia certa viração fresca, mas o céu continuava azul sem uma nuvem.

«Mais adeante, numas casas á beira da estrada, havia agua em grandes pótes, generosidade dos moradores. Começou a distribuir-se aos pelotões, seguidamente; e lá

continuámos a andar, até as 5 horas, horas a que o regimento voltando para um enorme e bonito pinhal entrou no sitio chamado do Vale de Açores. Era uma planicie a dois ou tres kilometros de Martagua; tinha aspecto fertil e a paisagem alegrava-se com cêres verdes; por lo passava a linha ferrea e a estrada seguia em grande linha recta para a vila.

«Armáram-se as tendas e trataram-se da distribuição do rancho aos homens; na estrada appareceram logo pessoas conhecidas: um rapaz do meu tempo da Universidade o Antonio da Fonseca Gonçalves, apara medico em Martagua, o administrador de Agaril, o Dr. Augusto Coimbra, emfim bastantes conhecimentos que me diziam adeus e faziam offerecimentos.

«O rancho estava prompto e os marmitas dispostas no chão; mas o ranchoiro não apparecia e eu não tive duvida nenhuma: arregacei um pouco a manga do braço direito, pequei no colherão, ou caço e... fiz de ranchoiro, conscienciosamente, rapidamente, para todos ficarem com rancho igual.

«Nesta vida da tropa fazemos tudo!... até de ranchoiro embora se tenha um galão no braço.

«Acabada a tarefa começámos a lembrar que estávamos em jejum. O capelão Figueiredo estava furioso:

«—Oh meu alferes! Dê-me cá uma lata de rancho, co'os diabos!

«E eu respondia-lhe pacatamente:

«—Espere, meu capelão... Temos aí cá uma sopinha de frei, vai ser!

«Mas ele, coitado, não se conformava e impacientemente via-nos, a mim e ao assistente, a arranjar a mesa, com as malas e umas caixas; e só mudou de cára quando viu uma pequena panela de lata colocada sobre a roalha branca, deitar fumo bem cheiroso e lá dentro o caldo quente e bem temperado.

«Eram pois horas e meia da tarde! Tínamos comer pela primeira vez naquele dia. E na estrada, a uns 30 metros, passava gente a pé, de carro, a cavalo, gente que achava muita graça ao nosso jantar porque nós, longe de mostrar aborrecimento manifestávamos alegria e boa disposição que aumentaram para o fim de jantar quando chegou a vez do belo vinho do Porto de Menéres.

«Comêmos foie-gras, comemos lagosta de conserva, fiambre saboroso com ovos, bifes

excelentes, franco com ervilhas — enfim um banquete a que não faltou champagne! Quem se aproximava do nosso bivaque havia de comer e beber, havia de fazer saudes ao Pimentel Pinto... A conversa dos convivas foi explendida e ao escurecer quando se começaram a acender as fogueiras do bivaque, nós acendemos as lanternas todas e continuámos imperturbaveis a jantar até ao recolher.

« Depois deste toque formou-se a companhia e todos os soldados, em seguida, se deitaram sossegadamente porque vinham moídos e com sôno. Nós ficámos ainda a conversar um pouco; mas as tendas atraíam-nos e por fim fômos-nos deitar porque a alvorada devia tocar ás 3 e meia da manhã.

« As fogueiras davam o mesmo aspecto fantastico ao bivaque: o pinhal era plano, em grande extensão e estavam nele bivacados o meu regimento, o de Infantaria 24, a Engenharia e a Artelharia do nosso partido; os pinheiros eram altos, copados, e formávam bela abobada escura que contrastava com a luz viva das fogueiras. A pouco e pouco o silencio caiu por sobre todo o acampamento, o sôno atacou todos os acampados; e eu, mortal como

todos elas, estendido na palha da minha tenda, adormeci ~~como~~ tranquilo como um justo...»

«17 de Outubro.

«Era ainda muito noite quando tocou a alvorada; a lua, no quarto minguante, aparecia ainda através da rama dos pinheiros e corava pelo verde escuro a sua luz clara. Havia neblina humida e fria quando saí da tenda com o barrete bem sobre as orelhas.

«Uma ou outra fogueira brilhava ali da aqui e alem; e pela estrada ouvia-se o rodar soturno de carros.

«Foi uma alvorada triste. Começou formar o tiroteio a animar-se a pouco e pouco; e ao passo que a madrugada aparecia, a neblina ia se evaporando lentamente, deixando ver que ia nascer um dia lindo de sol quente.

«Ás cinco e meia começou a entrar-se em fórma. Já então era dia e via-se passar na estrada, de caralina em punho, alguma patrulha de Cavalaria que ia em exploração até alem do rio Criz. Começava a affluir gente a pé, em carros, a cavalo: era a partança que recomeçára — e lá marchámos para o combate, estrada real de Vizeu fóra.

«Seguimos ao longo da grande varzea que se estendia á esquerda, fertil, alegre, vistosa, como excepção á régra montanhosa da provincia. Havia uma ou outra fonte, pitoresca, coberta por choupos e platanos, e para lá viam-se veigas fertilissimas até ao começo das quebradas da serra.

«Andámos dois quilometros quando entrámos por Montagua que, no fim de contas é uma pequena vila sem belesa nem atractivo. A administração do concelho era um casebre com uma porta e uma janela unicamente! Uma ou outra cára bonita apparecia ás janelas com olhos de sôno e o cabello por frisar.

«Depois, mais adeante, a estrada seguia por curvas, sempre, para serras. A'nossa frente passou um automovel com os Reis; a seguir um outro com velocidade louca em que ia o Infante D. Affonso; atraz, outros com varias pessoas que não conheci mas q. levantaram nuvens formidaveis de poeira que nos envolveram.

«O sol começáva a aquecer; eram sete horas quando o meu batalhão, contando por

um atalho á esquerda, subia para um alto chamado do Chão do Vento, coberto por mato gal espesso aquela hora ainda molhado pelo orvalho que nos encharcou.

«Havia um pinhal á frente que nos encobria do lado do inimigo; e como era cêdo os homens deitaram-se e nós reunimos-nos e começámos a conversar e ... a esperar.

«Em baixo, na estrada, passava muita gente; em frente, num alto, ficava a ambulancia divisionaria e mais acima, se me não engano, no alto chamado de S. Francisco, estava a familia real, o Lencastre e Menezes e todo o estado-maior general com o vistoso pelotão de Lanceiros de ordenanças.

«Comecei então, segundo o meu sistema, a observar o que havia: á direita, em baixo, passava numa trincheira funda a linha ferrea da Beira-Alta e a, a seguir, começava a serra do Gontinho; em frente havia enorme depressão que, do outro lado, e em inclinação aspera, estava coberta de pinheiros; e mais em frente o que se via era serras sobre serras, revestidas de mato e pinheiraes, separadas por enormes barrocais, em conjunto selvagem que aliás a manhã tornava leve.

«O regimento nº. 24 começou a passar na estrada para o alto do Gontinho e dois batalhões do meu, o 1º. e o 2º. foram guarnecer a margem do Teriz, á espera do ataque do inimigo que avançava desde Sª. Comba, apoiando-se na estrada e na linha ferrea.

«Seriam 9 horas quando ao longe, muito ao longe, se ouviram os primeiros tiros. Nós continuávamos a esperar porque a nossa missão era proteger a retirada da 9ª. Brigada; poderiamos ainda dormir um pôno. Conversou-se, discutiu-se, contámos anedotas e assim se passou o tempo até que vimos, a certa distancia, a bandeira do nosso regimento que era levada por um aspirante, descer por uma encosta a sete pés — como vulgarmente se diz. O inimigo aproximava-se; a Cavalaria manobrava a distancia; e a pouco e pouco as ennegradas fronteiras começáram a corroer-se com a pressa da gente que retirava.

«Começámos, por consequencia, a fazer fogo de atenção; seriam 11 horas. Os outros dois batalhões do 23 ~~xxxx~~ retiravam declaradamente; cada companhia, escalonada, ia retirando em ordem, com disciplina notavel. As ordenanças cruzávam-se; oficiais de ordens e aju-

dantes corriam em todas as direcções e o regimento 23 continuava a retirada regular que foi aplaudida por quantos a ela assistiram.

«O meu batalhão avançou então em alinhadores para o alto que dominava a grande depressão que havia em frente; e quando o inimigo que perseguia os outros dois batalhões apareceu na encosta fronteira, teve de retirar depois duma descarga dada pela minha companhia que estava apoiada na trincheira da linha férrea.

«Ficámos à espera para ver de onde de novo apareceria o inimigo; depois, e ao mesmo tempo que, companhia por companhia, foi retirando na melhor ordem, o meu batalhão continuou sustentando pequeno fogo com uma força de Infantaria nº 7 que continuava em nos na frente a mascarar qualquer movimento q. nós não percebiamos.

«Nisto, pela nossa esquerda, através do pinhal, vimos avançar uns vultos; era uma surpresa de flanco que a 3ª companhia rapidamente sustentou e repeliu até certo ponto em quanto nós eramos atacados vigorosamente pela frente, na encosta fronteira, com ameaça de nos cortarem a retirada.

«Mas não aconteceu assim. Parece que ainda estou a ver tudo: por minha conta e risco avancei com o pelotão até á linha ferrea e daí comecei com fogo vivissimo a repelir os atacantes enquanto as outras companhias procurávam melhor posição.

«Ainda durou um bom bocado esta fase do combate; andámos para traz e para deante, a dar tempo que Infantaria 24 e o resto de Infant.ª 23 seguissem pela estrada. A ambulancia retirou a todo o galope; a Cavalaria passou e tambem a Artelharia e a Engenharia; e o meu batalhão é que ficou a sustentar o ataque feito por Infantaria 7, ataque vigoroso e bem dirigido.

«Nós, no batalhão, tomámos cada qual a iniciativa que melhor pareceu porque o major quando ouvia os primeiros tiros desaparecia... Eu avancei, retirei umas poucas de vêres; a ultima fase foi bonita porque nos caíu em cima uma brigada quase inteira.

«Seria meio-dia e meia-hora quando tocou a alto ao exercicio. Unimos as forças, juntamos-nos ao regimento e fômos descançar num pinhal á beira da estrada — por onde passavam carros, carroças cheias de gen

te, cavaleiros, ranchos a pé, como se houvesse grande romaria. A região estava realmente em festa.

«Passada meia-hora de descanço seguimos para o mesmo bivaque do Vale de Açores; a estrada era a mesma só com a diferença de vermos, de quando em quando soldados de Infantaria 24 aos montes, deitados pelas valetas, contentes, sem haver no regimento quem os formasse e lhes desse o devido correctivo.

«Atravessámos novamente Mortagua e pelos mesmos sitios pitorescos seguimos o caminho da manhã no sentido inverso. A' beira dum riacho, passada Mortagua, o coronel de Inf.ª 24, o Faria Pereira, fumava o seu cigarro tranquilamente, com o cavalo preso a um chorão sem querer saber do regimento que se ia arrastando pela estrada, quase desorganizado; enquanto que o nosso, com o comand.te á frente e a musica a tocar, seguia em marcha correcta, como em cidade e não tivéssemos ás costas um exercicio pesado. Entrámos no bivaque, antes de outro qualquer regimento, seriam 2 horas da tarde.»

«24 de Outubro:

«Apenas entrados novamente no bivaque de Vale de Açores tratou-se do rancho. As panelas alinhadas nas cosinhas já fumegávam e deitavam cheiro agradavel. Formáram-se os sarilhos, os homens desequipáram-se e nós começámos tambem a tratar do nosso jantar.

«Pela estrada passáva imensa gente que ia observar os bivaques. Depois passou o regimento 24, derreado, desorganisado, sem brio; daí a pouco passava Infantaria nº 7, de Leiria, a seguir o nº 15, de Tomar quando o nosso, descançadamente, já comia o rancho. Quando nos sentámos para o nosso jantar ainda se via na estrada, em grupos, soldadados do 24, á procura do regimento num estado de aceio terrivel, cantando, sem qualquer especie de disciplina.

«Nós, tranquilamente, iamos saboreando a nossa refeição. Uns padres, que passáram na estrada e ficáram a olhar para nós com curiosidade, foram convidados amavelmente a participarem do jantar; aceitáram, é claro e lá seguiram ao seu destino depois

se bebessem uns copos de vinho e trincassem qualquer iguaria. E assim, com boa disposição se foi passando o tempo até tocar a nova formatura.

«E aí vamos nós pela estrada fóra, com a banda a tocar uma marcha alegre, por tarde explendida, amena e clara, quando o sol começava a declinar. Fomos os primeiros a romper a marcha; o meu regimento ia sempre á frente, como cumpria aos vencedores das glorias no combate do dia.

«Era uma marcha agradavel; a musica entretinha e a belleza da tarde de mistura com a boa disposição do jantar, fez com que a marcha nos não custasse nada, antes fizesse com com q. fosse agradavel. Os soldados sentiam-se inspirantes com os louvores ouvidos, iam direitos, firmes, conscios duma grande superioridade e convictos de que, no dia seguinte seriam ainda mais victoriados.

«Com o declinar da tarde começou a arrefecer; a serra do Bussaco appareceu-nos na frente, enorme, como barreira formidavel; e lá ao longe, perto do mar, havia sinais de proximo nevoeiro. Os picos do Caramulo cobriam-se já de neblina. Tudo prenuncia uma

noite muito fria e o meu batalhão ia guarnecer os postos avançados.

«Fôra essa a ordem recebida e a missão era importante e incómoda. Contudo, nós os do 3.º batalhão vimos a vantagem de ficarmos a meio caminho — o que evitou o andar mais uns 4 quilometros. Realmente, já á vista da serra, quando a noite se pronunciava e fazia escurecer os montes em volta, cobertos de pinheiraes, o meu batalhão voltou á direita e seguiu por um atalho. Numa encosta pobre ceira á estrada, no meio dum pinhal, o batalhão formou em coluna e arrumou bagagens e acenderam-se fogueiras que começávam a ser necessarias.

«Já havia m.to frio; um vento do mar cortava; começámos a sentir-nos enregelados com a névoa que subia dos valeiros e ia encobrindo tudo. A profunda serra ia desaparecendo e [illegible] á volta o aspecto tornava-se muito triste. Chegaram as bagagens e os carros com falha; fizeram-se as camas e assim se passou o tempo até ás 8 horas.

«Começou então para mim um espectaculo unico e que me impressionou e não é facil esquecer.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

«Na estrada, passávam sucessivam.te as diferentes unidades que constituiam a 5.ª Divisão militar; passou Infantaria 24, com archotes acêsos, a fazer uma berraria enorme q. provocou dos nossos soldados um protesto que não deixou de ser curioso:

«— Então aí não ha oficiais? perguntavam uns soldados do meu batalhão.

«— Se os ha parecem de pán, comentava outro.

«E com estas frases expontaneas mostrávam os soldados certo orgulho pelo seu regimento.

«Quando eles iam já longe, deitei-me e no bivaque começou a cair o sossêgo ouvindo-se só o sussurrar alto dos pinheiros açoutados pelo vento frio. E, pela terceira vez, nas manobras, adormeci tranquilamente, como em boa cama.

«Mas por pouco tempo foi. Na estrada começava a passar a Artelharia, a Cavalaria, a Infantaria, as Equipagens, uma infinid.e de coisas que levou toda a noite a passar, fazendo um barulho enorme, deitando para o nosso bivaque a luz dos archotes, berrando, cantando, dando-me a impressão

triste duma retirada desordenada. De quando em quando um magote de soldados invadia o bivaque a perguntar pelo seu regimento: ou o 15, ou o 7 ou o 24! Um homem com uma muar entrou pelas nossas tendas a querer saber a que unid.e pertenciamos; um capitão e quatro ou cinco soldados, á uma e meia da noite inquiria se aquilo era o 15 de Tomar e um soldado perdido caiu, sem querer, na barraca do Homem Cristo — o que lhe valeu dois pontapés...

«E assim sucessivamente toda a noite, numa verdadeira desordem que deu a impressão do que poderá ser uma retirada depois duma derrota. As carretas e equipagens faziam tal barulho que custou a dormir naquele malfadado bivaque. Passei o resto da noite quase sempre acordado.»

«30 de Outubro.

«Quando tocou á alvorada, tive um momento de terror! Sobre os panos da tenda caía chuva, em grandes pingos, silenciosamente, ao mesmo tempo que entrava um frio incrivel pela boca da barraca. Senti um arrepío e a garganta tomada.

«Imaginei logo um terrivel dia de chuva fustigada pelo vento do mar, os soldados encharcados, a terra toda ensopada — e lembrei-me da minha ida a Arganil.

«Mas deitei a cabeça fóra: era nevoeiro de tal forma denso e baixo que se não via nada e os pingos da agua eram dos pinheiros humedecidos pela nevoa. Uma manhã desagradavel.

«O rancheiro tinha-se esquecido de fazer o café e o capitão berrava pelo sargento de rancho; os cavalos relinchávam mas á volta tudo estava escurissimo, ainda noite cerrada. Acendeu-se uma fogueira a muito custo e á luz escassa que deitava os vultos pareciam gigantes pela sombra projectada e nós tropeçávamos a todo o momento em pedreguthos, em raizes salientes e nas espias das tendas.

«Como nos outros dias, tomou-se o café, levantou-se o bivaque enquanto o dia ia aclarando e a luz do sol rompia o nevoeiro denso. Havia um frio desesperado e ao mesmo tempo que tomei café com aguardente para aquecer, comi metade dum pão de milho porque, sinceram.te, tinha fome!

«Muito ao longe, naturalmente na serra, ouviam-se vagos tiros de carneta e pela estrada começaram a passar patrulhas de cavalaria em serviço de descoberta. Apareceu um oficial do Estado-maior a indicar as posições do batalhão que devia estabelecer postos avançados para cobrir a esquerda da defesa; mas eu achei preferível comer o pão e beber o café do que ouvir o que o homem dizia e deixei aos outros o cuidado de me explicarem o grandioso plano da defesa do Buçaco.

«Assim foi. Já era dia claro há muito quando começámos a estabelecer os postos. Eu fui mandado com uma secção do meu pelotão para o fundo dum valeiro que havia em frente, junto duma casa arruinada para vigiar a passagem; e cada uma das outras fracções do batalhão foi para seu lado. Começámos então na parte seria.

«O nevoeiro não estava de todo levantado ainda, não se via a serra e para a frente pouco se descobria de modo que a situação era perigosa. Quando cheguei á casinhola é que vi o difícil da minha missão; para um e outro lado a escarpa a escarpa elevada dos serros, na frente o valeiro fundo: que ha-

via eu de fazer? As forças do lado do inimigo prendiam-me facilmente.

«Esta ideia fez-me magicar... E como a porta do casebre estava aberta resolvi mandar entrar os homens e esconde-los assim tanto quanto possivel porque, em ultimo caso, o inimigo se passasse por ali não daria pela nossa presença.

«Mas não fiquei sossegado. Fui á frente, de rastos, pelo mato, vigiar. Lá no alto havia tiroteio... De que lado seria? Eu não via nada, nem o fumo dos tiros seguér.

«De repente, escondidos pelo mato, vêjo avançar cautelosamente quatro soldados de Cavalaria, a pé, de carabina na mão. Seria alguma cilada? Chamei quatro dos meus homens e deitei-os ao pé de mim enquanto os outros, os de Cavalaria, avançávam prudentemente. Para acabar com o indeciso da situação mandei os meus levantárem-se para de lá nos verem e notar o que fariam. De facto, apenas acima do mato apareceram as cabeças dos meus, eles largáram a fugir montáram a cavalo e partiram a galope.

«Fiquei a pensar no que seria aquilo e resolvi ir-me embora quando veiu uma or

denança, da parte do capitão, dizendo-me q. fosse ter com ele. A subida foi dificilima; a encosta era escarpada e tivémos que subir a pés e mãos.

«O tiroteio, em cima, continuava; quando lá cheguei o capitão mandou-me vigiar a estrada, na direita; mas, que sorte a minha! ao esconder os homens para lhes dar um pouco de descanço, vejo avançar uma patrulha inimiga a uns 200 metros! Fiz sinal ao capitão e esperava que a patrulha chegasse perto para a aprisionar; mas ela desconfiou de qualquer coisa e fugiu.

«Nisto, o capitão com o resto da companhia que continuava sempre a manter o fôgo, começou a retirar e eu retirei com eles até ao alto onde esteve o nosso bivaque.

«E cheguei a um momento comico das manobras: retirávamos em más circunstancias, para resistir numa pessima posição; mas depois de tudo disposto e depois de eu ter ocupado a estrada na melhor situação compatível com o terreno, sinto o galope dum cavalo.

«Era o ajudante do general: que parássemos com o fogo! que teria de haver meia hora de espera!...

«O cavalo deitava um vapor enorme da transpiração consequencia de quatro quilometros de galope. Eu, intrigado, atrevi-me a perguntar o que teria havido. O oficial, com cara de comprometido, explicou:

«— E' que Infantaria 24 ainda não tomára o café...

«... E nisto se resume todo o espectaculoso espavento do sr. Pimentel Pinto!...»

«6 de Novembro.

«Deixando sem mais comentarios a historia cómica e pitoresca do café do regim.to de Infantaria 24, siga-se a historia do meu pequeno posto.

«Estivémos, talvez, meia-hora em descanço. Tomámos depois novas posições mais á rectaguarda e melhores. Eu fiquei numa dóbra de terreno coberto de pinheiros em frente da qual havia funda depressão. A' minha direita estava o prim.º pelotão da minha companhia comandado pelo aspirante Tavares e mais sobre a frente estava o 1.º sargento com uma secção, em serviço de vigilancia. A' minha esquerda tinha a companhia do Homem Cristo, tambem em pequenos postos.

«Esperou-se, pois, que o inimigo aparecesse. E enquanto este não vinha, comecei a avaliar a minha situação que, á primeira vista, não parecia boa.

«Calculei por onde o inimigo deveria aparecer; olhei para a linha de retirada que era um vale fundo e estreito sem arvores lá nos baixos e coberto de pinhais nas duas encostas e ainda por cima bastante comprido. Pareceu-me, pois, que se o inimigo aparecesse pela direita (que seria o mais provavel) enquanto atacasse o posto desse lado eu não teria tempo de alcançar o alto do vale para retirar. Alem disso se quizesse dirigir-me para o vale teria que passar a descoberto.

«Isto começou a preocupar-me. Vou ficar preso, com certeza, pensava eu. Se eles aparecem, o Homem Cristo retira e eu fico sósinho no pinhal com a retirada cortada. E continuando a pensar resolvi sair da atrapalhação em que me via. E sem hesitar, fui passando os homens, a um e um, por detraz da dobra do terreno e correndo agachados, para uma pequena trincheira natural que havia perto do começo do declive por onde teria e devia retirar.

«O major, esse, não aparecia. Quando se ouvia o primeiro tiro era certo e sabido que o major desaparecia sempre...

«Cautelosamente, pois, com todos os artifícios possíveis, comecei a mudar os homens e depois de os ter escondidos, passei a observar o que havia na frente.

«Muito ao longe, notei Cavalaria, num grande parro; e mais perto, com o binoculo, pareceu-me ver mexerem-se no escuro dos pinhais uns vultos em certa quantidade. Estive assim, uma meia-hora, de binoculo em punho, observando com cuidado, até que ouvi uma descarga... Olha: a reacção do 1º parapeito fizera fogo; depois, segunda descarga, terceira, quarta e quinta!

«Houve certa comoção. O que se teria passado? A seguir, estrondoso, pôs um tiro de Artelharia a uns 200 ou 300 metros na nª frente. Os homens do 1º parapeito deitaram a correr, vertiginosamente, por uma lomba bem definida, para o lado onde estava o capitão.

«Então vi um explendido espectaculo, como que de magica: na frente, em todas as eminências, apareceram soldados, fazendo

sobre nós um fogo vivissimo; da esquerda e da direita tambem e eu, como não queria mostrar a minha secção, não respondi.

«O Homem Cristo, porem, respondeu e o meu capitão tambem e desenvolveu o pelotão; estes movimentos fizeram supor ao inimigo que, do nosso lado, havia muito mais gente o que o fez desenvolver mais forças e a atacar com mais vigôr.

«Houve tiroteio bem sustentado; mas de repente as forças inimigas avançaram com energia, como quem queria envolver a nossa esquerda. Corri então grande perigo; olhei para o lado do Homem Cristo e não vi ninguem; olhei para a direita e vi que o capitão Freitas, como não podia sustentar-se começou a retirar pela encosta oposta á do vale em que eu estava. Notei então que ficára isolado e que ficaria perdido se não fugisse; o inimigo dera pela m.ª secção e avançáva. Não havia tempo a perder: a descida seria quase a prumo para chegar ao vale mas não havia outro qualquer remedio...

«— Rapazes! toca a safar! antes uma perna quebrada do que ficarmos prisioneiros! Vamos a isto!...

«E foi o exemplo: lancei-me pela encosta escorregadia ainda com o orvalho forte da madrugada. Os homens seguiram-me todos, a rir, a achar graça á aventura...

«Nisto, outro estrondo formidavel por sobre a nossa cabeça: segundo tiro de Artilharia que fez rogar algumas pragas aos soldados mesmo durante a corrida vertiginosa. O tiroteio continuava sempre intenso e eu, de vez em quando olhava para cima, a ver se elas apareciam...

«Ao chegar ao fundo do valeiro esperei que se reunissem todos e mandei-os á frente, sempre a correr, com a possivel velocidade, pelo caminho estreito do vale que se chamava o Vale da Cal; mas encostas ninguem mas eu estava sempre á espera de ver aparecerem os Caçadores, lá no alto, a fazerem-me fogo graze á queima-roupa.

«— Vá rapazes! Corram, que não ha tempo para vapores!...

«E realmente corriamos. Seria mais de um quilometro de corrida vertiginosa; todos iamos de boca aberta, ofegantes, com desejos de agua. Quando chegou á extremidade do valeiro e me encontrei com um outro, mas mais am-

plo, consegui respirar. Parei á espéra dos homens que correram menos e vi, em frente, a grande encosta da serra do Buçaco, coberta de gente, e no alto dum atalho que começava no sitio onde estava, o moinho do Milijoso que era o nosso objectivo.

«A uns 50 metros, havia umas casinholas da povoação do Milijoso; e por sobre as casas, abrigada, vi a 3ª companhia do meu batalhão, em linha, em posição propria para nos defender a retirada. Era a reserva do sector. Descancei então! Reuni os homens e enquanto os tiros se ouviam de todos os lados fui, a coberto, para a povoação juntar-me á reserva. Umas mulheres levaram-nos agua: foi uma consolação!

«Depois disto reuni os homens, atraz da 3ª companhia e observei e observei o que se passava: o meu capitão retirava ainda batendo-se tiro a tiro até que o inimigo perante a reserva bem colocada parou o tiroteio; e o Homem Cristo retirava, pela esquerda em boa ordem.

«Foi curiosa a chegada destes, moidos, cançados, e sujos de poeira. Apenas chegou o meu capitão Freitas perguntou: "o que é

feito do meu alferes?" e quando me viu disse logo: "estava convencido de que você ficára prisioneiro!" Depois chegou o aspirante Tavares e o 1º sargento e ambos perguntaram: "que é do nosso alferes?" E até o Sr. meu Cristo, com o seu vozeirão, berrou lógo, a distancia: "então o Pimenta já chegou? q. diabo lhe aconteceu?"

«Vê-se, pois, o perigo em que andei.

«Reunido o batalhão subimos a encosta do Milijoso para reunirmos á Brigada; a subida foi penosa e lá em cima, voltámos a estender para fazer frente a novo movim.to envolvente pela esquerda.

«O efeito era surpreendente. A serra estava coberta de gente e de fumo. Só visto. O Pimentel Pinto é, de facto, um grande festeiro.

«Mas as manobras estavam acabadas; o exercicio estava no fim. Ainda fui com uns seis homem fazer uma exploração para os lados da linha ferrea porque se receava qualquer ataque de Cavalaria. Mas nada vi de estranho e assim se acabaram as manobras.

«Seria 1 hora da tarde, tocou a alto. O batalhão uniu-se e marchou para a estrada á procura do regimento. Havia imensa gen-

te, muita poeira e calor. Coisa incrivel! e quando entrámos na fórmia, com todo o regimento, seguimos para as portas da Rainha e entrámos na mata. Por toda a parte havia tropa, de todas as armas, equipagens, ambulancias, um inferno! Dentro da mata havia mercearias, jantares, pândegas. Uma festança continuada.

«E o regimento seguiu sempre, na melhor ordem; quando passou pelo paço real houve ovação que eu não ouvi porque vinha na cauda da coluna. Muitas damas pelas janelas, oficiais a cavalo, carros, automoveis, cavaleiros janotas... um arraial.

«Seriam duas horas e meia da tarde entrámos no bivaque onde estivémos no primeiro dia; distribuiu-se o rancho aos soldados e nós, oficiais, tratámos de jantar logo, durante as manobras, só jantáramos... Isto é: só tinhamos uma refeição.

«Depois... ainda fomos ao Luso, de tipóia, a convite dum amigo do capitão que apareceu com o seu carro — e ainda bebêmos uma taça de champagne oferecida pelo mesmo individuo que se entusiasmou com as manobras.

«Voltámos bréve, pouco mais das dez horas da noite; entramos no bivaque sem novidade; tudo dormia. E como quem cumprira com o seu dever, tambem dormimos bem e sossegados.»

«14 de Novembro.

«No dia 7 de Setembro tocou á alvorada mais tarde; a manhã humida mas excelente e logo de todos os lados se fizeram ouvir toques de corneta e de clarim. O acampamento animáva-se; os homens começáram segundo o costume a acender fogueiras com a palha das camas o que dava aspecto fantastico no meio do escuro dos pinhais.

«Depois, o dia aclarou; ao longe divisava-se a planicie por entre os troncos e o nevoeiro descia sensivelmente deixando ver a nú o escalvado da serra.

«Tomou-se o café e daí a pouco sentimos uma musica e pelo caminho que nos separava do regimento de Infant.ª n.º 24, passou o batalhão de Caçadores n.º 6 que descia para a Pampilhosa tomar o comboio para Santarem; depois, na estrada, passou Infantaria n.º 7 e lá disse adeus ao Manuel de

Almeida sempre encolhido e acanhado, como era o seu feitio.

«Os outros regimentos passáram todos. O nosso só partia á 1 h. da tarde e o capitão teve logo o cuidado de mandar vir almoço de Luso, fresco, para despedida... E assim foi. Veiu um explendido almoço que se comeu enquanto na estrada e mais ao longe passava a Cavalaria, a Arte Maria e a Engenharia. Foi despedida alegre.

«Por fim chegou-nos a vez. Formámos e lá fomos pela estrada cheia de sol e poeira para a estação de Luso onde nos esperava um longo comboio vazio. Senti então certa pêna de ter acabado a festa...

«Sentado no muro de suporte da estrada que deita para o vale da Varzea, perto da estação, desejei intimamente que as manobras durassem ainda mais uns quatro dias ou até oito, que ficaria satisfeito e contente. Mas não: seriam duas horas e meia o comboio partiu, linha fóra, entre pinheirais — até que ás 3 horas e qualquer coisa, em Coimbra, ao entrarmos na estação ouvimos, de todos os lados, palmas, vivas e foguetes. Era a recepção entusiastica que a terra preparava ao seu

regimento, sem se lembrar que, ha um ano, o tinha apedrejado na altura duns tumultos.

«Enfim...

«Pelas ruas era multidão compacta que a custo se continha; nós iamos aos encontrões e ouviam-se vivas, lançávam-se foguetes e batiam-se palmas...

«Era uma apoteóse!...

«Mas, meia-hora depois, quando em minha casa estava mergulhado num banho reparadôr, pensei para comigo que, afinal, não ha nada como a comodidade, o sossêgo, e um pouco de higiéne. E depois, enquanto jantava, vi que não ha nada como jantar bem em casa, pacatamente, longe dos jantares de campanha que muitos chamáram pic-niques divertidos...

«E assim acabaram as manobras do Buçaco.»

Talvêz fosse longa a transcrição destas impressões bem humoradas do momento. Porem, ao reuni-las ha pouco para organizar estes Memorias, tive pena de as inutilisar.

São um tanto ou quanto pretenciosas, é certo; isto é, cheiram a preocupações de

boa prosa que, na verdade, eu tinha nesse tempo. Mas, apesar de tudo, como se vê facilmente, andava ainda muito atrazado.

«Vocabulario pobre, estilo frouxo, andava ainda á procura da fórma — que aliás nunca alcancei.

Têm, porem, as notas, um valor especial: o de serem documento que posso dizer authentico do que eram manobras no tempo feliz do ministro Pimentel Pinto. Como tal as notas merecearam arquivadas.

Coimbra:
8 de Abril – 15 de Maio
de 1957.

III

« . . . . . Olha por quantos
Caminhos não andámos ! . . . . . »

Antero de Quental: *Solemnia verba*,
pag. 119, dos *Sonetos*, ed. de 1890.

E assim se passou o primeiro ano do meu serviço regimental em que as minhas noites e as diligencias contrariaram a pensadoria da vida interna do quartel.

Mas esse ano passado o que é que me trouxe de interesse ou de prazer?

De mês em quando, o capitão Domingos de Freitas aproveitava-me as tendencias literarias para certos relatorios ou exposições. Ele escrevia correntemente, mas era cábula e encarregava o alferes desse trabalho. Guardei dessas missões um relatorio sobre a instrução aos recrutas analfabetos pelo metodo de João de Deus que foi todo feito por mim e

fica copiado noutro lugar.[1] Os proprios problemas tacticos que nos davam para resolver, os relatórios de sindicancias e outros pequenos nadas da rotina do quartel, tinham sempre certa forma literaria correcta, eram feitos com o melhor metodo e primávam pela boa aparencia da letra e do arranjo a que poderei chamar tipografico[2] — o que denunciava, aparte o temperamento ordenado que herdei do Pai, a remota lembrança de menino nado e creado em casa de tipografia.

Escrevia, então, por desfastio e a tôrto e a direito, ou em cartas ou em notas soltas para depois reunir em volume, um ou outro comentario ligeiro a sucessos da epoca ou a casos que comigo se davam e que não transmiti á imprensa como fiz com outros que depois juntei em um volume de recortes, hoje brochado e guardado entre os meus trabalhos publicados.

Assim, por exemplo, deixarei uma ou outra amostra para dar ideia, embora vaga,

---

(1) No vol.e mus. A minha vida militar. Documentos, pag. . . .

(2) No mesmo volume . . .

do meu estado de espírito sempre pronto para vaguear pelos mundos da fantasia e... das bagatelas.

Em ocasião de prisão em casa, por doença, deixei este bocado de prosa que, naturalmente, quereria ter ironia leve e graciosa á maneira de João Chagas cujas cronicas eu então muito apreciava:

« Coimbra: 3 de Maio de 1906.

« Uma coisa curiosa, sem duvida, q. se tem dado em mim, com esta reclusão forçada, tem sido o gosto de... ler O Seculo! Sim, de ler o suculento, o substancioso Seculo...

« Eu raramente leio jornais. Absolutamente nada me preocupa o que vai por esse mundo: catastrofes, guerras, suicidios, politica, religião, ciencia. Tudo para mim é indiferente e bem indiferente e não lhe dou o valor do trabalho da leitura.

« Contudo, esta reclusão em casa tem-me feito ler O Seculo, á noite, quando me deito, mas regulamentarmente, sem faltar nada, desde os anuncios até ao inevitavel artigo de fundo.

«Esta incrivel mudança no meu ser, tão fóra de todo o proposito, que me tem levado á leitura atenta e severa dessa vastidão de materia impressa (como diria Eça de Queiroz) é, na verdade, bem inexplicavel!

«Como se muda assim um caracter, um feitio, um modo de ser? A explicação de tal coisa, absurda em principio, não a sei e ainda bem que a não sei! A verdade, a crua e inexplicavel verdade é que, serenamente, tranquilamente deitado na cama, eu começo a ler á luz triste da véla, essa coisa pavorosamente estupida que se chama O Seculo; o arbigo de fundo, as informações, quem conferenciou com os ministros, os diz-se, os consta, o congresso de medicina, os telegramas pitorescos da Provincia, as eleições — enfim, essa tal ~~[illegible]~~ vastidão de materia impressa que termina pelos anuncios; desde o anuncio de creada de servir ao ignobil reclamo das pilulas Pinck.

«E não é só o facto da leitura, na aparencia natural, que eu estranho. Não. É que ler, ao deitar da cama, O Seculo é entrar definitivamente numa carreira de ordem, numa existencia regularmente conservadora e sé-

ria ; não ha nada que mais defina um caracter que a leitura consciente do jornal...

«Ainda ha pouco, o meu amigo Artur Heintze Ribeiro Nunes me escreveu do fundo do seu lar feliz, á beira do doce e pitoresco Almonda, em Torres Novas, e me dizia que, até que enfim eu deixava a vida do boémio que tenho sido, que ia entrar na doce vida do casamento...

«Eu ri-me! Boémio... eu! Talvez que os meus 26 annos de solteiro lhe deem o direito de me chamar boémio, como uma creatura que se não preoccupa com a prisão matrimonial. Sim, talvez.

«Mas eis que surge inopinadamente agora essa prova irrefutavel do abandono dessa <u>boémia</u> livre e despreoccupada: a leitura d'<u>O Seculo</u>, ao deitar!

«Sim, ele chamou-me boémio porque sempre [redacted] conheceu o meu feitio de indifferente pelas vaidades do mundo ou pelas ideias em voga; mas agora surge essa leitura do jornal como a prova mais concludente de que essa indifferença desapparece, de que essa abstracção foge e de que todo o meu ser, compenetrado dos graves deveres da ordem e da

paz, vai entrar serenamente, docemente, no doce caminho duma felicidade inenarravel...

«O Seculo principio augusto da paz, simbolo grave e austero da ordem, lido ao deitar da cama, tem sido para mim aquilo que os Liberais de 34, num dos seus momentos criticos, chamaram a reviravolta...

«... E aqui está como, sem fazer mal a ninguem, consegui entreter coisa de quarto de hora, á custa d'O Seculo — um simples papel impresso que custa dez reis...»

De outra vez, no dia da inauguração duma estrada que ficou ligando a povoação do Chelo á estrada de Coimbra a Penacova no lugar da Robordosa, eu entrei, pela primeira vez, em um automovel. Fui lá a convite do Domingos de Freitas, por cuja influencia se fez a estrada; e ia com o bom Bernardo Pedro então estudante, nessa altura meu companheiro assiduo.

A nota que tomei só tem o valor de celebrar a minha iniciação automobilistica, nos bons tempos dos automoveis abertos, muito compridos, pesados e barulhentos. Não tem

pretensões a prosa literaria nem intenções de humorismo. E' apenas a fixação dum sucesso novo na m.ª vida:

«Coimbra: 17 de Setembro de 1906.

«Agora, 4 horas da tarde, estou a escrever debaixo da sensação das quatro leguas e meia de estrada percorridas em pouco mais de meia hora em automovel, um explendido automovel da Direcção das Obras Publicas.

«Fomos, eu e o Bernardo Pedro, de manhã, para o Chelo, onde o Domingos de Freitas preparára um almoço em casa dum amigo. Esperámos pelo Director das Obras Publicas, o engenh.º Teofilo da Costa Gois que ia ver o trabalho dos empreiteiros; seguiu-se um almoço á moda antiga, lauto, enorme, que só acabou pelas 2 horas.

«Depois descêmos á estrada, entrámos no automovel por convite do Costa Gois e fomos ver a nova ponte que liga Penacova com a margem esquerda do rio e seriam 3 horas e um quarto o chauffeur começou, com mão firme a guiar o carro pela sinuosa estrada e, em pouco mais de meia-hora, estávamos em Coimbra.

«Velocidade admiravel que deixa na cara a sensação duma grande ventania.

«O chauffeur, por ordem do Director vem trazer-me a casa e agora aqui estou, com o rosto um pouco afogueado pelo vento e contente com o passeio, a escrever rapidas impressões da novidade.

«Ha muitos anos que não andava por aqueles sitios; tive a sensação de quase ver de novo locais cuja recordação era muito longinqua se bem que agradavel.

«Tudo ajudou a tornar o passeio cheio de interesse e que não esquecerá facilmente.»

Ainda outra amostra, deixada em carta para m.ª Mulher, a proposito do dia anniversario dos reis que calhava a 28 de Setembro. Esta quer ter graça, tambem no genero de certas paginas de Ramalho Ortigão ou do João Chagas: ironia léve, sem ofender...

Aí vai. E quem um dia me ler, não leve a mal.

«Coimbra: 28 de Setemb.º de 1906.

«Ha um ano estava eu em Mafra, no dia de hoje. De madrugada, a Fanfarra

acordou-me suavemente com a alvorada alegre, a saber a toques de quartel e a canto de avesinhas [1]; mais tarde, os carrilhões lançaram para o espaço o hino nacional, triunfalmente, de meia e meia hora; e a guarnição militar deitava aos ombros as granadeiras da ordenança e punha no bonnet o penacho vermelho de grande gala.

«Sinais dum dia festivo imposto pelo calendario...

«O calendario, quer seja o mais modesto calendario de algibeira quer seja o do mais luxuoso almanaque da diplomacia, é para estes casos o supra-sumo do saber... Um simples Borda d'Agua evita uma formatura em matematica ou em teologia...

«Depois, nesses dias privilegiados pelo alto saber do almanaque, as personagens importantes que têem qualquer especie de interferencia no regosijo imposto pelo mesmo tirânico e autoritario almanaque, começam desde manhã, na impaciencia imposta por qualquer coisa de extraordinario ou, pelo menos,

---

(1) Esta fanfarra, era uma filarmonica que se enfeitulava «Real Fanfarra Mafrense.»

fóra do normal. E quando chega a hora impos-
tá pela pragmática, elas lá vão, essas personá-
gens todas, em belos trens, com a irrepreensível
casaca preta, com as fardas douradas de certos
corpos, com as fardas espaventosas do exercito
de mar e terra, com as fardas pomposas dos
embaixadores estrangeiros, num anté-gosto
inamarravel da curvatura fina, distinta, exage-
rada até, porque aquelas que, pelo simples fac-
tó de fazerem anos — realidade triste! — vão
de ver passar porque si, derêdas sobre derê-
das de troncos curvados, de cabeças brancas
caídas respeitosamente, de peitos fortes cober-
tos de medalhas heroicas dobrados submissa-
mente.

«A pragmática, que é como quem diz
o calendario, manda que se façam as curva-
turas; a pragmática manda que elas se re-
colham amavelmente...

«Oh! a pragmática!...»

Bagatélas como se vê, que não fazem
mal a ninguem, que me davam prazer em
escrever e que, como acontece com o José
de Barros quando tentam o seu Clarimundo,
me iam afogando a pena.

Em outros volumes manuscritos deixo varias lembranças desse periodo passado para relêr na vida do regimento — volumes que ficarão juntos a estas memorias para o que dér e vier.

Mas aqui poderão ficar umas paginas saudosas escritas pouco depois da morte do maj or Fernando Maia que fôra meu professôr na Escola do Exercito.

A esta morte prematura, pois tinha 51 anos de idade apenas, impressionou-me. Este major Maia era um professôr correcto, leal e sabedôr. A sua aparencia rigida ocultava um coração e eu notava-lhe a boa prosa dos seus compendios, a maneira atraente das suas exposições.[1]

Com o tempo e a minha experiencia do exercito é que fui avaliando estas qualidades que lhe vinham de (antes de professôr na Escola e tratadista de Tactica) ser jornalista no Porto de onde era natural, conviver com a melhor roda literaria do tempo e, possivelmente, receber influencia do pai que foi ho-

---

(1) Falei dele no 1º volume destas memorias a pag.ª 333 e 346.

mem de letras e professôr de Literatura, o conhecido Delfim Maria de Oliveira Maia por cujo compendio estudei no meu ano do Liceu.

No exercito ha muito a basófia de que a Escola do Exercito é suficiente treino de cultura; mas a verdade é que só se distinguem aqueles que cá fóra teem convivencia diferente e variada.

Ora as paginas que escrevi, em Janeiro de 1905, provocadas pela morte do professor que fiquei considerando por muitos motivos, podem ficar aqui copiadas porque foram, na verdade, sentidas. Com lixeiras variantes e uma ou outra omissão publiquei-as em 1950 na revista O Tripeiro (vol. VI, pag. 28-29) pois o major Maia era portuense.

Apesar de atraz ter escrito que não copiaria estas velhas paginas, decido-me, afinal, a deixa-las aqui. Tambem são pedaços de memorias.

« O major Fernando Maia.

« Morreu no dia 13 de Dezembro do ano que acabou, o major de Cavalaria Fernando da Costa Maia, lente da Escola do Exercito.

«Lastimei sinceram.te a sua perda. Fôra meu professôr e, como tal, devo-lhe o ter me deixado passar em dois exames sendo eu um dos cabulas maiores do meu curso.

«O major Maia não era das individualidades mais simpaticas nem dos professores mais queridos. O seu aspecto não era, de facto, dos mais agradaveis: alto, forte, boa figura de militar, tinha contudo uma aparencia rude, sêca, de onde lhe provinha o tratamento de prussiano com que nós o mimoseávamos. Andava sempre com belo aprumo, cabeça alta, marcialmente; e a dureza da sua expressão fazia com que o considerassemos mal e lhe aferissemos as qualidades morais pelo rigor militar do seu uniforme, pelo cabelo cortado bem rente ou pela fórma como cumpria e fazia cumprir os deveres da sua posição. Isto é, nos julgávamos a sua alma, o seu coração, a sua inteligencia, tão cortados á escovinha como o seu cabelo, tão abotoados como a sua farda ou tão bem engraxados como a sua irrepreensivel bota alta.

«Quando qualquer de nós o via ao longe, fugia para qualquer porta porque a consciencia acusáva-nos imediatamente de não

trazermos furadinhas nas calças, de nos faltarem botões no dolaman, ou de o colarinho sair dois dedos acima da gola... E a consciencia é ainda uma grande coisa.

«Mas o meio é mau; e nem nós sabemos bem o que vale um professor — como professor e como homem — enquanto somos discipulos. O estudante, em geral, acha mau o professor e quando o estudante é cábula, como eu fui, acha-o sempre um tratante! E eu confesso: todos os meus professores foram uns refinadissimos marotos...

«Depois, quando nos encontramos fora das escolas, quando vemos friamente o passado, avaliâmos com mais lucidez o que foi o nosso curso; por isso, quando li a noticia da morte do major Maia eu — que apesar de rido sempre gostei dele — lastimei sinceramente o seu desaparecimento porque, confesso, achava o major um bom professor e sempre o vira como excelente homem e excelente militar.

«Era, dizem o que disseram, um homem inteligente; os seus livros, que não são obras-primas, são positivamente obras de trabalho grande, de erudição e proficiencia militar. Os seus livros lêem-se com agrado;

os assuntos são tratados com lucidez e precisão; e se a opinião de todos não é esta é porque alguns dos livros são e teem sido, infelizmente, adoptados nas aulas: para aqueles que tiverem que estudar por eles, bem sabemos nós todos que são uns livros mal feitos...

«A' entrada para a aula, sempre perfilado, esperava que entrasse o ultimo aluno para mandar sentar e para se sentar. Dava uma vista de olhos pelas bancadas do anfiteatro e folheando uma pauta especial, chamava um á lição com a sua voz rouca, proveniente de antiga doença de garganta.

«Esse um descia, sentava-se na estremidade da mêsa, do lado direito dele e sentia colicas; e a lição começáva e acabava sem que ele olhasse uma só vez para o aluno; olhava sempre em frente ou para a pauta, fazendo voltear entre os dedos da mão direita um lapis, um terrivel lapis.

«Foi assim que eu, um dia, logo no principio, quando me preparáva para continuar a leitura de qualquer noticia d'O Seculo, ouvi a sua vóz rouca chamar pelo meu numero:

«— O senhor nº. 83!

«Eu ia caindo!... Tinha, no quarto, aberto

as folhas do compendio correspondentes á lição e apenas reparára no começo do capitulo (porque a lição começára no capitulo não sei quantos) numa frase que era, se bem me recordo: "A marcha, diz Lewal, é o soldado moral da guerra..."

«Com esta bagagem não sei como poderia fazer a viagem até á ilha, quanto mais até dar uma lição! Mas lá fui...

«Ele olhou logo para mim, como fazia ao principio, para nos conhecer; eu penteei-me, abri o livro na altura devida e depois de ter lançado um olhar de despedida ao curso, olhei para o professor. Este continuava com o lápis entre os dedos a perguntar-me onde começava a lição.

«Isso, oh Providencia! ainda eu sabia... Ganhei coragem, e arranjei a melhor maneira deste mundo, o melhor modo, a voz mais suave que pude arranjar, o olhar mais terno que tinha e comecei com resolução e ânimo:

«— Saberá Vossa Excelencia...

«E disse-lhe onde começava a lição. Oh Santo Deus dos cristãos! ao menos sabia onde ela começára.

«Em seguida, ouvi perguntar-me novamente o que era «marcha.»

«— Segundo a opinião do general alemão Lewal... comecei eu, bem triste porque aqui terminava toda a minha ciencia.

«Mas ele enrugou a testa, franziu o sobrolho... Eu disse de mim para mim que estava perdido... Vi-o bater secamente com o lapis no tinteiro antigo e disse-me um pouco asperamente:

«— Não é alemão, é francês!

«Aquele terrivel W tinha-me enganado!... E o engano não lhe agradou, de certo; mas eu recomecei sem pestanejar, com animo, com resolução:

«— Segundo a opinião do general francês Lewal, a marcha é o estado normal da guerra...

«E por aí fóra, o que o livro dizia.

«Foi assim que dei a primeira lição ao major Maia. Ele, sempre direito, sem tirar os olhos ou das bancadas da frente ou da mêza, não viu que a lição que lhe dei foi toda lida pelo livro, aberto em frente, no que felizmente era pratico. E é deste dia que dáta a minha gratidão para com ele.

«Deu-me 11 valores que era, na sua cadeira, uma nota excelente; mas a verdade é que me ficou sempre a roer na consciencia o tê-lo enganado, o tê-lo burlado, sendo ele de mais a mais tão leal para os discipulos que não olhava para eles no receio de os atrapalhar, de não ficárem á vontade sob as suas vistas. Fiquei-lhe sempre grato desde então e debaixo do aspecto severo e rigido do militar rigoroso eu comecei a ver-lhe certas qualidades de homem bom, de homem sério e justo que o estremava, aos meus olhos, da maior parte dos seus colegas — quase todos fraudulagem exquisita que se vergava facilmente aos empenhos.

«O seu aprumo constante mostrava bem a rectidão da sua consciencia. As suas decisões eram, para mim, das mais serias, das mais rectas.

«Um dia, num exame escrito para a cadeira dele tive 3 valores!... Mas foram demais, até... Pois se eu respondi ao ponto que era: «Combate do batalhão enquadrado» arranjando um quadrado inexpugnavel com uma companhia em cada face e o comand.te do batalhão, de dentro, a dar a voz de "fogo!"

«Foi uma, realmente!

«Depois vim a saber que os 3 valores foram dados pela forma literaria com que descrevi a minha descoberta tactica e por uma evocação sentimental ao primeiro quadrado do condestavel Num'alvares.(1)

«Outro qualquer ter-me-ia dado, talvez, um zero.

«Sabia avaliar. Nunca nos estendia a mão ao contrario de quase todos os outros professores. Chamávam-lhe, por isso, malcreado, os cadetes; mas a meu ver era sómente uma questão de interpretação dos regulamentos da profissão que tinha. No seu modo de ver as coisas, não sabia estremar o filho de um ajudante do rei, do filho dum operario desde que, vestindo uma farda, fossem igualmente praças de pret embora o galão de cadete nos ficasse ter farroncas de senhoria. Para ele, eramos todos iguais.

«Um dia, á entrada da aula, apontou um aluno ao oficial de serviço por ir inconvenientemente uniformisado. O major Maia não tinha visto quem era o aluno; só depois viu que

era o filho de um seu antigo condiscipulo e intimo amigo, tambem oficial superior de Cavalaria. Lastimou, teve muita pena, foi no dia seguinte ter com o seu amigo, mas um castigo lá veiu á ordem escolar e o meu condiscipulo esteve dois dias engaiolado.(1)

« Por isto tudo, não se gostava dele; a frieza e o ar seco que tinha eram antipaticos a todos. Quando um grupo de cadetes o via ao longe, dizia-se logo, com ar de terror, como se estivesse eminente uma pavorosa bomba de dinamite:

« — Lá vem o Maia!

« Sempre serio, imperturbavel, não me lembro de o ter visto rir a não ser com uma garotice engraçada dum condiscipulo.(2)

« Perguntava-lhe o major o que entendia por "Cavalaria independente." O aluno, mais cabula do que eu e sem o recurso do livro em frente, não sabia o que responder.

« — Temos que... Temos que... E torcia os dedos dolorosamente.

---

(2) Era o João Maria Duarte Bemfeito, de Santarem. Alegre e bom rapaz.

«— Vamos, então!...

«— Sim... temos que... — e sugerindo-lhe a unica saída, a piada, concluiu — sim, a cavalaria independente é... a cavalaria da Guarda Municipal!...

«Pela unica vêz deante de mim, o major Maia perdeu a linha severa e firme de prussiano: riu-se com vontade.

«No acto final, aceitou-me benevolam.te quantas invenções tacticas eu quiz arranjar e aprovou-me. Dizia-me que sim a tudo mexendo e remexendo o terrivel lapis.

«Depois, só o tornei a ver nas manobras do Buçaco, ha uns meses, no dia da missa campal. Da canda do meu regimento vi-o passar, longe, a cavalo, hirto, com belo aprumo, sempre com a cabeça levantada, sempre com o mesmo ar com que ha anos o via perfilado á porta da aula em anfiteatro da Escola do Exercito

«Quando li a noticia da morte dele, senti que tinha mais pesar do que julgaria ter perante o triste acontecimento.

«E' que eu fiquei-lhe sempre grato; e fiquei-lhe reconhecendo as altas qualidades e que, por debaixo da couraça marcial com que

se revestia, eu senti que havia excelente coração e uma justiça que não era corrente.

«Coimbra: 21 de Janeiro de 1905.»

Estas paginas lembro-me de que foram sentidas. Hoje, ao fim de mais de meio seculo, não as nego e até as acho interessantes. A prosa é ainda a mesma, um tanto ou quanto indecisa, com pretenções. Mas, enfim, era prosa sincera — e como tal aí fica.

Foi tambem nesse mesmo periodo passado sem relevo que eu tentei dois novos romances realistas não contente com o desastre do outro começado na Escola do Exercito a que me referi no seu lugar.

Um deles foi despertado pelas minhas diligencias a Arganil, terra de que fiquei gostando bastante e onde contraí boas relações; o outro, no mesmo genero, foi provocado e tentado durante uns quinze dias que passei em Setembro de 1905 em Miranda do Corvo, ás soltas e em boa [redacted] convivencia com todas as familias da terra.

Não me recordo se cheguei a fazer qualquer plano para esses romances que se-

riam um mixto de realistas e de Julio Diniz, mas com pintura tanto quanto possivel exacta dos costumes locais, embora não mencionasse os nomes das terras.

Hoje penso como é que não via, nessa altura, o atrevimento que tal tarefa representava. Mas eu não conhecia limites para tais vôos e começava a obra que, passados os primeiros entusiasmos, esmorecia facilmente.

Como as tentativas teem poucas linhas, felizmente, podem ficar aqui copiadas como simples curiosidade.

São inofensivas.

«A névoa começára a dessipar-se, a pouco e pouco, por sobre a vila de Argasil. Pelas serras, os farrapos brancos da névoa corriam nas encostas, fugindo ao sol que subia calmo, por detraz da capelinha caiada da Senhora do Montalto e começavam a mostrar o mato escuro que cobre quase completamente as enormes serranias.

«Havia fresco, um fresco de verão, agradavel, áquela hora. Na torre da igreja, sobranceira á estrada e ao casarío da vila, o relogio batia roufenhamente as 6 horas da manhã; o

povo despertava e já havia movimento pelas ruas; as lojas abriam-se, as raparigas começavam a ir á fonte buscar agua e pelas chaminés subia um fumo branco, vermelhado, como que a indicar a primeira refeição do dia.

«Havia grande tranquilidade naquela manhã de verão; o fundo escuro das serras do nascente começava a destacar-se com os pinhais e os carreiros agrestes que subiam pela encosta; e uma neblina ténue, muito transparente, resistia ainda ao sol que começava a aquecer e a dourar os telhados da capela de Senhora.

«A vila, metida no fundo do vale, escondida no meio das encostas, animava-se. O Galvão, farmaceutico, com os olhos grandes do sono, abria a farmacia, preguiçosamente; o padre Adelino passava, madrugador, preso no casáco á moda, com bolsos ao lado, para o seu passeio da manhã.

«— Bons dias, Sm. Galvão!

«— Olá, Snr. P.e Adelino... então que madrugada...

«O P.e Adelino era rapaz novo, rainadio como lá lhe chamávam, sempre alegre e bem humorado.

«— Nada de suspeito, Sm. Galvão; venho ver se chega a força. Gosto de ver a tropa, disse o Padre indolentemente, com esforço, abrindo a bôca. Vamos a ver quem é o comandante...»

E ficou por aqui... Não houve folego para ir mais alem.

Este P.e Adelino éra então rapaz novo; chamava-se Adelino Dias Nogueira e nessa altura capelão no visinho lugar de Celavisa. Hoje está no Seminario de Coimbra, debaixo das vistas do Bispo, por causa das duvidas.

Segue-se a outra tentativa:

«O Bastos, bocejando, com os olhos papudos de sôno, e bigode caído em desalinho, abria a porta da farmacia.

«Rua acima, fazendo um cigarro, vinha o José Camilo, já pronto, com o seu andar sacudido e bréve, de gravata fina até ao cós da calça repuxada pelos suspensorios.

«— Olé! Então isso!...

«— Ver se chega a tropa.

«— Ah sim... sim... Teu Pai pediu ao coisa...

«Indolentemente tirava os taipais, remirando as obras da sua nova casa de tres andares, com pé direito e boas vistas.

«— Afinal, é mais medo que outra coisa. Teu Pai tem o seu medito, hein?... O Padre Ribeiro... esse é que a sabe toda!

«— Estás enganado, homem...

«E embrenháram-se na discussão politica ao passo que outras portas se iam abrindo e começava a passar gente rua abaixo e rua acima. O sapateiro da frente pôz a tripeça na soleira de pedra da porta; e o Móita dos carros, com o ar de antigo cocheiro de cidade, passava, rosnando com a berraria da botica.

«Ao longe, a serra era ainda uma sombra continua com a nevoa da manhã. Aos poucos, se distinguia no vale os olivêdos e os cêrros cobertos de pinhais; uma casa ou outra aparecia e o sol dourava a nevoa alta com um explendor desusado.

«Havia no ar uma humidade tenue, ligeira, fria; o Vallongo aparecia de vagar, com o vulto negro a destacar na nêvoa doirada pela luz do sol; a encosta do vale do Dueça tinha pontos brilhantes das pedras chistosas do aterro; e na linha ferrea havia já um marte-

lar forte, o sussurro dos Wagonetes deslizando na Decauville e vozes soltas dando ardeus. Era uma manhã formosissima de verão, como aquelas que só se vêem no campo onde não chega o cheiro da civilisação infernal. Mas o José' Camilo, alheio ao esplendor da madrugada, saíu escarnado da farmácia e foi rua acima, para o lado da estrada, dizendo ainda para trás:

«— Pois deixa estar, meu Primo! Amanhã é' que se vê!

«Esse amanhã era o dia das eleições dos deputados. Chamara dissolução por causa duma Traficancia com a Companhia dos Tabacos; e na vila ia a grande azáfama dos votos, pedidos para aqui, pedidos para acolá, promessas a um, juramentos a outros na esperança de vencer a grande oposição franquista cujo chefe local, o Prior (dizia-se) tinha na mão o concelho inteiro.

«— Amanhã! amanhã!... concluia ainda o José' Camilo ao voltar a esquina da casa do Batalhão.

«De facto, as eleições iam ser muito reñidas.»

E como o antecedente ficou no princípio — no que nada se perdeu.

Juntou com o original havia uns fragmentos, que não passavam de ligeiros apontamentos relativos a frases do professor primário Luciano Fernandes Falcão que teria no romance papel de certo predomínio. Deixo aqui os fragmentos, já agora, para que o alinhavado fique completo:

«. . . . . .

«— O Antero da Feira... Ah! que sublime!...

«E com um olhar terno, fundo toda a doçura na voz:

«— Sublime! sublime!

«Fez-se silencio; e o Falcão ainda de olho em alvo, acrescentou com uma ligeira tremura na voz:

«— Sublime!... »

. . . . . .

«— A canção do balancé... Sim, é uma coisa estupida, uma letra sem analogia... »

. . . . . .

«Sentiram-se passos. Através das videiras, vinham o Luciano Falcão e o José

Camilo, tranteando ambos, alegremente, um fadinho.

«— Que rico nabal, Sm. Santos, que rica sementeira de nabos! exclamava o Luciano. Muito estrume, não?»

. . . . . .

Com tudo isto, que afinal era o que hoje se chama evasões, a verdade é que cada vêr me convencia mais do engano de direcção na vida. E vagamente, comecei a pensar em me subtrair á rotina militar em que caira.

Aparte aquelas evasões de ordem literaria, valiam-me tambem as escapadas em diligencias de varias especies que davam azo a conhecer terras, estradas e atalhos e á tentação de escrever literariamente a descrição d'essas passeatas não só para meu prazer como tambem para a curiosid.e dos vindouros...

Foi assim que em 1905, pelas alturas da festa do Espirito-Santo, fui á Aldeia das Dez, com uma força, policiar a conhecida romaria da Senhora das Préces — pitoresca festança numa admiravel serra sobranceira ao Alva, com cenarios imprevistos duma ra-

ra e larga beleza que me não fartei de admirar e reter nos olhos tanto quanto possível.

Um ano depois, ainda tinha fresca na memória a volta da romaria; desse regresso a Oliveira do Hospital deixei impressões muito lipeiras numa carta para minha Mulher, impressões que, já agora, também aqui ficam.

«Coimbra: 6 de Junho de 1806.

«... É de hoje a oito dias faz um ano que eu estava em Oliveira do Hospital, de volta da Aldeia das Dez, dessa pitoresca aldeia pendurada nos alcantis da serra; um ano já como se o tempo fosse coisa que se desperdiçasse!

«Tinha eu da Aldeia; ás 6 horas começára a descer a encosta, a grande encosta do vale do rio Alva por um carrinho aos ziguezagues, por debaixo da sombra de castanheiros enormes; o dia toldou-se e ao chegar á fonte, á linda fonte «das três entradas» uma espécie de nevoeiro começou a cair.

«Atacámos de frente a encosta fronteira por um trilho escarpadio e duma inclinação assustadora; resistimos a tentação de subir de gatas, isto é: quase de rastos. Começou a chover; o carrinho não tinha fim e a serra não

mostrava o cimo; passou uma hora e o caminho começou então a alargar e o declive a tornar-se mais fraco. Já podíamos endireitar as costas, mal acostumados pela ingreme subida.

«Por fim, achamos a estrada, a grande estrada real, a «estrada da Beira», larga, com grandes curvas serenas, seguindo para a alta Beira até á Guarda. Em pouco tempo chegámos á capelinha branca da Senhora das Almas; tomámos um ligeiro fôlego, enquanto a chuva caía, fazendo pingar os dois grandes castanheiros do pequeno terreiro em frente, onde se via ainda os restos dum coreto dalguma romaria. Parece q. foi ontem, ainda!

«Depois começámos a descer por um atalho ladeado por silvas; ora se descia, ora se subia, vendo-se em breve, por decima da ondulação do terreno, as torres da igreja de Oliveira e o encarnado berrante da nova escola primária.

«Passámos então na Aldeia da Nogueira; a chuva aí foi torrencial e a força dispersou, procurando cada um acoitar-se como pôde; meti-me numa porta, em sitio onde a ruasita da aldeia estava coberta por videi-

ras numa enorme extensão; e quando a chuva consentiu lá fomos, encharcados, molhados até aos ossos, subindo uma pequena encosta, torneando uma colina, até que démos com a vila em frente, ao cimo duma calçada.

«Compuz a força; tomámos um ar bélico de quem chega duma campanha; desembainhei a espada e entrei em Oliveira do Hospital escorregando nas pedras e com as calças de linho pegadas á pele por causa da agua que caira.

«Foi assim o meu Santo Antonio, no ano passado. Este ano, daqui a sete dias, será melhor? Será piór?»

Vejo por este bocado de prosa ainda mal lançada de q. me não lembrava já e encontrei entre papelada velha, que o Santo Antonio já entrava surrateiramente e mal humorado, na minha obscura vida.

Não ha duvida que o taumaturgo não simpatisava comigo.

Ora nesse ano de 1805, no mês de Agosto, fui a Soure, com uma força para «auxiliar a manutenção da ordem publica durante a festividade da Rainha Santa Isabel

"que ali se realiza..." Levava 1 sargento, um cabo, um corneteiro e 13 soldados e ia abrilhantar os festejos que se não realizavam já ha alguns anos. Foi coisa rapida, de 14 a 16 do mês.

Houve foram um episodio que aqui vou lembrar por desfastio.

Nas procissões em terras onde não havia guarnição militar, a filarmonica ia sempre logo atraz do palio como, naturalmente, ainda hoje, a seguir ás autoridades locais. Mas em Soure, dava-se a circunstancia de haver força militar para guarda de honra e está não poder levar á sua frente uma banda civil.

Uma hora antes da procissão avisei o prior; este protestou e chamou o administrador do concelho; eu não cedi porque mesmo não podia ceder. Propuz a solução de dividir a força em duas guardas de honra, uma ao andor da Rainha Santa, outra ao palio e eu iria com o administrador no lugar proprio para as autoridades e a banda iria, então, logo atraz como desejávam.

Não aceitaram a solução proposta porque queriam o luxo da força reünida atraz do palio e das autoridades. Depois de discussão q.

mau sempre foi serêna, acalmaram os dois por colocarem a banda á frente do pálio — o que causou engulhos a toda a gente e certa raiva ao padre. Mas assim foi e tudo correu bem.

Um jornalista de Soure, foram, não deixou de lançar o seu remoque; e um correspondencia datada do 20 para qualquer jornal de Coimbra, dizia o seguinte depois de troçar do sermão prepado pelo paroco de Taueiro:

«Ainda as festas do dia 15 deixaram ao ponto em abundancia para largissimos comentarios o que, descance o leitor, não faremos.

«Por exemplo: na procissão presenciou-se o curioso facto da musica do Cercal ir adiante... do palio!

«Não é, pelo menos, original?»

Realmente, para a pacata vila de Soure, o caso devia ser de arromba... O episódio merecia umas papinas de boa prosa irónica que eu não sou capaz, já, de fazer.

Ora foi neste mesmo ano, depois de ter passado por estes locais em parte indiferentes, em parte divertidos, que me resolvi

em fins de Agosto a ir passar uns dias a Miranda do Corvo e matar saudades aures. Trais...

Com o meu irmão, o Francisco Rodrigues, o nº 35 da 1ª do 3º, natural do lugar de Pereira, cuma manhã saímos a caminho do Snr. da Serra, onde a romaria tradicional estava no seu auge.

Almoçei em casa do velho cirurgião Correia, amigo antigo da família; homem inteligente e bom, influente politico, sempre acolhedor que nos dias da romagem mantinha mesa posta para quem viesse.[1]

Depois, pela tarde, larguei pela lomba fora, para Miranda, e vi pela primeira vêz, com certa admiração, ao chegar á extremidade da serra, o admiravel vale, a imponente linha da cordilheira desde a Lousã ao Pico do Trevinhal. Fiquei com esse empolgante cenario nos olhos e hoje, verdadeiramente lastimo não ter já pernas para mais uma vêz ir ver lá de cima, quando a lomba começa a descer, a bacia fertil do Alhêda que sempre tanto me

---

(1) Chamava-se José Maria Correia, mais conhecido pelo "José Maria do Snr. da Serra".

encantar e onde gostei, noutros tempos, ir refrescar nos dias de calma.

Mas, afinal, é isto que se vê... A vida não é o que nós queremos e aqui estão, tristemente, a evocar coisas da mocidade e a lastimar o cansaço físico que me não deixa voltar ao alto da Lomba, para contemplar, mesmo que fosse pela última vez, a maravilha da Natureza que há meio século me encheu para sempre.

Nesses fins de Agosto e começos de Setembro a vida correu-me admiravelmente. Tinha então 25 anos, as preocupações não eram grandes e sentia-me às soltas, fóra da rotina do quartel e do seu meio ambiente. As famílias mirandesas recebiam-me com simpatia; encontrei rapazes como o Cândido Mendes dos Santos, recebedor do Concelho, o José Carrilo Bastô, antigo contemporâneo do Liceu mas já nessa altura funcionário da repartição da Fazenda, que foram excelentes companheiros e ficaram amigos para sempre.

E com uma ou outra escapada á Lousã, em dia de feira grande; a Semide onde o vigario P.e Queiroz nos ofereceu jantar farto;

a Penela e Espinhal em companhia do brasileiro Joaquim Fernandes dos Santos e família; e umas cavalgadas com o Calixto Mendes que, quando estudante, foi soldado de cavalaria em Aveiro — eu passei uns admiráveis quinze dias que me deram certa paú de moral.

Num volume de recordações das minhas andanças, deixei algumas notas relativas a esta boa escapada; não as repetirei.(1) Mas encontrei na papelada que reuni em tempos, para poder socorrer-me quando estas páginas escrevesse, umas notas da passeata ao Espinhal e Penela, escritas no dia seguinte. Devem, por isso, merecer alguma confiança...

Aí vão:

«Miranda do Corvo: 28 de Agosto

«Ontem fui a Penela e ao Espinhal. Era Domingo; gente com fato «de ver a Deus» vinha em cortejo para a missa, solenemente, pela estrada, em todos os carros das aldeias.

---

(1)

Havia um ar alegre nos caminhos e pela estrada fóra, ao trote duma parelha ligeira, vinha a vitoria dum ricaço da terra cuja esposa é uma senhora distinta e amiga do luxo, com cocheiro de libré, a dar tom aristocrata á estrada e ás ruas aldeãs.

«O Santos [1] mandára-me de manhã convidar para o passeio e para almoçar; não houve dizer-lhe que não... Fui para a greta de S. Pedro, perto das 9 horas da manhã, quando os bandos se aproximávam para a missa, admirados com a côr do meu fato de Kaki amarelo. E eram 10 horas, depois do almoço lá fómos no carro do Moita alquilador estrada fóra, com duas filhas e um filho do brasileiro.

«Belo passeio. A estrada, logo que deixa o vale, sobe por entre as serras, em curvas apertadas por entre pinheirais; de quando em quando, no fundo duma quebra da fraldeira, pontos de castanheiros ensombrávam gritantemente o caminho; alguns pontos corriam fios de agua, de pedra em pedra; e á esquerda, a serra do Espinhal le-

---

(1) Joaquim Fernandes dos Santos.

montava-se, coberta de pinheiros e cercada de rochedos fragueiros.

«Passáram-se as povoações de Vila-Nova, Vila-Flor, Sandoeira e outras; e hora e meia depois estavamos no Esfinhal.

«O Esfinhal é uma povoação grande. O ditado diz:

«Três povoações tem Portugal
Fundão, Condeixa e Esfinhal...

«Está num belo sitio: entre serras mas com um grande vale ao poente de onde se vê Penela e onde a cultura e vegetação são grandes; para a serra, fragas sobre fragas e em baixo grandes castanheiros e carvalhas em quebradas ferteis e bonitas. Ao longe a serra de Alvarge, para os lados de Pombal e o monte de Vêz. É a povoação, grande, pitoresca, com casas muito caiadas e limpas, com aspecto algum serrano, em baixo, numa lomba suave, onde o movimento era grande por ser dia de feira: frutas, hortaliças, fazendas, quinquilharias, intrujões com calicidas e antidotos contra as dores de dentes, farinogrados estafados, etc.

«Veiu logo gente da terra agarrar as filhas do Santos. Umas mulheres exclamáram

com ar de fingida admiração e certa intenção maliciosa:

« — Ora, ora! Quem aqui vem!

« — Vivam! vivam! Então que carga de agua...

« E eu, muito gráve, dentro do meu fato de Kaki amarelo, recebia as apresentações:

« — A Senhora D. Fulana... O snr. Fulano...

« — Muito prazer em conhecer Vm.ce...

« Etc. etc. Mas, desconfiadas, as damas olhavam para mim e para a filha mais velha do Santos farejando namôro.

« — Ora, ora!... Sim senhor... Muito bem...

« Eu encontrei logo um rapaz da terra, meu antigo condiscipulo, formado este ano em medicina.(1) Andei com ele, vendo os pontos melhores da vila e tirando fotografias enquanto as damas foram a uma casa qualquer. E assim se passou uma hora, em palestra com o amigo a quem se juntou um padre professôr do Seminario, em ferias, rapaz novo,

---

distinto, sempre galante com senhoras e que eu já conhecia de Coimbra.[1]

«Por fim entrámos de novo no carro e partimos, entre adenses das damas que segredávam maliciosamente coisas á filha mais velha do Santos, pela estrada de Penela, bela estrada entre renques de faias copadas. Desceu-se ao vale, passámos o Dueça quase na origem, e em pouco, ao cimo da ladeira, entrámos na feia vila de Penela, coisa horrorosa, com um castelo ao cimo, negro, talhado a prumo sobre o vale.[2] As vistas são explendidas, amplas; a vila é que é feiíssima.[2]

«Apenas fui a casa do Dr. Vitorino Peres, um antigo amigo de meu Avô e de meu Pai; visita de medico, sómente; e de novo recomeçámos o passeio pela estrada da Boiça, uma estrada declivosa que desce pela encosta, em declive aspero, em voltas apertadas, até ao fundo do vale onde se levanta, no meio de ferteis milharais, um palacio antigo que hoje pertence ao dr. Adolfo Guimarães, grande in-

---

(1) Não me lembro já quem era esse padre tão galante. (Em 1957)

(2) Com o tempo, rectifiquei muito esta má impressão da primeira visita. (Idem).

fluente político progressista em toda esta região, creio que juiz de direito.

«Depois, a estrada sobe de novo pelo meio dum cerrado pinhal, numa encosta ainda mais aspera de inclinação que lembra o Berçaco a qualquer curva em que se passe. A estrada estava má; os cavalos pregaram-se, o carro começou a recuar sobre a ribanceira. Houve um momento de pânico; saltei do carro e fiz saltar as rapariguinhas, assim como salvei a minha maquina fotografica, o binoculo Goërtz que me custou 28:000 reis...

«O Santos chicoteava os cavalos; o coitado que se afadára, puxava-os pelos freios e o carro nem para traz nem para deante. As raparigas, transidas de medo, estavam a ver que o pai podia ir com o carro pela encosta abaixo e eu, mais pereno, apontei a minha maquina fotografica e tirei um instantaneo desse terrivel momento critico.

«Por fim, tudo se arranjou; a parelha conseguiu safar o carro e mais acima, á sombra duns enormes castanheiros, enquanto os cavalos descançavam, o Santos, patriarcalmente, puxou duma melancia que trouxera como homem previdente e cortando-a com

toda a ciencia, ofereceu-a amavelmente e comêmos com prazer as talhadas frescas.

«O resto do passeio foi simples. Passado o mau bocado da estrada municipal entrámos na estrada real e em pouco tempo estavamos ao portão da Quinta de S. Pedro ou de Vire de jantar porque nos não deixaram sair sem essa necessaria operação.

«A' sobremesa chegou o chefe da estação do correio, o José Ferreira, com a familia e um pouco mais tarde entraram umas senhoras brasileiras que nos trataram por "seu moço!"

«Seriam 8 horas, voltei á vila para ir ao teatro...

«Ao teatro?... Sim, ao teatro, um teatrinho pequeno, no antigo celeiro do Barão de Miranda do Corvo, onde um homem dava o espectaculo com um gramofone, uma lanterna magica e umas cançonetas cantadas por uma rapariga e um rapazote novo.

«Algumas senhoras foram: a gente do Administrador, a tal senhora distinta da Quinta do Campo, com a carruagem á porta, e outras damas que se riram a bom rir durante o espectaculo.

«Como se vê, Miranda é um céu aberto... E o dia foi, na verdade, um dia cheio.»

E como o ano de 1905 devia acabar menos mal depois de tantos e variados episodios, fui em meados de Dezembro escalado para um destacamento em Perriche onde passei um mês e tal tranquilamente, sem trabalhos, ocupado na contemplação do mar que ali é forte, das Berlengas ás veres envoltas na neblina e dos navios que singrávam para um e outro lado do canal.

Comandava o destacamento o capitão José da Silva Bandeira que levou a familia: a Esposa, senhora digna e compreensiva, e uma sobrinha, deliciosa raparigüinha de 19 anos, então a desabrochar em belesa cheia de simplicidade e afabilidade.

Na fortalesa seiscentista, varrida pelo vento, e muitas vêres pela espuma das ondas quando o mar se enfurecia, ela era a flor alegre que conseguia espiritualizar o ambiente severo da explanada bordada por canhoneiras agressivas, a materialidade da propria residencia, serie de casas que deitá-

vam para uma varanda coberta em que as pedras das colunas estavam carcomidas e asperas pelo ar maritimo.

De quando em quando, do meu quarto, por cuja janela eu via, para o sul, o oceano a brilhar, ouvia um canto suave, na varanda, quase ao lado; era ela que queria opôr ao bramir cávo das ondas nas furnas sobre que estava lançada a explanada, a ligeira alegria de qualquer canção simples, a meia voz. Ainda estou a ouvir, do fundo deste meio seculo tão duramente passado, a voz harmoniosa dessa flor a desabrochar em beleza, com promessas de inefavel bondade e carinho altamente desinteressado.

Não sei se estarei a exagerar a grata recordação que me deixou essa admiravel rapariga; quero, porem, crer que a evocação não só transmite as impressões desse tempo como tambem o conhecimento da sua vida infeliz, cheia de dedicação pelos outros e especialmente pelo marido, rapaz estouvado que a não compreendia e a deixou quase na miséria depois de morte prematura.

Sei que está hoje velha, surda, achacada a seguir a operação melindrosa; ainda ha

pouco vi uma fotografia que lhe tirei na explanada, sentada numa das antigas peças de bronze do sec.º XVII, com sorriso natural de quem quer ficar bem no retrato. Como hoje deve estar diferente, 52 anos passados, depois de vida dura, cheia de desilusões!

Naquela aspereza e materialidade da fortaleza maritima, ela era a alegria, a graça, a espiritualid.e quando passeava sobre o lagêdo duro da explanada; o sorriso e a voz eram a vara magica que transformava aquele presidio num recanto de aprasivel bem estar.

Morreu ha uns 2 mêses depois de agonia dolorosa. (Em 15-Julho-1958).

Ponto final.

Dirão os leitores, que um dia possam ver estas paginas escritas ao correr da pena, que estou a fazer poesia... em prosa ou a recordar paixão que ficou assolapada.

Nada disso. Estou apenas a lembrar impressões duma quadra da m.ª vida, quadra rapida, mas de que hoje, francamente, me lembro com certa saudade.

E mais nada; e vamos adeante.

O comandante do destacamento, o capitão Bandeira, dava-me largas e eu aproveitava-as. Passei, na verdade, umas excelentes semanas e encontrei na hospedaria da

vila, bons companheiros com quem me dei muito bem.

Ao regressar a Coimbra fiz até um soneto que conservei e aqui deixo copiado para lembrança:

«Andar na boa pandega co'o Oliveira
Arrotando champagne e o bom tabaco;
Aprender a jogar co'o fino taco
Melhor um pouco, até, q. o major Pereira;

Comer do atum a boa petisqueira,
Da lagosta picante um belo náco;
P'las bibreiras sentir um certo fraco
E com pena de não quererem pagodeira;

Ter jejum absoluto e mal contido
Do q. se chama o "fruto proibido"
E apanhar nos jornais um grande espiche;

Não dar de ganho ao Caldas um tostão,
Aturar do Cardoso a presunção...
... eis o destacamento de Penniche!

Coimbra = 26 - Jan.º - 1906.

Para compreensão do soneto deve dizer-se que o Oliveira do primeiro verso era o farmacêutico de 1ª classe José Soares de Oliveira, dono da unica farmacia da terra e comensal na hospedaria onde eu comia, a chamada hospedaria «do Barnabé»; alegre e desem-

CORR.ºE TEL.ª
1 JAN. 06
PENICHE

CORR.ºE TEL.ª
21 DEZ. 05
PENICHE

joeirado, foi excelente companheiro. Gosta-va de jogar a roleta na Assembleia local e usava muito a palavra absoluto a proposito de tudo e de nada.

O major Pereira cit.º era o adminis-trador do concelho, major reformado de In-fantaria Alfino Estevão de Vitoria Pereira, ho-mem dos seus cinquenta e tal anos. Jogava muito o tilhar na Assembleia.

O Caldas era o homem da roleta ao do monte na dita Assembleia onde, por prin-cipio, nunca joguei. E o Cardoso era, salvo erro, o recebedor do Concelho, creatura sempre muito bem posta, impertinente, que falava a francez, cheio de prosapias.

Agueda Soares de Oliveira fez 36 anos a 10 de Janeiro; os camaradas da hospeda-ria ofereceram um banquete; e eu li-lhe, no final, o seguinte soneto com alusão ao Car-dão do absoluto e ao vicio da roleta:

«Não lamentes, Oliveira, a tua idade
Já que tres duzias cartas tens contado!
Tudo neste mundo desgraçado
E' relativo, é vão... é só vaidade!

E' relativa a falsa mocidade,
E' relativo o amor tão procurado;

É relativo o dinheiro bem ganho
É relativa a propria simplicidade ...

Só não é relativa esta alegria
Que me faz dedilhar lira tão fria
Para te desejar, que d'hora avante

O cinco, o desasete e o trinta e dois
Te façam já p'ra hoje ou p'ra depois
Um absoluto terno triunfante!

(Periche: 10-Jan.º-1906)

Os numeros 5, 17 e 32 eram os preferidos na roleta por ele, nos quais sempre jogava. O soneto foi aclamado.

Pereanices que não fizeram mal a ninguem e que sempre deram momentos de certa alegria.

Está Soares de Oliveira veio a morrer poucos anos depois.

E já que acima falei no major Vitória Pereira, sempre quero contar um caso a seu respeito que não deixa de ser curioso.

Um dia eu e o capitão Bandeira fômos á administração do Concelho não me recordo já por que motivo e estivemos no gabinete do major com quem conversámos largamente. O Vitória Pereira era homem alto, boa figura; falava com desembaraço, era bom

cavaqueadôr e tinha certo gráu de cultura geral. Pertencia ao partido progressista, era velho liberal e ambigo maçon. E na palestra desse dia mostrou, com alguma exuberancia, os seus sentimentos anti-clericais.

A certa altura, o continuo anunciou o Superior do colegio de S. Bernardino, das proximidades, do lado sul, se não engano dos franciscanos; o Vitória Pereira não gostou da visita, de mais a mais a seguir a afirmações tão radicais, mas, é claro que mandou entrar o homem.

O frade era homem reforçado, moreno, aspecto duro que contrastava com o ar melifluo, atencioso, naturalmente velhaco que logo de entrada mostrou; mas o meu espanto foi grande ao ver a recepção que o administrador lhe fez... Todo ele era subserviencia, quase humildade perante o frade que embora os seus modos tivessem a exterioridade amavel mostrava todavia certa superioridade que aliás se justificava com a submissa presença do representante do Estado.

Fomos apresentados mas pouco nos demorámos depois; e na rua comentámos com aspereza a duplicidade de maneiras do

administrador do Concelho: de farronca passou depressa ao servilismo; o velho maçon quase beijou a manga do habito monastico. E daí a dias, na Assembleia, encontrando-nos, quiz descarregar a consciencia e referindo-se á visita do franciscano, dizia-nos um tanto ou quanto constrangido, como explicando:

— Tem de ser assim...

Adeante.

E assim entrou mais um ano, o de 1906 e com ele recomeçava a rotina regimental a que me não habituára ainda completamente. Mas tinha de ser assim, como nos disse o Vitoria Pereira...

Coimbra:

15-Maio-1957.

IV

« E os anos correram, e os anos crescêram... »

Antonio Nobre: Só, a pag. ... da 6ª edição.

Escrevi acima que o capitão Domingos de Freitas era o unico oficial que tinha para comigo certo espirito de compreensão. E de facto assim era.

Apesar de muito agarrado ao partido franquista e com grande admiração pelo chefe João Franco com quem mantinha as melhores relações pessoais, era homem de grande tolerancia e levava a brincar o meu republicanismo que, aliás, o não incomodava.

Dava-se m.to bem comigo e era excelente companheiro para uma fuga ás Touradas á Figueira ou á Mealhada nos dias da festa á Senhora Santana, no ultimo Do-

mingo de Julho — a que se seguia sempre jantar agradavel.

E como tinha os seus amigos politicos nos arredores e estes ás vezes o convidávam para qualquer festança, o capitão levá-va-me quase sempre e ao Bernardo Pedro que, nessa altura, era apaixonado franquista. Eram tardes bem passadas de que me lembro bastante e, não sei se diga, neste envelhecer cheio de preocupações e aborrecimentos, com algumas saudades.

Deixei escritas certas notas dalgumas dessas escapadas; não resisto a deixa-las aqui pois se não teem valor historico, dão claram.te, ao menos, um ligeiro quadro de costumes politicos do tempo narrados com ligeireza e com alguma ironia inofensiva.

Eis uma dessas notas:

« Coimbra: 16-Julho-1905.

« Ontem, seriam umas duas horas da tarde, á hora do maior calor, eu e o capitão Domingos de Freitas metiamos-nos num carro onde, discretamente, iam escondidos uns foguetes de tres respostas...

«O carro partiu por entre a poeira da estrada e nós corrêmos as cortinas porque o sol apertava. Na estrada da Beira, entráram mais dois: o Ernesto Mercier de Miranda e um rapaz negociante que pelo nome não perca.

«O carro seguiu, estrada da Beira fóra, por meio do renque de arvores quase contínuo que a orlam pitorescamente e onde a cigarra cantava com indolencia, ao desafio. Ao longe, para cima, o campanário de Santo Antonio dos Olivais espreitava por entre as oliveiras e uma ou outra casa da Cumeada, com telhado á moderna, garridamente estragava, á vista, o aspecto atraente da encosta.

«Ora fôra o caso que um rapaz do lugar do Cabouco, freguesia de Ceira, a uns sete ou oito quilometros de Coimbra, fóra á inspecção e livrára. Quem o apadrinhou foi o capitão por intermedio dum medico Antonio Lobo, amigo dele e franquista feroz; e o pai do rapaz querendo mostrar-se reconhecido, convidou o Freitas e quantos amigos este quizesse levar, para um jantar á larga, de festa.

«E aqui está a razão porque áquela hora eu ia no carro, por entre poeira branca, caminho da Portela. Iria ser uma festa. Vagamente, na cidade, constou-nos que o jantar seria uma coisa monstro, colossal; que o dinheiro corrêra das algibeiras sem dó nem piedade; que tinha ido uma cesta com garrafas de champagne...

«Basta!... Não antecipêmos.

«Quando, numa curva da estrada ensombrada por amoreiras, o negociante q. ia comnosco e primo dos donos da casa onde se dava a festa, nos apontou o lugar e disse "é ali!..." o Ernesto Miranda, discrectamente, fez deslizar do fundo do carro dois foguetes e, seguidos, fê-los subir ao ar, estalejando festivamente, para anunciar que estavamos chegados.

«De lá, duma casa rodeada de latadas viçosas, subiu um foguete, tambem, respondendo, amavel, ao nosso anuncio.

«Era do protocolo. Cortezia com cortezia.

«Apeámos. Pelo talude descia uma pequena estrada, com choupos altos; um pontão de madeira, atravessa o rio Ceira por sobre os salgueiros pitorescos das mar-

gens e em frente e em frente, no meio de um certo borborinho apareciam cabeças espreitando, homens que iám e vinham, numa azáfama propria de grande festa.

« Estavamos no Cabouco. Pitoresco e interessante o luxarejo, numa encosta aspera, cheia de olivêdos e bataréus de terreno cultivado; as casas, sobrepostas harmoniosamente, com arte natural, dão um conjunto interessante; as vinhas, em latadas junto das paredes; o milho alto crescendo numas insuas fertilissimas no sopé da encosta confinando com o rio... Bonito, m.to bonito.

« Os foguetes, porem, anunciávam a nossa chegada. Homens de cara rapada, outros com suiças ribatejanas, fatos domingueiros esperávam gravemente os "senhores da cidade." Apresentações, mãosadas, abraços: o pai, o filho, mais um primo, um sobrinho, um compadre, o regedor, o feitor. E graves, solénes, formávam cortejo atraz de nós, silenciosamente, respeitosamente.

« Depois, quando entramos em casa e nos sentámos, eles, passando uns grandes lenços pela testa, para limpar as camarinhas de suor, diziam enternecidamente:

«— Oh senhor Capitão! Aquilo é que foi!... Os da Couraria berrávam... mas não ganháram nada com os bérros. Quem póde, pode!

«O capitão, porem, tinha os olhos sobre duas mesas já postas, prontas para o jantar. Seriam 4 horas. Na cosinha viam-se mulheres de braços nús mexendo pratos, terrinas, colheres; a um canto, ao pé de um lavatório, um esquadrão de garrafas de champague, deitadas; uns rapazes enchiam uma mesa pequena com garrafas enormes cheias de vinho fresco trasido da adega. E o capitão dizia-me, passando o lenço pelo colarinho:

«— Oh meu alferes... Isto parece que são horas...

«Eu, porem, queria tirar umas fotografias. Contive a vontade de jantar do Freitas e ainda tirei uns grupos aquela gente, perfilada, enxomada, em pose solé-ne, como no acto mais grave da vida. E o interessante é que, olhando a maquina diziam em voz baixa: "a gente sempre vê coisas..." Uma voz, então, retumbou, a do Dr. Lobo, o medico, a anunciar o jantar:

«— Vamos a isto!

«Levantámos-nos da eira e tomámos lugar numa das mêsas, a mesa de honra. Começou então uma coisa gigantesca a que por ironia chamáram jantar. Pratos sôbre pratos: cosido, guizados, assados, galinha tostada, galinha cosida, leitão, frangos, vitela, carneiro... uma coisa horrivel! Depois das frutas, doces: pudins, rôlos de pão com ovos, ovos de fio, pasteis, crêmes, doces de compota... pudonho! pudonho!

«Tinhámos de fazer as honras a tudo. Acautelámos-nos com agua de Vidago, não houvesse alguma apoplexia... Mas tudo correu bem e pelo melhor.

«Os brindes, então, foram excelentes. O capitão começou; o medico Dr. Lobo seguiu-se; os donos da casa agradeceram; e começaram depois uns e outros a falar num de modo que já ninguem se entendia. Num destes momentos mais solenes, eu, com quatro taças de champagne já bebidas, impuz silencio... Ia falar!

«— Meus senhores! Eu não vou fazer um discurso politico!... Nada disso... Eu quero apenas...

«E continuei, com seriedade tal e tal ar de gravidade que vi em todos um movimento de agrado pelas minhas sinceras palavras. Por fim terminei por brindar aos donos da casa como á personificação do trabalho, mas do trabalho honesto, do trabalho sério!...

«Todos beberam recolhidamente. O capitão dizia enternecido:

«— Está lançado! está lançado! Temos aqui homem para as Camaras!

«E um velhote, pai do medico Lobo q̃ fôra feitor da marquesa de Pomares, berrava com grandes gestos:

«— Quando ele (este ele era o João Franco) quizer um deputado por Coimbra, nós não queremos outro! Este senhor ha-de ser o nosso deputado!

«— Viva o nosso deputado!

«Sentimentalmente, modestamente, eu agradeci reconhecido... A tarde caia serenamente. A encosta fronteira entristecia nos olivedos a luz do sol; ao longe passava um descante.

«E a pouco e pouco tudo saiu para a eira. A tarde estava, verdadeiramente,

deliciosa, com ar de grandeza pacífica pelo vale fértil e pelas ribas cobertas de oliveiras. Uns foguetes estalejaram; o luar começava a aparecer na crista da serra; e na escada que subia do jardim ouviram-se uns acordes de guitarra.

«Começava a dança.

«As raparigas saíram de casa; a Maria, uma linda morena que servira á mesa com grande avental branco, veio logo prova para dançar.

«— O sr. não dança? perguntou-me alegremente.

«Eu não quiz ser desmanche-prazeres; respondi-lhe que sim; e enquanto um camponio arranhava na guitarra um vira qualquer, eu dancei animadamente, no meio da admiração de todos.

«Animou-se, então, a festa. Ao vira seguiram-se outras danças: o vira de roda, a farrapeira, o verde-gaio, o malhão, o estalado, a cana-verde, a polka (ao que as raparigas chamavam walsa). Um rapaz novo apareceu com um flautim feito de cana e, incansavel, tocou toda a noite; depois veio outro com harmonium e aqui

está como até as 11 horas da noite, naquela eira pitoresca se dançou, se cantou, se brincou sem descanço, sem fadiga, alegremente, num rodopio doido em que me vi envolvido.

«Uma rapariga dizia-me:

«— O sr. agora vai mestre!

«E era verdade, vinha mestre... O capitão, porem, queria retirar-se e não houve senão fazer-lhe a vontade.

«Despedi-me... A transpirar imenso, com o colarinho como um trapo, lá me encaminhei com os donos da casa até ao carro, na estrada. Na eira ouviam-se ainda o flautim e as palmas cadenciadas da dança. Os donos da casa disseram-me que eu podia contar com eles para os votos... Disseram-se os ultimos adeuses. E, quando o carro partiu, levantando poeira eu, agitei o chapeu, voltando-me para traz e berrei ainda aos écos do Beira e das Lagoas:

«— Viva o sr. Conselheiro João Franco!...

«Os homens descobriram-se com respeito; e, em resposta, ao longe, ouvi-

ram-se, com gravidade, uns "viva! viva!" O carro descia a trote largo pela estrada poeirenta ...»

Eu divertia-me com estas escapadas á monotonia do serviço regimental. O Domingos de Freitas procurava converter-me ao franquismo; eu percebia e achava-lhe graça á intenção sem aliás lhe dar a entender qualquer especie de simpatia pelo partido e, muitas vêzes levava de brincadeira qualquer exaltação que ele fazia das virtudes do grande chefe.

Todavia ele convidava-me quase sempre para estas funçanatas politicas com o velho criterio, talvêz, da agua mole em pedra dura. E eu, francamente, divertia-me e fazia-lhe ás vêzes estas partidas a que ele achava muita graça e que, afinal, não tinham consequencias.

Depois dum jantar daqueles, tão saboroso e tão farto, e depois do rodipio alegre das danças á luz do luar, quem não se deixaria eleger deputado franquista pelo Cabouco? Quem não daria vivas convictos ao Messias?

Outra escapada em Outubro do mesmo ano de 1905 ficou narrada largamente no vol.e que entitulei Passeios e Viajatas [1] e por isso não repito aqui. Tratava-se do baptisado dum filho do capitão, filho que veiu a morrer de pouca idade.

Embora fosse festa de familia, o Freitas deu-lhe cunho politico; realisou-se o baptismo e a festa no lugar do Chelo, freguesia de Lorvão. Foi um dia bem passado em q. me encontrei com uns priores renhidamente franquistas que, apesar da minha vivacidade despreocupada ficáram-me sempre com certa estima.

Já morreram todos.

Ora no ano de 1906 tive mais duas diligencias com tropas e um exercicio de quadros. Deste exercicio de quadros deixei discrição pormenorizada em notas e cartas de que formarei capitulo a seguir, especial, porque dão para isso muito á larga.

Eram exercicios ordenados pelo Vasconcelos Porto então ministro da guerra do minis

---

[1] No vol. I, pag. 127 - 162.

Terão presidido pelo João Franco — e, deve dizer-se a verdade, foram exercícios bem orientados e até certo ponto proveitosos.

As duas diligências foram: ao Paião, conc.º da Figueira da Foz, em Agosto; e pela terceira vez a Arganil em Setembro seguinte.

A do Paião foi devida a eleições para deputados. No seio do concelho da Figueira havia luta reunida entre progressistas e regeneradores ou seja entre os poderes dos políticos Guimarães Pedrosa (pelos primeiros) e os drs. José e Joaquim Jardim (pelos segundos). Daqui, a requisição de duas forças militares, uma para Lavos, outra para o Paião, centros mais importantes da influencia dos dois partidos.

Eu fui mandado para este último lugar onde cheguei á tarde do dia 16 de Agosto, dois dias antes, para meter medo... Andei na aldeia a vadiar na 6ª feira e Sabado anteriores á eleição, até que no Domingo, o dia grande, estive de prevenção á espera do desfêcho do acto eleitoral que correu com excitação e não sei se irregularidades, até ao declinar da tarde, demorado propositadamen-

te para não terminar nesse dia. Eu fui pre venido de que o dr. Joaquim Jardim que dirigia no sul do concelho a eleição, pretendia invitilizar a do Paião onde a maioria era, sem qualquer duvida, do adversario progressista; e parece que esperava pela noite para qualquer falcatrua.

Na verdade, ao anoitecer, recebi um oficio para ocupar a igreja matriz e ficar de guarda á urna até á manhã seguinte. E assim foi.

Desse episodio deixei umas notas escritas na ocasião que vou transcrever porque deixam ver melhor o que houve e com mais verdade do que se recorresse á memoria.

«Paião: 19-Agosto-1906

«Escrevo na igreja matriz do Paião, vem mais menos, á meia-noite aproximadamente, em cima duma mêsa onde, entre dois castiçais com velas de cêra de procissão, está uma caixa de madeira com a urna quase cheia de listas — a sagrada votação livre e, por isso mesmo, inviolavel!...

«Em volta da mêsa quatro soldados, de baioneta armada; á porta principal, a

unica aberta, outros tres, igualmente armados; no espaço entre a teia e a capela-mór, sobre o duro sobrado da igreja dormem os restantes; e eu superintendo, acordado, em todo o serviço.

«A eleição não acabou hoje; foi renhida e deram-se desordens, umas por causa do vinho, outras por causa dos votos; foi uma maçada enorme desde as 8 h. e meia da manhã até ás 7 e meia da tarde, hora a que me chegou a requisição para guardar a urna!

«Parti, entrei na igreja, esperei que tudo estivesse em ordem e só então tomei conta da urna selada e metida dentro duma caixa de madeira. E então é que foram elas! O povo não queria sair, foi preciso chegar uma coronhadas e como já era noite, quando os soldados chegáram á porta atiraram-lhes pedras, no meio de vozearia.

«Eu cheguei e fechei as duas portas laterais e deixei ficar a principal e nesta altura uma pedra veiu bater-me na testa e alguma areia entrou-me para os olhos. Gritei-lhes que ia fazer fogo; as pedras continuáram a cair e eu mandei o corneteiro tocar a fogo. Serenáram então e todo o tra-

balho que Vive foi para contar o meus soldados que mais ou menos magoados queriam virar-se aos desordeiros.

«Terminado o caso, passei a revistar as portas com o sacristão; e depois disso dispuz as sentinelas e comecei a atender os políticos que me vinham maçar e que atendi á porta principal, do lado de fóra.

«Um desses políticos foi o dr. José Jardim grande influente regenerador que me perguntou se podia dormir descançado, se eu não consentia que mexessem na urna, etc. etc. Tranquilei-o, disse-lhe que enquanto houvesse balas nas espingardas e os soldados estivessem vivos (isto foi dito á espanhola...) ninguem tocaria na sagrada urna! Depois o grande influente progressista, o dr. Francisco Lopes de Guimarães Pedrosa, veiu tambem saber se podia contar com a minha lealdade...

«E' preciso notar nesta altura que em geral esta gente julga que os oficiais são escolhidos conforme a politica e que são nomeados os afectos á politica governamental. Por isso eles vinham amavelmente, com grandes excelencias e cortezias, saber se eu seria

capaz de me portar honradamente e não deixar tocar na urna ou autorizar qualquer chapelada...

« 20 de Agosto: 6 horas da manhã.

« Estirado sobre quatro cadeiras, junto da mêsa da urna, passei a noite dormitando aos poucos; de quando em quando levantava-me para rondar a igreja por fóra em especial pelo lado do cemiterio, por causa das duvidas; outras vêres passeiava ao longo do templo para não arrefecer os pés e bocejava com sôno — enquanto os soldados que não estavam de sentinela dormiam regaladamente, estirados pelo chão.

« A's quatro horas começou a romper o dia, com uma alvorada formosissima; em uma eira, ao lado da igreja, umas mulheres começavam a malhar milho e eu subi á torre para ver o panorama: o planalto extenso onde ha um grupo de povoações, coberto por alguns pinhais, milheirais e vinhedos; ao longe, para norte e oeste, o mar, a serra da Boa-Viagem, o estuario do Mondego. Estava frio, desci e daí a pouco o sacristão, um velhinho calvo, melifluo, de frases ternas, entrou e veiu deitar azeite nas lampadas e

oferecer-me agua para lavar a cara. De bom grado aceitei. O sol começáva a fazer brilhar os dourados da igreja e eu, solénemente, tirei o capote e o dólman, e mergulhei ao meio uma grande bacia [redacted] cheia de agua fresca, ensaboei-me com o sabonete de Tréfle do senhor prior e limpei-me a uma grande toalha de linho branco e macio das ablucções do ritual.

«Isto passou-se na sacristia, é claro; e foi uma consolação a fresca agua fresca,

muito léve e fina e a toalha branca do padre prior... Depois, voltei a igreja e agui a escrever este papel que encontrei sobre a mêsa, resto das actas ou notas do acto eleitoral, até á vinda dos cidadãos e autoridades para tomarem conta da urna.

«A' tarde, no aquartelamento:

«Ás nove horas da manhã voltou a mesa eleitoral e fiz a entrega do que eles antes me confiáram. Verificáram, deram me o recibo e eu retirei com a força para aqui onde fiquei de guarnição até acabar tudo isto.

«E logo que termine o acto eleitoral que não será muito favoravel aos regeneradores segundo se nosna, marcho com a força para Lavos, reunir-me ao Tenente Bastos que, segundo noticias recebidas outem teve tambem desordens e de entrar á força na igreja, quebrando varias cabeças [redacted] conforme a versão que cá chegou. E logo que ele possa marcharêmos para a Figueira e, naturalmente, amanhã de manhã, se o capitão quizer, irêmos para Coimbra.

«E dipo se o capitão quizer[1] porque ele tem a familia a banhos na Figueira e poderá arranjar meio de ficar mais um dia. Com «habilidades» tudo se arranja.

«E acabo estas notas. Na realidade, para exemplo de vindouros, merecem ficar lembradas. Talvez um dia, quem sabe! algum bardo popular, componha endechas sentidas ou rimances á antiga que fiquem na tradição popular e as velhinhas contem enternecidamente aos netos... E até algum sabio profundo do seculo XXII reuna em trabalho de reconstituição poetica, com erudi-

---

(1) Era • José Coelho Correia da Cruz.

cão e subtileza, toda a lenda formada acer-
ca do episodio e lhe dê o nome sugestivo e
impressionante de... O Heroi do Paião que
levou com uma pedra num olho!

Aqui está como eram as eleições des-
ses tempos pacificos. Hoje não ha tais epi-
sódios meio-serios, meio-comicos; apara tu-
do corre admiravelmente, com a concorren-
cia ás urnas de quase 100% dos eleitores e
sem qualquer desordem ou impedimento...

Ora vamos adeante.

Como disse acima, ainda fui pela ter-
ceira vez a Arganil com uma força para fo-
liamento da feira de Montalto, notavel no
alto distrito noutros tempos quando as comu-
nicações eram dificeis. Depois, foi decaindo,
muito naturalmente; e quando lá fui em Fe-
vereiro desse ano de 1906 era ainda de certa
importancia segundo me pareceu ~~se~~ bem que
os velhos contavam com saudades as gran-
deras do certame antigo.

A feira coincide com a romaria de
Senhora do Montalto que se venera, com
grande concorrencia, num alto a poucos qui-
lometros da vila e é das mais concorridas

da região. Da romaria vem o nome que se dá a feira: a feira do Montalto.

Parti de Coimbra em 3 de Setembro para estar em Arganil em 4 á tarde pois a feira durava de 5 a 8 do mês. Era então administradór do concelho um antigo condiscipulo do Liceu, formado em Teologia, José Caldeira de Oliveira, natural do lugar do Alqueve, freguesia de Folques, do concelho.

Este José Caldeira obrigou-me, num dia, a ir jantar com ele ao lugarejo onde tinha nascido e onde vivia com os pais e um irmão padre — gente acolhedora e franca que me recebeu como velho amigo.

O padre, João Caldeira, diga-se de passagem, pouco se interessava pela profissão; era, principalmente, negociante de gado cavalar e vacum e, segundo as más linguas, bom padreadôr da freguesia; rapaz alto, forte, boa figura, andava normalmente de botas altas com esporas, chapeu de abas largas e varapau com choupa... por causa das duvidas. Era simpatico, de aspecto muito franco e alegre.

Pois foi uma tarde excelentemente passada. O José Caldeira pediu ao irmão que lhe

mandasse um cavalo á vila para mim; e lá fomos, os dois, caminho de Folques e subimos á serra, para o Alqueúe, por atalho largo, em curvas, que a cada volta descobria panorama vasto e soberbo.

Havia calor e tenebro - um bem de que rebentou trovoada quase repentina, violenta, com grande aguaceiro, que lançou uma faisca a dois passos do lugar sobre arvore antiga muito cofada. Depois, serenada a tormenta, a atmosfera limpou e deixou para um lado e outro ver o imponente conjunto de serranias, cortada por valeiros fundos onde ainda se mantinham restos de neblina.

Sobre a noite, depois de jantar abundante á maneira beirôa, regressámos a Argamil e nunca me esqueceu um episodio engraçado que se deu no caminho.

Ao aproximar de Folques, quando se larga a descida, passa-se junto do cemiterio para entrar na estrada municipal. Com os dois vinha um rapasito, creado da familia Caldeira, que no dia seguinte deveria levar o cavalo em que eu montava para o Alqueúe. Ora o rapasito, antes de chegar ao cemiterio, declarou ao patrão que ia com medo

e contou que ouvira dizer que os mortos ás vêzes levantavam-se da sepultura e vinham ao caminho falar aos viandantes.

O José Caldeira riu-se e disse-lhe:

— Olha! agarra-te bem ao rabo da minha égua.

Na verdade, a égua que o Caldeira montava tinha uma grande e bonita cauda; o rapaz agarrou-se logo a ela e assim passámos rés-vés do cemitério sem qualquer morto se levantar do coval. Na estrada, já á vontade e livre de receios tétricos, o José Caldeira perguntou ao garôto:

— Então ainda teno mêdo?

— Nada, não senhor... Agora já não tenho...

E aqui está como o rabo da égua serviu de amuleto contra o mêdo dos mortos. Não me recordo se averiguei qualquer coisa acerca da superstição; mas nunca me esqueceu o episodio curioso que aqui conto e q. terá escapado aos etnografos.

O policiamento da feira era maçador mas fez-se facilmente e como ela se prolongou mais dois dias, recebi ordem para ficar até final — o que me deu certa satisfa-

ção porque fiquei sempre gostando da terra e dos seus habitantes.

Acabada a feira larguei de Arganil com as minhas 16 praças em 10 do dito mês de Setembro; no dia seguinte fiz a ultima marcha e apresentei-me no regimento nesse mesmo dia.

Eram estas fugidas que me compensávam da vida do quartel onde não havia estimulos nem compensações de qualquer espécie. A ideia de me afastar começou a tomar vulto e no verão desse ano de 1906 principiei a arquitectar o plano de me matricular na Universid.e, tirar cadeiras necessarias e ir cursar Engenharia ou em Lisboa ou no Porto.

Tres anos de vida regimental de certo modo intensa, a fazer prevenções, guardas de honra, missas ao domingo, exercicios de quadros mal organisados e dos quais se não tirava proveito, instrução de recrutas (trabalho pesado e muita vêz sem compensação no resultado) e varios pequenos nadas que enfastiavam, tres anos, dizia, corrêram sem deixar rasto; e com tudo isto que

eu cumpria honestamente e com a diligencia possivel, não sentia a menor compreensão, por parte dos comandos que, com a excepção do capitão Domingos de Freitas, em regra tinham os seus protejidos e os seus serventuarios.

Posso até dizer o nome de dois ou tres que eram os homens para tudo, acarinhados, exceptuados, etc. Quando cheguei ao regim.to já lá estava bem instalado, em bom impedimento, o Francisco de Miranda Martins de Carvalho, do curso anterior ao meu; e do meu curso apareceram dois: o Luis José da Mota, e o Alberto dos Santos Pereira Monteiro, homens indispensaveis, pão para toda a colher, especialmente o ultimo ~~[illegible]~~ sempre creatura que soube regular muito bem a sua vida — e creio que ainda a regula apesar de andar pelos 80 bem puxados e ter fortuna pessoal muito avultada.

O Mota, menos tortuoso porque era mais rude, tambem soube governar-se, se bem que com outras qualidades militares sem comparação superiores ás do Monteiro, o Tinturas de tornesol, sempre inferior em tudo e sem caracter — o q. era pior.

Com o tempo e com a idade, os feitios foram-se modificando; já não havia tanta necessidade de conquistar posições vantajosas ou de adular superiores; o equilíbrio começava a fazer-se e quando a verdade se diga que eu já não era tanto o alferes posto de lado e mal visto. Devo até dizer, especialmente, que durante o tempo de Caxias, no curso para o generalato, em 1938-39, o Luís Mota foi um bom e leal companheiro de trabalho. É certo que, nesta altura de Caxias, eu fazia certa sombra; mas com sombra ou sem sombra, fomos excelentes companheiros. É a verdade.

E já agora...

Vou recordar dois momentos da minha vida, aproximadamente pelo tempo em que vou no relato dos sucessos.

Por Maio desse ano de 1926 o Ministro da Guerra mandou nova bandeira ao regimento de Infant.ª nº 23; é claro que a dádiva muitas festas viria sem faltar a inevitável benção eclesiástica. Eu andava então doente com qualquer crise intestinal e, muito em casa, um tanto ou quanto mal humorado.

Lembro-me até, e muito bem, de que por essa época corriam uns-uns de agitação republicana de vulto, resultante da revolta de marinheiros no mês de Abril anterior, salvo erro; havia, como consequência, várias precauções nas unidades e nas polícias, com natural receio.

Estava então no regimento o alferes Cesar Amadeu da Costa Cabral, meu contemporâneo no Liceu e republicano em vasto ou grande exaltado. Via sempre as coisas pelo lado pior e exagerava tudo no seu cerebro constantemente em ebulição; o seu temperamento era irrequieto e, dir-se-ia com verdade, pouco sensato. Vinha várias vezes a minha casa na rua de Tomar dizer-me nervosamente que se preparava a revolução, que a festa da benção da bandeira seria pretexto excelente porque a guarnição formava toda, etc. etc. e, por consequencia, eu devia apresentar-me ao serviço pois era necessária a minha presença...

Eu acalmava-o, fazia-lhe ver a impossibilidade da revolução começar em Coimbra dessa maneira, e apresentava outros argumentos que julgava sensatos e terminava

por dizer que não estava ainda com saude para voltar ao serviço.

De facto, eu não estava ainda restabelecido a valer mas poderia apresentar-me para serviço moderado; todavia a festa da benção e a intervenção episcopal não me agradava e entendi que era melhor ficar em casa e evitar alguma cêna desagradavel em que eu me poderia meter ou não podesse evitar. Assim foi; a festa fez-se com certo espavento oficial (1); e eu regalei-me no meu quarto a ouvir a banda de musica a frente do regimento na sua maxima força, passar na visinha rua de Castro Matoso a caminho da Sé Nova.

No dia seguinte, 9 do mês de Maio, escrevi em umas notas curiosas que não resisto a transcrever; encontrei-as ao remexer com certos papeis antigos arrumados numa gaveta em que ha annos não mexia. Nem já me recordava deles, tão bem guardados estavam ha tanto e tanto tempo!

---

(1) A festa foi a 8 de Maio e a benção dada na Sé Nova pelo conego Prudencio Quintino Garcia que disse a missa solene. Prégou o sermão o capelão do regimento Joaquim Mendes de Figueiredo.

« Coimbra: 9 de Maio de 1906.

« Está hoje um dia triste, triste como o aniversario que hoje temos na familia do fallecimento de minha Avó Leonor. Já lá vão cinco annos, estava eu na Escola do Exercito.

« Mas adeante, nada de tristezas. As nuvens passam negras, chuvosas; e ha em mim um ar pesado, desmaiado, melancolico. É' dos taes dias em que eu gosto de estar em casa, mettido entre os meus livros, estendido em uma cadeira, indolentemente. É' dos taes dias tristonhos. A luz tem qualquer coisa de somnolenta, tem qualquer coisa de terno, de agradavel.

« Estende-se um braço, vagarosamente, uma perna, o outro braço... Ageita-se a gente melhor na cadeira, procura lentamente outra posição e de novo se fica quieto, indolente, enquanto na rua se vê chover, devagar, sem fazer barulho.

« Estendi-me numa cadeira de braços a ler; daí a pouco deitava uma perna sobre um dos braços da cadeira; depois foi a outra perna; comecei a procurar, instinctivamente, posição até que, por fim, com a mesa em frente, lancei-lhe, á americana, os pés para cima comodamente, deliciosamente, sem in-

terrompeu a leitura do Camões do nosso divino Garrett. Lá fóra tudo triste; eu via os meus livros tristes, tudo triste... E estendido assim, como qualquer milionario yankee, eu sentia, afinal, bem.

«Melhor me sentiria com os meus livros todos reunidos no meu quarto, com o busto de meu avô Manuel Caetano a lembrar-me o trabalho e o retrato de Herculano, severo, a acompanhar o estudo.

«Por isso hoje me sinto meio entorpecido; a minha reclusão tem ajudado e eu só espero, agora, que de novo o brilhante sol de Maio (do qual a cantiga diz: "não ha sol como o de maio...") volte brilhante e forte para eu, de bandoleira, solenemente, me vá apresentar ao serviço.

«Eu esperava da festa da benção da nova bandeira do regimento, que produzia por assim dizer uma revolução no quartel, em que houve um trabalho enorme com as ornamentações e preparativos, apresentar-me seria para o meu modo de ser uma soberana tolice. Eu, metido em taes coisas!

«Não tive pena nenhuma em não assistir á festa. Para que?

« O que foi a festa senão uma exposição de charlateiras, de leandas mais ou menos mal frostas, de trigodes mais ou menos frisados, de moçadas a aturar senhoras que queriam ver o quartel, de zangas com o Zé Povinho que quer ver tudo, mexer em tudo, meter-se em tudo ?

« E depois, o lunch de confraternização da oficialidade... que ganharia eu em estar lá, eu que não tenho (segundo julgo) amizades no regimento, a quem todos mais ou menos olham de soslaio ? Foi melhor assim, muito melhor.

« Deixarei passar dois ou três dias para aquilo voltar ao estado normal ; e depois, se o sol voltar, ir-me-ei apresentar.

« O capitão [1] queria vêres que mandou dizer : " gostava imenso que você visse a " nossa caserna ; ao menos veja se vem num " carro, vê, e volta para casa. " [2] Mas eu fiz ouvidos de mercador : que ainda não estava em condições de sair, estava m.to fraco, etc.

---

[1] Domingos Ant.º dos Santos e Freitas.

[2] A caserna foi ornamentada pelo Dr. Teixeira de Carvalho, amigo do capitão. Os jornais fizeram referencia especial a esta ornamentação.

«E aqui está a minha triste vida de há uns dias para cá.

«Podia ser pior...»

O outro momento que quero recordar (como disse acima) e que deixou impressão funda é bem diferente e devia passar-se por esta altura. Não me recordo bem da data nem vale a pena averigua-la.

O caso passou-se no verão quando o regimento estava quase sem oficiais e era comandado interinamente pelo major António Fernando do Rego Chapas — a quem já aqui me referi. Um dia mandou-me ele chamar ao gabinete e disse-me que o rei passava no dia seguinte para Lisboa vindo não sei de onde — e recebera ordem para ir cumprimenta-lo com os oficiais do regimento. E depois de um intróito amavel em que ria a sua contrariedade, o Chapas convidou-me para o acompanhar pois não havia oficiais disponiveis e teria de ir ele apenas comigo e com outro que, se me não engano, era o Francisco de Miranda Martins de Carvalho.

Eu não tive outro remedio senão o de dizer que sim...

E o major Chapas quase me fazia dar culpa...

Enfim, no dia seguinte lá fomos à Estação Velha, num carro alugado, à espera de Sua Magestade. Muita gente, as autoridades, alguns leões de cabelo e barba, etc. etc. E a propósito de cabelo e barba sempre conto aqui um ligeiro episodio que vale a pena recordar porque era a época com certa verdade.

Entre os professores universitarios es tava o Dr. Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcelos que, ao dar [redacted] com o Chapas e comigo, veiu falar-nos afavelmente, como costumava. Passadas as cortesias, o Dr. Vasconcelos com o seu ar melifluo mas não sei se com leve ironia, diz-nos:

— Aqui estamos a cumprir o nosso dever: eu o de professor e de padre; V.Ex.as o de ilustres militares...

Eu e o Chapas fizémos ligeira e anu-nal curvatura de assentimento; mas, como o Vasconcelos, logo a seguir, se desviasse chamado por alguem, o Chapas olhou para mim por cima dos oculos e disse-me muito baixo:

— Que grandes marotos!... Que grandes marotos!...

Excelente e verdadeiro comentario de que nunca me esqueci. E' que o Dr. Vasconcelos sabia bem quais eram as m.as ideias politicas e devia saber tambem que o Chagas não era suficientemente ortodoxo.

— Que grandes marotos!... acrescento eu, ainda hoje, passado meio seculo.

Chegou o comboio; não me lembro de quem dirigiu o protocolo da entrada no salão real; eu via, da plataforma da estação as curvaturas dos que entrávam e via o vulto do Rei, insensivel, com a cara papuda, vermelhusca, sem expressão. O que via era pouco, apenas as figuras dos ombros para cima e não percebia, apesar dos salamaleques, se havia beija-mão. O major tambem não via e não sabia dizer e notei que ele estava bastante nervoso.

Quando chegou a nossa vêz, o Chagas subiu os degráos do varandim e entrou seguido pelo Martins de Carvalho; D. Carlos, impassivel, enorme, vestido com trajo de caça estava rodeado de aulicos de varia especie; era a figura dum verdadeiro soba que recebia a homenagem dos subditos... O Chagas, coitado, com a espada a estorvar-lhe os movimentos, disse qualquer coisa, curvou-se e beijou

a mão real; o Martins de Carvalho, com mais tinha, fez o mesmo; eu embatuquei e, apanhado de surpresa, imitei o mesmo acto de baixeza: toquei ao de leve na gorda mão real que me pareceu escamosa e mal pousei os beiços, num simulacro de beijo. Fiz tipeia vénia e saí.

Vinha envergonhado e irritado! Lembro-me bem! Como é que eu fui na léria e, sem um protesto, quero dizer, sem qualquer movimento de inconformidade, me curvei e beijei embora ao de leve a mão real? Sinto qualquer coisa que durante uns dias me irritou e ainda hoje me envergonha. E não exagero.

Quando regressámos, compreendi que o Chapas vinha aborrecido; não dêmos palavra ou, se falámos, não nos referiamos ao acto. Eu, porem, mentalmente, prometi a mim mesmo que me não apanhariam noutra — e assim o cumpri. Quando acontecia passagem real eu comparecia na estação se recebesse ordem para isso, mas não entrava na carruagem real. Assim fiz umas duas ou três vêres, sem vitupear — até que em 5 de Outubro de 1910 nos libertaram dessa abjecção.

Este episódio ficou-me na memória com insistência.

E por estas e por outras se fixou em mim o juramento de me livrar do exército. Tinha vivido a vida de subalterno, em alferes, com certa intensidade eu, como dizia o autor de qualquer notícia necrológica «em toda a sua plenitude...»

E, francamente, estava farto.

Coimbra:
16-20 de Maio de 1957.

V

« No qual se lê muita coisa a varios respeitos... »

Camilo Castelo Branco: Duas horas de leitura, 3ª ed.ão, pag. 90

Exercicios de quadros:

1º:

. De como se viaja na Beira num comboio nem automovel. De como Enfantaria 24 anda sempre atraz de Infantª 23. O almoço na Mucela. Graves reflexões acerca duma invasão pelo vale do Mondego.

(3-Julho-1906)

Não ha nada para mim como o viajar. O viajar é alegria é optimismo é uma das coisas que eu considero até necessarias.

Por isso eu, seriam duas horas e meia

da madrugada do dia 23 de Junho, vespera, no fim de contas, do dia de S. João, eu descia alegremente a Couraça de Lisboa, com o bornal a tiracolo, com o capote embrulhado, calça de linho por dentro das botas altas.

Em baixo, na estrada da Beira, havia grande tropel de cavalos; um carro, áquelas desoras, parava no Largo da Portagem e a cavalaria, ao entrar na ponte de ferro de madeira, fez um barulho surdo, forte, que retrôou por todo o vale.

No Largo, á luz do gaz, por entre a ligeira neblina fria do rio, viam-se perpassar calças brancas de militares, e luzir espadas; um soldado incumbido esperava com uma mala no chão e da ponte saía a longa fileira de soldados de cavalaria que pararam no começo da estrada da Beira.

Aproximei-me; no passeio do jardim sito central já estavam alguns oficiais de infantaria 23; mais adeante, uns do 24; a cavallo estavam uns oficiais de Artilharia; e um char-á-bancs esperava os passageiros. Um ou outro noctivago parava, farejando; e os cavallos da força relinchávam ao sentir a aproximação dos outros que vinham do quartel de

Santana para, sob o comando do tenente Nogueiras, iram para Arganil. Seriam perto de uma centena para fornecerem montadas aos oficiais de Infantaria e ordenanças.

Nisto chegou o nosso carro, um grande char-à-bancs do Jorge alugilador, de Arganil, que um capitão mandára alugar. Estavam todos: o capitão Ferreira, o tenente Bastos, os alferes Costa, Monteiro, Andrade, Brito Silva e eu; o capitão Goulão entraria mais adiante á porta da sua residencia; o tenente-coronel e o capitão Homem Cristo arranjáram um automovel e iriam á tarde.

Carregáram as malas; e entrámos: o capitão, o tenente e o Costa, dentro; eu, o Andrade, o Monteiro e o Brito e Silva, fóra, na imperial como lhe chamam os cocheiros. Ir por uma estrada fóra, embora conhecida, sem ver nada, não me quadra. Gosto de ver tudo, apreciar a paisagem.

O carro partiu; na Arregaça entrou o Goulão e lá fomos por entre a neblina tenue e fria, estrada fóra, enquanto que, para nascente, o ceu começára a aclarar.

Seriam tres horas e meia. Eu nada dormira; deitara-me depois da meia-noite

e antes das duas já estava acordado, porque saltado, para não faltar pois não havia, em casa, quem me chamasse. No entanto ia bem e o ar fresco da manhã estimulava; e lá fui tagarelando com o Andrade que ia com bom humôr excepcional.

Este Caetano de Andrade é casado; a mulher tem sobre ele um ascendente terrivel é é. má; ora sorrindo-se só, com a mulher durante uma semana, era outro, alegre, extraordinariamente loquaz.

É assim o mundo...

Passou-se a Portela, a cadeira de beira, desceu-se para o Cabouco e sempre pela estrada em zig-zagues, seguindo o vale fundo e apertadissimo do rio Caira, chegámos a São Fructuoso, com sol nado já, mas encoberto pela neroa. Junto da venda do Lupar, houve parageem, a tradicional parageem.

Assim se viaja pela Beira, desde que ha estradas e carros.

Uma diligencia é um simbolo. É muito curioso, ao entardecer, sentar-se uma pessoa num banco da Estrada da Beira: ao longe aparece um carro enorme; dentro, nuns lugares para seis passageiros, vão oito; fóra, é

um verdadeiro trono humano, uma pinha de gente acamada, ondulando conforme as irregularidades da estrada e descrevendo ângulos assustadores; no tejadilho uma rima enorme de malas, de sacos, embrulhos, barris, molhos, fáus, vassouras, caixotes; e por baixo, junto ao eixo, vê-se pendurada, muitas vêres, uma caixa de madeira, um fijo com vinho, um embrulho! Tudo aquilo destina, puxado por três animais, aos solavancos, tombando ás vêres assustadoramente, mas nunca caindo, assim como um équio, aos bordos, por uma estrada fóra.

Vê a gente aparecer aquilo ao longe e assim entrar na cidade; daí a nada, outro, depois outro, outro em seguida e ainda mais outro... Vêem de Arganil, de Góis, da Lousã, de Penacova, de Tábua, de Poiares, enfim, do alto distrito todo.

Ora num carro destes, dessas arcas de Noé, é que nós iamos para Arganil. E assim que se viaja ainda para a Beira quando se não tem um automovel ou o Progresso ainda não fez passar por lá o comboio civilizador. Apenas, no nosso caso, havia uma diferença: é que dentro do carro iam quatro pessoas em esp

ço proprio para seis; fóra, outras quatro onde cabiam sete e no tejadilho apenas duas pequenas malas e um mólho de feno para os cavalos. Eis a diferença, grande é verdade para a comodidade dos viandantes mas que nem por isso encurtava a enorme, a terrivel distancia de 60 quilometros.

Estávamos, pois, em S. Frutuoso, luxarejo pendurado na encosta, á esquerda; já tinhamos, ao menos, andado 10 quilometros, louvado seja o Supremo Arquitecto!... Sempre eram duas leguas já passadas.

O gado descançou dez minutos, um quarto de hora se tanto. O alferes Brito e Silva admirava as ribas e encostas como alentejano que nunca viu senão as planicies a perder de vista da sua provincia.

— Isto é lindissimo, dizia-me ele a olhar a curva violenta do rio. A serra de Ossa, lá em baixo...

Foi porem interrompido nestas considerações e comparações que de certo sairiam cheias de profunda filosofia daquele cerebro petrificado, pela chegada dum outro char-á-bancs com oficiais de Infantaria 24 e ainda outro com os de Infantaria 7. Houve cumprimentos

de parte a parte e daí a pouco os carros la se guiam, estrada fóra.

O nosso ia á frente porque é preciso que se diga que a Infantaria 24 ainda nenhure atraz do 23. Nunca deixaria passar esse carro cheio de oficiais pés-de-boi, mudos, calados, tristes, a maldizer a sorte, adeante deste outro onde se ouvia falar, mas falar alegremente, cheio de rapazes com vida, contentes com a perspectiva do exercicio. Ainda me lembro das manobras do Bussaco, quando o combate do 2º dia se suspendeu; o fogo parou dum e outro lado e amigos e inimigos depozeram as armas. E porquê? Porque Infantaria 24 estava tomando o café...[1]

(4 - Julho - 1906)

E assim, o carro do 24 atraz do do 23, lá fomos seguindo a boa estrada, constantemente ás curvas. Passámos ás Pibas (a casa do Brasileiro) onde eu dormi uma noite, dois annos antes, dia por dia, numa eira lageada em que havia um pequeno alpendre. Passámos Segade, o ramal de Lousã e Ponte Velha onde houve novo descanço.

---

[1] Ver neste vol.º pag. 125-128.

Caía uma cacimba terrível como a agoirar chuva; os oficiais desceram e eu fui sei eu como já lá iam dois anos e meio desde que ali passára numa terrível noite de dezembro, molhadíssimo e eu como ali, numa venda da estrada, nós bebemos aguardente e nos aquecemos um pouco a uma fogueira que crepitava. Foi ali, na Ponte Velha, há dois anos e meio... Como o tempo passa e como tudo vai mudando! (1)

Enquanto ia pensando e recordando, o cocheiro procedeu á muda do gado e eu tinha do três cavalos fortes que fizeram o caminho desde Coimbra, atrelou três mulas pequenas, mas médias e nervosas, com belo aspecto. E lá seguimos de novo estrada fóra.

Passou-se por Val-do-Vaz, com as casitas pitorescas metidas no meio de arvores; entrámos na grande recta de S. Miguel, passámos á Casa Vermelha e daí para a frente a vista alcançava o magnifico vale de Poiares, extenso, plano, muito viçoso, com uma ou outra modesta mancha de pinheiraes. E' uma coisa linda; o nevoeiro, então, promettia descobrir; tudo

---

(1) Ver no cap. II deste volume.

aparecia mais claro, mais nitido; e os farrapos da nevoa começavam a atravessar rapidamente os ramos dos pinheiros mais altos.

Eu, como conhecedor da região ia apontando á esquerda:

— Ali está S.to André, hoje Vila Nova de Poiares... Ali a Ferreira, a Vindinha... mais alem, veem?... a Risca Silva... Aqui á direita, S. Miguel... lá está a igreja...

E assim por deante. O carro seguia pela enorme recta, deixando para traz o cruzamento com a estrada do Lourêdo para Góis e a aldeola do José Ferrão, onde tem o seu solar antigo; e por fim, com o começo da subida e por detraz da aldeia de S. Miguel, apontei as altas e abruptas penedias por onde passa o caminho sinuoso do Alveite que leva até Arganil.

E a subida começava por entre pinheirais; iamos subir á serra de S. Pedro Dias, a serra que se prolonga até ao Mondego e que se não fosse a interrupção do sitio de Entre-Penedos, seria uma continuação da do Buçaco. Olhei então para traz: o vale de Poiares aparecia de novo, debaixo de outro aspecto; chamei a atenção dos companheiros e todos concordáram em como tudo era lindo, tanto mais que

o sol já de quando em quando aparecia aqui e além, alegrando a paisagem.

Em breve chegámos ao alto, uma explanada seca, apenas com muito expurgito, escuro. A vista então, ali, é surpreendente sem exagero. De para traz ficava o lindo vale de Poiares, para a frente alevia-se o vale sinuoso do Alva; e para além, as altas serranias da Beira, agora douradas pelo sol que aparecia por entre a neve esfarrapada.

Em baixo, o curso sinuoso do Alva, por entre choupos, conservava ainda, por cima, uma longa fita de nevoeiro; mas lá se via já a casa da hospedaria e a ponte chamada da Mucela.

Embebido no panorama soberbo, sem conversação, não dei pela descida; da serra ao vale são ainda uns quilometros de estrada em zig-zagues, transpondo ferradias, galgando gargantas, correndo encostas cobertas de urze. Voltas sobre voltas sempre e o sol dourava os picarços das serras. Que beleza em tudo!

Por fim, o carro meteu por um bocado de estrada plana; transpozémos a histórica ponte de pedra, alta e larga; e os dois carros pararam á porta da velha e muito conheci-

da hospedaria da Ponte da Mucela onde iria-mos comer um almoço reparador.

(19 - Julho - 1806)

Estávamos, pois, na Ponte da Mucela, na histórica hospedaria, á espera dum suculento e reparador almoço.

O Andrade Farejana já na cosinha o que havia para comer como bom gastronomo e eu lancei a vista para o esplendido aspecto da paisagem, toda verde nos campos, emmoldurada no escuro das serranias em volta. Belo, verdadeiramente belo! O Alva curvetéava pelas alcantaras da serra, de açude em açude; e enquanto o almoço não vinha eu fiquei-me na velha ponte de pedra, a olhar para a agua que corria, a ver as serras em volta, a ouvir o riso alegre dos oficiais na casa de mesa da velha e respeitavel hospedaria.

Passava das 9 horas quando ressôou o grito retumbante e de contentamento:

— O almoço!

Tudo convergiu para ali e em volta da mêsa comprida juntáram-se dezasseis oficiais com fome...

Veiu a tradicional açorda com ovos fritos, o chouriço com ovos, o frango guisado, o

caldito de cabidela, o queijo da serra, a brôa esfoada, o café forte e cheiroso, e tudo — louvado seja o Supremo Arquitecto! — se comeu completamente.

As mulheres que serviam á mesa abriam a boca de satisfação:

— E' porque gostam! E' porque está bem cozinhado o almocinho!...

E com esta norma bondosa, iam acarretando para a mesa travessas sobre travessas.

O Caetano de Andrade, sempre alegre, mas a quem eu ia enchendo o copo traiçoeiramente, dava vida aquela reunião de tropas: os de Inf.ª 24 sempre cabisbaixos, apenas ouviam; só os do 23 se mostravam bem dispostos, resistentes — como aliás se portaram até o fim. Um major do 24 que presidia era o aborrecimento em pessoa; olhava para nós com riso triste e parece que essa tristeza era o padrão pelo qual se regulava a tristeza dos outros do seu regimento.

Só o Andrade, já por fim com alegria artificial p.º o vinho lho inoculara e que mantinha tudo bem disposto. Fez um discurso interessantíssimo ao major do 24 que não gostou muito da confiança... Fez um discurso á Dô-

na da casa, muito terno, lastimando a morte do marido recentemente.

O almoço acabou já passava das 11 horas e lá fóra o calor apertava. Sobre o verde dos campos, o ar tremia como diz o povo; e um capitão do 23 teve a triste e malaventurada ideia de querer seguir logo para Arganil. Houve protestos, doceis, é claro, como devia ser; mas lá fomos, seria meio-dia, com calor terrivel, pela estrada fóra no meio de poeira sufocante.

E eu lá ia pensando, no observatório do tejadilho do carro, naquele terreno histórico onde o embate dos franceses com os aliados de Wellington deveria ter derramado sangue generoso e inocente. Ali, apoiados um na serra que tinhamos transposto, o outro no Mucelão (serra mais adeante) os dois contendores, a França e Inglaterra, vieram mais uma vez ás mãos na esperança sempre da vitoria tão abalada p.ª um e tão prodiga para o outro. Sangue de franceses, ingleses e portugueses correu ali, por esses terrenos que hoje constituem uma linha de invasão espanhola.(1)

---

(1) Como se vê ainda estava longe dos trabalhos que mais tarde fiz acerca da retirada de

A moderna arte da guerra diz que o caminho de Massena em 1810 não se faria hoje; de Celorico, o invasôr do seculo XX não seguiria o caminho da direita mas sim o da esquerda e, deixando á mão direita as grandes barreiras do Criz e do Buçaco meteria pelo vale do Mondego, transpondo melhores obstaculos até se alargar pelo fertil, explendido e espaçoso vale que junto á cordilheira vai da Lousã, por Miranda do Corvo e Penela para o sul. Por aí sim, como quere a nova arte que seja a invasão estrangeira que se dirija a Lisboa. Por aí seguiu Massena, mas na volta, quando pelas costas tinha o inflexivel Wellington, constante e energico, a contrariar-lhe os planos.

Olhando as serras, olhando os vales, eu considerava como a nossa Beira é um reduto invencivel para quem não dispõe dum grande exercito; cada vale é um obstaculo, cada monte, cada serra um reduto formidavel; e se hoje o caminho do Buçaco é impos

---

Massena em 1811. Nessa altura da vida ainda encaráva a acção da Ponte da Mucela mais ou menos debaixo da natural impressão romantica. (Nota em Dezembro de 1957).

sinel para o invasôr, o da Mucela ser-lhe-ia
duma enorme e insuperavel dificuldade.

E' preciso passar ali, ver como aqueles
montes se elevam como barreira altiva sobre
os vales quase simetricos, quase paralelos,
para se comprehender como seria dificil uma
marcha desde que pela frente houvesse gente
decidida a cortar o passo, serra a serra, bar-
ranco a barranco, penhasco a penhasco, pe-
ra resistencia tenaz e séria. E depois, os mon-
tes elevam-se prepondicularmente á direcção
do caminho; á esquerda a cordilheira corta o
passo por ali, á direita o vale do Mondego en-
tre margens abruptamente penhascosas, é im-
praticavel; de modo que o caminho é só em
frente e nessa frente as serras elevam-se pe-
renes e limpas de arvoredo, onduladas pu-
ramente, sem cortes rapidos, como um gi-
gante que se atravessasse inopinadamente
na estrada.

Em frente dessas serras ha pouco mais
que o dilema: ou passar-lhes por cima ou vol
var para traz

Fazendo estas graves reflexões [1], fui pas-

---

[1] Reflexões que, embora com certa base

sando pelo Mucelão, pequena aldeola entre pinhais; ha direita ha valeiros fundos, á esquerda vi erguer-se por entre os pinheiros a chaminé de tijolo duma fabrica de cerâmica de q. é gerente um sobrinho do P.e Ribeiro[1]; e mais alem percebiam-se as depressões do Mondego, o sitio de Entre-Penedos e a serra do Buçaco, muito comprida, a estender-se para poente.

Numa volta, chegámos ao alto do Mucelão; aí — que vista soberba! — o olhar logo abrange a norte: o Caramulo com seus pincaros caracteristicos; a serra de Estrela, enorme, esbranquiçada; ao nascente, a serra da Gata e a da Cebola e o cóne do Colcurinho onde está a capela da Senhora das Préces (Aldeia das Dez); e para sul, a serra da Lousã, a do Espinho, a Chapinheira. Que coisa bela!

Em baixo, entre arvoredo, via-se o lugarejo da Moita, o futuro ponto de concentração dos exercicios

O sol já apertava bastante; a poeira levantava-se [redacted] impertinente

---

na altura em q. foram feitas, necessitariam, mesmo assim de uma ou outra correcção. (Nota em Dezembro de 1957)

[1] Joaquim Rib.o da Cunha.

para o resto a afastar; não corria uma aragem para refrescar.

Começou a descida até á povoação.

(13 - Julho - 1806)

Na Moita, nova parapem á porta duma locanda; em frente, lá estava a serra, a descalvada serra da Moita onde seriam os exercicios, com a capelinha branca de Stª Eufémia e a outra da Senhora da Serra; e á direita via-se a grande baixa por onde segue a estrada para Arpanil, a faiscar ao sol, branca, poeirenta, [illegible] incomodativa.

Começámos, então, a sentir alguem cansaço; já tinhamos percorrido 50 quilometros e o calor era excessivo. E o resto da estrada, o ramal chamado da Moita, passámo-lo nós calados, mudos, com pêso nas palpebras, desejosos daquilo acabar.

Agora, a estrada já não era a da Beira, a grande estrada real; era estrada mais estreita, poeirenta, sempre a descer em longas curvas descubertas. Por fim, passámos o Sarzêdo e entrámos na grande ponte de pedra sobre o Alva; a aldeia lá estava ainda, minha conhecida dos outros anos, perdurada entre verdura sobre o rio que corria pereno, com

aguas limpidas; lá estava a azenha caracteristica que ha dois annos notára; tudo começáva a ser mais meu conhecido e emquanto olhava e explicava aos visinhos do tejadilho, o carro ia correia a grande recta plana pelo vale, passava a capella romantica de S. Pedro — e eis-nos á entrada de Arganil, tal qual como ha dois annos a vi, mettida num recanto de colinas encobertá ás vistas curiosas.

Passámos por debaixo dos grandes álamos da entrada e á direita, logo, a casa do Abel Perdigão, um excellente companheiro do meu tempo das eleições na villa. Olhei: a irmã, creatura meiga, de olhos claros e simples, estava á janella; cumprimentei, e o carro metteu rua acima, por entre caras pequenas onde apparecia uma ou outra cara minha conhecida.

Vi logo as filhas do secretario da administração, duas moreninhas sem graça nenhuma; o juiz Campos, de capa para branca revolta; o Gabrãozito, amanuense da Fazenda; a Tabordinha, uma morena de tristes olhos negros; o Garcia, secretario da Camara aposentado, etc. Eu cumprimentava cortezmente e o carro ia rolando na praça onde logo se juntou gente para ver quem vinha, com a curiosidade propria

duma terra pequena, pela vida, ruas para a qual as manobras de quadros iriam ser excepcional acontecimento.

2º.

De como uma Escola passa a ser uma caserna. Movimento desusado numa vila pacata. Uma noite de S. João e uma manhã do mesmo ano. Apresentação ao coronel e o discurso do general. Retrato das duas altas entidades e ideia do que iria ser o exercício.

(13 - Julho - 1906)

Saltamos do carro, desentorpecendo as pernas; gente conhecida aparecia e eu ia falando a uns e a outros quando me chamaram: era o estado-maior dos exercícios que nos queria guiar aos alojamentos.

Por esta expressão «o estado maior» eu alcanço apenas, mas lá a verdade, um tenente de Infantaria com o curso do Estado maior, meu conhecido antigo, companheiro do regimento, das manobras em Braga e agora chefe espiritual do Partido Oeste nestes exercícios de quadros. Era o Peixoto, enfim, o Peixotinho!

— Adeus Peixoto!

E o Peixoto abraçou cortezmente o modesto costado do oficial de fileira sem merecimentos que o levassem a aspirar aos cordões brancos...

E o nosso grupo de Infantéria 23 junto com o do 24, cheios de poeira, transpirando muito, lá foi subindo rua acima para o largo do Paço onde os capitães ficáram na velha hospedaria chamada «do Paço»; os subalternos, guiados pelo mesmo espiritual Peixoto [1] seguiram para o largo da feira diaria onde se eleva o novo edificio da Escola Primaria.

Ao centro do edificio as habitações dos professores; aos lados, duas grandes salas, de grandes janelas rasgadas, com muita luz e muito calor. Uma das salas para os subalternos de Infantaria 23, a outra para os do 24; seis camas havia em cada uma; para as quais toda a população grada da vila havia contribuído: uns com lençois, outros com cobertores, etc. etc.

---

[1] Alberto Guerreiro Peixoto e Cunha, já falado neste volume. Afinal, uma cavalgadura hoje general reformado que finje não me conhecer quando cruzamos em Lx.ª (Nota em Deremb.º 1957).

Estávamos, pois, instalados. O calor era muito e todos serviam a necessidade do fresco, mas tudo era quente. Nas habitações dos professores onde ficaram alojados o comandante do Partido e o seu estado-maior, havia o mesmo calor, de modo que saí e fui beber re fresco e falar a uns e outros conhecidos.

Vi então como Arganil estava exactam.te como os teatros em dia de recita sensacional: á cunha. Estava tudo cheio: as hospedarias, as escolas primarias, o quartel; o prior tinha seis oficiais em casa e outros habitantes ofere ceram quartos que se encheram. Havia um ge neral com o estado-maior; um coronel com es tado-maior; oficiais de Infantaria para dois re gimentos, de Artilharia para um grupo de ba terias, de Cavalaria para um grupo de esquadrões, de Engenharia para uma companhia; e ainda os havia de administração militar, do corpo de saude, veterenarios, etc. Só faltavam soldados, os oficiais davam para uma brigada mixta.

E alem disso umas 100 pragas de Cavala ria com igual numero de cavalos.

Arganil nunca se viu em tais alturas: por toda a parte se viam oficiais, soldados, im pedidos com cavalos. Agora era o capitão de ba

valaria, o lindo José Felix, que abalou o coração das aparnilenses; depois, o tenente Faustino, um belo fanfarrão, de bigode crespo, futil, estupido e mal creado; depois o alferes de Art.ª Maria Fernudo [1] de quem as meninas gostaram muito, pela elegancia e mocidade; ainda o ten.te Antunes... Enfim uma serie de figuras que davam movimento e causava as delicias do povo aparnilense.

Aproximou-se a hora de jantar e eu tive a satisfação de ver que quase toda a gente grada da terra, como quem das outras mães lidára, foi cumprimentar-me, oferecer um quarto para ficar melhor alojado, com amabilidades que me captivaram.

Fui jantar, finalmente, á hospedaria do velho reformado Martins onde ficara das outras vêres; e assim caiu a tarde e eu fui para o largo da fonte gozar o fresco das grandes arvores emquanto passavam e repassávam soldados com cavalos e o sol ia fazendo desaparecer os contornos tristes das serras pondo o vale tão fresco e tão verde, alem, a per-

---

(1) Deveria ser o Vasco Fernudo de Vera, desaparecido misteriosam.te ha anos. (Dez.º 1957).

der de vista, por sobre a alegria dos milharais já crescidos.

(14 - Julho - 1906)

A tarde ia caindo e a noite que surgia era a noite de S. João! Eu conversáva, já lusco-fusco, com o Dr. Coimbra, com o sub-inspector, com o P.e Adelino e outros,(1) mas o meu pensamento fugia...

Na minha terra, a essas horas davam-se os ultimos toques nas fogueiras, tudo se preparava alegremente para a dança dedicada ao santo folião dos ultimos tempos e que em vida nada teve de folgazão. E eu lembráva-me de tudo, via os preparativos, via as tricanas todas garridas, com aventalsinho com barras de veludo que mais parece uma tanga de fantasia do que peça de vestuario; via os futricas, de gravata espaventosa, bigode torcido, a puxarem dum espelhinho para se mirarem. E a noite caía, naturalmente; a conversa esfriava e daí a pouco, seriam quase dez horas, subi lentamente, preguiçosamente, para a Escola onde a minha mala já estava e onde conse

---

(1) Eram o Dr. Augusto Coimbra, advogado e o P.e Adelino Dias Nogueira.

gui, finalmente, deitar-me com sossego e preparar-me para dormir.

Nisto, chegáram os companheiros; o Andrade, cada vez mais alegre, quiz tentar brincadeira, mas o Bastos, homem de certa idade, oficial pratico, amigavelmente fê-lo deitar e dentro em pouco adormecemos profundam.te na tranquilidade cálida daquela noite em regra alegre e folgazã — enquanto ao longe, lá para o fundo da vila, apenas se ouvia um léve rumôr de cantigas de modesta fogueira serrana. E eu adormeci, vendo na imaginação, a minha terra, a essa hora cheia de descantes, sentindo as cantigas triviais das tricanas que para o ar, para o céu escuro e quente lançáriam, numa tradicional costumeira pagã, os louvores e pirraças ao pobre santo precursôr:

São João por ver as moças
Fez uma fonte de prata.
As moças não vão á fonte,
São João todo se mata...

E ao acordar, chamado pela voz amavel do tenente-coronel Brack-Lamy, eu ainda me lembrei, vendo que eram 5 horas e meia da

manhã, que a essa hora, em Coimbra, ainda os ranchos dançavam na Fonte do Castanheiro depois de beberem a agua remidora...

Assim, na perspectiva enigmatica de um exercicio de quadros, eu passei a noite da manhã de S. João; a voz melliflua do tenente coronel é que veio desfazer a sonhadela evocativa dos folguedos na m.ª terra:

— Vá, rapazinos! São horas da apresentação!

Eu, fingindo que não percebera que era ele, berrei por entre o sono:

— Ora você não podia estar calado?

Depois, logo desculpa, disse que julgava ser o tenente Bastos... Todos se riram e não tivemos outro remedio senão levantar.

Havia fresco na sala; as janelas ficáram abertas e o frio natural da manhã nevoenta entrava á sua vontade. Era quase um bivaque. Lá fóra, no terreiro, havia mercado; a capela da Senh.ª do Montalto estava encoberta; e por todo o vale a nevoa corria, esfarrapando-se nos pinheiraes das encostas.

Afinal, o general saíra para visitar o outro partido e só voltaria depois do almoço; e eu lastimei aquele fracasso do Brack-Lamy

sem têr averiguado se o homem estava ou não. Podia dormir mais um bocado, que bem necessario era.

Mas, enfim, fômos passear pela vila, vimos chegar o destacamento de Cavalaria, cerca de noventa cavalos. Lá me escolheram um para mim, o nº 13, de Cavalaria nº 8, montada dum clarim, russo, bonito e segundo o tratador era manso... O numero é que era fatidico, o numero 13!... E depois, o tratador era o nº 26 do 4º esquadrão; ora 26 é o dobro de 13... Tudo parecia conspirar contra mim, mas decidi-me a arrostar com a superstição e confiei na minha ciencia de cavaleiro...

(18-Julho-1906)

Na convicção, pois, de que o cavalo era bom e o cavaleiro melhor fui almoçar e só ao ½ dia fomos chamados ao coronel Massano, de Infantaria 15, comandante da brigada que constituia o nosso destacamento.[1]

Deu-nos as instruções, as ordens e papeis impressos do modelo oficial para as correspondencias; deu-nos as cartas do terreno

---

(1)

e o tema do exercicio, impresso. Foi amavel, correcto; mostrou-se cançado e nós viémos com as mãos cheias de papelada.

Dali fômos á casa da Câmara em cuja sala das sessões o general nos recebeu a apresentação e fez o seu discurso, lento, tristonho, sem vida. Disse-nos o que era o exercicio, pediu a coadjuvação de todos, esfregou os oculos e no fim deu uma mãosada a cada um.

Quer o general quer o coronel pareciam escolhidos de proposito para serem reformados. O coronel Massano é um esqueleto vivo; o general é nem mais nem menos o que os da Cavalaria chamávam: o Ventura, o bom velhote

O Massano é homem m.to intelixente, muito sabedor, de grande competencia profissional; é alto, sêco, nariz um tanto adunco, perfil energico e simpatico; torna-se atraente falando embora nós vejâmos que a pele lhe está sobre os ossos como num esqueleto a que vestissem pele adequada. As doenças tornáram-no invalido e hoje, o brilhante oficial de tempos antixos é uma ruína. Não monta a cavalo, anda a pé com visivel esforço, de modo que os exercicios foram para ele, inegavelmente, um tremendo sacrificio.

O general[1] é homem que nunca, na sua vida, teve outro valor que não fosse a sua bondade e, como militar, o seu bom comportamento. E' baixo, de abdomen saliente, costas pouco direitas em consequencia da idade, olhos pequeninos de miope, por causa do que usa oculos. A' primeira vista tem o aspecto simpatico de boa pessoa mas a ausencia completa de figura para general.

De facto, o oficiais de Cavalaria chamavam-lhe, com certa propriedade, o Ventura, o bom velhote...[2]

Eram estas as duas altas entidades debaixo do comando das quais ia correr o exercicio: dois invalidos a quem o fixado não deixava montar a cavalo e o mêdo acompanhava nessa negação hipica. E pensando neste caso, em como os nossos homens agaloados independentem.te do seu valor intelectual, estão na sua maior parte invalidos, seguia por uma rua da vila quando vejo... o quê? O meu cavalo, o n.º 13, o tal mansarrão, o

---

(1)

(2) Salvo erro, era o nome dum monologo muito em voga nos tempos dos nossos Pais, a que o actor Taborda deu celebridade. Salvo erro, repito.

tal paciente, aos pulos, aos galões, aos coices, sem o tratador conseguir doma-lo! Gritei ao tratador:

— Esse cavalo é que é o meu?

— É' sim, meu alferes...

— Está bom! então isso é' que é o tal mansinho, o tal cavalo boa-pessoa?

Confesso que me ri e, ao mesmo tempo, não desgostei. Ao menos, pensava, vou experimentar-me como cavaleiro... E com estas considerações ponderosas, chegou a hora do jantar, coisa muito de apetecer durante todas e greis greis manobras.

Estas começaram no dia seguinte e esperava-se que viessem dar razão ao ministro novo.[1] De facto, embora, á primeira vista, os exercicios de quadros pareçam coisa inutil, não contudo, incontestavelmente, de mais utilidade que as manobras com tropas. Nós, sozinhos, identificamos-nos mais com o terreno, compreendemo-lo melhor, pensámos mais friamente; emquanto que, com tropas, apenas procurámos não desmanchar o conjunto no grande espectaculo, muitas vê-

---

[1] Ant.º Carlos Coelho de Vasconcelos Porto.

zes politico, no qual temos um papel insignificante de comparsa sem iniciativa e não raro muito ingrato.

Por isso esperava tirar algum proveito dos exercicios cujo têma era o seguinte: o inimigo entrára pela fronteira da Beira-Alta e batera o nosso exercito em Celorico; este retirára para a Mucela mas deixou na serra da Moita uma brigada como guarda da recta-guarda com o fim de, naquela excelente posição, tomar o passo ao invasôr.

Este, por sua vêz, manda como guarda avançada uma brigada que se encontraria com a nossa na posição citada, onde se travaria o combate.

Na sua linha geral era este o exercicio a que ia assistir e do qual poderia, com mais ou menos consciencia, avaliar as vantagens tacticas e estrategicas da serra da Moita.

No primeiro dia apenas se estabeleceriam os postos avançados, far-se-iam explorações, reconhecimentos, instalação das reservas, dos postos sanitarios, etc. No outro, então, haveria o combate no qual eu iria ter o papel de comandante de companhia encarregada dum contra-ataque decisivo.

Assim, contente com o meu papel, deitei-me sossegadamente, sentindo o vento fresco cortar a sala da aula e a refrescar o ambiente quente. E vendo luzir as estrelas, brilhantes, adormeci.

3º

Como começaram os exercicios. A minha missão e como a executei. De como os inimigos nem sempre são máus e de como, mesmo em combate se póde dormir sossegadamente, á sombra duns pinheiros. O regresso e começo da papelada.

(22 - Julho - 1906)

Seriam tres horas da manhã quando nos acordáram. Lá fóra tudo escuro e as estrelas brilhávam o que era sinal de calor.

Levantámos-nos e com bem má vontade. No largo sentia-se certo movimento de soldados, oficiais, cavalos; o tenente-coronel apareceu outra vez, para verificar se estávamos ainda a dormir; e assim, ainda não seriam 3 e meia já nós estavamos na rua, sob o céu a esbater-se com a luz da manhã. Não havia névoa; o sol ia aparecer dentro em pou

co e tínamos certamente uma manhã horrível de calor.

No largo, em frente da hospedaria, estavam os cavalos; tomámos café, comemos qualquer coisa e cada um procurou a sua montada.

— Soldado 26 de Cavalaria 8!

O 26 apareceu logo á chamada, com o cavalo, muitos sonolentos, calcinhas. Alguns oficiais já desciam a rua e eu montei, tirando a tiracólo, depois de meter nas bolsas do selim papéis em branco e pautado, um Regulamento de campanha, uns lápis de côr, cartas do terreno e não sei que mais.

Acertei os estribos, tomei as rédeas, uni os joelhos e fiz seguir o cavalo, muito perto de mim, como quem, duma vez para sempre ia quebrar o encanto do numero 13. No largo já estava eu só; desci rua abaixo, a passo, a experimentar o cavalo, com as cautelas devidas.

A Tabardinha, com olhos sonolentos, estava á janela, sempre risonha e romantica; as Torres espreitavam pelas cortinas e lá ao fundo da rua, ao pé da igreja, estavam em grupo os oficiais e ao lado a força de ar-

dezanças, isto é, soldados de Cavalaria com fato de brim e lança com baudeirola: azul para a Infantª, encarnada e branca para a Cavalaria, etc.

A cada oficial correspondia uma ordenança, com a baudeirola correspondente á arma a que pertencia; o tenente que comandava a força distribuia conforme chegávam e eu, já no fim de todos, recebi o soldº nº 146 de Cavalaria 7, um rapagão forte, feio, de cara grande sem expressão, sempre muito direito, muito consciente do seu papel, firme como a lança e sempre á distancia regulamentar. Se eu ia a passo, ele ia a passo; se trotava, ele trotava; se metia a galope, ele sempre a galope; se eu estacava de repente, o 146 sempre de cara erguida, tronco direito, lança na posição, estacava tambem com tiro aprumo prussiano. Tinha poucas falas; era preciso perguntar uma coisa duas vêzes para dar meia resposta. Era respeitador e fiquei gostando do seu serviço.

Quando o tenente o chamou e lhe disse

— Vais apresentar-te ao sr. alferes...

ele esporeou o cavalo, estacou atraz de mim, firme, aprumado e disse aferras:

— Presente, meu alferes!

Os oficiais já seguiam pela estrada e eu lá consegui tirar o meu cavalo do meio dos outros com oportunas esporadas e reuni-me ao grupo que ia a passo, sossegadam.te pela fastidiosa estrada para a Moita.

Havia conversa alegre; o Homem Cristo tinha ditos de espirito; o capitão de Infant.a 7 Ribeiro de Almeida era tambem de bom humôr e assim se chegou á Moita onde já estavam todos os outros oficiais. Seriam 5 horas e meia e o sol já apertava um pouco sobre a serra.

Apareceu logo a seguir o Chefe do Estado Maior, o major Ermitão que da parte do general vinha dizer q. podiamos seguir para os nossos destinos ao mesmo tempo que passava na estrada um carro com senhoras: as filhas do Dr. José da Costa de Vasconcelos Delgado e outras meninas arganilenses.

Eu deixei seguir todos, antes queria ir sósinho e quando vi que estava só, segui a passo pela estrada, com a ordenança á distancia regulamentar e, pela primeira vez, puxei pela carta e dignei-me ver para onde teria de ir.

Primeiro, deveria transpôr a serra, seguindo a estrada da Beira; depois iria adeante até á Catraia do Mouronho; a seguir corta-

ria á direita e faria, por essa estrada fóra, minuciosa exploração até onde me parecesse. Estava inteirado da minha missão quando chegáva ao alto da serra; meti a carta na bolsa do selim e olhei então em frente: que beleza!

O cavalo sentia os outros a distancia, queria galopar; e como no alto havia grupos de senhoras, fiz-lhe a vontade: galopou á rédea solta pela estrada fóra até ao começo da descida. O ponto de vista para a frente é unicamente admiravel: a serra de Estrela eleva-se aos nossos olhos, lá adeante; á esquerda, o Caramulo e entre um e outra, uma serie de serras, de vales, em conjunto surpreendente. Parei, então, o cavalo para ver; e em baixo havia um grande vale cheio de verdura e arvorêdo.

A serra da Moita é arida; mas nos declives começam os terrenos cultivados. Encantou-me o aspecto do panorama e só daí a um bocado é que fiz a vontade ao cavalo que estava impaciente por andar. Uns oficiais de Artelharia, perto, tomávam as suas posições e eu comecei a descer, passei a Venda da Serra, onde encontrei mais oficiais, segui pelo vale entre pinheiros e milharais até á Catraia do Mouronho onde recebi do comandante do Pique

lá ali estabelecido as ordens necessarias. E a verdade é que ia encantado com o cavalo, manso, bom trote, não tinha defeitos, era, enfim, um cavalo á altura... E depois de receber do capitão Gaulão as ordens, segui ainda pela estrada da Beira, trotando, satisfeito da vida...

No cruzamento com a estrada do Mouronho parei; e ainda me lembro muito bem de que para a frente o terreno era coberto de pinhais com raras culturas; não havia campo de vista de modo que ainda segui pela estrada até á povoação chamada Póvoa onde encontrei um regimento de Cavalaria, 9. vinha a galope e me disse que o inimigo andava perto, na pessoa de um outro subalterno de Cavalaria.

Ficámos admirados porque a ordem era para o contacto se estabelecer só ás 6 h. e meia e seriam, quando muito, seis horas. Voltei, pois, para trás e meti pela estrada distrital do Mouronho que era, verdadeiramente, o principal objecto da minha missão.

Analisei tudo, tomei os meus apontamentos, vi o mais que podia ver e estava resolvido a ir ver o grande palacio antigo do Mouronho em cujos jardins havia, nos tempos dos donos fidalgos, um labirinto curioso.

Para a direita tudo pinhais densos; para a esquerda o terreno alarga-se em culturas de milho; e em frente, meio-escuras ainda com as sombras da manhã, as grandes serranias. Bonito conjunto.

Ao cimo duma ladeira onde me pareceu que não era necessario continuar a exploração, parei. Havia perto uns grandes carvalhos, muito copados, sobre umas <u>alminhas</u> de pedra muito toscas. Resolvi desmontar e ali, á sombra fresca, tendo findado a minha missão, colegi os apontamentos que tomára rapidamente sobre o cavalo, e coordenei-os para com mais facilidade poder fazer o meu relatorio.

(24-Julho-1906)

Estava, parou, pausadamente, á sombra, a gosar vontade para de novo me meter ao sol, embelido na beleza da paisagem tão variada e imponente, tal como Frei de Castro (salvo seja...) na Fonte dos Amores

«. . . . . posto em sossego,
Dos meus anos colhendo o doce fruto»

quando ao fundo da estrada, na curva, quase em angulo recto, vi aparecer um cavaleiro, a passo. Olhei atentamente, deitei o binoculo

e vi que era um oficial de Cavalaria do partido inimigo e não trazia ordenança. Enquanto me aproximava, fui-o conhecendo: era um alferes do meu curso, o Ant.º Pereira da Cunha e Costa, um rufião terrível, de cujo de á Kaiser, toureiro, mal-creado, etc. etc. Já o não via desde que saí da Escola do Exercito, de modo que, ao aproximar-se, ouviram-se duas exclamações ao mesmo tempo:

— Oh Belisario!

— Oh Cunha e Costa!

Ele apeou-se e sentou-se á sombra ao pé de mim; e como se estivessemos ainda na Escola do Ex.to, disse-me terminantemente, com cára de atrapalhado:

— Se tu me ensinasses a fazer o relatorio...

Ainda era o mesmo! o mesmo ignorante da Escola. Ri-me e pensei mais uma vêz a superioridade da Infantaria...

E a bem, para querer saber que era um inimigo, ensinei-lhe a fazer o relatório, disse-lhe onde estavam os postos do meu partido onde era o cordão de vedetas que ele, como fanfarrona de Cavalaria de exploração Vinha de reconhecer — mas que, como bom oficial de Ca-

valaria, se considerava incompetente para o fazer. Porque é necessario notar que os bons oficiais da arma presam-se de serem ignorantes. Só sabem de cavalos...

Meia-hora, pouco mais, durou o armisticio. Montámos, de novo voltámos pela estrada: ele para se reunir ao partido antes de darem pela conversa com inimigos; eu para dar conta da minha missão. Descêmos a estrada, ao principio devagar, mas ele, talvez para ver o que eu dava como cavaleiro, começou a apertar e em pouco os cavalos desciam, ladeira abaixo, á desfilada! Eu, como cumpria, fingi não dar por tal, como homem habituado; e só no cruzamento da estrada da Beira é que parámos. Despedimos-nos, ele foi para um lado, eu voltei para o outro.

-Encontrei então o capitão Goulão num pinhal, na Catraia do Mouronho, onde estabelecera o piquete; e ali, á sombra fresca dos pinheiros eu tive a consolação de me apear e de me deitar ao comprido sobre a caruma e sentir o fresco da aragem do norte. O capitão, ao lado, escrevia os seus apontamentos e as ordenanças segurávam os cavalos. Eu, a pouco e pouco, senti fecharem-se-me as palpebras...

O que é ter a consciencia tranquila!

Nisto, senti-me selvagem: chegou-me ao ouvido a trepidação longinqua, para nascente, duns passos de cavalo, tal como aos indios americanos que escutam no chão os ruidos de ao longe. Mas, de facto, daí a um bocado, na direcção indicada, aparecia o tenente Bastos e a ordenança; e eu continuei a dormitar...

Era agradavel aquela sonolencia, ao fresco dos pinhais. Dizia eu, molemente, para os dois oficiais:

— Ora no céu esteja quem inventou o descanço...

Uma ordenança, porem, interrompeu a beatitude dizendo:

— Lá vem o nosso general!

Dei um pulo e, reverentemente, fômos ao seu encontro. O chefe do estado-maior inteirou-se das nossas missões, discutiu-se com certa brevidade e lá seguiram ao seu destino. E eu voltei a deitar-me sossegadamente.

Estava passado o primeiro dia de exercicios; o sol quente e a poeira é que nos incomodavam e quando montámos, eu e o Bastos, para subirmos ao alto da serra, seriam 9 horas, o sol era já ardente. A estrada, sem som-

lira, era enfadonha; na Venda da Serra soubémos que já tocára a alto, do mesmo que subimos á serra da Moita, perguntámos se poderiamos regressar e começámos a descer por um atalho, para encurtar, direitos á estrada. E andámos os 8 quilometros, sem encontrar sombra, a passo, com sol de rachar e a atmosfera abafadissima. Como iam juntos o capitão Goulão, o Bastos e um outro oficial do 24, pinha eu e o Brito e Silva de ir tambem a passo, no miseravel passo, com as costas ao sol e os olhos a fecharem-se com o carinho do pó branco da estrada.

Passámos o Barreto, atravessámos a ponte e ao chegar á vila eu e o Brito e Silva, com a devida venia, largámos o grupo e ao trote, com as ordenanças atráz, fizemos a entrada solenemente, por entre a curiosidade dos habitantes. E parámos á porta da Escola como lordes inglezes á porta do seu palacio.

(26 - Julho - 1906)

Será escusado dizer que tive de mudar completamente de roupa. Seria agradavel um banho, mas isso não era possivel. Limitei-me a vestir roupa enxuta e fresca e a ir almoçar. Almoço alegre em que predominou a

troca humorística de impressões, crivada mais tão nêres de finas ironias.

Depois do almoço, porem, é que começou a parte mais maçadora dos exercícios: o relatório. Sim, era necessario um relatório, um ligeiro desenho do terreno — uma coisa que pouco ás que os outros teriam que entregar, dava um colossal monte de papel. Uma enorme papelada!

Como na Escola estava muito calor, fui com o Bastos a um estabelecim.to dum sujeito conhecido; e ali, a uma mesa, ao fresco, escrevêmos os relatórios e eu fiz os dois ligeiros esboços do terreno, a lapis de côr, um para mim, outro para o Bastos que não tinha queda para desenho...

Bebemos refrescos enquanto trabalhávamos; e depois de entregarmos os ~~...~~ relatórios, talvez os primeiros que se entregaram, voltámos á Escola e sorrateiramente estendemos-nos sobre as camas, sem farda, procurando, na quietação e no dever cumprido, a ideia da frescura que a atmosfera não dava nem a sala tinha.

Os outros camaradas discutiam e questionávam ainda ao fazer os relatorios; e

eu, sentindo-me bem, gosava aquela ventura de ver trabalhar sem eu trabalhar...

E a pouco e pouco, sem querer, senti que adormecia.

4.º

Um dia de sossego. Conferencia pacata dum general bom velhote. Passeio sentimental pela várzea, ao crepusculo. Teatro e namoro.

O dia seguinte foi dia de sossêgo; mais do que um dia de sossego, um dia de bom humôr. O tenente-cor.el Brack-Lamy, segundo o costume e bem escusadamente, lá foi com sua fala mansa dizer-nos:

— Meninos! são horas...

Tinhamos que ir para a conferencia em que o general iria fazer a critica dos exercicios da vespera. Ele, o chefe do Est.º maior e o adjunto, passaram a noite quase em claro a ler a papelada; e agora ia enfim ouvir-se a grande voz acerca da eficácia ou não eficácia destes exercicios, da perfeição ou imperfeição dos trabalhos. Na mesma sala da Câmara, ouviriamos a ultima palavra...

Ventura, o bom velhote, como estudan-
te que vai fazer exame, leu um papel que na-
turalmente foi escrito pelo chefe do Estº-maior.
Leu e alguns pontos com dificuldº por causa
da letra e terminou dizendo que, em geral, tu-
do lhe agradára muito, que nós tinhamos pres-
tado excelente boa vontade, que eramos todos
muito inteligentes, muito trabalhadores, etc.

Foi conferencia pacata. E nós saímos
todos com a convicção de que eramos, de facto,
muito inteligentes e trabalhadores e de que ~~de~~,
ele, o bom velhote, nada tinha de esperto...

E emquanto o calor fazia derreter tudo,
nós, os subalternos do 23 estendidos sobre as
camas, á vontade, conversávamos e esperá-
vamos que o sol descesse e deixasse algum fres-
co á terra. Discutiu-se, falou-se acerca de
muitas coisas emquanto lá fóra o sol aper-
tava por essas serras e pelas estradas.

Que dia passado! Desde as 11 h. da
manhã ás 6 da tarde, estendido tranquila-
mente, ouvindo falar em coisas alegres, con-
tando anedotas, rindo e vendo rir...

Foi o melhor dia dos exercicios...

Só á tarde, emquanto o sol começáva
a desaparecer por detraz da mata da Miseri-

cordia e a vila de Argamil começou a ter alguma sombra é que nós nos levantamos, já com alguma vontade de jantar.

Depois do jantar, com a boa companhia do P.e Adelino que contava historietas, vagarosamente, fingindo que fumava um charuto, eu, envolvido em vaga melancolia e em vaga recordação de há dois anos, durante a diligencia que então ali fiz, descemos a vila abaixo e seguimos estrada de Folgues fóra.

Que deliciosa, melancolica tarde! Passada a capellinha de S. João, na recta que atravessa a varzea, que tristeza que pesava!

De quê?... Não sei. O tom triste do vale, o tom triste da serra, o tom triste dos talhados da vila de onde subia um fumo tenue, eram impressionantes. A tristeza do escurecer e a contemplação da paisagem eram tais que deixei apagar um charutinho que ia fumando, olhei o P.e Adelino a parar e fiquei-me a olhar, como nos bons tempos romanticos de estudante de Coimbra, em que me extasiava a ver correr o Mondego por entre os chouços verdes...

Fiquei-me a olhar, sem saber o quê: a paisagem empolgou-me sem dar por isso.

(28-Julho-1906)

Parece que tinha, insensivelmente, voltado aos tempos idos em que a simples linha flexuosa dum choupo alto, curvado sobre o rio, me impressionava a imaginação. Sentia-me poeta...

De facto, o escurecer era belo e, em pouco, o luar subiu sereno, limpido, explendido e os pequenos salgueiros da ribeirita que passava, começáram a dar comprida sombra sobre o milho verde. Ao longe, umas raparigas que voltavam do trabalho, cantavam dolentemente em terças, em belo conjunto, umas canções serranas. Havia gargalhadas alegres no grupo alegre das raparigas; e lá passáram por nós foice ao ombro, cesta á cabeça, fartas de trabalho, mas com a alegria sádia dos campos e das serras a transbordar-lhes do coração.

Respeitosamente, ao passarem, caláram se e disseram

— Muito boas noites...

— Boas noites, meninas.

E logo adeante o côro continuou monótono, mas com a alegria daquelas vozes juvenís a correr pelo vale, em ritmo lento, sem grandes relevos, que desaparecia suavemente.

A pouco e pouco, vencido por vaga e indefinível tristeza, voltei á vila. Porque era, não n'o sei; sei que tristeza sem causa aparente se apoderou de mim; e ao entrar na vila, por pé da casa do Dr. José da Costa de Vasconcelos Delgado, ouvia-se alegremente tocar piana, rir e dançar.

Felizmente, no teatro, havia espectaculo; uns musicos e prestidigitadores davam sessão variada; e daí a pouco lá fui, ladeira acima, com quase todos os subalternos de Infantaria 23 para o teatrinho, uma sala pequena, com galaria alta para senhoras, em toda a volta. Grupos de damas passeávam, com vestidos claros, rugindo sedas como em cidade; e eu, já lá dentro, apesar do sôno, vi chegar tudo o que ha em Arganil de mais fino, de mais chic, de mais distingué, de mais smart...

Ao fundo, ao canto da galaria, fusilávam os olhos créoulos da Tabardinha; e eu, atravez da sonolencia, sem escandalo, comecei, cá de baixo, a render-lhe as minhas homenagens de preito e admiração, modestamente, sentimentalmente, como quem vinha de se deixar repassar da enorme tristeza do crepusculo, e da natureza forte das serranias beirôas.

Ao canto, ao fundo da galaria, os olhos negros da Tabardinha brilhávam á luz de acetileine da sala, como dois carvões acêsos... E eu tive vontade de lhe cantar, cá de baixo:

«Os teus olhos negros negros
São gentios da Guiné...»

mas não: antes de acabar o espectaculo o sôno teve mais força que o amôr... Saí como os companheiros e regaladamente dormi até ás 3 horas da manhã — que é o mesmo que dizer que só dormi umas 3 horas, pouco mais. (1)

. . . . . .

(1) Ficou incompleta a historia dos exercicios não sei já por qual razão. Não se perdeu muito e aqui ficou lamentavelmente cortada por quarenta e tantas paginas, foi porque a descrição não deixa de ser documento curioso e tipico do que era um exercicio de quadros naquele tempo contado com bom humôr. E alem disso é prova de que eu, sempre que me metia a escrevinhar coisas identicas me preocupava com os aspectos da natureza.

Já li não sei onde ou ouvi não sei a quem que o escritor português pouco se preocupa com as descrições da natureza e quando as faz ou é em breves linhas como em Camilo ou teoricamente, por puro deleite literario como em Eça de Queiroz. Ora eu, sem querer meter-me no nº dos escritores portugueses, nunca deixei de me preocupar com os efeitos da natureza que atravessava.

V.1

« Itaque ante implicitur aliquo certo genere cursuque vivendi, quam potuit, quod optimum esset judicare. »

Cicero: De Officiis, lib. primus, § XXXII.

Reservando...

No verão de 1806 comecei a pensar, como já tenho dito, em me safar da vida do exército. Iria tentar a Engenharia Civil como recurso.

Mas... Aqui estão novamente a refletir: essa resolução teria base, isto é, seria resolução derivada de serias reflexões e de plano bem amadurecido ou era ainda a mesma fatalidade de que me fazia andar dos encontrões, sem norte bem fixo?

Confesso que me não tenho já bem do que se passa no meu espírito. Certamente a imaginação trabalhou e, como de costume, trabalhou mal.

Escreveu Ortega y Gasset que a Imaginação é o poder libertador que o homem possue[1]; e eu naturalmente aspirava a libertar-me da vida regimental, da cadeia seguida de serviços obscuros, sem qualquer cunho elevado, do ambiente de baixo nivel em que me sentia sem adaptação. Havia um ou outro oficial que talvez me estimasse, que tivesse, enfim, um pouco de compreensão; mas, no modo geral, a minha simpatia pelas letras, simpatia que eu não deixava de manifestar, sem querer, com a naturalidade propria, causava certo ar de desdem se não era, até, de certa troça — evidentemente encoberto por maneiras amaveis.

Ao escrever estas notas, apesar de dizer que não mais falarei neste aspecto da minha vida no regimento, sem querer insisto nele em tom de má vontade. O leitor futuro (se isto tiver leitores) poderá julgar mania de perseguição. Infelizmente não era — e isso fez-me mal como já, nos tempos de estudante, uma ou outra brincadeira de companheiros a que creio me referi anteriormente.

---

(1) La rebelion de las masas (9ª edição) cap. XIV, §VI, pg. 183.

Bem. Vamos a ver se sou capaz de não voltar a insistir em tal ponto que, na verdade, me é desagradavel porque, em consciencia, sempre julguei não merecer semelhante tratamento.

Dizia eu que me não parecera bem se a resolução de largar o exercito foi tomada a seguir a reflexões ponderadas. Com efeito a memoria não me reproduz já com fidelidade o meu estado de espirito; mas diz o Povo que pelos Domingos se viram os dias santos e assim hoje quero crer que a Fantasia me dou largos e faceis horizontes e me pintou o futuro com tintas alegres e seductoras.

Seriam dois anos em Coimbra para as cadeiras de preparatorios; e depois o curso de Engenharia em Lisboa ou no Porto. Pensei eu como realizaria tudo isso sem pedir licença ilimitada ou outra situação que me não prendesse ao serviço? Ninguem me teria mostrado as dificuldades que encontraria para me manter durante cinco ou seis anos num balanço de tão mau equilibrio?

Estou convencido, passado ~~[illegible]~~ meio seculo que me afasta dessa quadra, de que mais uma vez (e não seria a ultima) eu me deixei

suavemente arrastar nas azas de doce e facil ilusão. De que antepassado me viria esta qualidade que me fazia sonhar acordado tanta e tanta vêr — e que ainda hoje, quase velho, me sacode subtilmente?

De certo não seria dos avós mirandenses, gente positiva e terra-a-terra; possivelmente a mistura de gente do mar de Vila do Conde e do Barreiro e de um ou outro algarvio, me deixaria no sangue essa terrivel tendencia para o sonho.

André Gide escreveu que «on ne perd "pas ~~[illegible]~~ tout à fait son temps, en re-"vant...» (1) Assim será. Mas eu, ao ler ha tempos esta frase pensei de mim para mim, que, comigo, se não deu isso. Creio que perdi sempre o meu tempo e o sonho só me deixou a boa lembrança da Ilusão — que ainda é das boas coisas do mundo.

E por essas e por outras, é que hoje com a velhice, me sensibiliso repetidas vezes e facilmente, em circunstancias que poderão parecer consequencia de senilidade: por exemplo ao ouvir a Pastoral de Beethoven como ha

---

(1) Ainsi soit-il ou les jeux sont faits, pg. 129

dias que aconteceu, ou a ler cartas joviais do Miguel Torga. É possível, de facto, que seja já a sensibilidade a lançar as garras; mas também poderá ser o resultado de tanta coisa que tenho suportado e de todos os erros da minha vida a que não consegui fugir.

A sensibilidade talvez exasperada, mas que corresponde bem ao estado de espírito. Ao ouvir a Pastoral tenho-me de que Beethoven foi um infeliz, muito tempo incompreendido, sempre a lutar com um destino adverso quando, se a Humanidade fosse conjunto normal de pêras, deveria ser homem acarinhado, protegido, colocado ao abrigo de dificuldades. E ao ler versos de Torga, penso que o Poeta é outro que se debate com o destino e, como creio já ter dito e escrito nestas laudas, creatura a quem o Génio deu asas a quem o ambiente actual não deixa bater como quereriam. Quando vejo uma criança como ainda hoje de manhã, descalça e esfarrapada, com riqueza no olhar e desembaraçada no falar, surge em mim a lembrança dos sonhos da mocidade ao ler as pedagogias de Kropotkine ou de outros anarquistas que queriam conquistar a Igualdade e a Felicidade para Todos. Etc.

Daqui nirá a minha sensibilidade a que se juntá a tristeza resultante do reconhecimento do erro de toda a m.ª vida. A Ilusão, a Fantasia, o Sonho!

Triste condição a da existencia vulgar dos homens!

O Carlos da Maia, do Eça, recapitulando a vida, em amena conversa, dizia para o amigo Ega:

— Falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação.

E depois o Ega, querendo explicar afirmações que o amigo classificára de romanticas, exclamou:

— E que somos nós? Que temos nós sido desde o colegio, desde o exame de latim? Românticos: isto é, individuos inferiores que se governam na vida pelo sentimento e não pela razão... (1)

Bela síntese... Individuos inferiores... Não ha duvida: é o que temos sido, individuos inferiores que se deixam sempre governar pelo sentimento e não pela razão.

---

(1) Eça de Queiroz: Os Maias, 11ª edição, vol. II, pag. 483-484.

Mas estáu a afastar-me do assunto. Vamos pôr ordem na narrativa.

Depois de varias duvidas levantadas na secretaria da Universid.º porque as certidões que apresentára eram de actos feitos em regime de estudos anteriar; e depois de um requerimento a S. Magestade solicitando a mudança de regime, lá me matriculei em Calculo Diferencial e Integral, Quimica Organica, Fisica, 1ª parte e Desenho matematico, 3º anno, numa 4ª feira que era o dia 19 de Setembro de 1906.

A matricula fez-se como aluno ordinário em Calculo e Fisica; e como voluntario na cadeira de Quimica. Não me lembro das razões desta diferença; sei que foi assim porque comprei logo apara o Anuario e lá vi [illegible] a classificação de que até me admirei.

Estava de novo estudante universitario, mas a minha indumentaria é que era diferente: a capa e a batina estavam substituidas por uma farda — e havia oito annos a mais e posição social [illegible] diversa. Por professores tinha o Sidonio Pais nas matemáticas, o dr. Alvaro da Silva Basto na Quimica, o dr. Henrique Teixeira Bastos na Fisica e o Mendes Pinheiro o «Fr. Gerundio» no Desenho — e

lembro-me bem de que ao entrar nas aulas, eu sentia-me como que estranho, um pouco vendido, no meio de rapazes que andariam por dez anos a menos na idade e que se todos desconhecidos.

Enfim, lá fui, mas sentindo qualquer coisa de novo que me deixava lipsiramente inquiéto. Hoje, revendo essa quadra e essa tentativa de mudança na vida encetada, é que compreendo, talvez, o que era essa vaga inquiétação. Seria consequencia do que atraz deixei dito acerca do predominio da Imaginação sobre a Razão comesinha; um como que pressentimento de que essa tentativa era mais um fogacho da Fantazia do que um sério e objectivo intento.

Encontrei desses dias do começo do ano lectivo umas notas escritas com ligeireza, que traduzem mais ou menos o espirito do momento. Cuido que ficarão aqui bem transcritas.

Ei-las:

«16 de Outubro:

«Já fui á Universidade. Tudo alegre, tudo ar de festa. Vestidos alegres de senhoras,

ar alegre de visitantes e alegres abraços de estudantes que de novo se encontram. Houve a oração chamada de sapiência; houve distribuição dos prémios; houve discursos...

«Os sinos da torre alta tocaram festivamente; a charamela, encarapuçada, tocou festivamente; a bandeira azul e branca da torre tremulava festivamente...

«Era tarde alegre e bem alegre.»

. . . . . .

«22 de Dezembro:

«Ontem á noite, tinha a calera acabado de tocar pela segunda vêz quando eu acendi de novo, passados seis anos, o meu antigo candieiro de azeite de abat-jour verde. Senti qualquer coisa de estranho em mim...

«Saudade? Desgosto? Contentamento? Tédio?... Não m'o sei.

«Sei que não foi nem uma vaga, indefinivel impressão mural que eu, depois de tão longo e variado intervalo, colocasse sobre o aro amarelo do candieiro o meu abat-jour verde...

«Ha seis anos, sim, que eu não o acendia. Se uma vêz por outra me servia dele, essa excepção não interrompeu o longo, enor-

me intervalo de seis anos. Estudante, propriamente dito, todos os dias que a sua luz se alastrava pela mesa, mais cheia de cronicas e manuscritos que de livros matematicos, eu tinha a dolorosa impressão de que mais um dia passava sobre a minha cábula irredutivel e de que o final do ano, sempre incerto, seria para mim mais triste desilusão.

«Eu olhava indiferente para esses livros cheios de formulas, de equações, de combinações transcendentes de Algebra ou Geometria analitica; e os meus olhos, com tédio, fugiam pela mesa fóra, olhávam os outros livros: as cronicas, os meus manuscritos... Olhávam tudo, até as folhas suculentas de noticias dalgum jornal diario, como refrigerio, como abrigo protector da espantosa aridez da Ciencia...

«Depois, era a minha imaginação que vôava, que subia e descia conforme o vôo e deixava correr os ponteiros do relogio. E tudo isto o candieiro alumiáva, sonolentamente, tristemente; a noite passava, vinha o sôno, vinha a ideia poderosa e irresistivel da cama e eu, indolentemente, sem força de energia suficiente, sem a vontade necessaria para me impôr sobre o organismo, deixava-me

arrastar pelo tédio, pela cábula, quase como autómato... Fechava então os livros ou muitas vezes os deixava abertos para o pai os encontrar mais estudioso do que eu, levantava-me da mesa, passava ao quarto de dormir e deitava-me com o único e inútil protesto que me fazia dizer intimamente: "isto assim não pode ser!" E terminava por dar corda ao despertador para no dia seguinte me levantar mais cedo para estudar...

«Seis anos! Passaram-se seis anos: fui para a Escola do Exército, para Mafra, para Braga, Arganil, Peniche, Serra da Estrela; subi de postos, fiz serviço regimental, comandei tropas em manobras, em diligências; levantei autos, fiz guardas de honra, protegi eleições... E agora, passado o variadíssimo intervalo, em que pouca coisa me aconteceu desde o namoro galante de qualquer lisboeta até á pedrada eleitoral do entusiástico eleitor do Paiás, volto de novo a acender o paciente, monolento candieiro de azeite e a estirar a vista sobre livros de páginas brancas cobertas de cálculos algébricos complicados.

«Como muda o mundo, como muda o espírito humano... Por isso eu ontem me

surpreendi impressionado ao fazer cair o quarto na meia-penumbra do abat-jour verde; instintivamente, tanto é o poder da sugestão! os meus olhos já meio carregados de tédio, percorreram como outróra a mesa em busca de melhor coisa que as paginas do calculo diferencial e, tambem instintivamente, senti um... quase medo de ser hoje chamado de ter de falar, como noutro tempo, acerca da lição do dia.

«O caso, agora, porem é diferente; a tradição, o conservantismo, a indolencia nata, sugestionáram-me; a idade e os tempos é que são outros. E a verd.e é que tenho aqui ao lado a Quimica Organica.

«Acabo, pois. São 11 h. da noite.»

. . . . . .

«24 de Outubro:

«Tenho a mesa assoberbada de papeis: uns são coisas militares, antigas; outros são apontamentos de mecânica racional; outros de quimica organica e outros ainda com riscos do mais transcendente dos calculos matematicos. Conjunto sui generis de ciencia, desde o calculo aperfeiçoado e hiper-metafisico de Leibnitz, até ao mais prosaico disti-

lador de alcool ordinario. É curioso, pois, que eu, que me posso alcunhar de néo-estudante, escreva nota ligeiras sobre a papelada estendida; é como o sinal dum descanço sem ser descanço, tal como o antigo catre de monges penitentes cuja dureza espantosa lembrava sempre o sacrificio a que se votavam.

«Tal qual, sem tirar nem pôr...

«A cada movimento desta folha de papel corresponde uma infinidade de movimentos da papelada que está sobre a mesa de mogno envernizada. Aqui sái a formula algébrica do movimento; ali o binomio terrivel de Newton; ao lado, espantosamente, surge a formula estupida dum hidro-carboneto ciclico!... E eu, que me vou a desviar para outros pensamentos, volto, imediatamente, apressadamente, ao terreno ingrato da Ciencia onde os cardos crescem ás dezenas e as raposas andam ás centenas. É como o Gradinho penitente: mal na imaginação mortificada lhe aparecia ao longe, tenuemente, indistintamente, um vulto gentil da sua passada e remota mocidade, como clarão frouxo, logo a dôr aguda dos cilicios vinha afugentar essa visão acariciadora.

«Assim eu: mal me distráio, mal me esqueço da Ciencia, logo os cilicios me aparecem sob a fórma aleivosa duma soma de numeros irracionais ou a dureza do cetre se faz sentir cavilosamente sob a fórma hilariante do alcool metilico a 75% . . .

«No entanto, boa pasta é esta papelada toda para um intervalo que seja de dois apontamentos; e eu, que de novo enveredei pelo campo cientifico, concilio assim o dever de estudante agora exemplar com uma ou outra fuga da Imaginação incorregivel e inquieta.»

Enfim, estava de novo estudante universitario. Aos poucos comecei a travar relações com um ou outro condiscipulo e a fazer nova adaptação ao ambiente — se bem que a sentir alguma dificuldade em recomeçar no estudo . . .

Sentia-me desacostumada e o Calculo principalmente exigia cuidados e alguma continuidade com os estudos anteriores que eu, francamente, já não encontrei. Procurei, com algum trabalho, entrar naquela dificil ciencia e aqui surgiu certo desâ-

mimo se não foi, até, desilusão. Como iria eu vencer a tarefa se há seis anos que desliguára das matemáticas e estacarava agora com obstáculos que não sabia logo vencer?

Com a Química, bem estava; era tudo questão de estudo; mas o Cálculo começou a dar-me cuidados e apreensões. Venceria?... E se não vencesse, como sair airosamente da alhada em que me metera?

Comecei a preocupar-me com o futuro. Um dia o Sidónio Pais chamou-me á lição; e embora me aguentasse menos mal, a lição não foi o que deveria ser. Saí da aula com pouco aborrecido, pois em minha consciência não devia apresentar-me em nível inferior já não dígo aos <u>ursos</u>, mas aos estudantes bons. E saí convencido disso.

Onde fazia figura era na aula do Desenho; aí, numa carteira comum com Aurélio Lopes de Mira Fernandes (que viria a ser o grande matemático de renome europeu) fazia os desenhos perfeitos merecedores de alta classificação. Mas... a cadeira era simplesmente auxiliar e não era com a possível <u>distinção</u>, como vim no 2º ano, que eu merecia o ano lectivo.

Preassentia, nesta reviravolta da vida, que se iria passar qualquer coisa estranha. Não o digo agora, depois de tanto tempo passado; mas lembro-me de que tive esse pressentimento

Mas enfim, lá ia andando mais ou menos satisfeito com os cursos, especialm.te com o de Calculo que era composto de 20 estudantes entre os quais alguns rapazes de valor com quem me dei muito bem.

Sérios, compenetrados dos seus deveres, eram certamente o Luis de Mira Faio e o Francisco Xavier Vaz Pacheco de Castro — este ultimo, talentoso e excepcionalmente arguto e subtil merecen que se lhe chamasse o «espirito gentil» do curso. E' hoje engenheiro m.to distinto em Ponta-Delgada, sua terra natal. O Mira Faio, alentejano, creio que vive em Lisboa funcionario superior de qualquer ministerio.

Muito vivo, impetuoso, tambem inteligente e alma aberta e sincera, o Pedro de Alcantara de Andrade Marais, açoreano da Ilha Terceira, engenheiro como aqueles. Falecido ha já alguns anos. Reflectido, agudo, espirituoso, o Luis Esteves de Aguiar, bom e

rijo transmontano que se formou em medicina e morreu ainda novo; tinha a particularidade de falar latim macarronico com a maior facilidade.

Estes quatro constituiam o grupo com quem mais me dava e eram, na verdade, rapazes de escol.

Os outros eram uma mistura de bom, de razoavel e de mau: o Carlos Augusto da Costa Mota, conimbricense, depois medico, infelizmente já falecido; excelente rapaz, sério, com quem depois me dei muito. O Francisco Alberto de Almeida Ribeiro Saraiva, pobre rapaz, namorador, pretencioso, hoje medico em Vizeu; o Pedro José de Melo, um indiferente muito bem educado, como o Rui Henriques dos Santos, bom conversadôr, atencioso, sempre preocupado com uns enormes colares, que hoje encontro varias vêzes sem saber bem o que ele faz. O Fortunato Pires da Rocha, caçador e comilão que morreu ha poucos anos no posto de capitão-tenente salvo erro. O Vasco de Carvalho, beato, membro da "Democracia cristã" e de outras agremiações superiorm.te católicas, é hoje brigad.º reformado de Artelharia por motivos politicos... O Augusto Emi-

liano da Costa, futuro medico e poeta algarvio de valor. O António Pais de Sande e Castro, ruemino afidalgado, impertinente e tolo q. julgo ser hoje um dos idealizados mentores da Associação dos Arqueologos, sempre na brecha com comunicações e conferencias.

E já agora, p.ª terminar com as reminiscencias, não quero deixar de citar um certo João Crisostomo Antunes J.or, discipulo dos jesuitas, creatura afogada e pôrna, com ares de melhaco, muito reservado. Fui encontra-lo em Castelo-Branco, no periodo de 1914-15, alferes de Infant.ª 21, sempre o mesmo discípulo, insignificante, subserviente, com os mesmos ares de melhaco. Hoje é brigadeiro de Infantaria por obra e graça da Igreja e em especial da Companhia de Jesus.

E o ano lectivo foi correndo...

E já agora contarei que foi em 17 de Dezembro desse ano de 1906 que se inaugurou a linha férrea para a Louzã. Deixei algumas notas de ocasião que vou transcrever para memoria. Escritas no mesmo dia, devem ser verdadeiras; as impressões devem ser autenticas.

«Foi hoje a inauguração da linha fer-
rea da Lousã. Escusado será dizer que fui
a Miranda do Corvo.

«Por entre enorme multidão que es-
tava na avenida do Cáis, o comboio partiu
de Coimbra, atravessou a melhor avenida da
cidade, á maneira americana, sem resguar-
dos. Seguiu pela Arregaça, Calhabé, subiu
ao Ariseiro e entrou no tunel da Portela. Pa-
rou no primº apeadeiro: festas, musicas, fo-
guetes. Seguiu para a ponte sobre o Mon-
dego, passou em Coira onde houve mani-
festações; e meteu pelo apertado vale do Due-
ça, galgando uma ponte, logo um tunel, a
seguir um grande aterro para de novo entrar
em tunel para logo a seguir atravessar ou-
tra ponte.

Em cada apeadeiro ouviam-se vivas,
a gaita de foles, o zabumba; e transposta to-
da a encosta da serra do Snr. da Serra, apare-
ceu numa curva a estrada de Coimbra a Mi-
randa; e o comboio alcançando o movim.to
entrou na ponte sobre o Dueça, mais alta, de
certo, que 40 metros; seguiu-se, sem inter-
rupção o tunel, logo a seguir outra ponte e ao
dobrar da curva para a esquerda, o hino da

Carta, tocado por uma garrida filarmonica, fez-se ouvir: era Miranda q. mostrava o regosijo natural.

«Centenas de pessoas aclamávam; vivório intenso; eu desci e toda a gente conhecida aparecia a falar. Miranda do Corvo rejubilava!

«O comboio seguiu para a Lousã e eu, depois de passear, de ver, de fazer visitas e de quase jantar em casa do novo prior onde com as irmãs jantava a Sarasinha do Corvo,[1] eu voltei de novo no comboio, á tarde, e cheguei a Coimbra ao anoitecer, contente com o passeio e satisfeito com a ideia de lá ir. Que lindo que aquilo estava tudo!»

Ora o ano lectivo, como acima disse, ia correndo até que em 28 de Fevereiro de 1907, com a reprovação no acto de conclusões magnas do Lic.do José Eugenio Dias Ferreira, rebentou a celebre questão academica que tanto barulho fez e tantas preocupações deu ao João Franco então na presidencia do Ministerio. Tenho ainda presente na memoria

---

(1) D. Sara Pimentel, da L.ta do Corvo.

essa tarde do ultimo dia de Fevereiro; conversava com candidiscipulos sentado num banco junto da araucaria central do Pátio universitario — no tempo em que o Pátio tinha bancos e tinha arvores.

Falia-se que o acto de conclusões magnas estava a correr tempestuoso e havia rumores da má vontade docente contra o concorrente; mas calculava-se que houvesse, como era habito, uma afrontação com classificação baixa para indicar decentemente a recusa da faculdade. De modo que a reprovação pura e simples foi um rastilho...

Ouvimos a vozearia levantada na Via Latina; havia grande aglomeração de rapazes e ao aproximar-me notei que, naquela gritaria havia mais alguma coisa alem do simples protesto de momento. Estou ainda a ver alguns rapazes soltando frases de indignação; estou a ver o Lic.do José Esperito erguer logo de entrada levantado aos ombros dalguns rapazes mais fortes. E toda aquela multidão de academicos desceu a escadaria atraz do grupo central que levava o reprovado e enfiou pela Porta Ferrea, seguiu pela Rua Larga fóra e desceu para a Baixa, sempre

acompanhada e aumentada por numerosos rapazes atraídos pelo rozear.

Em casa do José Eupenio, na Arregaça, houve discursos inflamados e alguns, embora improvizados, eram cheios de justas censuras e acertada crítica.

Assim começou o grave conflito que eu vivi com certo entusiasmo e do qual fiz minucioso relato em volumoso Diário que se seguirá a este volume.

E como se verá não encerrei matrícula, enfileirei-me no número dos chamados intransigentes.

Não sei se fiz bem. A tarda juventude ao abrigo da onda revolucionaria e no fim de tudo faria os meus actos com uma gerra ás costas porque os actos verdadeiramente não foram exames, foram autenticos «perdões de actos»; e embora tivesse dificuldade nos anos seguintes em seguir os estudos, sempre ficava com as cadeiras a mais que me poderiam servir.

Mas... eu senti sinceramente a revolta dos rapazes; irmanei-me com eles e tambem o meu temperamento me levou na onda, sem plano, como sempre, á tona

dos sucessos. Eu estava, nesse movimento de protesto, perfeitamente em ambiente pro. prio; não sei se me passaria pelo espirito (não me tenho já, francamente) a ideia de me libertar da situação que se me afigurava dificil, como estudante, por esta saída da intransigencia; mas se isso me acalentou o receio, a verdade é que o tumulto de protesto, a atmosfera revolucionaria que se respirava, deveriam sobrepôr-se á pouco «elegante» e talvez pouco digna maneira de salvar me da má posição.

Quero crer que mais uma vez nasceu em mim a tal especie de indolencia que me deixava andar ao sabor dos acontecimentos e tambem a sincera adesão ao povo revolucionario — alem da repugnancia (de q. me recordo bem) em curvar a cabeça perante as exigencias de João Franco e acamaradar com todo o servilismo que os rapazes manifestaram quando se afastaram do primeiro impulso de protesto e até com os outros oficiais estudantes que se não portaram lealmente comigo, como se verá.

Enfim, o exame de consciencia é dificil de fazer. Não me quero defender mesmo

acusar-me. O que sei é que vivi aquela quadra com a sincera convicção de que havia latente, em todo o movimento, um impulso revolucionario a que não poderia ser indiferente. E lancei-me na baralha sem fazer segredo como se verá no volume q. se segue.

Estou a escrever estas laudas quando passa o cinquentenario desses sucessos; neste meio seculo passaram-se muitos outros e eu envelheci cinquenta anos... Hoje, verdadeiramente, não sei se fiz mal se fiz bem; todavia o que penso agora é que, ao menos, com todos os Diabos! passei uns mêses dentro duma róda de rapazes alegres, cheios de vida, de espirito revolucionario e espinha direita que me deu a ilusão dos meus 18 anos, quando a farda estava ainda longe e a Fantazia tinha vôos de alcance.

Sentia-me bem, parece que conservava ainda a candura dos 18, quando os outros rapazes desse tempo me chamávam o ingénuo «condestável» — cujo nome adoptei nas sociedades secretas. Ainda lembro com alguma saudade esse grupo de rapazes anarquizados, de cara erguida e voz altiva, que se deixou vencer honradamente.

Esse retorno aos livres tempos de rapaz sem preocupações foi excelente. Já que pesaram um pouco as restrições da vida regimental, com toda a sua monotonia e toda a sua insignificancia.

Não encorri, pois, matricula. E quando se acabou a inactividade temporaria concedida, apresentei-me e fui colocado no Batalhão de Caçadores 3, em Valença do Minho — como noutro volume seguinte se contará.

Acabo, pois, aqui a ligação destas memorias com os diarios já escritos em tempo proprio. Até aqui reconstitui, tanto quanto possivel, a minha vida desde os tempos recuados de que é possivel lembrar, com altos e baixos, é claro, devidos ao desejo de não demorar muito a efectivação do trabalho. Todavia imprimi a tudo a veracidade e sinceridades ao meu alcance.

No entretanto, nestes capitulos que abrangem o primeiro periodo da minha vida regimental em Coimbra, episodios houve que não seria muito lembrar e que não a seguir, um pouco á solta, porque não caberiam exactamente (ou eu os não saube incluir) no fio

da narração que atraz estabeleci. Vão pois esses episódios, separadamente, o que, verdade, verdade, lhes não tira o valor.

*

Nos meus primeiros tempos de alferes, á tarde ou á noite, frequentava muito uma tabacaria de nome Andrade, salvo erro, na rua Ferreira Borges, em predio que ardeu aí por 1922, hoje pouco mais ou menos onde está a Pastelaria Central ou a Casa das Galhardinas. Era caixeiro da tabacaria um rapaz simpatico de nome José Crespo que depois ficou com o estabelecimento e veiu a morrer no incendio mais tarde.

Frequentava assiduamente a casa o general reformado Francisco Augusto Martins de Carvalho que fôra em 1902 compelido á reforma pelo facto de ser franquista e o Presidente Pinto ter feito limpeza no exercito. Era filho do velho jornalista Joaquim Martins de Carvalho, bom caracterisador, um pouco mordaz, mas empregado e centro dum grupo de frequentadores que eu, uma vêz por outra, abordava com o Bernardo Pedro de quem já aqui falei e com quem, nesse tempo

se dava muito comigo — bom companheiro embora com ideias muito fª a direita.

Ora aconteceu que certa noite, a de 2 de Dezembro de 1905, a meio da conversa ouviram-se tiros na rua, m.to perto, quatro tiros re-petidos uns atraz dos outros. Surpreza, gente correu, uns fugindo outros acudindo, gritos para um lado, gritos para o outro, o que foi, o que não foi... Em pouco tempo a onda cres-ceu, havia enorme barbarinho; um carro pas-sou á defilada e sem eu ter tempo de saber de que se tratava, vejo passar por deante de mim uma onda de gente e no meio, de olhar calmo ao mesmo tempo que admirado de tudo aquilo, um cabelo, barba crescida e mal tratada, um rapaz novo, agarrado pelo actual admi-nistrador do concelho, por um estudante e por um policia.

A onda passou rua abaixo, para os la-dos de Sansão e só então se veio a saber que o Dr. Sousa Refoios fôra atingido por umas balas lançadas pelo tal rapaz, á queima-roupa, pelas costas. O Refoios cambaleou, caiu enquanto que um estudante atravessando a rua num salto, evitou que se desse o 5.º tiro e precipitou-se de encontro á parede, violen-

tamente, o assassino. E o medico foi levado para casa, na Portagem, a escorrer sangue.

O meu capitão Domingos de Freitas que estava na tabacaria á conversa, ficou exaltado e saiu logo; era amigo e correligionário do Pereiros e foi saber noticias.

Depois, mais serenados os animos e averiguados pormenores soube-se que o assassino andára em Coimbra, ha annos, e se formára em medicina, sempre com a preoccupação de que o Dr. Sousa Pereiros o perseguia. O caso desse pseudo desarranjo mental foi internado no Hospital do Conde de Ferreira, no Porto.

Ora foi este rapaz que passado bastante tempo, saído do manicomio como mais ou menos curado, veiu a Coimbra, ruço, andrajoso, com mau aspecto, para cumprir a sua vingança. E na verd.ª, naquela noite, encontrou o seu antigo professor a conversar na Calçada com o Dr. Luciano Pereira da Silva e desfechou-lhe os tiros á queima-roupa, pelas costas, que lhe atingiram o unico rim que tinha. Foi levado para casa em estado gravissimo; muitos medicos havia em Coimbra, todos correram á residencia. Houve

movimento enorme de carros; estudantes de medicina corriam ás farmácias e voltavam em correria.] O Dr. Daniel de Matos, intimo amigo do doente e alma bem formada, chorava como uma creança; a sua alta capacidade medica ficou reduzida a zero perante a triste realidade e pela comoção que o invadiu e o inutilizou.

Uma bala resvalára pelos pulmões e costélas e alojou-se no figado, escangalhando-o; o unico rim atingido tambem complicava ainda mais o problema. Ele, lucidamente, esclarecia os medicos q. o rodeávam e pedia para chamárem o Dr. Custodio Cabeça, o grande cirurgião de Lisboa que, de facto veiu logo no comboio da noite e estêve em demorada conferencia.

Infelizmente, por mais esforços que a sciencia fez, o caso era irremediavel; a operação em que ainda se pensou tornou-se impossivel; o Dr. Cabeça voltou para Lisboa desenganado; e no dia 4 de Dezembro, ao amanhecer, o Dr. Sousa Refoios succumbiu aos estragos produzidos pelas balas.

Em Coimbra houve consternação natural ao mesmo tempo que se comentava

com acrimonia o facto de se deixar andar ás soltas creaturas como esta, saídas do manicómio com tendencias vingativas.

Ora todo este episódio em que quase fui testemunha[1], vem aqui contado para me referir ao seguinte: na noite desse dia 4 em que o Dr. Refoios morreu, fui ao Correio-geral comprar selos; quando cheguei estava ao postigo respectivo um padre que não conheci que apresentava um telegrama. Parece que tive um palpite e olhei para o telegrama; como tinha boa vista li nitidamente que era dirigido para o Colegio de S. Fiel, na Beira Baixa e dizia apenas estas palavras: Já morreu e assinava-o um nome qualquer que não tive tempo de ler.

Olhei então para o padre; era-me desconhecido, mas devia ser da Companhia de Jesus... «Já morreu!...» Era o aviso para S. Fiel de que morrera o adversario que

---

[1] Não se estranhe certo numero de pormenores que aí ficam. A descrição é baseada em parte na memoria, em parte nuns apontam.tos que na ocasião tomei. Não ha, pois, fantasia... E não referi, por esquecim.to, que o Dr. Luciano P.a da Silva, ao ouvir o primeiro tiro fugiu para dentro duma loja, abandonando o companheiro.

escrevera o celebre Relatorio acerca do ensino ali ministrado, relatorio que tanto barulho fizera uns vinte e tantos anos antes e que tanto mal causara ao ensino da Companhia.(1)

A satisfação com que o padre escreveria aquelas duas palavras e a alegria com q. seria recebido o telegrama!

Eu fiquei-me a pensar como, na verdade, é tenebrosa aquela milicia do Senhor; e dias passados, quando se soube que o louco que dera os tiros fôra discipulo de S. Fiel, quiz compreender como tudo aquilo é misterioso e quase inacreditavel! Por que artes subtis se teria chegado aquele fim tragico?

Não sei dizer mais do que isto: o padre, desconhecido em Coimbra, largava pelos fios a noticia: «Já morreu!» Um inimigo a menos caíra misteriosamente pela mão vingadoura dum louco...

*

Falei acima no general Francisco Augusto Martins de Carv.º frequentador da Taba

---

(1) O colegio de S. Fiel no Lauriçal do Campo e o de N. S. da Conceição na Covilhã. Afrontamentos

caria Andrade. De facto, o velho militar era quase assíduo á noite, depois do jantar; ou rava então ao cimo da rampa da rua do Cor po de Deus, á esquerda, numa boa casa antiga onde, em três salas grandes, tinha a preciosa livraria que herdára do pai.

Comecei a frequentar-lhe a casa pouco depois, do m.º vinda da Escola Pratica de Mafra quando começou a nutrir em mim o gosto pela Historia; conversava muito e como tinha excelente memoria, contava muitos episódios dos seus tempos e até episodios historicos em especial do periodo liberal.

Facultava-me os livros com agrado, nunca me recusou qualquer especie da sua livraria e até me deixava trazer para casa algumas se via que as notas levariam muito tempo a tirar.

Uma vêz, contra a minha expectativa, cedeu-me um manuscrito relativo á Guerra Peninsular que eu desejava copiar na integra e que vim em casa uns dois dias. Parece que isto foi caso, senão unico, pelo menos de es-

---

sobre o jesuitismo no Distrito de Castelo Branco. (Coimbra, 1883).

trema raridade. E tinha razão. Queixava-se ele de que a livraria sofrera uns desfalques derivados á liberalidade do pai que emprestava facilmente especies raras que muitas vêzes não voltavam. Esse procedimento «de muito boa gente», como ele dizia, tornava-o avaro.

Na sala de entrada em que tinha a secretária e onde trabalhava, havia outra secretária, em frente, para os consulentes que eram muitos. O periodo do liberalismo era o forte da livraria e ele tinha certo orgulho em dizer que vinham muitas pessoas de fóra consultá-lo. E era verdade.

Recordo-me de ver lá um dia o dr. António Ferrão a quem fui apresentado. O Ferreira Lima veiu também uma vêz a Coimbra para a consulta. E muitos outros que ele citava e de que me não lembro — alem de correspondencia aturada hoje guardada na Biblioteca da Universidade decerto na totalidade pelo menos em grande parte e na Biblioteca Municipal de Coimbra.

Quando pensou em fazer 2ª edição do seu Dicionario Bibliografico Militar pediu-me auxilio que eu dei abundantemente e constantemente. Muitas e muitas folhas de

papel cheias de notas bibliográficas lhe ia entregar a casa; o general ficava sempre muito contente e agradecia parecia-me com sinceridade. Do volumoso processo manuscrito hoje guardado no Arquivo Histórico Militar e, pode dizer-se, abandonado, devem estar coladas muitas dessas minhas notas que eu regra na copiava e juntava ás folhas por ele escritas.

Ha anos o genro dele, o juiz dr. Gilberto de Arapão pensou em publicar o manuscrito e a esse respeito teve conversas, segundo me disse, com o Santos Costa; mas como faltou logo de entrada o desejo de que fosse eu o organizador, prefaciador e anotador da obra — o projecto ficou em nada o que também não seria estranho a inercia do coronel Faria de Morais já então Director do Arquivo Histº Militar. (1)

Quando, aí por 1912, pensei no meu trabalho acerca da acção da Serra de Monsoços travada em 1828 entre liberais e miguelistas,

---

(1) Referi-me a esta diligencia do Dr. Gilberto de Arapão no volume do meu Diario correspondente aos anos de 1948-1951. Guardei as cartas do Dr. Arapão no logar proprio.

foi naquela livraria acolhedora que encontrei quase todo o material de informação. Certas peças raras, algumas talvez únicas, fiquei o prazer de consultar para esse trabalho que foi a minha estreia no tal genero que o general Teixeira Botelho Maria de chamar «caso novo e único...»[1]

Como já disse, Martins de Carv.º era conversador ameno e agradavel, por vêres caustico. Gostava de dar a sua ferroada de vêr em quando, principalmente depois da proclamação da Republica — regime com que não simpatizava. Mas perdoava-se-lhe tudo pela graça e certa delicadeza com que o fazia e pela generosidade com que abria as suas estantes aos estudiosos.

Os ultimos anos da vida passava-os no seu escritorio, impossibilitado de sair por causa do coração; os medicos proibiram-lhe a subida da ladeira da rua do Corpo de Deus e ele então consolava-se com o estar muitas vêres a uma janela gradeada a ver quem passava; e se acertava passar pessoa conhe-

---

(1) Publicado na Revista Militar, vols. 65 a 70, anos de 1913-1918.

cida na rua, era certo uma serie de pergun-
e conversa animada para entreter.

Eu gostava de lá ir a casa. Recebia-me sempre alegremente. E quando morreu, com os seus 80 anos, tive bastante pena dele e veiu a fazer-me falta porque a livraria dissolveu-se em leilão que foi muito concorrido e as colecções principais foram dispersas e ainda porque ele proprio era preciosa fonte de informações que nunca negava.

Disia-me o professor de ginastica e meu velho amigo Augusto da Costa Martins, que acompanhava comigo o enterro, que Coimbra perdia uma das suas figuras caracteristicas. Tinha bastante razão.

Não herdára do pai o espirito patuleia. Era muito conservador e seguira sempre a politica de João Franco desde que este se afastara do Partido Regenerador; mas nessa posição politica mantivera o devido e correcto aprumo.

Tinha a impressão de que me estimáva e daí a natural vontade de deixar no papel estas palavras que reputo justas e que, neste declinar da vida, se envolvem em vaga e amarga saudade.

*

Não quero esquecer, também, o velho companheiro já falado no meu Diário na altura em que morreu, há uns dois anos: o Agapito Pedroso Rodrigues.[1]

Com ele se deram episódios de que ainda muitas vêzes me recordo.

Era rapaz de merecimento. Mas, como deixei dito, animado e crescido em ambiente de adoração, creou o que hoje se chama o complexo de superioridade que, aos poucos, fez com que alguns outros rapazes se fossem afastando.

Além disso, certas relações que contraiu com rapazes ou literatos como o Aníbal Soares ou de prosápia fidalga como o Vicente Pinheiro de Melo, mais reidoso o fizeram.

Comigo, bem estava porque as minhas relações com a família onde era considerado como a ela pertencendo, não deixávam que ele se mostrasse superior; mas a verd.e é que com o tempo a nossa intimidade esfriou muito e, se falávamos sempre afavelmente

---

(1) Vol.e de 1954-1955, a pag.a 272-279.

não havia a velha franqueza e expontanea intimidade com que nos tratávamos em rapazinhos.

Depois, em 1903, ainda era estudante, concorreu com uma peça em verso a que deu o nome de Auto Pastoril a um concurso aberto pelo jornal O Dia, de Lisboa. Era uma peçasinha em verso de sete silabas com sabor antigo, genero bucolico e de entrecho simples; e o certo é que mereceu ser classificada em prim.º lugar. O prémio, alem dum desenho a péna de Columbano Bard.º Pinheiro, foi ser representada no teatro D. Amelia pelos principais actores: o Eduardo Brasão, o Augusto Rosa, a Damasceno e o Henrique Alves em récita especial e solêne e ainda ser impressa em volume por conta daquele jornal.

Na ment.ª o caso foi justamente falado e deu motivo ao natural envaidecimento da familia. Principalmente a prima, D. Beatriz Pedroso que com eles vivia e era, por assim dizer, quem governava a casa, não ocultava o seu orgulho.

Ora entre os companheiros com quem mais lidava o Agapito e lhe insuflavam vaidade, contavam-se o Vicente Pinheiro de

Melo e o Orsini Bernardes de Miranda; frequentavam a casa, comiam excelentes jantares (a D. Beatriz era cosinheira primorosa) e fumávam também bons charutos que a munificencia paternal prodigalizava.

Como eu não fazia côro com estes louvores não sei se seria tomado á conta de invejoso; ouvi algumas vêzes referencias aquelles dois rapazes a quem a D. Beatriz chamava com certo ar imponente «os verdadeiros amigos.» E são verdadeiros eram que, na altura da recita polemica em que o Auto foi representado, a familia seguiu toda para Lisboa, hospedou-se no Hotel de Inglaterra, esquina dos Restauradores para a rua do Principe (1), hotel caro ao tempo, e levou comsigo os dois «verdadeiros amigos» que foram de graça á capital e se contentaram bem com a hospedagem também gratuita — pois o bom Valentim José Rodrigues apesar de cauteloso com os seus orçamentos, na conjunctura não olhou a despesas.

Na noite da recita, a 19 de Novembro

---

(1) Recentemente demolido para dar logar a um predio moderno da Camara Municipal.

os dois rapazes lá estavam no camarote da família, como «verdadeiros amigos» a gozarem o triunfo do companheiro. O Vicente Pinheiro de Melo se me não engano, apesar de ter a sua casa na rua de S. Domingos á Lapa (salvo erro) parece que ficou no Hotel Valmor por insistencia do Agapito que assim se vangloriava da amizade do filho do conde de Arnoso, secretario particular do Rei. Tudo póde ser neste mundo.

No regresso, quando fui á casa do Largo das Amoreiras felicitar toda a familia, a prima com ar um tanto ou quanto reservado voltou a repetir que os dois companheiros assiduos eram «os verdadeiros amigos» e que me se eu que não abusei da bondade dos pais do Agapito e não era capaz de ir de graça ver a festa ou de comer, beber e dormir de borla no Hotel de Inglaterra, fosse considerado como indiferente ou invejoso. E' claro que finji não perceber e deixei passar em julgado o desaforo.

Mais tarde, tres annos depois, levou á cêna em D. Maria outra peça dramatica em verso, Bôdas de Lia que foi representada por todos actores: Adelina Abranches, Fer-

reira da Silva, Augusto Melo e outros. Isto deu-lhe conhecimentos com alguns actores e actrizes de que ele tirava certa vaidade; e cada vêz se afastava mais da velha familiaridade comigo.

E para ver como ele era explorado pelos «verdadeiros amigos» vou contar dois casos q̃. agora me ocorrem e que são autenticos — como aliás tudo o que aqui conto.

Uma tarde, indo eu á Baixa, em vesperas de ferias se me vão engano da Páscoa, encontrei á porta do Café Lusitano o Agapito e o Vicente Pinheiro de Melo. Este ia para Lisboa, nessa noite, passar as ferias e dizia com toda a naturalidade para o outro:

— Então tu não mandas uma lembrança para a Angela? Olha que ela apreciate muito e é sensivel a essas coisas...

A Angela referida era a grande actriz Angela Pinto. O Pedroso Rodrigues, puxando uma fumaça do charuto (porque só fumava charutos e bons) sentiu-se lisongeado de-mais a mais na presença dum pobre diabo como eu. Para mostrar, porem, que a vaidade o não tocava respondeu com ar que forçava por ser natural:

— Ora... A Angela... enfrenta-se lá comigo!

— Estás enganado. Pergunta sempre por ti e considera-te muito.

E o marôto, ao dizer isto, olhou de soslaio para mim. O Agapito, então, decidiu-se e lá fomos todos três a uma confeitaria que havia (e ainda ha) dumas senhoras que tinham a alcunha de ruivadinhas, ao cimo da Praça do Comercio já no recanto quase em frente dum Passos da igreja de S. Bartolomeu.

Aí começáram a escolher doces de ovos (que eram excelentes), arrufadas e mais não sei o quê com que encheram uma elegante cestinha e deveria ter custado uns dinheirão. O Agapito, sensibilizado pelo incómodo que o Vicente ia ter com a condução do presente, desfazia-se em agradecimentos e queria encher outra cesta para a família Afonso. O Vicente, porem, não quiz, disse que a Angela ia ficar radiante e batendo no ombro do Agapito dizia-lhe com ar agalantado:

— Felizão!... felizão!...

O Pedroso não cabia na pele, embora fingisse indiferença.

Ora como eu reparasse no ar agarotado e nas repetidas olhadelas que o Vicente me deitava, a certa altura em que o Agapito se afastou, perguntei-lhe:

— Oiça lá, Pinheiro de Melo: a Angela interessa-se assim tanto pelo nosso Pedroso a ponto de merecer essa barrigada de dôces?

O Vicente sorriu-se e respondeu a meia-voz:

— Ela mal o conhece... Estes dôces, levo-lhos eu, realmente, mas como coisa minha... A Angela pela-se por estes doces e eu agora estou á dependura e não os podia comprar...

Eu sorri-me para corresponder á confidencia; mas fiquei-me a pensar no q̃. são «os verdadeiros amigos.» E é claro nunca contei isto a quem quer que fosse até ha pouco enquanto o Pedroso Rodrigues foi vivo. Agora, aí fica para memoria.

«Os verdadeiros amigos...»

O Pedroso era inteligente; mas a vaidade e as lisonjas que os magarões lhe insuflavam faziam-no cair nestas e noutras arrioscas picarescas.

O outro caso que me proponho contar foi passado também por essa altura em que o Aníbal Soares se dava muito com ele.

Este Aníbal Soares tinha então certa aurea porque publicára ha pouco (em 1903) um romance Ambrosio das Mercês que teve bastante exito e levou o prefaciador Carlos Malheiro Dias a dar o autor como pucas por de Eça de Queiroz. Era um rapaz magrote, um tudo nada tifoso, mas com olhar muito vivo e conversa interessante. Era pobre e dizia-se que andava em Coimbra devido á protecção pecuniario dum padrinho, capitalista ou lavrador rico de Alhandra ou de Pinhel, não me lembro.

Antes de continuar devo dizer que em uma pastelaria «Pelas» na rua de Ferreira Borges, quase ao chegar á Portagem, havia uma maquina á porta, nessa altura um tanto ou quanto novidade que fornecia tabuas de chocolate deitando-se em cima por um pequeno orificio, uma moeda de dez reis ou de vintem.

Ora uma tarde, depois do jantar, (nesses tempos os jantares eram cedo) indo eu até á Baixa, encontrei o Padroso com o Aní-

bal Soares á porta do Café Lusitano (onde hoje está, salvo erro, o Café Nicola) e ainda outro rapaz de quem já me não recordo. Conversávamos quando passou, vindo dos lados do Arco de Almedina onde residia para a rua do Visconde da Luz, o negociante Miguel Braga, com ar feliz, rosto avermelhado de quem jantára bem e com um charuto colé-me na boca.

Este Miguel Braga por alcunha o Pó-Jó, era paramenteiro e homem considerado na praça; tinha alguma influencia politica e creio que boa pessoa mas creatura sem instrução. A sua passagem em frente do Lusitano deu nas vistas ao Anibal Soares que ficou a olhar para ele enquanto ia fazendo um magro cigarro; e quando o homem desappareceu voltou-se para o Agapito que estava sentado em um banco á porta (porque, pelo aleijão na perna tinha dificuldade em se manter muito tempo de pé) e disse-lhe tristemente:

— Ora vê lá tu... O Miguel Braga vai ali bem jantado e a fumar um bom charuto... E afinal o que é ele? Um pobre diabo estupido e ignorante, sem qualquer valor na Sociedade...

E continuando a enrolar o cigarro:

— E a triste verdade é esta: aqui estou eu que tenho algum merecimento, a quem a crítica ainda há pouco aplaudiu e... o que é que vês? Estou aqui a enrolar um miserável pairante...

E com ar de revolta resignada:

— O mundo está muito mal organizado!...

O Pedroso, com solenidade, meteu a mão ao bolso traseiro das calças, puxou duma boa charuteira, abriu-a e com dizer palavra e em atitude que parecia de proteção, apresentou-a ao pobre sucessor de Eça de Queiroz... Este, guardou cuidadosamente o cigarro, tirou um charuto da charuteira, acendeu-o, puxou deliciado umas fumaças e a fisionomia mudou-se-lhe de tristeza para evidente satisfação.

Ainda estão a ver a cêna muda, pois realmente, durante um bocado, não se falou. O Anibal Soares entregue ao gozo de saborear o charuto; o Pedroso pobre, com ar superior; e eu a apreciar o episodio, fingindo que não percebi a manobra. E daí a pouco o Anibal Soares, ao ver o Pedroso distraí-

do ou a falar com alguem, disse-me com vago sorriso malicioso e a meia voz:

— Como viu, este Agapito é admiravel... Lembra aquela maquina do Teles: deitei-lhe em cima uma lagrima e saiu por baixo um charuto...

Eu ri-me complacentemente e pensei que este Anibal Soares, sucessor falido do Eça de Queiroz, tambem devia pertencer ao grupo dos tais «verdadeiros amigos.»

Ora não resisto á tentação de aqui deixar copia duma carta que escrevi a m.ª mulher em 13 de Outubro de 1905, contando um episodio curioso relativo ao Pedroso Rodrigues. Aqui fica sem tirar nem pôr:

«... Fui ante-ontem á Figueira da Foz. Foi uma quase aventura. E por causa de quê?... E' facil calcular: por causa de uma interessante menina, desanove anos, olhos garços, cabelo negro, insinuante, distinta...

«Oh!... Felizmente não fui eu quem a foi ver. Não! isso seria incrivel. Quem a foi ver foi um rapaz meu amigo, o Pedro-

ao Rodrigues, nelho amigo na florescente idade de 22 para 23 anos.

« Durante o mês de Setembro parece q. se apaixonou na Figueira por uma linda lisboeta; ele é poeta e já bastante lavado como tal — e não lia nada para as mulheres como fazer versos... Naturalmente cantou-a em sonetos, em vilancetes quinhentistas, em frases talvez heroicas e ela... deixava correr os seus lindos olhos garços atraz dele com a vaidade própria de quem se sente alvo dos cantos duma afinada lira. E não lia creatura mais vaidosa do que a Mulher...

« Ela ia-se embora na 4ª feira e ele queria ir dizer-lhe adeus; mas... como ir á Figueira sem em casa saberem, especialmente sem o Argus da prima Beatriz dar por isso?

« Recorreu á minha humilde pessoa: que o convidasse eu para ceiar e eu iria também á Figueira... Dito e feito. Mandei uma carta ao pai Valentim convidando o filho para ceiar — já que não vinha jantado comigo no dia dos seus anos... E á hora do combóio rapido lá estávamos na estação.

« Mas de repente surge meu Pai que ia para o Luso; levantou-se nova dificuldade

para explicar a nossa estada ali; e o Pedroso dizia-me ao ouvido:

«— Que tragédia! que tragédia!...

«Mas tudo se arranjou e o rapido lá se pôs em marcha, velozmente, cortando o delicioso passeio duma noite de luar. O tempo era pouco: chegáramos às 7 h. e meia e o comboio para voltar partia às 10: tínhamos de fazer como ingleses, poupar o tempo como o dinheiro. O Pedroso, porem, para poupar tempo desperdiçava dinheiro.

«Partimos ao galope duma tipoia pela Figueira dentro até ao Bairro Novo, logo que o comboio nos deixou pôr pé em terra; o carro voava pelas ruas calçadas; e ao chegar a certa altura saltei para a rua e deixei-o só. Que fosse em paz, eu lá estaria na estação á partida para Coimbra, ás 10 horas.

«Fui aos casinos, aos cafés, escrevi postais ilustrados a uma mesa dum deles, tendo ao lado uma linda provinciana, da camada de Outubro, toda apertada num vestido naturalmente feito em casa. Depois passeei pelas ruas movimentadas, observando, olhando com curiosidade de moiro. E quando seriam nove horas e meia comecei a descer, vagaro-

ramente para a estação, encaminhando os passos pela rua onde deviam estar os dois apaixonados.

« E lá estavam. Ele, encostado á parede, pensativamente, com o monoculo assestado, o bonnet da moda sobre a nuca, numa attitude literaria; e ela, na janela dum rez-do-chão alto, toda galante, com a cabeça encostada á mão, curiosamente debruçada.

« Eu, ao passar, quiz vê-la. Olhei de soslaio, mas não vi uma pedra no passeio e dei uma topada! Murmurei para com os meus botões: que tragédia, que tragedia!

« A noite estava uma belleza; o mar sereno, sem quasi uma ondulação; a lua fazia brilhar as aguas numa larga faixa prateada. E eu passei serenamente, olhando o mar, a terra, a serra ao longe como um muro negro e o farol do Cabo Mondego, de luzinha trémula, ao longe, por entre lipairiassima névoa. Estava uma belleza de noite.

« Desci. A foz, cheia de navios pequenos, de barcos, de caíques, estava linda também; e ao sul estendia-se a immensa areia que liga com os campos planos e areais da grande zona oeste de Portugal que vai do Ca-

to Mondego ás ribas movimentadas dos arredores da Nazaré. Passáram carros; um americano deslizou. Os candieiros trémulos, em longas filas paralelas, dardejavam, encaminhando-se ao longe, a conhecida regra geométrica. O guarda nocturno passava e á esquerda, na grande rua 10 de Agosto havia ensaio duma filarmonica. E nisto cheguei á estação.

«Faltava um quarto de hora; comprei bilhete e fui ver o comboio. O Pedroso ainda não chegára. Passeei na plataforma, á esfera, olhando o relogio inflexivel da estação. Dez minutos... dez... oito... cinco, quatro... e ele para chegar! Perde o comboio, o maroto, e como ha-de ele ir para Coimbra?

«Esqueceu-se, virá a correr por aí fóra, teria havido alguma questão, alguma desordem? Isto de namorados!...

«Nisto, ao longe, na rua do Principe que fica mesmo em frente do cais da estação, vi duas luzinhas pequenas; em pouco cresceram, cresceram... ouvi o rodar dum carro... devia ser ele! Olho para o relogio: dois minutos!

«Corri lá fóra, ao largo; ao chegar á porta aparece á curva, desenfreado, um carro; o cocheiro vinha em cabelo, fustigava os

cavalos, fê-los dar a volta rapida e, com mão de mestre parou o carro quase repentinamente. Abriu-se a portinhola e ao ver sair velozmente o meu companh.º, não repremi, com o classico gesto oratorio de erguer a mão direita, a exclamação:

«— Que tragedia! que tragedia!...

«Entrámos á pressa; mal ele comprou o bilhete e as tres badaladas soáram, argentinamente, na sineta da estação. O Pedroso, ofegante ainda, sentou-se pesadamente nas almofadas do meio da carruagem; pôz uma mão em cada encosto e diz-me com certo ar de triunfo:

«— Oh que tragedia! que tragedia...

«Muito entretido, não déra pelas horas senão quando numa loja em frente soáram as dez! Despediu-se, correu á cocheira onde mandára estar o carro pronto, mas... nada! Bateu, chamou e... nada! Desesperado, entrou e viu uns homens a dormir; acordou-os, tinham-se esquecido!

«Começáram, apressadamente a engatar o gado; tostão para um lado, tostão para o outro, lá se aprontou tudo nuns segundos. E aí vai o carro á desfilada pelas ruas, em

carreira vertiginosa; a certa altura, num arranco dos cavalos, o chapeu do cocheiro caíu; mas o Pedroso, de dentro, só via pelo postigo da frente as abas do casaco do homem, voando, ~~voa~~ voando, como azas duma grande ave.

«Chegára a tempo, felizmente. Por isso me dizia, puxando uma fumaça dum excelente habano:

«— Que tragedia, Belisario!... Que tragedia!

«E o comboio seguia. Eu, deitado dum lado, comodamente, fumando tambem um habano que o Pedroso me oferecera generosamente; ele, do outro lado, recostado no lugar central, começámos então com uma conversa pegáda que principiando por confidencias a respeito da sua Alice (chama-se Alice, a beldade) terminou por substanciosa palestra literaria.

«Ás onze horas e meia chegámos a Coimbra. Precisávamos não faltar ao fim para que o convidei; e, pacatamente, como bons companheiros, fomos cear no quarto dum restaurant á luz esfusiante dum bico Auer. Trocáram-se impressões de Literatura; discutiu-se o valor de Gabriel d'Annunzio como dramaturgo e de

Vitor Hugo como poeta; cantaram-se polémicas de Camilo Cast.º Branco; comunicaram-se os roubos literarios do Eugenio de Castro e o encontro de afirmações de Oliveira Martins e Alexandre Herculano.

«Nesta tarefa inocente levámos, sossegadamente, até ás duas horas; na rua havia muito vento que levantava nuvens de poeira; eu subi para minha casa e ao deitar-me, com vontade de descançar, e ao apagar a luz, ainda murmurei, meio sonolento, meio cançado, o estribilho da noite:

«— Que tragedia, que tragedia ...»

O episodio não tem valor. Não deixa, porem, de ter certa graça. E alem disso não fica mal nesta compilação de memorias. A chama da «pequena Historia» não perde com isso.

*

E já que, acima, falei do Anibal Soares, convem-me deixar aqui outro episodio que dá bem a medida deste rapaz que tinha talento mas não tinha caracter.

Como era pobre vivia em Coimbra, segundo se dizia, á custa dum padrinho rico;

mas nas alturas do 4º ano, salvo erro, esse padrinho morreu e as mesadas acabaram. O Aníbal dizia-se então e fazia-se passar como republicano, acamaradava com os revolucionários muito á vontade e isso levou certos amigos que não sei quem foram, a apresentar ao Dr. Bernardino Machado a hipotese de o rapaz ter de abandonar os estudos por falta de meios.

O Dr. Bernardino Machado era creatura bondosa e sensivel a estas afliçães e abriu generosamente a bolsa para auxiliar o Aníbal até á formatura; e tenho ideia de ouvir dizer que esse auxilio foi grande apenas garantido por declaração do devedor.

Ora o Soares, depois de formado, largou para Lisboa e meteu-se no jornalismo; e apesar da diferença de idades, a grande Adelina Abranches enleiçou-se por ele e não estêve com cerimonias, passou a ser sua amante de casa e pucarinho.[1]

Não sei dizer como se fez a evolução nas ideias se evolução houve; só sei que o

---

[1] Depois de escrito este capitulo, encontrei na Seára Nova, nº 1337, a pag. 127, um artigo do Camara Reis acerca do Seiça Ximões, em que este episodio da vida do Aníbal é contado com graça.

Anibal se passou para o franquismo, de começo encobertamente, mas depois ás claras. Nesses primeiros tempos o Diario Ilustrado começou a debicar com o Dr. Bernardino Machado, com certas baldas, ridicularisando, etc. O ilustre professor, ainda então em Coimbra, não gostava; contava-me meu cunhado Costa Ferreira que os sueltos e ecos do jornal que era então o orgão franquista, o incomodavam e o intrigávam por não saber de onde partiam.

Encarregou alguem em Lisboa de saber quem era o autor e veiu a descobrir-se q. o autor era, nem mais nem menos, o Anibal Soares que se safára para Lisboa, se bandeára com os adversarios e, ainda por cima, não tivéra qualquer atenção a respeito da divida (que deveria ser sagrada) — divida que, diga-se desde já, nunca foi paga.

Meu cunhado disse-me que o Dr. Bernardino Machado sentiu-se com a ingratidão e com a vilanía.

Um dia, passado algum tempo, vinha ele com meu cunhado para casa, o predio que está ao cimo da rua de Alexandre Herculano, do lado esquerdo de quem sobe e ao fundo da rua

de Tomar á direita de quem desce, predio que vem fronte para o Arco de S. Sebastião. Quando ao chegar ao portão, surgiu do lado da rua de Tomar o Anibal Soares que, ao deparar com o Doutor, não occultou o embaraço; todavia dirigiu-se com ar correcto, de certa humildade, pedindo desculpa de ainda não ter dito qualquer coisa a respeito das suas occupações, etc. etc.

O Dr. Bernardino não lhe estendeu a mão; ouviu pacientemente e depois respondeu com o ar amavel que sempre tinha:

— Então, Anibal Soares... Que se ha-de fazer?... Custa muito a ganhar a vida honradamente, não é verdade?

E, encaminhando-se para o portão da residencia com meu cunhado, continuou com a voz quasi nesta altura cheia de veneno:

— Adeus, Anibal Soares: realmente custa muito a ganhar a vida honradamente...

O Soares, disse meu cunhado, estava livido; ficou parado, a ouvir; e o Dr. Bernardino, depois de entrar o portão e ao vê-lo ainda no mesmo sitio, disse-lhe novamente com o mais affectuoso sorriso:

— Então, Anibal Soares... A vida custa muito a ganhar honradamente...

Entraram em casa. O Dr. Bernardi: não continuou com a conversa que trazia da rua e não falou no incidente; mas o Costa Ferreira notou-lhe certo nervosismo que procurava encobrir.

O Costa Ferreira, meia hora depois da ceia, contou-me na minha casa e eu não o esqueci. E aqui fica para proveito e exemplo futuros...

Dois ou três dias depois, o Diario Illustrado, nos soltos politicos, #redobrava nas troças e achincalhamento do Dr. Bernardino Machado. Era a desforra...

Na verdade, a vida custa muito a ganhar honradamente.

*

Não devo esquecer também, para terminar este capitulo, que no periodo que vai de 1904 a 1906 fiz uma paraphrase, para não chamar parodia, á celebre e celebrada Ceia dos Cardeaes do não menos celebre e celebrado Julio Dantas.

Tenho ideia de que pensei no caso ainda em Mafra, no tempo de aspirante, ao tempo em que a Ceia, desde Março de 1902 da

va sucessivas representações e azo a varias parodias ou imitações. Porem, só em Coimbra, mais tarde, comecei com a tarefa que me deu muito trabalho e, em certos passos, se tornou em verdadeiro quebra-cabeças.

Constava a parafrase duma ceia de tres generais, cerca de 1826 em que cada qual contava o feito guerreiro em que ganhára a Torre e Espada que deviam ostentar ao peito. Os generais eram: um de Cavalaria correspondente ao cardeal espanhol; outro de Engenharia, correspondente ao francês; e o ultimo da Infantaria que corresponderia ao cardeal português.

O verso era quase calcado sobre o da peça do Dantas e finalmente em 29 de Setembro de 1906 dei por concluída a tarefa que ficou guardada e copiada no volume manuscrito onde reuni toda a versalhada de que tenho aqui mais ou menos falado.

De vêr em quando, a um ou outro amigo a quem contava o atentado, eu lia a obra mas o manuscrito voltava para a gaveta modestamente.

Até que um dia... quando se procurava angariar fundos para pagar o Lampadário que a 5ª Divisão ofereceu para o tumulo

do Soldado Desconhecido, já me não recordo quem foi que lembrou a representação da Peça dos Generais num espectáculo que se ia parava. Eu fiz, naturalmente, objecções e mostrei as dificuldades da sua representação; além disso, a fala final do general de Infantaria estava feita com ironia, para não dizer troça a certos heróis.

O médico Alfredo de Matos Chaves, ensaiador "encartado", de quase todas as receitas de amadores, quis ver a obra; ~~[illegible]~~ lida, disse-me que gostara e que se eu modificasse o final em sentido sério, ficava coisa aceada e faria efeito.

Cocei, então, a cabeça... A modificação exigia novos versos e, francamente, fazer versos a sério...

Mas insistiram e eu então arranjei variante «patrioteira» com certa exaltação da Infantaria...

Foi isto em Janeiro de 1921, era eu então 2º comandante do Grupo de Metralhadoras nº 2, onde estava capitão de uma das baterias o Augusto Casimiro. Este não gostou da escolha porque queria que se levasse uma peça do cunhado Jaime Cortesão; fez até certa

oposição e lembro-me bem de que, querendo eu mostrar-lhe a modificação feita na cêna final, ele esquivou-se como poeta «de verdade», mas um pouco grosseiram.te, a ouvir versalhada dum pobre diabo que mal escrevia prosa. Eu achei graça e não me ofendi...

O certo é que a peça lá foi representada por oficiais novos, bem dispostos e que embora amadores se mantiveram á altura. Eu puz a condição de se não dizer o nome do autor e nos programas aparecer como tal um certo «Ex.mo Snr. Silva Correia» — o que se fez e se respeitou.

Foi levada á cêna na noite de 20 de Junho de 1921 com certo aparato e menos mal representada pelos seguintes oficiais creio que ainda alferes: José da Cruz Ribeiro (no papel do general Gonzaga), Henrique Baptisto (no do gen.al Vilas-Boas, de Engenharia) e Arnaldo Vitor Marques (no de Braz Manuel, de Cavalaria); os impedidos que eram tres foram os oficiais Fernando de Oliveira Leite, Antonio Barbosa (depois notavel professor liceal e continuador da obra do Dr. Luciano Pereira da Silva) e José Fernandes ~~[illegible]~~ Moreira q. foi meu sargento noutros tempos. O ponto

era o alferes António Trindade, rapaz inteligente, rara capacidade para as matemáticas, morto muito novo devido ao excesso de alcoolismo e tabaco.

Os jornais foram discretos, isto é, nem gostaram nem deixaram de gostar; poucos foram além da notícia simples. Na noite da récita o general da Divisão que era o Braz Mousinho de Albuquerque foi ao camarote onde eu estava com a família cumprimentar-me o que significava um acto de delicadeza mas ao mesmo tempo que entrára no segredo do nome do autor da Ceia...

E sempre quero contar um caso que não deixa de merecer menção. O Augusto Casimiro, como disse, fez certa aparição á Ceia; contaram-me os actores que uma vez ou outra fazia certos comentarios desfavoraveis; mas o melhor foi que no dia da representação, ao subir o panno para a minha peça, ele, sentado numa cadeira das primeiras filas, abriu aparatosamente um jornal e quero crer que não leesse, mas somente para dar a impressão de que lhe era indifferente o que se passava no palco. Esta acção foi notada por muita gente e eu, do camarote, ri

Tudo muito bem. até ao fim, conservou o jornal que era de grande formato, na sua frente, ao alto, incomodando até possivelmente os visinhos do lado de traz.

Achei certa graça e não lhe fiquei a querer mal por isso; apenas disse para comigo q. a acção não foi correcta, teve até bastante "deselegancia" e mostrou como a mesquinhez também ataca os poetas...

Depois, no anno de 1925, ao organizar-se novo espectaculo militar para adquirir fundos para o monumento aos mortos da Grande Guerra, voltaram a pedir-me a Leia e lá foi feita da na noite de 10 de Junho com cenario muito melhorado e de mais efeito.

Os actores foram os tenentes Henrique Baptista e José da Cruz Ribeiro que entraram na primeira representação e o tenente Horácio de Assis Gonçalves no papel do general Braz Manuel, o de Cavalaria, porque o Victor Marques se recusára por qualquer motivo sem valor. As ordenanças ou impedidos foram os tenentes Barbosa e Oliveira Leite que tambem entráram na representação anterior e um novo, o Fausto Fernandes Dias que satisfez correctamente.

O ponto voltou a ser o mesmo Antonio Trindade e o ensaiador, é claro, o entusiasta Dr. Matos Chaves — nem podia deixar de ser.

Os rapazes fizeram todo o possivel para darem certo nivel á representação e, de novo, o Matos Chaves se esmerou. E aqui está como eu consegui exito como autor dramatico desconhecido e, de mais a mais, com peça em verso...

Coisas da vida.

Depois, uns bons anos passados, quando estava em Penafiel lá veiu á balha, novamente, a Ceia.

Havia na terra um grupo cenico Marte formado por sargentos do regimento, que dava recitas uma vez por outra para fins beneficentes. No ano de 1933 quiz dar um espectaculo em beneficio do Cofre de Pensões ás Viuvas e Orfãos da Guerra e alguem que sabia da minha peça lembrou-se de a fazer representar.

E assim foi novamente á cêna no teatro de Penafiel em 9 de Abril, representada muito regularmente por tres sargentos, com cenario feito expressamente por um artista espanhol um tanto ou quanto boémio que lá vivia não sei por que motivo.

Chamava-se ele German Iglesias, era de origem galega, segundo se dizia e linha real quanto certo valor.

Representou-se o espectaculo em 11 e 27 do mesmo mês e, o que é mais curioso, a Gaia foi ainda levada, em 30 do mesmo mês, no teatro Fonseca Moreira da visinha vila de Folgueiras, espectaculo a que não assisti.

O espectaculo era preenchido por uma operetá em 3 actos, O Filho da Republica, genero dramathão. Refiro-me a isto tudo no volume do Diario correspondente aos anos de 1933-1937 e guardo os programas na devida colecção de documentos.

Coimbra:
21 de Maio a 19 de Junho
de 1957.

VII

« Uma das minhas rapasiadas foi ser pedreiro livre. »

Alex. Herculano: Cartas, ed. de 1911, vol. I, pag. 10.

« Nec mihi vera loqui pudor est... »

Tibulli Elegiae, Liv. III, eleg. II, v. 7.

Este capítulo vai ter certa dificuldade em ser preenchido com pormenores e veracidade. Desde a minha iniciação na Loja Academia Livre que atraz ficou narrada com certo bom humôr, não tomei grandes notas e agora, passadas mais de cinco decadas, a memoria começa a recusar-se.

Guardei um ou outro apontamento e alguma documentação e, até, grande numero de documentos foram copiados em dois volumes de bom papel de linho para acompanhar

um outro de texto que só ficou no principio como se viu;[1] mas esse trabalho todo passou cêdo merecê dos varios sucessos da vida e agora, depois de tanto tempo decorrido, já não poderei talvez levar a tarefa de fio a pavio.

Vamos, todavia, a ver se sou capaz de reconstituir o quadro da minha actividade como Pedreiro Livre, quadro que tem varias peripécias curiosas e que demonstra a fragilidade, naquele tempo, da organização maçonica e a pouca sinceridade com que grau de parte dos homens nela ingressáram.

Como disse atraz, encontrei-me, em 11 de Novembro de 1899, no meio de rapazes e operarios conhecidos e alguns amigos com os quais me reuni á vontade.

De começo, nas primeiras sessões, ia observando, notando todo aquele cerimonial que embora com um ou outro ridiculo, mas methodico e riguroso, não desagradava ao meu feitio ordenado. O Manuel Vieira, Venerando, levava o seu papel a sério com disciplina e cordura; o bacharel Manuel Augusto Martins que era o Irmão

---

(1) No cap. V, pag. 250 e seg.tes do vol.º I.

Orador, naturalmente, era na Loja era na república, certa supremacia que era acatada por todos. Assim eu, modesto aprendiz, fui vendo e ouvindo estes dois processos e colhendo elementos para formar juizo acerca do ambiente e do valor da instituição. E recordo-me de que não me foi desagradavel, de começo, o conjunto além de que era tudo para mim novidade de mistura com certo exotismo.

E' claro que, nos primeiros tempos, o meu papel era o mais possivel reduzido; durante as sessões ficava-me no banco de traz, da coluna dos aprendizes e ali ficava a ver o que se passava e a ouvir o que se dizia. Fui assim absorvendo a "atmosfera" maçonica; e o ano lectivo de 1899-a 1900 foi passando naturalmente, de mistura com as preocupações de estudante cábula a que atraz já me referi.

Passado o tempo regulamentar passei a mestre ou seja ao gráu 3º da Ordem; com este gráu dado não sei já quando, havia mais umas regalias de que me não lembro mas seriam a base para nova ascenção que, com franqueza, comecei a desejar. (Vanitas, va

nitatum!...) O maquinismo das sessões prendia-me muito as atenções e os trabalhos dávam-me a impressão de que alguma coisa de util se conseguiria no sentido geral da oposição aos designios ultramontanos que andávam bem á vista mesmo á daqueles que não ligávam grande importancia ao assunto.

Fui-me pois habituando, aprendendo e apreendendo; e a verd.e é que, até eu deixar Coimbra para entrar na Escola do Exercito, tudo correu normalmente, sem quaisquer atritos ou desinteligencia que podessem levar a questões.

Quando saí de Coimbra tinha simplesmente o gráu 3.º ou de Mestre; e com esse gráu um dia apresentei-me no Grande Oriente a qualquer sessão a que podia assistir. Deveria ser a sessão de 1 de Fevereiro de 901 da Grande Loja Simbolica, conforme vêjo numa carta que o Ven.: Manuel Videira me escreveu e eu guardei.(1) Costumava receber aviso dessas sessões que eram muitas e deixei esses avisos copiados por simples

---

(1) No vol. I das copias da documentação a q. atraz aludi; doc.º n.º 3

curiosidade nos volumes citados caso se fosseem coisa de valor.[1]

Ora dava-se o caso de eu não ter em Lisboa traje civil e o Grão-mestre ser então o Luís Augusto Ferreira de Castro, oficial de Engenharia e professor na Escola do Exército, que eu não conhecia; e a m.ª presença na sessão e fardado de 1.º sargento cadete, parece-lhe não agradou muito ou causou estranheza pela novidade. E daí, se a memória me não falha, fui convidado pelo José Pinheiro de Melo, grande dignitário a quem me tinha apresentado logo que cheguei a Lisboa, a aparecer no seu escritório do Bairro Alto — por sinal que era uma casa de joalheiros.

Estou ainda a vê-lo, homem robusto, pesadote, já de cabelos brancos, com aspecto bondoso e afável. Recebeu-me muito bem e disse-me que o motivo do convite para ir falar-lhe fôra o Sapientíssimo Grão-Mestre achar preferível que eu comparecesse às sessões do Grande Oriente em traje civil e, amavelmente, tentou explicar a dispensa com motivos de caracter militar.

---

(1) Vol. I, doc.º 5 e seguintes.

E' claro que, como não tinha em Lisboa trajo civil e nem o podia vestir na Escola, não voltei a sessões com ritual só esporádicamente ia ao Grande Oriente quando era necessario tratar de qualquer assunto de que a Loja Acad.ª Livre me encarregava.

Conheci nessa altura o dr. Anselmo Xavier que ouvi discursar na tal sessão de 1 de Fevereiro. Ainda me lembro bem do seu tipo romantico, simpatico, com a oratoria muito cheia de lirismo, de palavra facil e frase muito cuidada.

Tambem conheci o José Maria de Moura Barata Feio Terenas que vivia perto da Escola do Exercito no edificio onde tinha, salvo erro, a Inspecção ou Direcção das Bibliotecas da Câmara, no Largo do Mastro; e algumas vêzes, em intervalos de aulas, ia surrateiramente, com a farda de serviço interno, cosido um pouco com as paredes procura-lo para lhe falar. Tinha tambem figura romantica e embora apenas com os seus 50 anos, a cabeleira caída descuidadamente era já branca, assim como o bigode farto bem tratado. Usava gravata à la Valliére; conversava bem e animadam.te; mas o

olhar vivo, de certa agudeza, vistos hoje ao fim de quase seis décadas, é que lhe virava valer a impressão do espírito romântico re- celido de entrada. Conservo dele todavia uma boa lembrança e nunca mais lhe fa- lei depois de sair da Escola; nunca procurei até eu me aproximar dele de 1910 em dean- te — quem se pelo receio que sempre tive de me aproximar dos que podem e porventu- ra já não me conheceriam.

E para lembrar mais um nome que depois teve larga nomeada, direi que tam- bem conheci o Artur Augusto Duarte da Luz Almeida, maçon categorizado e chefe revo- lucionario que mais tarde teve decisiva influencia nas organizações secretas que le- varam a proclamação da Republica. Em Março de 1901 por qualquer incumbencia da Academia Livre procurei-o já me não lem- bro se na residencia se na Bibliotéca da rua da Trindade que ele dirigia.[1] Tinha fisiono- mia franca, testa ampla, palavra facil e, debaixo de certa delicadeza de maneiras, re- velava a vontade firme e tenaz que depois

---

[1] Cfr. doc. nº. 9 do vol. I cit.

mantêve. Já não sei o que me levou a procurar Luiz Almeida que veiu a tornar-se laudario e nunca mais voltei a ver. Depois de 28 de Maio foi intensamente perseguido e passou pouco tempo passado deixando a esposa na miseria, sustentada apenas pela solidariedade de alguns velhos correligionarios.

Ora como não podia deixar de ser, a união em boa harmonia na Loja Academia Livre abalou-se como é proprio em reunião de rapazes. Foi isso pelas alturas de Maio mas Vimado pelo incidente ocorrido na sala dos capelos da Universidade com o bispo do Porto Dom Ant.º Barroso quando este foi padrinho do capelo não me recordo já de quem. Parece que a rapaziada reaccionaria queria fazer qualquer manifestação ao bispo, aliás, segundo a tradição, espirito liberal de velho missionario de Africa; isso constou e a parte liberal e republicana da estudantada, nessa altura em grande de minoria, pretendeu responder com contra-manifestação.

Alguns tempo antes a Academia Livre fizera uma representação que deveria ser entregue ao Parlamento, escrita pelo José Maria Dias Ferrão em estilo forte e com grande so-

dois históricos, para pedir a execução das leis de Pombal e Aguiar relativamente aos jesuítas.(1) Já não sei se a representação foi entregue [redacted] o que sei é que a encontrei no arquivo da Loja quando fui Chanceler-arquivista e de lá a copiei.

Estava pois lançado o protesto e os ânimos andavam um pouco excitados quando surgiu a ameaça da manifestação ao velho bispo Barros. Veio o dia do cabelo em Abril e os rapazes da Loja desencadearam uma manifestação de desagrado ao Barros que causou um tumulto grande na sala nobre. Os reaccionários que na mend.ª a não tinham provocado, responderam com certa energia como era natural e, dir-se-á, lógico.

É claro que na Universid.ª abriu-se o inquérito e levantaram-se os autos competentes; e na Loja conforme carta que recebi e copiei do Mário Duque e José Ferrão(2) levantou-se a suspeita de que estes dois não foram à pala dos cabelos e traíram a solidariedade devida por medo ou por cautela.

---

(1) Ver doc.º nº 2 do vol. I cit.º

(2) No mesmo vol.º, doc.º nº 15.

Daqui nasceu mal-estar e desse mal-estar veiu a saída da Loja dos dois amigos acompanhados de outros dois resolvidos a formar novo quadro maçónico. E nesta conformidade escreveram-me a dita longa missiva a que aludi solicitando a m.ª adesão e ao mesmo tempo a minha interferencia junto do Ant.º Aurelio da Costa Ferreira para que este desistisse da entrada para a Academia Lisbonense e aceitasse o nosso convite.

Pelos documentos conservados e copiados vê-se que consegui a adesão do Costa Ferreira [1] o que alegrou os dessidentes. [2] E assim se formou um novo quadro a que deram o nome de Liberdade e foram filiar no Grão Oriente de Portugal, dessidente do Grande Oriente Lusitano Unido.

Era o Grão-mestre o Conselh.º Feito de Carvalho, par do reino e, nessa altura, Director geral das Alfandegas; fôra amigo do rei D. Luis e, segundo as más línguas, seu alcoiste favorito. Contavam-se, até, varias anedotas relativas ás aventuras amorosas

---

(1) - Doc.º m.º 16 do vol. I alt.º
(2) - Doc.º m.º 17 do mesmo volume.

do rei; não seriam todas verdadeiras mas a verdade é que andavam de boca em boca.

O veneravel da nova Loja seria o José Ferrão; eu seria um dos vigilantes; o Mario Duque irmão orador, etc. etc.

Na Academia Livre o meu requerim.to em que pedia o quite, bem como os dos outros, deu azo a processos fundamentados em tentativa de dessidencia, revelação de segredos, etc. Parece que deram o cavaco com a nossa saída e, demais a mais, sem poderem exercer sanções disciplinares porque os dois Orientes não se correspondiam.

Como se vê, a harmonia reinava entre os Irmãos...

O Mario Duque escrevia-me a dizer que havia «os maiores desejos de trabalhar» e todos andavam animados; em 23 do mesmo mês de Maio recebi intimação do Veneravel da Academia Livre dando conhecimento do processo pendente que corria contra mim «por motivo de delitos contrarios ás "leis e regulamentos maçonicos...»

E pronto... Acabou-se aqui o primeiro capitulo da minha aventura maço-

mica; e, como se vê, posso terminá-lo com uma vista á boa harmonia e á boa união entre Irmãos...

×

Em 22 de Junho desse ano de 1901 instalou-se provisoriamente no Templo da Loja Aliança de Coimbra a nova Loja Liberdade «com todos os cerimoniais da liturgia» como informou o amigo José Farrão.

Eu tinha então o grau 5º que ainda me fôra concedido na Academia Livre e tive de pagar 3:000 reis pela carta patente e quejandas alcavalas.

Segundo afrontamentos que guardei, os fins que havia em vista, ao fundar a loja, eram complexos. E talvez não seja inútil a transcrição duma minuta curiosa para se avaliar mais exactamente o que eram os sonhos da rapaziada desse tempo — sonhos que, para ser justo ao fim dalgumas décadas, não sei se em todos seriam desinteressados.

Mas vamos lá... Aqui fica a minuta tal como a guardei; e já ao fim de tantos anos não posso afirmar de quem era a letra.

« O papel da Loja : o que temos a fazer: Três os pontos : 1º Pensar e propôr melhores reformas, elaborando projectos, etc.; 2) pôr em acção desses projectos os viáveis. 3) pela nossa situação neste vale, assimilar elementos que propaguem os princípios da nossa Ordem e formem um núcleo importante no futuro !

« Relativamente a esta função : talvez a mais importante muito há que fazer.

« Critérios na escolha dos profanos qualidades exigidas :

« 1º Seriedade - segredo - lealdade.

« 2º Honradez.

« 3º Boas intenções.

« 4º Inteligencia clara.

« 5º Instrução bastante.

« 6º Coragem. (erro dizer-se que necessitamos homens valentes, carecemos mais de homens instruídos do que de valentes. No século XX uma sociedade que segue ao movimento da fraternidade não precisa de homens de valor físico mas sim de valor moral e intelectual. Nós não fazemos revoluções ; queremos a paz e a união de todos os homens, etc.)

« Necessidade do conhecimento profundo do caracter do neofito.

« Das iniciações

« Desarmonia dos rituais com o progresso do seculo.

« Erro da Igreja catolica no conservantismo exagerado; tendencia para o progresso.

« Abolição das provas fisicas de terror como a corda ao pescoço, os pés descalços, etc.

« Necessid.e dos interrogatorios desenvolvidos.

« Necessidade do conhecimento do caracter, intelligencia e instrucção do profano.

« Importancia.e do interrogatorio sobre religião, salvo como meio do conhecimento moral.

« Inconveniente do conhecimento das ideias politicas. Art.º 1º da Constituição.

« Art.º 1º, 3º e 4º liberdade de consciencia.»

Como se vê, theoricamente, tudo estava bem; boas intenções, de certo, em grande parte dos rapazes; mas o pior é que dessas boas intenções diz o Povo que está o Inferno cheio. E eu, como estava em Lisboa nos fi-

mais do 1º ano do curso de Infantaria, não podia acompanhar de perto os trabalhos — 9. aliás como a proximidade dos exames e depois com as férias, foram suspensos.

Verdadeiramente, a Loja só começou a funcionar regularmente em Outubro seguinte, embora de começo sem templo próprio; este foi inaugurado em 14 de Novembro desse ano de 1821 «com a decencia que é peculiar "ás nossas limitadas forças» como dizia o comunicado para o Grande Oriente. E na verdade o venerando José Ferrão escreveu-me - me nesse mesmo dia, dava-me parte da cerimonia e pedia-me para eu lhe mandar o pagamento de duas quotas que eu tinha em divida e desculpava a solicitação com a frase: «porque ha cá m.ª falta...»

Pela documentação que guardei vê-se que procuráram aumentar o quadro e lá se vêem nomes que depois abandonáram a Maçonaria e tomáram rumo muito diferente. Cuidei guardar uma relação dos Irmãos desta Loja Liberdade pela qual se vê a variedade de rapazes que foram admitidos não sei se bastante levianamente; essa relação está junta aos documentos no vo-

tume I já referido e contem variadas indi-
cações. Hoje esta relação ou mapa têm certo
valor para se avaliarem as mudanças de
alguns indivíduos durante a vida.

Um dos rapazes de mais peso na Loja
era o Francisco Martins Grilo, estudante de
medicina, activo, mada tolo mas chicaneiro
como todos os demonios. A sua acção foi
sempre metódica e activa mas também sem-
pre pronta para segredos, desconfianças, guer-
rinhas de cá-ca-rá-cá, mexeduras por
isto e por aquilo. As cartas dele que conservei
e deixei copiadas [1] deixam ver isso muito
bem; são até documentos preciosos para ver
como se trabalhava dentro da Maçonaria em
Coimbra «para bem da Humanidade...»

E depois... havia também a vontade de
subir nos gráus; logo no começo do ano
lectivo, quando se retomáram os trabalhos da
Loja, aparece a ideia de os fundadores serem
elevados ao grau 18º ou seja de Cavaleiro da
Rosa-Cruz. Este Martins Grilo, então, não
pensava noutra coisa apesar de eu e outros
lhe dizermos que não eram os gráus supe-

---

(1) Doc.os nos. 28 e seg.tes no cit.o vol. I.

riores o mais necessario para trabalhos de verdadeira utilidade.

A vaidade das insignias impressionava muito e, nessa altura, dava cartas em Coimbra o Fausto de Quadros, estudante de Direito que fundára a Loja Patria de que, se me não engano, era veneravel.

Este Fausto de Quadros, falecido ha pouco no cargo de Desembargador aposentado, era tipo muito curioso, mixto de vaidade e de espirito autoritario que encobria com distinta correcção de maneiras; creio já ter falado aqui desse meu contemporaneo e patricio em passados capitulos destas minhas pobres memorias. Na Loja dele tudo era formulario, protocolo, cerimonias, salamaleques; o seu feitio espectaculoso complicava as coisas mais simples; como veneravel rodeava-se duma liturgia complicada que ia ás fronteiras do ridiculo. Gostava das coisas assim e havia quem o acompanhasse nessas manifestações de exterioridade que nada significávam.

Era, contudo, empreendedôr e trabalhava; conseguiu pôr na rua um jornal O Liberal cujo prim.º numero saiu em 13

de Janeiro de 1902 sob responsabilidade do velho maçon e republicano José Augusto Pereira de Vasconcelos — periodico que em Março seguinte, segundo me escreveu o Fausto [1] iria «fazer restolho» com qualquer campanha de q. me não lembro já. [2]

Ora isto vem a proposito da boa vontade do Martins Grilo em ser Cavaleiro da Rosa Cruz. E na verd.e em Março desse ano de 1902 o gráu 18.º veiu para os fundadores da Loja no numero dos quais me contei.

O Ferrão, noticiando o caso diz que o Costa Ferreira, então veneravel da Loja, andava bem e a contento, apenas «pouco experien-"te quer em ritual quer em diplomacia a que "nós, em tempo, chamávamos "marioladas"» [3] Esta frase define bem o espirito que reinava na rapaziada: era necessaria a experiencia da diplomacia a que se dava o nome de «ma-"riolada...»

---

(1) Doc.º n.º 39 do cit.º vol. I.

(2) O Liberal saiu como disse, a 13 de Janeiro e ainda durou até 9 de Novembro do mesmo ano. Teve boa colaboração e era jornal interessante e variado. Ver o livro Jornais e Revistas de Coimbra de A. Carneiro da Silva, a pag. 82

(3) Doc.º 41, no cit.º vol. I.

Eu era novo, tomei certo entusiasmo e sincero pela Maçonaria e, com franqueza, como não queria servir-me dela, não media bem o que havia de interesseiro em muito e achava graça a estas tarachas do José Ferrão sem ver o que havia nelas de fundamental para avaliação de certas mentalidades.

Paralelamente, o Martins Grilo não concordava com o procedimento do Costa Ferreira que, segundo aquele, se deixava arrastar «pelos conselhos de todas cabeças»; e um caso relativo á Tuna Academica de que ele, Costa Ferr.ª era presidente, se mantivera de modo a desagradar á Loja onde havia muitos tunos dedicados e amigos das viajatas alegres á Espanha; e assim, esse procedimento ameaçava o desmembramento da Loja... Além disso o Martins Grilo acusava o Costa Ferreira de ter ideias preferibatas (sic) e ter por conspiradores o dr. Teixeira de Carvalho e o Arthur Leitão, medico.

As coisas, porem, compuseram-se; a Tuna sempre foi á Galiza; mas o fermento das discordancias e questiunculas ficou não só dentro da Loja mas tambem entre as oficinas do vale a que a celebre questão do

banqueiro e o apedrejamento do comboio em que regressa o celebre conselheiro Barrilho veiu dar certo incremento.

As cartas de Martins Grilo continuavam a dar-me a impressão de desorganização interna da Loja. O Costa Ferreira não seria, na verdade, homem para se impôr com energia; tinha grandes qualidades, sem duvida, mas faltava-lhe, talvez, o espirito pratico necessario para lidar com tal variedade de rapazes. E depois, o caso do Casamento com os credores externos, apaixonou a opinião excitada pela campanha republicana e deu azo a manifestações de estudantes que a policia logo atribuiu a manejos maçonicos — o que parece ter muito suspeita a Loja e os seus principais componentes.

O Costa Ferreira foi visado e teve arrelias que me contou em carta [1], entre elas certo mal entendido com o José Ferrão que julgo exortitou em missão que o levou a Lisboa, ao Grande Oriente. Enfim, uma embrulhada constante cujos ecos me chegavam á Escola por cartas deles e de outros.

---

(1) Doc.º 47 do cit.º vol. I.

Por essa altura fui autorizado a iniciar, em comissão, o meu condiscípulo na Escola, Adelder Armando dos Santos Ribeiro que anteriormente eu tinha proposto para a Loja; e lembro-me bem de que uma noite, passeando no corredor largo que ao tempo ligava os três edifícios do internato, eu iniciei nos «nossos augustos mistérios» o rapaz vivo e inteligente que depois, com o tempo, veio a ser figura predominante no regime republicano, ministro da Guerra e da Instrução e actualmente... coronel do Estado-maior reformado e empregado na fabrica de conservas do Manuel Pinto de Azevedo em Matosinhos. Para um lado e para o outro, ao longo do corredor, eu expus sucessivamente os fins da Maçonaria, a sua razão de ser, a forma dos trabalhos, como se fazia uma iniciação, etc.; e assim o Adelder Ribeiro, o futuro «jovem turco» foi admitido na Loja Liberdade e tomou o nome simbolico de Pedro Moniz. E segundo vejo numa carta do Martins Grilo, teve de pagar 4:500 reis — quantia mesmo de tempo, para estudante, bastante elevada.

O Martins Grilo continuava com os seus arranjos; e por causa da concessão do

gráu 18.º a certo obreiro com que nós anti-patizavamos, entendia que só deveriamos autorizar a concessão se do Grande Oriente dessem a nós, fundadores, o gráu 30.º! Caso contrario sairiamos da Loja e fundariamos outra... Sempre a eterna questiuncula e a eterna vaidade das honrarias.

E o ano lectivo ia correndo e eu a ver que teriamos nova embrulhada e não a poderia evitar. Uns e outros queixávam-se-me mutuamente e queriam que eu me imposésse aos contrarios; e eu, absorvido pelos trabalhos finais do curso e proximidade dos actos, ia-os entretendo com promessas e um ou outro paliativo.

Passados estes cinquenta e tal anos não serei já capaz de contar as coisas mais meúdamente. Este capitulo terá de ir assim um pouco aos solavancos.

E' certo que os trabalhos continuávam e a Loja chegou a ter uns trinta e tantos obreiros e a perspectiva de fundar alguns triangulos.(1) No proprio Grande Oriente havia certo optimismo proveniente de algumas Lo-

---

(1) Ver o Quadro da Loja no cit.º vol. I.

jas do Grande Oriente Lusitano saíram da obediencia e filiaram-se no Grande Oriente de Portugal, a cuja das grais jerarquia o Dr. Bernardino Machado; mas tambem é certo que as pequenas querelas levantadas, falta de sinceridade e desinteresse em grande numero de rapazes, dava o mau resultado que as cartas G. me recebia na Escola bem mostravam.

Mas... surgiram as ferias grandes; e a intrepalhada descançou pelas praias e pelas termas. Em Outubro, no dia 25, realizaram os trabalhos a que assisti.

Nessa sessão, por final, foi reprovada a admissão do Agapito Pedroso Rodrigues por 4 esferas pretas — reprovação que não seria injusta, apesar de uma das informações do ritual lhe chamar «pensador que de certo "será para nós de regosijo recebe-lo em nosso seio e para ele de utilidade encontrar-se "num campo honesto de Verdade e de Luz...» Mas o Pedroso Rodrigues não era homem para se acamaradar com sinceridade; sempre o considerei um insincero e por consequencia seria um mau elemento. A vida, depois, provou bem o meu juizo a seu respeito; ra-

paz habil, sem duvida, culto bastante, interessante na conversação, mas sem sinceridade de qualquer especie. Creio que não exagéro.

E a-proposito da recusa do Pedroso Rodrigues, cabe aqui lembrar que havia pouco cuidado na admissão de profanos. Nesta Loja Liberdade esteve para ser admitido, por exº, o José Caeiro da Mata; nesta altura do começo do ano lectivo de 1902-1903 foi iniciado o Luis Ramires, então estudante de preparatorios para a Escola do Exercito, hoje general creio que reformado; e tambem nessa altura tive conhecimento de que estava filiado numa Loja de Lisboa o então alferes ou tenente João de Almeida que frequentava o curso do Estado-maior em Lisboa.

Passado este tempo todo, pergunto: essas creaturas eram por essa epoca espiritos liberais, republicanos, sinceros na sua entrada na Ordem, capazes de se adaptarem ao ambiente? Não sei. O que sei é que, ao correr da vida, a mudança que qualquer deles fez foi enorme e talvez pouco correcta.

E assim muitos outros cuja entrada por vezes era lembrada e solicitada com

a unica mira de ampliar o quadro sem olhar á qualidade.

E assim, com o caminhar do ano lectivo de 1902-903, a desarmonia acentuou-se. Eu estava então em Mafra, na Escola Pratica de Infant.ª, como aspirante; as noticias nem sempre eram concretas; mas mesmo assim desgostávam-me.

E deu-se o inevitavel ainda no fim do ano de 1902: um grupo de rapazes pensou em formar outra Loja dentro do mesmo Grande Oriente [1], tudo movido pelo Grilo, o inquieto Martins Grilo, alma de todos os melindres, de questiunculas, de verdadeiras cagarifancias.

Em 9 de Janeiro de 1903, o Costa Ferreira anunciava-me a deserção bem como o secretario geral da Ordem, o comerciante José Barbosa Marinho em carta sentida e atenciosa. Dias depois, o Costa Ferreira novam.te me escreva: «Isto aqui vai de mal a pior» e contava que o Dr. Bernard.º Machado o mandára chamar para falarem sobre o assunto, certamente para reforçar uma solicitação que

---

(1) Cfr. doc.º 70 do cit.º vol. I.

já fôra feita pelos homens da Loja Portugal de que era venerando o dr. Francisco Fernandes Costa. E ainda pouco depois voltava desanimado a escrever, dando a impressão de que queria deixar [illegible] o cargo de venerando e possivelmente abandonar a Loja. Chegou a escrever: «Isto tudo é uma canalhada» e ainda que nada se podia fazer com rapazes; parecia-lhe que a única coisa vantajosa que se virava destas lojas era o recrutamento de elementos de que se podia fazer escolha que depois «seriam difíceis de apanhar.»

E assim a Loja se foi arrastando.

Em 23 de Maio estive em Coimbra e assisti à sessão em que apenas estiveram sete obreiros e na qual foi aprovado o Alfredo Pimenta — então anarquista. E assim vamos chegar ao tempo de férias em que o Costa Ferreira, de Lisboa, no mês de Setembro, e em verso macarrónico [1] me dizia que estava disposto a largar a Loja e a ir para a dos dissidentes que afinal voltavam para o Grande Oriente Lusitano Unido.

Uma verdadeira trapalhada.

---

(1) Cfr. doc. 79 do cit.º vol. I.

Admirei-me de o Costa Ferreira, já eu não mais cunhado desde Agosto, pelo erro, tomar tal resolução. Calculou ele que eu não gostaria e esqueceu: «Já sei que não gostou "e que torce o nariz arreliado...»

Tratava-se da nova Loja Pro-Veritate, nome simbólico que, na verdade, contrastava com toda a serie de mentiras... Mas as coisas eram assim e eu ri-me cansado de solicitações. Tive a fraqueza de calar e anuir.

Lá fui para o quadro da Loja Pro-Veritate com o meu grau 18.º de Cavaleiro da Rosa Cruz, juntamente com o Costa Ferreira que, nessa altura, já tinha o grau 30.º E fiquei sem saber o que se passou depois com a Loja Liberdade que, certamente, já me não tem, tem, terminou os seus dias ingloriamente.

Em compensação, foi na Loja Liberdade que encontrei dois bons amigos: o Luís da Silva Ribeiro que se notabilisou depois como erudito etnografo e o José Colaço Alves Soveral, um dos melhores moços que conheci já falecido ha cerca de 30 anos quando a vida lhe parecia melhorar depois de dificuldades e não poucas mas vontades criadas pela sua caracter sério, incapaz de trau-

sigencias que o podessem deshonrar. Tudo pois tem a sua compensação.

E eu lá me deixei levar a reboque...

×

Em 8 de Maio de 1904 fez-se a instalação solene da Loja Capitular Pro-Veritate, do rito escocês, autorizada por D. nº 16 de 21 de Abril anterior, assinado pelo Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano Unido, ainda o mesmo Luis Augusto Ferreira de Castro.

Segundo o requerimento (da autoria do Martins Grilo) a Loja queria «unir o seu "insignificante esforço ao esforço daqueles q. "lutam pelos sagrados ideais da Liberdade...»[1] E o mais interessante é que se dizia e escrevia isto a sério

O quadro constava de 22 obreiros mas tinha o defeito inicial de ser heterogéneo, especialmente porque tinha certo numero de elementos não estudantes ou sejam futricas que não davam boa ligação com os academicos. Houve a boa intenção de reunir estes elementos para poder influir no ambien

---

(1) Doc.os nos 87 a 89 do cit.º vol. I.

te conimbricense no sentido de evitar a desarmonia sempre latente entre as duas gerações; mas não deu resultado porque os escolhidos não eram pessoas para tão alto propósito.

Entre essas <u>tertúlias</u> estava um dono de tipografia da rua das Solas (hoje Adelino Veiga) chamado João Maria de Oliv.ª Carvalho, homem de acção e republicano antigo mas, conforme a impressão que sempre tive, um pouco velhaco. Nunca gostei dum sorriso grave permanente que sempre me via e q. não correspondia ao assunto tratado.

O certo é que no dia 8 de Maio, dia pq. teve para Coimbra, foi instalada a Loja «em "lugar m.to oculto, muito forte e muito ilu- "minado, onde reinam a Paz, a União e o "Amor Fraternal» segundo se lê na acta.(1) A instalação foi feita pelos veneráveis das três Lojas de Coimbra: o Manuel António da Costa, da <u>Perseverança</u>, a mais velha da cidade e de boas tradições; o dr. Francisco José Fernandes Costa, da <u>Portugal</u> e o Fausto de

---

(1) Doc.º 91 do cit. vol. I. O quadro da Loja está no mesmo vol.º, no Doc.º n.º 87.

Quadros, da Patria; a sessão correu com certo brilho e solenidade e o Martins Grilo que era o oradôr fez o seu discurso em termos de facil retorica: congratulou-se pela realização das aspirações de todos os seus companheiros «que se acham animados do desejo de trabalhar em prol da Humanidade e desta tão "infeliz e despresada Patria Portuguesa...»[1] E fez ainda considerações banais em estilo que quiz ser empolado.

E assim se começou a trabalhar em paz, união e amor fraternal e em prol da Humanidade...

Mas... com o impulso de entrada as coisas lá foram correndo o melhor possivel; as férias aproximávam-se e verdadeiramente não houve muito tempo para se desencadear qualquer tempestade; mas no recomeço dos trabalhos, em Outubro, a doença ingénita das lojas de rapazes agora agravada com a presença dum grupo razoavel de futricas, começou a mostrar os mesmos sintomas e por dá cá aquela palha as questiunculas surgiam.

---

(1) Doc.º n.º 92 do cit.º vol. I.

O Oliveira Carvalho arvorou-se em capataz dos futricas e contrariava certas decisões dos académicos; por motivo de se pretender alterar a capitação dos obreiros de fóra da terra e isentar dela uns que não estavam em condições de pagar, ao que o Carvalho se opôz e a sua gente, começou luta surda entre uns e outros.

O Martins Grilo confidenciou que se arrependeu de propôr o Carvalho que andava a perturbar a «paz e união»; quem recebeu a confidencia, um José Maria Ribeiro (de que já me não lembro bem) foi confidencia-la ao dito Oliv.ª Carvalho; este ficou, naturalmente, zangado e passou a contrariar em tudo a acção do Martins Grilo e a acusa-lo por detraz da cortina.

Isto tudo creou na Loja uma atomosfera de desconfiança desagradavel e nas sessões em que o elemento futrica estava em maioria, chegou-se ao procedimento pouco correcto de revogar decisões propostas pelo Grilo e que estavam em execução.

Em Dezembro, o Costa Ferreira escrevia-me para Lisboa onde estava eventualmente: «Ontem, mosquitos por cordas

"no templo de São Grilo...» e depois de contar que foi reprovada a admissão dum rapaz proposto por mim, acrescentou: «Qual "São Carlos, qual Ginasio, qual Trindade!...»

E de novo surgiu entre os estudantes a ideia duma separação amigavel, um desdobramento da Loja em que ficassem numa os futricas e na outra os estudantes entre os quais eu ficaria como unica excepção. E em segredo o caso começou a ser tratado, combinando-se só se dar parte ao veneravel quando as coisas estivessem organizadas e assentes convenientemente.

Mas... dizem que o Diabo esconde por um lado e descobre por outro: os futricas desconfiáram de que se tramava a separação ~~[illegible]~~ mas não a consideravam amigavel e viam pura e simplesmente a vontade de se afastarem deles. O ambiente, pois, excitou-se por pequenos nadas de q. não sou já capaz de me lembrar com precisão; o veneravel, que era então o medico Armando Leal Gonçalves, pediu a demissão e declarou aos comissionados que o procuraram para desistir do pedido que mantinha o seu proposito especialmente

porque era incompatível com o Martins Grilo e com o Luis da Sª Ribeiro.

Uma embrulhada dos demonios.

Por esta altura fui elevado ao grau 20º chamado, no ritual, de Mestre ad vitam e foi empossado nele pelo velho Manuel Antonio da Costa, uma tarde, na sobreloja da sua mercearia na rua da Calçada ou de Ferreira Borges, sem cerimonial. Lembro-me bem até de que o acto se passou entre umas caixas de bolachas, arrumadas em rimas; e ele, o bom velho, leu solénemente umas formulas do ritual enquanto eu me conservava ajoelhado sobre o joelho direito; bateu-me depois com um mathete na cabeça não sei quantas vêres; e por fim deu-me o abraço fraternal com certa sinceridade. E tudo isto muito a sério, como se se cumprisse um rito superior.

Este bom Manuel Antonio da Costa era homem são, vinha doutros tempos, fôra amigo do velho Abilio Roque de Sá Barreto, convivêra com homens que intervieram nas primeiras andanças do Partido Republicano e outros que ainda vinham da Patuleia. Era, contudo, pessoa calma, sensata, con-

civiadora e com certa dose de boa ingenuidade e boa fé terminaram-no creatura um pouco fóra das realidades do tempo. Considerei-o sempre muito e ele, parecia-me, tinha certa estima por mim.

Mas, voltando á enfermidade da Pro-Veritate: o Oliveira Carvalho na sessão de 16 de Maio desse ano de 1805, levantou-se e disse, sacudindo a cabeleira revolucionaria um tanto maltratada talvez propositadamente, que o Armando Gonçalves ao querer afastar-se da direcção da Loja seria pela incompatibilidade com os dois irmãos acima citados e «mais alguns outros.» que procederam com deslealdade para com a Loja ...

Ora nesta frase um tanto ou quanto civilina estava eu incluído e mais o José Sobral — e por isso nós dois (eu no dia 18, o Sobral em 19 do mesmo mês) requerêmos o atestado de quite em carta extensa e bastante curiosa.[1]

A seguir houve intervenção do Gustavo Adolfo Bergström já me não lembro como; de que me lembro, auxiliado por

---

(1) Doc.os n.os 109 e 110 do cit.° vol. I.

notas soltas que encontrei entre a papelada, é que esta intervenção foi considerada como traição e em virtude disto pediram o exílio o António dos Santos Silva e o Sérgio Calisto, estudantes classificados de Medicina. E foi então uma debandada.

Passados alguns tempos, o Armando Gonçalves falando com o Costa Ferreira, lastimando o resultado da embrulhada, confessou que «estava farto deles» (os futricas); mas a verd.ª é que certas relações com o Martins Grilo, com o Luís Ribeiro e comigo. Só muito tarde é que voltou às boas e esqueceu.

O meu atestado de exílio foi passado só a 29 de Novembro; assinaram-no o venerando Armando Gonçalves; os vipilanteo Baltazar de Almeida Teixeira e José Ernesto Marques Dorato; o orador Gustavo Bergström, etc. A data do atestado é avançada em relação ao requerimento; mas a verd.ª é que, desde Maio, me considerava livre de toda aquela trapalhada e sem saber bem o que faria com as minhas honras de mestre ad vitam ou seja o grau 20.º do rito escocês.

Em menos de meia duzia de anos, conheci tres Lojas e saí delas por motivos bem diferentes daqueles tão apregoados e... jurados de «paz, união e fraternidade...»

×

Entro agora num período de descanço que abrange quase tres anos.

De descanço é um modo de dizer; sempre a brotoeja maçonica mais ou menos me levava a conversas e até a tentativas de nova filiação. Nessa altura, a agitação politica e o avanço constante da propaganda republicana davam esperanças duma prox.ª mudança de regime; e a Maçonaria era sem duvida um cadinho excelente para abrigar essas esperanças.

Pensou-se, no grupo de rapazes que sairam da Pro-Veritate e logo nos primeiros mêses de 1906, em entrar para a Loja Patria e nesse sentido se fizeram algumas negociações. A solução, porem, não era muito do meu agrado por causa dos formalismos e patacuadas do Fausto de Quadros seu «magnifico» veneravel. Felizmente, qualquer trapalhada do Martins

Grilo fez com que o Fausto nos fechasse a porta com uma paretha de coices fraternal. E foi melhor assim.

Naquela oficina o grupo saído da Pro-Veritate iria alterar a calma disciplinada la existente e fazer dores de cabeça ao imponente Quadros. E teriamos em pouco tempo nova embrulhada e mais uma cisão desagradavel. O caso ficou arrumado e chegou o verão e com ele as ferias.(1)

Mais tarde, vim a saber que o Fausto de Quadros não gostava da nossa admissão porque, como eramos quase todos Cavaleiros da Rosa-Cruz, teriamos na Loja uma supremacia perigosa para eles. E o Fausto não gostava de superioridade onde ele estivésse. O incidente com o Grilo serviu-lhe ás mil maravilhas para resolver o problema.

Ora aconteceu que numa noite dos começos de Setembro eu fui á Figueira da Foz, de passeio; depois do jantar entrei no Casino Peninsular e encostei-me a uma

---

(1) Ver os docum. nº 130 a 132 do vol. II da colecção mencionada.

das grandes mêsas para observar o grande vai-vem dos veraneantes da sala de baile para o café ou para os salões da roleta, quando chegáram ao pé de mim o Sergio Calisto e o Baltazar de Almeida Teixeira.

O primeiro fôra meu condiscipulo no Liceu e no meu 2º ano de matematica e tratavamos-nos por tu; o segundo apenas o conhecia da Loja Pro-Veritate. Os dois com um rapido preambulo, aproveitaram o encontro para me declarárem que haveria em bréve mais outro exodo de academicos da Pro-Veritate onde o Baltazar ainda estava; que iriam formar nova oficina e que me queriam para seu veneravel.

Os marotos iam-me despertando a vaidade, ali apanhado de surpresa, naquele ambiente movimentado, todo cheio de mulheres que passavam e que gostavam de ser vistas. Quase abriram brécha, como se diria em linguagem militar. Tive de compôr o semblante com ares de modestia, de lembrar-lhes a minha insignificancia, a responsabilidᵉ do cargo, os deveres de representação, todos esses tropos habituais empregados em situações semelhantes.

— Deixa-te disso, dizia-me o Sergio mais positivo. Queres, não é verdade?

— Bem vês, menino... é caso que precisa pensado...

O Luis da Silva Ribeiro, tambem veraneante, com o qual já tinha trocado impressões acerca da futura cisão da Pro-Veritate, viu-nos e aproximou-se, farejando rabulice; chegou na altura e atira-me logo, sem mais nem menos:

— Você, alferes, com uma posição definida, têso, disciplinado, é o que se quér para um grupo de estudantes.

Eu e o Luis Ribeiro conheciamos-nos bem; gostava dele mas reconhecia o seu feitio rábula que levou os rapazes com quem mais convivia a alcunha-lo de «João das Regras.» Olhei de soslaio, conheci que ele me quereria pôr á prova e açular a natural vaidade de rapaz, posta assim a tratos com a perspectiva das honras de veneravel. A conversa continuou, entrámos na sala do café e sentados á volta duma mêsa, tomámos, todos quatro, um chocolate fraternal. Verdadeiramente fraternal. No entretanto combinaram-se coisas, discutiram-se pla

nos, imaginaram-se grandes empresas; o chocolate bebia-se lentamente, a tragos, quase a medo...

O Luis Ribeiro, com o seu olhar vivo e inteligente, observava tudo; e eu, fumando um charuto a que a minha futura superioridade obrigava, ia expondo um programa vasto, soberbo, pausadamente, com solenidade... E com gesto largo resumia:

— Assim, Coimbra, poderá ser quase nossa!...

Deu meia-noite, meia-noite e meia hora, uma hora. Paguei liberalmente o chocolate, como cumpria; e quando, ao despedir-me e a considerar-me, com regosijo infimo, homem indispensavel, dei de cara com o Agapito Pedroso Rodrigues.

— Oh!...

— Oh selvagem!...

E abraçou-me. E imediatamente, com a resolução propria dos homens de talento (embora opostos ou pelo menos divergentes mas tendentes, ambos, p.ª a Perfeição) resolvemos ir modestamente «ás pêgas...» Disse adeus aos rapazes e segui com o poe-

ta do Auto Pastoril, rua acima, para o incognito. Esse incognito era certa hetaira cujas perfeições o Padroso encarecia.

— E' a A....

— Pois vamos la!

Seguimos conversando. O incognito caracterizou-se junto á Praça de Touros, em uma carita preguiça para a qual entrámos pela janela, com cuidados para não acordar os outros admiradores da perfeição. Fóra, havia nevoeiro, havia humidade; um luar triste alumiava as ruas desertas.

Seriam 2 h. e meia voltei para o hotel já com vontade de dormir. O mesmo nevoeiro, o mesmo frio humido. O luar alumiava tristemente as ruas. Causou-me. E assim acabou aquela noite em que eu, pela vaidade inerente aos homens, especialmente aqueles que contam 25 annos, me vi guindado ás honras supremas do romantismo romantico, incensado pelo Luis da Silva Pereira para justificar a alcunha de João das Regras e... se a memoria me não falha, desiludido das perfeições annunciadas pelo Agapito da mesada hetaira cujo palacio encantado tinha entrada por uma janela

do rez-do-chão para não incomodar outros visitantes atraídos pelas perfeições das companheiras.

No dia seguinte, no regresso a Coimbra, encontrei no comboio o Dr. Francisco José Fernandes Costa que durante o caminho me disse querer falar comigo a sério, pois entendia que eu não deveria andar ás soltas, fóra da obediencia maçonica. Isto queria dizer que me iria convidar para entrar na Lója Portugal, loja composta por gente categorizada, na maioria republicana e já sem verduras de mocidade. Eu não disse que sim nem que não; respondi apenas que estava ás suas ordens para conversar, bastava marcar ele o dia e hora.

E ficámos por aqui.

Expuz tudo isto ao José Sobral então em Alcains (Bª Baixa) que me respondeu com considerandos engraçados e justos ao mesmo tempo que me dava inteira liberdade para eu seguir ou não seguir para onde quizesse sem me preocupar com ele.[1] E eu fiquei-me na mesma, livre e á solta; os

---

[1] Doc.os 133 e 134 do cit. vol. II.

rapazes que em Setembro me falaram na Figueira nunca mais deram sinal de si; o dr. Fernandes Costa não me convocou para conversar e assim se passou o resto do ano de 1905 e todo o de 1906 sem haver qualquer facto que mereça menção neste capítulo — além de eu reclamar para a Pro-Veritate acerca da indemnização dum dinheiro emprestado para a sua fundação.

Uma garotice, afinal.

Ora em Maio de 1907, quando as arvores começam a bolhar a folhagem e a passarada a cantar alegremente pelos campos, surgiu nova ocasião para re-entrar nos sagrados mistérios.

A Loja Patria do Fausto Guedes, desmembrara-se; um grupo de obreiros á frente dos quais estava o velho amigo José Augusto Pereira de Vasconcelos, queria fundar nova oficina e procuraram em mim para seu venerando.

Outra vez no caminho do venerabilato...

Conto isso pormenorizadamente no volume organizado em 1921-1922 no qual copiei a documentação guardada; não vou pois repetir o que escrevi então e que, na verdade, es-

le a pena ler porque dá bem a medida do que eram os trabalhos maçonicos naquela quadra movimentada.(1)

Ao mesmo tempo apareceu aí um alferes Antonio de Oliveira, oficial pratico, de Leiria, que se dizia possuidor de grande importancia dentro da Ordem mas de quem sempre desconfiei. Queria fundar triangulos a torto e a direito e nunca percebi de onde lhe vinha a ancia da triangulação e por conta de quem trabalhava com tanta préssa.

Foi sempre para mim um misterio e um misterio m.to suspeito. Tambem conto mendamente no mesmo volume as minhas relações com esse cavalheiro que sempre considerei cavalheiro de industria.(2)

Nesse periodo deu-se a chamada «Gréve academica» por causa da qual fui parar a Valença do Minho como noutros passos destas infindaveis memorias fica contado. As negociações continuáram por cartas até que eu, em Novembro desse ano de 1907,

---

(1) A pag. 25 e seg.tes do cit. vol. II
(2) A pag. 36 e seg.tes do d.o vol.e

autorizei, de Valença, a inclusão do meu nome no novo quadro a que deram o titulo romantico de Redenção. Caí nessa esparrela, confesso, não me lembro já se por ingenuidade ou boa-fé (que, infelizmente, nunca me largáram) se por qualquer ponta de vaidade que me açulasse a ir empunhar o mathete de veneravel.[1]

Dei lá!... Eu tinha então 27 ou 28 anos e possivelmente morder-me-ia alguma mosca... Já me não lembro bem do que se passou no meu espirito para aqui poder deixar confissão sincera.

Disse acima que caí na esparrela. Na

Na verdade, eu talvez não visse bem que o intermediario de tudo, o sargento reformado Ant.º Pinto dos Santos era um tanto ou quanto trapalhão e o secretario geral da Ordem era ao tempo e não sei por que malas-artes, o faustoso e espectaculo Fausto de Quadros que tinha feitio esquinado como todos os diabos e complicava sempre tudo. Pedi explicações de certos enigmas ao velho amigo Vasconcelos; este, deu-mas

---

(1) Doc.º n.º 153 do cit. vol. II.

numa longa carta, suficientemente clara — e disto tudo veiu a resolução de anular a minha autorização.[1]

Pelo Natal, em Coimbra, nuns dias de licença, ouvi uns e outros; o Pinto dos Santos acusou o Vasconcelos; elementos bons desse quadro em preparação, velhos republicanos, puseram o caso em pratos limpos: havia em todas as negociações certos mistérios a que não eram estranhas as embrulhadas do Pinto dos Santos e as altas congeminações do Fausto de Quadros.

Mantive a minha recusa e com uns amigos pensámos vagamente numa loja que tivesse a missão, sem espalhafatos e sem liturgias complicadas, a propaganda do Livre Pensamento.

Voltei para Valença em 4 de Janeiro de 1908. Deu-se a revolta de 28 desse mês e a seguir o regicidio; fui de novo colocado em Coimbra no regimento 23 e de novo continuáram certos amigos á minha volta mas sem nada de positivo, só conversas. O tal alferes Oliveira semeáva o Pais de

---

[1] Doc.os 161 e seg.tes do vol. II.

lojas e triangulos, conversou comigo, em um dia de Julho e eu recusei-me ás boas propostas; as trapalhadas continuáram porcamente como conto, com certa minucia, no citado volume.

Até que... Até que em Agosto, o Dr. Fernandes Costa convocou-me para o Hotel Avenida, no dia 18, a horas do jantar. Lá fui e ouvi pacatamente a exposição a serio do que se passava. Por causa da tal Loja Redenção as antigas oficinas de Coimbra sairam da obediencia, formáram um grupo independente e entendia ele que eu e os irmãos sérios que andavam arredios deveriam entrar na Loja Portugal onde ele foi veneravel muito tempo e me deu a entender que me largava a sucessão

Conto tudo, mendamente, tambem, no vol.e mencionado. Até que, passadas as ferias, em Dezembro, o caso foi resolvido.

×

A 9 de Dezembro de 1908 fui recebido com cordealidade e certa deferencia na Loja Capitular Portugal instalada no mesmo prédio e nas mesmas salas onde esteve

a Academia Livre. Já lá iam nove anos, bem passados. Era então veneravel o dr. Augusto da Costa Pereira, velho amigo e homem sério, correcto, conciliadôr, que me recebeu afavelmente; e levando-me para um gabinete expoz-me a situação da Loja e, de combinação com o dr. Fernandes Costa, o desejo de me passar o mathete nas proximas eleições.

Conto no cit.º volume de documentos e com pormenores as cenas da m.ª entrada q. teve certa solenidade e em que tive de falar.(1) As minhas palavras, segundo anotei na devida altura, fizeram sensação.

E aqui começa nova vida, dentro de loja séria, constituída por gente republicana, adversa á reacção ultramontana que se estadeava naquela quadra final da Monarquia; e sem solavancos o tempo foi correndo e lá fui eleito veneravel nas primeiras eleições que se fizeram e, segundo julgo, a contento de todos.

Deste periodo do veneralato não encontro apontamentos ou notas que me ajudem

---

(1) A pag.º 119 e seg.tes do vol. II.

a memoria q. começa a ser fraca. Ha nos meus papeis lacunas que os quasi cinquenta annos passados não deixam reconstituir com fidelidade.

Lembro-me apenas que o anno de 909 correu pela mocidade e se concentrou a reentrada no Grande Oriente Lusitano Unido. E assim o tempo nos foi aproximando da data festiva de 5 de Outubro de 1910 que marca, nestas minhas frouxas memorias, o começo de novo volume que ainda quero ver se acabo enquanto a vista me der licença.

Ficarei aqui para traz aqui neste capitulo de trabalhos maçonicos para recomeçar mais adeante com novo arrazoado de trabalhos desta vez os ultimos e definitivos, felizmente — graças ao Supremo Arquitecto!

Pelo que aí fica escrito, o meu provavel e benigno leitor poderá fazer ideia desagradavel acerca do que então era a Maçonaria em Coimbra, nos felizes tempos da Monarquia Constitucional e terá razão.

Eu era novo, a propaganda republicana era intensa e entusiasmava-me; certa dose de boa-fé, pouco conhecimento dos homens, a influencia do meu passado de

criança que atraz ficou contado e que em-
purrava ao desejo de ver triunfar as idéias
anti-monarquicas, levaram-me a con-
temporizar, convencido de que alguma
coisa se poderia conseguir.

Mas era difícil andar com boas intenções no meio daquela gente em parte eivada de certas ambições, de má-fé e, pos sivelmente, até, de traição por conta alheia. Sei lá!... Ela gente para tudo.

Hoje, ao cabo de meio seculo de vida cortada por episodios variados, não custa a acreditar em tenebrosos planos maquinados de promessas alicinantes.

Enfim, aí fica o que é essencial.

Não deveremos corar por nos termos enganado. A compreensão do engano é dada pelo conhecimento que ficou vindo de muita coisa e de muita gente. Seria uma <u>rapaziada</u>, como os criou Herculano, a minha passagem pela <u>Padroada Livre</u>... Mas foi salutar. Serviu-me bastante para muitos passos da vida e ainda hoje, no meu declinar, serve-me para melhor compreender certos sucessos e avaliar com mais serenidade certos homens.

Noutro capítulo, mais adiante, quando voltar a falar a respeito da minha vida maçónica, se verá se tinha ou não razão.

Coimbra
19 de Janeiro a 8 de Junho
de 1958.

UNIVERSIDADE ✲ LIVRARIA DA

CORREIOS
-3 OUT. 06
COIMBRA

Indices

I

Nomes proprios:

Abranches (Adelina): 312 e 327
Afonso (Infante Dom): 111.
Aguiar (Luis Esteves de), estudante: 288-289.
Albuquerque (General Braz Mousinho de): 334.
Almeida (Artur Augusto Duarte da Luz): 344-45.
" (Fialho de): 30
" (João de), alferes: 361
" (Luis de Castro e): 27.
" (Manuel Ant.º de): 6, 88, 134-135.
" (Ribeiro de), capitão: 258
Alves (Henrique), actor: 310
Amaral (Herculano do): 53
Amélia (Dona), rainha: 102
Andrade (Ant.º Lopes Rebelo de): 4, 5, 15, 21, 89, 96-97.
" (Caetano de Noronha Freire de): 227, 228, 235, 236 e 248.
" (Cesar Freire de), medico: 177.
" (Tristão de Noronha Freire de): 22
Annunzio (Gabriel d'): 325.
Antunes (João Crisostomo): 290
Arapão (Dr. Gilberto de): 306.
Arnoso (Conde de): 312
Azerêdo (Alfredo de Melo): 22
Azevedo (Dr. Flaminio Teix.ª de): 105.
" (Manuel Pinto de): 358
Balzac: 11 e 15.
Bandeira (D. M.ª da Conceição): 175 e 180
" (José da Silva), capitão: 181, 183, 186-188.

Baptista {Bernardo Pedro de Almeida} : vide Pedro
" {Henrique) : tenente : 333 e 335.
Barbosa {António) : tenente : 333 e 335.
Barreto {Alípio Roque de Sá) : 370.
Barros {Alfredo Augusto de} : ten.te cor.el : 3-4,5 e 6.
" {João de}, sec.o XVI : 147.
Barroso {D. Ant.o), bispo do Porto : 345-346.
Basto {Dr. Álvaro da Silva) : 279.
Bastos {Dr. Henrique Teixeira) : 279.
" {José), farmacêutico : 162-164.
" {José Camilo da S.a) : 162-164, 165-166 e 173.
" {Vitoriano José), tenente : 227, 248, 264, 265 e 266.
Beethoven : 276 e 277.
Benfeito {João Duarte) : 89, 157-158.
Bergström {Gustavo Adolfo) : 371 e 372.
Botelho {José Just.o Teixeira), general : 307.
Braga {Miguel), comerciante : 319-320.
Brack-Lamy {Adelino Cândido Ferreira), ten. cor.el : 227, 248, 249 e 267.
Braudão {João) : 65
Brazão {Eduardo), actor : 310.
Bruno {José Pereira de Sampaio) : 15.
Caldeira {Dr. Custódio) : 301.
Caldeira {César Amadeu da Costa) : 215
Caldeira {P.e João) : 209.
" de Oliveira {José) : vide Oliveira
Calisto {Sérgio Ferreira da Rocha) : 372, 375-377.
Camon, coronel : 52
Canto {Franc.o Bernardo do), tenente : 8, 12, 13, 16-18 e 19.
Carlos {D.) I, rei : 102, 111, 220-223.
Carvalho {Francisco ~~de Almeida~~ (a) Martins de) : 213, 220, 222-223, 298, 303-308.
" {João Maria de Oliveira), tipógrafo : 366 a 369 e 371.

(a) Augusto.

Carvalho {Joaquim Martins de}: 298, 305 a 308
" {Dr. Joaquim Martins Teixeira de}: 219 a 356
" {Conselh.º Joaquim Peito de}: 347.
" {Vasco de}: 289.
Casimiro {Augusto}: 332-333, 334-335.
Castelo-Branco {Camilo): 11, 78 a 326.
Castro {Ant.º Dais de Sande e): 290.
" {Eugenio de): 326.
" {Franc.º Xavier Vaz Pacheco de}: 288-287.
" {Gonçalo Pimentel de}: 7, 52-53.
" {Luis Augusto Ferreira de}: 342 a 365.
Cesar {Vitoriano José}: 52.
Chapas {Ant.º Fernando do Rego}: 59, 115, 128, 220-3.
" {João}: 140, 145.
Chaves {Dr. Alfredo de Matos} medico: 332 a 336.
Chuquet, comand.te: 52
Coimbra {Dr. Augusto), advogado: 73, 74, 107 a 247.
Colin {J.), comand.te: 52
Correia {José Maria), cirurgião: 172.
Cortezão {Jaime}: 332.
Costa {Ant.º Pereira da Cunha e): alferes: 262-263
" {Augusto Emiliano da): 289-290
" {Fernando dos Santos): 306.
" {Franc.º Correia da): 66, 67, 68-69, 70 e 71.
" {Dr. Franc.º Fernandes), advogado: 85, 363, 366, 379, 380, 384 e 385.
" {Joaquim ? Emiliano ? da): alferes: 227.
" {Manuel Antonio da}: 366, 370-371.
" {Pedro Celestino da): coronel: 83-84 e 116
" {D. Prudencia Padares da): 63
Crespo {José}: 298.
Cristo {Franc.º Manuel Homem}: 49, 50-58, 89, 121, 126, 127, 129, 131, 132, 227 e 258.
Cruz {José Coelho Correia da): 207
Cunha {Alberto Guerreiro Paixoto e): 32, 243-244
" {Aristides Rafael da): 8-9.

Cunha {P.e Joaquim Ribeiro da} : 163-164 e 240
Damasceno {Rosa), actriz : 310
Damtas {Julio] : 330, 331.
Delgado {Dr. José da Costa de Vasconcelos] : 82, 258.
Dias {Carlos Malheiro) : 316
" {Fausto Fernandes] : 335
Diniz {Julio] : 160
Donato {José Ernesto Marques) : 372
Duque {Mario Soares) : 79-81, 346, 347 e 348.
Ega {João da) : 278.
Ermitão {Major . . . . .] : 258 e 264
Falcão {Luciano Fernandes] : 165-166
Faia {Luis de Mira) : 288.
Felix {José), capitão de Cavall.e : 245-246
Fernandes {Aureliano Lopes de Mira) : 287.
Ferrão {Dr. António] : 305.
" {José Maria Dias) : 79, 233, 345-347, 349, 352, 355, 356 e 357.
Ferreira {António Aurelio da Costa) : 328-330, 347, 355-357, 362, 363, 364, 368-369 e 372
" {Joaquim M.a] : major : 59, 227.
" {José Lourenço Dias] : 292-294
Figueiredo {P.e Joaquim Mendes de] : capelão : 105, 108 e 216.
Franco {João) : 56, 189, 198-199, 201, 292, 295 e 308.
Freitas {Domingos Ant.o dos Santos e) : 10, 20, 41-43, 47-49, 54-58, 77, 84-86, 104, 122, 125, 129, 131, 132, 133, 135, 138, 143, 144, 189-199, 200, 213, 219 e 300.
" {Guilherme Aug.to Vilario de] : 58-59
Galvão, farmaceutico em Arganil : 161.
Garcia {Conego Prudencio Quintino) : 216
Garrett : 76, 218.
Garrett {Ortega y) : 274.
Gide {André] : 276.
Girão {Julio Pereira), capitão : 59.
Godinho {. . . . .), Poiares : 66-67 e 71.

Gais (Teofilo da Costa) : 144
Gomes (José de Oliv.ª), tenente : 12 e 19.
Gonçalves (Dr. Armando Leal) : 369-370, 371-372
" (Horacio de Araujo) : 335.
Goulão (Miguel) capitão : 227, 260, 263, 264 e 265.
Gouveia (Dr. Ant.º da Fonseca), medico : 107.
Grilo (Francisco Martins) : 253-259, 362, 365, 367-370, 372, 373-374
Guimarães (Dr. Adolfo) : 178.
Herculano (Alexandre) : 218, 326, 338 e 387.
Hugo (Victor) : 80 e 326
Iglesias (German) : 337.
Jardim (Dr. Joaquim), Figueira da Foz : 201 e 202.
" (Dr. José) : 201 e 204.
Jorge (Antonio ?), algibebe : 227.
Junqueiro (Guerra) : 11.
Kropotkine : 277.
Lage (Ant.º Mariano Mendes) : 31.
Leibnitz : 284.
Leitão (Artur) : 356
" (D. Ester Baudeira) : 181-183.
Leite (Fernando de Oliv.ª) : 333 e 335.
Lemos (Franc.º Marques Pereira de), capitão : 59.
Lencastre (General . . . . .) : 112
Lima (Henrique Ferreira) : 305
Lobo (Dr. Antonio) medico : 191-199.
Loureiro (Raul Silvão) : 2, 27 e 41.
Luis (D.) I, rei : 347.
Machado (Ant.º Augusto de Morais) : 27.
" (Dr. Bernardino) : 327-330, 360 e 362
Magalhães (M.el Maria Tavares de) : 20-21.
Maia (Carlos da) : 278.
" (Delfim M.ª de Oliveira) : 149.
" (Fernando da Costa) : 148 rep.
Marinho (José Barbosa) : 362.
Marques (Arnaldo Vilão) : 333 e 335
Martins (Augusto da Costa) : 308

Martins (Joaquim Pedro de Oliveira) : 326
" (José Ferreira) : Capitão : 49 e 50
" (Manuel Augusto) : 338-339.
Massano (Cor.el . . . . .) : 250-251
Massena (André) : 237 e 238.
Mata (José Caeiro da) : 361.
Matos (Dr. Daniel Ferreira de) : 69 e 301.
Melo (Augusto), actor : 313.
" (D. Francisco Manuel de) : 1.
" (José Pinheiro de) : 342
" (Pedro José de) : 289.
" (Vicente Pinheiro de) : 309, 310-312, 313-315.
Miranda (Ernesto Marcier de) : 191-199.
" (Orsini Bernardes de) : 311-312.
" do Carro (Barão de) : 180
Monteiro (Alberto dos S.tos Pereira) : 213 e 227.
" (Antonio Ribeiro) : 21.
Morais (Alberto Faria de) : 306.
" (Pedro de Alcantara de Andrade) : 286-287.
Moreira (José Fernandes) : 333.
Mota (Carlos Aug.to da Costa) : 289.
" (Luis José da) : 21, 213-214.
Moura (Ant.o Frederico Garjão de) : 156-157.
Nobre (Antonio) : 187.
Nogueira (P.e Adelino Dias) : 82, 161-162, 247 e 269.
" (Franc.o Inacio Dias) : 60, 70 e 74.
Noronha (Boaventura de) : 39.
Nunes (Artur Heultze Ribeiro) : 142
Oliveira (Agostinho Barreto de) : 89.
" (Antonio de), alferes : 381 e 382-383.
" (José Caldeira de) : 209-211.
" (" Soares de), Perriche : 184-186.
" (Julio Carrão de) : 89
Ortigão (Ramalho) : 145
Pais (Sidonio) : 279 e 287.
Pedro (Bernardo) : 143, 144, 190 e 298.
Pedrosa (Dr. Franc.o Lopes de Guimarães) : 203, 204

Pedroso {D. Beatriz}: 310-312 e 320
Peixoto {José Joaquim}, capitão: 6-8 e 24
Perdigão {Abel}, Argamil: 82 e 242
Pereira {Albino Estevão de Vitória}: 184-188.
" Junior {Ant.º Pires}: 14, 15 e 17.
" {Dr. Augusto da Costa}: 385.
" {Faria}, coronel: 116
" {Nunes Alvares}: 156.
Peres {Dr. Vitorino}: 178.
Pimenta {Alfredo}: 363
" {Ant.º Maria}: 139
Pimentel {D. Sara}: 292
Pinheiro {Columbano Bordalo}: 310
" {Dr. Mendes}, professôr: 279.
Pinto {Angela}: 313-315.
" {Feliciano do Nascim.to}, capitão: 8
" {Luiz Augusto Pimentel}: 23, 33, 87, 109, 126, 182, 137 e 298.
Porto {Ant.º Carlos Coelho de Vasconcelos}: 200, 253.
Quadros {Fausto de}: 354-355, 366-367, 373-374, A 380, 382 e 383.
Queiroga {. . . . . } capitães: 32
Queiroz {P.e João}, de Vermide: 173.
" {José M.a Eça de}: 11 e 278
Quental {Antero do}: 138
Ramires {Luiz}, estudante: 361.
Refoios {Dr. Joaquim Augusto de Sousa}: 299-303.
Reis {Luiz da Camara}: 327.
Renan {Ernest}: 45.
Ribeiro {Helder}: 21, 358.
" {João Maria}, professôr: 368.
" {P.e Joaquim}: ver Guerra.
" {José da Cruz}: alferes: 333 e 335.
" {Luiz da Silva}: 364, 372, 376-377 e 378
Rocha {Fortunato Pires da}: 289
Rodrigues {Dr. Agapito Pedroso}: 309-326, 360-361 e 377-378.

Rodrigues {Francisco} sold.º impedido : 172
" {Valentim José} : 311 e 320
Rosa {Augusto), aclān : 310.
Salazar {Antº de Oliveira} : 63.
Salgado {Alberto), tenente : 8-9.
" {Antº Pinto Cardoso) : 4 e 5.
Santo António : 369.
Santos {Antº Mendes Pinto dos} : 382 e 383.
" {Calisto Mendes dos) : 173 e 174.
" {Joaquim Fernandes dos) : 174-180
" {Rui Henriques dos} : 289.
Saraiva {Francisco Alberto de Almeida Ribeiro) : 289.
Scott {Walter} : 15.
Silva {Alfredo Ferreira da), aclān : 312-313.
" {António dos Santos} : 372
" { " Sergio de Brito e} : 227, 230 e 265.
" {Armando Carneiro da} : 355.
" {Carlos Beja da) : 1º marº : 54.
" {Dr. Luciano Pereira da) : 300, 302 e 303.
" {Manuel Caetano da) : 68 e 218
" {Dr. Serras e Silva} : 63
Simões {Dr. Alberto da Veiga} : 327.
Soares {Aníbal) : 309, 316-319, 326-330.
Soleral {Dr. José Colaço Alves} : 364-365, 371 e 379.
Sousa {Abílio Augusto Valdez de Passos e) : 21.
Tavares {Raul da Silva) : 84, 94-95, 96, 108, 126, 132.
Teixeira {Alfredo Pereira), capº do E.M. : 52
Teixeira {Baltazar de Almeida} : 372 e 375-377.
Teles {Casimiro de Sousa), tenente : 8.
Ternudo {Vasco} : 246
Terrail {Ponson du} : 80
Tibulo : 338.
Torga {Miguel} : 277.
Trindade {António} : 334 e 336.
Vasconcelos {Dr. António de} : 52 e 221-222
" {José Augº Perª de} : 355, 380, 382-383

Vaiga {Antero da} : 82 e 165.
Ventura {General - - - } : 251-252, 264, 267 e 268.
Verlaine {Paul} : 47.
Viana {Ant.º Caetano Ribeiro} : 5 a 19.
Vidaira {Manuel Duarte} : 339 e 341.
Wellington {Duque de} : 237 e 238.
Xavier {Dr. Anselmo} : 343.
Zola {Emile} : 11.

II

Varia:

Academia Livre : 338-349 e 385.
Afastamento do exercito {O nosso} : 212 e 224
Aldeia das Dez : 166 seg.
Aliança, loja maçonica : 349
Alqueve, freg.ª de Folgues : 209 seg.
Ambrosio das Marcas, romance : 316.
Amor e Odio, romance : 80
Analfabetismo no exercito : 54-58 e 138-139.
Aniversario dos reis : 145.
Arganil : ver Diligencias.
Arganil, vila : 73-75 e 160-162.
Arquivo Hist.º Militar : 306.
Artigos historicos {Dos nossos} : 78-79.
Auto Pastoril, de Pedroso Roiz. : 310 e 311.
Barcelos : 32, 34, 38-39.
Benção da bandeira do R. I. 23 : 214.
Bodas de Lia, de Pedroso Roiz. : 312.
Braga : 27, 28-29 e 31.
Bucaco {A serra do} : 99-100
" {Manobras no} : ver Manobras.
Cabanco, freg.ª de Leiria : 190-199.
Caçadores nº 3 {A mª colocação nos} : 297.

Calculo diferencial : 286-287.
Caminho de ferro p.ª a Lousã : 290-292.
Candieiro de azeite [O meu] : 281-284.
Caxias [O meu curso em], 1938-1939 : 214.
Ceia dos Cardeais : 330
" " Generais : 330-337
Chateau [Le] Perilleux : de W. Scott : 15
Chelo, freg.ª de Lorvão : 200
Cinquenta anos depois : 75 e 78
Coimbra : fogueiras de S. João : 248-249 — Futricas : 365-366 e 367-370 — Monumento aos mortos : 335 — Pastelaria Teles : 316 e 319 — Tabacaria Andrade : 298 — Tuna academica : 336
Colegio de S. Bernardino, Peniche : 187-188
" " S. Fiel : 302-303.
Convenio com credores externos em 1902 : 356-357 e 357.
Datas historicas : ver Artigos
Destacamento de Peniche : ver Peniche
Deus [O metodo de João de] : 54-58, 138-139
Dia [O], jornal de Lx.ª : 310.
Diario Ilustrado, de Lx.ª : 328 e 330.
Dicionario Bibliografico, de Inocencio : 79.
" " Militar : 305-306
Diligencia a Aldeia das Dez : ver Aldeia das Dez
" a Arganil (1.ª) : 60-76 e 232.
" " " (2.ª) : 81-83 e 231.
" " " (3.ª) : 201, 208-212
" ao Paião : ver Paião
" a Soure : " Soure.
Education (L') militaire de Napoleon : 52
Eleições em 1906 : 201-208
Engenharia [Os meus projectos de] : 273.
Escola do Exercito : 149
" Pratica de Infantaria : 1-26, 44 e 362
Espinhal : 174-178.

Exercicios de quadros, em Arganil, 1906 : 200 e 225 e seg.tes
Feira de Montalto, Arganil : 208-212.
Felgueiras, Minho : 337.
Figueira da Foz : 319-325
Folha de Coimbra, jornal : 56-58.
Generalato : vide Caxias
Greve academica, 1907 : vide Questão
Grupo de Maltrathadoras nº 2 : 332
Historia Militar : 51-53
Ideia (A) de Deus, de Bruno : 15.
Infantaria nº 7 : 114-115, 117, 134 e 230
" " 8 : 27 e 34
" " 15 : 89, 117 e 121.
" " 23 : 10, 19-20, 41-46; cap. II ; 214, 236.
" " 24 : 92, 113, 115, 116, 117, 120, 126, 230-231 e 236.
Invasão estrangeira pelas Beiras : 237-239.
Jesuitas : 302-303.
Jornais e Revistas de Coimbra : 355.
Jornal da Louzã : 79.
" Torrejano : 78-81
Lanifadario da Batalha : 331-332
Liberal (O), jornal de Coimbra : 354-355.
Liberdade, loja maçonica : 347, 348, 349-365.
Livre-Pensamento : 383.
Lojas maçonicas : Academia Livre, Alliança, Liberdade, Patria, Perseverança, Portugal, Pro-Veritate e Redenção.
Maçonaria : o Grande Oriente : 341-343.
" em Coimbra : cap. VII, todo.
Mafra : generalidades : 145-147.
" : o convento : 3-4 e 11.
" : a Tapada : 14-15 e 16-18.
Manobras do Bussaco : 83-137.
" do Minho em 1903 : 24, 25-26, 32-40
Marte : grupo aérico : Perafial : 336-337.

Matrícula na Universid.e em 1806 : 273-280
Minho (O) : 27-31, 38-41.
Miranda do Corvo : 162-165, 172-181 e 291-292.
Mistério (O) da Bastilha de Sintra : 80
Moita (Barra da) : 254.
Montagua : 107 e 110-111.
Mourinho : 259-260
Mucela (Ponte da) : 233-238.
" " " , acção de 1811 : 237-238.
Oliveira do Hospital : 167-169.
Paião (Diligencia ao) : 201-208.
Passeios e viajatas. Notas ligeiras : 31 a 200
Patria, loja maçonica : 354, 367, 373-374 e 380.
Peau (Fa.) de Chagrin : 15.
Pecados Velhos : 12.
Penacova : 143-145.
Penafiel : 336.
Penela : 174-179.
Perniche : 181-188.
Perseverança, loja maçonica : 366.
Poiares (O vale de) : 232-234.
Ponte da Mucela : vide Mucela.
" Velha, freg.a de Foz do Arouce : 231-232.
Portão : 26-27.
Portugal, loja maçonica : 363, 366, 379 e 384.
Porto (O) de Aveiro : 50 a 53
Pro-Patria, do Homem Christão : 54
" -Veritate, loja maçonica : 364, [redacted] 365-373, 375 e 380
Questão academica de 1907 : 292 seg. e 381.
Reacção ultramontana : 341
Redempção, loja maçonica : 382 e 384.
Revista Militar : 307
Romances realistas : 82 e 159 seg.tes
Seára Nova : 327.
Seculo (O), jornal de Lx.a : 140-143 e 152.
Sintra : 16-18

Soure : 169-171.
Superstições : 210-211.
Tentativas literarias (As minhas) : 11-12, 21, 29-31
Torres Novas : 78.
Transportes na Beira : 228-229.
Tripeiro (O), revista do Porto : 149.
Valença do Minho : 381, 382 e 383.
Vida (A) regimental : 76-78, 219 e 274.

III

Resumos

Capitulo I — Escola Pratica de Infantaria: a chegada; a má impressão de entrada; os comandos e os oficiais. A instrução e o ambiente. As minhas leituras e tentativas literarias. As récitas. Os exercicios de tactica na Tapada. Critica aos processos de instrução; os escolhidos e os protejidos. A m.ª informação para o regimento. As provas finais. Considerações sobre o tirocinio. A ida para as manobras do Minho. Colocação em Braga. Impressões do Minho e a preocupação literaria. As manobras. Regresso a Coimbra. Apresentação no regimento. O Domingos de Freitas. A m.ª informação confidencial. Considerações finais. — Pag.ˢ 1-46.

Capitulo II — Apresentação no regimento. O Domingos de Freitas e as suas instruções. Os oficiais, impressões ligeiras. O Homem Cristo e o livro Pro-Patria. A primeira diligencia a Arganil. O velho Francisco Correia da Costa, de Poiares. A vida regimental. Os artigos historicos para o Jornal Torrejano e para o Jornal da Lousã e o romance Amor e Odio. A segun-

da diligencia a Arganil, por causa de eleições. As manobras do Buçaco. — Pag.º 47 - 137.

Capitulo III — Continuação da vida regimental. As tendencias literarias e respectivos atentados. A primeira entrada em automovel. O major Fernando Maia. Mais romances realistas frustrados. A diligencia a Aldeia das Dez. A diligencia a Soure. Temporada em Miranda do Corvo. O Senhor da Serra de Semide, o Espinhal e Penela. O destacamento em Penichе e o major Vitória Pereira, administrador do concelho. Pag. 138 - 188.

Capitulo IV — Continuação da vida regimental. O capitão Domingos de Freitas e as nossas boas relações. O jantar no Cabouco (Ceira) e o baptisado no Chelo. A diligencia ao Paião. A feira de Montalto em Arganil. Considerações sobre a vida regimental e o projecto de largar o exercito. A benção da bandeira nova do R. I. 23. A passagem de D. Carlos na Estação-Velha e o beija-mão. Considerações finais. Pag. 189-224.

Capitulo V — Exercicios de quadros em Arganil em Junho de 1906. A ida para Arganil em char-à-bancs. Os oficiais nomeados. O que eram as diligencias para a Beira. Chegada a S. Frutuoso, encontro com outros oficiais de Infantaria 24 e de Infantaria 7. O vale de Poiares. O almoço na Mucela. Considerações sobre a acção de 1811 e as linhas de invasão pelas Beiras. Chegada a Arganil e as apresentações. Os comandos e o têma. Começo dos exercicios. O primeiro dia. Os relatorios. A conferencia do general. Tarde sossegada; a melancolia da paisagem. O teatrinho de Arganil. Pag. 225 - 272

Capitulo VI — Resolução de mudar de vida. Considerações varias. O começo do anno lectivo de 1906-1907. Os condiscipulos. A inauguração da linha ferrea para a Lousã. A greve academica de 1907. A Valacaria Andrade e o general Martins de Carvalho. A morte do Dr. Sousa Refoios e o telegrama para o colegio de S. Fiel. O general Francisco Augusto Martins de Carvalho. O Agapito Pedroso Rodrigues, o Vicente Pinheiro de Melo e a Angela Pinto. O Anibal Soares e o charuto. A escapada á Figueira. De novo Anibal Soares e o Dr. Bernardino Machado. A Beira dos Generais. Pag. 273-337.

Capitulo VII — Os meus trabalhos preparatorios. Primeiros tempos da Academia Livre. O 3º grau, de Mestre. A ida ao Grande Oriente: o José Pinheiro de Melo, o Faia Ferreira e o Luiz de Almeida. A dessidencia na Academia Livre e o caso do bispo D. Ant.º Barroso. A entrada para o Grande Oriente de Portugal e a fundação da Loja Liberdade. As intenções dos fundadores. O Martins Grilo. O desejo dos graus. O Fausto de Queiroz e a Loja Patria; o jornal O Liberal. Os tumultos por causa do convénio com os credores externos. O Helder Ribeiro e o Agapito Pedroso Rodrigues. O pouco cuidado na escolha dos obreiros. Continuação das dessidencias; abandono da Loja Liberdade e fundação da Pro-Veritate. Erro na constituição do quadro com estudantes e funccionarios, origem de futuras desintelligencias. O Oliveira Carvalho "leader" dos funccionarios. O dr. Armando Gonçalves Pereira, rompendo com alguns obreiros. Cisão formada por muitos estudantes. O meu grito em fins de 1905. Projectos de nova loja de estudantes de que eu seria venerando. Intervenu-

ção do Dr. Fernandes Costa. O aparecimento do misterioso alferes Antonio de Oliveira e a tentativa para levantar a Loja Redenção. A m.ª entrada para a Loja Portugal em Dezembro de 1908. Considerações acerca do que eram os trabalhos maçonicos naquele tempo em Coimbra. Pag. 338 - 388.

IV

Nomes proprios - - - - - Pag. 390
Varia - - - - - - - " 398
Resumos - - - - - - " 402

Começado a copiar em 29 de Agosto de 1957, na Quinta da Paz; acabada a copia a 13 de Agosto de 1958 na mesma Quinta.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA